



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

**As Bibliotecas Escolares e o papel do
Professor Bibliotecário**

Maria de Fátima Silva Castro Fradique

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Ciências Documentais
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Paulo Osório

Covilhã, Abril de 2011

DEDICATÓRIA

À minha filha Beatriz, a luz da minha vida, pela paciência e compreensão nos momentos de leitura e de escrita...

AGRADECIMENTOS

A possibilidade de elaborar este trabalho surgiu na sequência da minha colocação como Professora Bibliotecária e da necessidade de adquirir conhecimentos que me permitissem desempenhar correctamente as minhas funções. Ao longo destes meses de pesquisa e de trabalho, contei com o apoio incondicional do meu marido, que me transmitiu segurança e motivação para prosseguir e concluir este trabalho. Aqui fica o meu agradecimento.

Não quero deixar de agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Osório, que se mostrou sempre muito prestável, acessível e disponível, quer como Coordenador do Mestrado quer como orientador do meu trabalho, facultando-me informações, materiais e metodologias de trabalho.

Agradeço, também, aos meus colegas docentes, que me colocaram em contacto com os Professores Bibliotecários, professores e alunos das respectivas escolas e me possibilitaram a realização do presente estudo.

Por fim, agradeço aos Professores Bibliotecários, docentes e alunos que se disponibilizaram a preencher os inquéritos solicitados.

RESUMO

A Biblioteca é uma realidade milenar que surgiu na sequência da necessidade de arquivar documentos para testemunhar, no futuro, as vivências, as descobertas e as riquezas do passado. A Biblioteca constitui uma memória do passado da Humanidade. A Biblioteca apresentava-se, no passado, como um depósito de livros e foi conquistando o seu lugar na vida cultural do Homem. A sua sede de conhecimento e a sua necessidade de interagir com o livro levam-no a ser um utilizador assíduo do espaço Biblioteca.

O reconhecimento da importância da Biblioteca na educação e formação do Homem conduz a sociedade à Biblioteca Escolar, detendo a função de disponibilizar um espaço de consulta e empréstimo de fundo documental.

Os finais do século XX e inícios do século XXI assistem ao desabrochar das novas tecnologias, ao aparecimento da internet, à massiva quantidade de informação em diferentes suportes e formatos. A consciência de que a Biblioteca Escolar e o Professor Bibliotecário poderiam desempenhar um papel fundamental na orientação dos alunos, nessa imensidão de informação, colocou este espaço no centro aglutinador das actividades da escola.

A Biblioteca Escolar e o Professor Bibliotecário têm, nos dias de hoje, o papel de promover o desenvolvimento de competências no domínio da literacia da informação junto dos alunos, pois, mais do que nunca, é imprescindível fazer uma leitura compreensiva do que se lê de forma a ser capaz de seleccionar e tratar a informação, transformando-a em conhecimento mobilizável e aplicando-o em situações específicas reais.

O Professor Bibliotecário a missão, não impossível, mas árdua de envolver os alunos, ou seja, ensiná-los e ajudá-los a pensar, a escrever, a dominar a linguagem oral, a inovar, a criar, a pesquisar, a analisar, a seleccionar, a avaliar, a aplicar, a trabalhar em equipa e a relacionar os conhecimentos e aplicá-los em situações reais. Tem, ainda, a função de trabalhar colaborativamente com os docentes da escola de forma a auxiliá-los na sua tarefa de promoção das literacias, em articulação com o currículo.

PALAVRAS-CHAVE

Biblioteca, Biblioteca Escolar, Professor Bibliotecário, Literacia

ABSTRACT

The library is an age-old reality, which emerged connected with the need to archive documents which would confirm, in future, experiences, discoveries and resources of the past. The library is a memory of the past of mankind.

The library appeared in the past as an amount of books and it has been acquiring its place in man's cultural life. His desire for knowledge and the need to interact with the book lead him to be a constant user of the Library space.

The recognition of the importance of library in education and training of man leads society to the school library, which held the role of providing a space for consultation and loan of documentary fund.

The late 20th and early 21st centuries attend the flourishing of new technologies, the emergence of internet, to the massive amount of information in different media and formats. The awareness that the school library and the teacher librarian could play a key role in students' orientation, in the vastness of information, put this space in a focal point of school activities.

The school library and the teacher librarian have nowadays, the role of promoting the development of skills in the field of literacy information among students, because more than ever, it is essential to make a comprehensive reading of anything we read in order to be able to select and process information, turning it into knowledge and applying it in specific and real situations.

The teacher librarian has, besides his not impossible but difficult mission of involving students, such as: teaching and helping them to think, write, control oral language, innovate, create, search, analyze, select, assess, apply, work in group, connect knowledge and use it in real situations. It's also his / her task to work together with other school teachers in order to assist and help them promoting literacy (or literacies) connected with the curriculum.

KEYWORDS

Library, School Library, Teacher Librarian, Literacy

ÍNDICE

Dedicatória	3
Agradecimentos	4
Resumo	5
<i>Abstract</i>	6
Índice	7
Lista de Figuras	10
Lista de Tabelas	11
Lista de Gráficos	12
Introdução	16

CAPÍTULO I - BIBLIOTECAS ESCOLARES

1- Bibliotecas: Solução para uma Necessidade Cultural	21
2- Contexto Actual das Bibliotecas Escolares	25
2.1 - Competências Literácitas	30
2.2 - A Biblioteca Escolar e a Sociedade da Informação	34
2.3 - A Biblioteca Escolar na Era Digital	41
3- Papel da Biblioteca Escolar na Formação de Leitores	45

CAPÍTULO II - PROFESSOR BIBLIOTECÁRIO

1- As Funções do Professor Bibliotecário	53
2- O Papel do Professor Bibliotecário no Processo de Formação de Leitores	60

CAPÍTULO III - PROJECTO DE PESQUISA

1- Objectivos e Questões de Investigação _____	69
2- Processo de Investigação	
2.1 - Caracterização da Amostra _____	70
2.2 - Instrumentos e Procedimentos na Recolha de Dados _____	70
2.3 - Metodologia _____	72
3- Análise dos Inquéritos	
3.1 - Professor Bibliotecário _____	74
3.1.1 - Formação e Experiência Profissional _____	75
3.1.2 - Funções do Professor Bibliotecário _____	75
3.1.3 - Recursos Humanos _____	77
3.1.4 - Recursos Materiais _____	78
3.1.5 - Articulação Curricular _____	79
3.1.6 - Aquisição de Competências _____	80
3.1.7 - Divulgação _____	83
3.1.8 - Gestão das Bibliotecas Escolares _____	83
3.1.9 - Comunidade Educativa _____	84
3.2 - Docentes _____	85
3.3 - Alunos _____	87
4- Inferências, Interpretação e Conclusões do Estudo Realizado _____	89
Conclusão _____	91
Bibliografia _____	93
Anexos	
Anexo 1 _____	103
Anexo 2 _____	105
Anexo 3 _____	108
Anexo 4 _____	114
Anexo 5 _____	115

Anexo 6	123
Anexo 7	127
Anexo 8	128
Anexo 9	129
Anexo 10	130
Anexo 11	131
Anexo 12	133
Anexo 13	135
Anexo 14	136
Anexo 15	138
Anexo 16	143
Anexo 17	147
Anexo 18	193
Anexo 19	195
Anexo 20	226
Anexo 21	228
Anexo 22	239

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do Livro <i>O rapaz que tinha zero a Matemática</i> de Luísa Ducla Soares. _____	103
Figura 2 - Pictograma Elaborado pelos Alunos do JI. _____	104
Figura 3 - Ilustrações da História <i>A menina que detestava livros</i> de Manjusha Pawagi. ____	105
Figura 4 - Ilustrações da História <i>Surpresa de Handa</i> de Eileen Browne. _____	108
Figura 5 - Tabuleiro do “Jogo Surpresa de Handa”. _____	111
Figura 6 - Cartões do “Jogo Surpresa de Handa”. _____	112
Figura 7 - Apresentação para Trabalhar a Poesia/ rima (<i>Os Nomes</i> de Maria Alberta Menéres). _____	115
Figura 8 - Apresentação da Fábula <i>A Rã e o Boi</i> . _____	128
Figura 9 - Apresentação da Exploração da Fábula <i>A Rã e o Boi</i> . _____	129
Figura 10 - Esquema de Classificação dos Animais. _____	130

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Grelha Associada à Exploração das Ilustrações da História <i>A menina que detestava livros</i> de Manjusha Pawagi. _____	107
Tabela 2 - Grelha para Criação de Histórias. _____	115
Tabela 3 - Proposta de Planificação de Actividade em Articulação Curricular. _____	123
Tabela 4 - Grelha de Registo de Pesquisa no Dicionário. _____	128
Tabela 5 - Ficha de Trabalho a Preencher pelos Alunos (Classificação dos Animais). _____	131
Tabela 6 - Ficha de Trabalho a Resolver pelos Alunos (Adivinhas). _____	133
Tabela 7 - Guião de Exploração dos Filmes da Colecção <i>O Mundo Maravilhoso dos Animais</i> . _____	135
Tabela 8 - Descritores das Categorias e Subcategorias. _____	193
Tabela 9 - Análise de Conteúdo dos Inquéritos aos Professores Bibliotecários. _____	195

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Recursos Materiais. _____	226
Gráfico 2 - Serviços Solicitados. _____	227
Gráfico 3 - Nº de Docentes que Conhecem a BE. _____	228
Gráfico 4 - Nº de Docentes que Conhecem o PB. _____	228
Gráfico 5 - Frequência de Uso da BE e seus Recursos pelos Docentes. _____	228
Gráfico 6 - Integração da BE e seus Recursos nas Práticas Lectivas. _____	229
Gráfico 7 - Nº de Docentes que Articula com PB/BE. _____	229
Gráfico 8 - Contextos em que se Realiza a Articulação Curricular. _____	230
Gráfico 9 - Frequência com que Ocorre a Articulação Curricular. _____	230
Gráfico 10 - Classificação do Trabalho Desenvolvido pela BE no Âmbito da Leitura e Literacia. _____	231
Gráfico 11 - Impacto da BE no Desenvolvimento de Competências de Leitura dos Alunos. _____	231
Gráfico 12 - Áreas em que se Verifica o Impacto do Trabalho Desenvolvido pela BE. _____	232
Gráfico 13 - Características e Trabalho Desenvolvido pela BE. _____	232
Gráfico 14 - Promoção da Utilização da BE e seus Recursos pelos Docentes. _____	234
Gráfico 15 - Frequência com que os Docentes Orientam Bibliograficamente os Alunos nas Actividades de Pesquisa. _____	235
Gráfico 16 - Formação de Utilizadores Dinamizada pelo PB/BE. _____	235
Gráfico 17 - Trabalho Colaborativo entre PB/ Docentes na BE/ Sala de Aula. _____	236
Gráfico 18 - Trabalho Colaborativo entre PB/ Docentes na Produção de Materiais. _____	236
Gráfico 19 - Avaliação do Contributo Dado pela BE no Uso Autónomo da BE e seus Recursos. _____	237
Gráfico 20 - Materiais e Ferramentas Usados por Sugestão da BE. _____	237
Gráfico 21 - Impacto da BE na Actividade Docente. _____	238
Gráfico 22 - Conhecimento da BE. _____	239
Gráfico 23 - Conhecimento do PB. _____	239
Gráfico 24 - Frequência de Uso da BE para além das Actividades Lectivas. _____	240
Gráfico 25 - Frequência de Uso da BE e seus Recursos com os Docentes ou a seu Pedido. _____	240
Gráfico 26 - Actividades Desenvolvidas durante a Frequência na BE. _____	241
Gráfico 27 - Orientação sobre o Trabalho a Realizar/ Bibliografia a usar. _____	242
Gráfico 28 - Hábitos de Pesquisa dos Alunos ao Iniciar um Trabalho. _____	243
Gráfico 29 - Participação em Actividades que Ensinam a Utilizar a BE. _____	244
Gráfico 30 - Sentimento, por parte dos Alunos, de Apoio pelo PB/ BE, durante a Utilização da BE. _____	244
Gráfico 31 - Progressos Sentidos pelos Alunos na sequência da Utilização Frequente da BE e seus Recursos. _____	245
Gráfico 32 - Autonomia Sentida pelos Alunos no Processo de Pesquisa Condicionada pelo Trabalho na BE e seus Recursos. _____	245

Gráfico 33 - Classificação das Aprendizagens Efectuadas com o Auxílio da BE. _____	246
Gráfico 34 - Sugestões/ Apoio pela BE na Selecção de Leituras. _____	246
Gráfico 35 - Encontro do Desejado, na BE, para Elaboração de Trabalhos. _____	247
Gráfico 36 - Participação em Actividades de Leitura na BE Acompanhado do Professor e dos Colegas. _____	247
Gráfico 37 - Avaliação do Trabalho Realizado pela BE/PB. _____	248
Gráfico 38 - Participação em Actividades. _____	248
Gráfico 39 - Contribuição da BE para as Competências de Leitura, Pesquisa e Resultados Escolares. _____	249
Gráfico 40 - Classificação do Trabalho Global do PB/BE no Apoio à Pesquisa de Informação e na Realização de Trabalhos. _____	249

A Biblioteca e o Leitor Aprendiz que Lendo Quer Ser Feliz

A biblioteca é uma casa
Onde os livros moram
Como uma família feliz,
Embora seja muito diverso,
Seja em prosa, seja em verso,
Aquilo que cada um diz.

A biblioteca é o tecto
Do afecto e do amor da leitura,
Saboreada devagar,
Cada página uma aventura,
Como quem tece o fio
Do novelo da ternura.

A biblioteca é o lugar das perguntas
Que às vezes ficam sem resposta,
E é disso que ela mais gosta,
Por entender que as certezas
Não são a melhor aposta
E que as dúvidas,
Por serem aquilo que são,
Acabam, tarde ou cedo,
Por iluminar o coração.

A biblioteca é o livro e o jornal,
O vídeo e a internet,
O sítio que nos promete
essa festa sem igual
da descoberta de um autor,
que se faz caso de amor,
com a ideia original
de que nada é banal
se for um acto criador.

A biblioteca é a casa
Mais doce e mais terna
Que podemos desejar
Quando partimos em busca
De um livro ou de um poema
Que nos pode transformar,
Se for o ouro do que somos
Que nós queremos encontrar.

A biblioteca é a arca
Do tesouro mais secreto
Que pode caber, sem o saber,
No casulo do afecto,
Arca branca da magia
Que habita o território
Onde mora a poesia.

A biblioteca é o tecto
Que abriga o Príncipezinho,
Peter Pan e Anne Frank
E todos os outros heróis,
Luminosos como sóis
De uma galáxia distante
Por onde passa o cometa
Da imaginação errante,
Que por ser livre e veloz
Chegará ao fim da história
Alegre e triunfante.

A biblioteca é um livro aberto
Com janelas que nos mostram
O oceano ou o deserto
E que nos ensina que é em nós
Que o rio do que sabemos
Há-de encontrar a foz,
Porque é sina dos leitores,
Sendo livres como livros,
Nunca ficarem sós.

A biblioteca é a pepita escondida
E o diamante guardado
Que dentro de um livro
Levamos para todo o lado
Sem nunca sentirmos medo
Do gozo que ele nos dá
Ou mesmo do desassossego
Que nele se encontrará,
Mistério irrevelado
De um capítulo inacabado.

A biblioteca tem ecos de sinfonia
E conversa com a prima
Que mora em Alexandria
E que já viu as coisas más
De que o homem se não lê
Acaba por ser capaz,
Só por temer que a leitura,
Iluminando a cidade,
Escreva por dentro de nós
A palavra liberdade,
Como se com ternas letras
Quisesse chegar mais longe
E desenhar na lombada
O nome da felicidade.

A biblioteca é a viagem
Do nosso encantamento,
Entre o fio do silêncio
E a voz do pensamento,
É o novelo dos dias
Levando de estante em estante
Romances e poesias,
A vogal e a consoante,
Inventos e fantasias
E a aventura galante,
Fazendo de cada leitor
Um eterno viajante.

A biblioteca é a casa
Desse eterno leitor aprendiz
Que lendo e relendo,
Vai descobrindo e esquecendo,
Assim como quem diz:
“Cada livro que descubro
É apenas mais um passo
Para me sentir feliz.”

José Jorge Letria (2003)¹

¹ Consultado a 29 de Novembro de 2010 em
<http://comunidade.sol.pt/blogs/anatarouca/archive/2007/03/02/A-biblioteca-e-o-leitor-aprendiz-que-lendo-quer-ser-feliz.aspx>

INTRODUÇÃO

O livro é algo de maravilhoso, pois proporciona prazer, levando-nos para outros tempos e outros espaços; possibilita-nos um conhecimento abrangente do mundo; faculta-nos uma dimensão afectiva na medida em que nos identificamos com personagens e com experiências de vida, reavivando a memória e imaginário humanos; permite-nos ver o outro, observar a diferença, promovendo a aceitação; dá conhecimentos gerais em todos os domínios e promove o desenvolvimento da leitura.

A leitura é um acto complexo que implica, mais do que a descodificação do código escrito, a inteligência, o desejo, a fantasia, a memória. Estes factores condicionam o tipo de leitura e o grau de aprendizagem. O processo de leitura exige concentração, reflexão e comparação, estimulando a estruturação do pensamento. A prática da leitura desenvolve os domínios da oralidade e da escrita, promovendo o enriquecimento vocabular e o espírito crítico.

Apesar da importância do livro e da leitura, em Portugal, existe um baixo índice de literacia, que conduziu à implementação de projectos nas Autarquias, nas Bibliotecas Públicas e Escolares de forma a promover a prática assídua da leitura, com vista à estruturação do pensamento e ao desenvolvimento do espírito crítico. As actividades desenvolvidas abrangem desde o pré-escolar à idade adulta, procurando a diversificação de estratégias e de suportes, de forma a acompanhar a evolução tecnológica. As actividades assumem uma tipologia diversa, desde os referenciados “tapetes narrativos” e “círculos de leitura”, a “hora do conto”, “recitais de poesia”, “tertúlias”, “palestras”, “exposições”, “feiras do livro” até aos encontros com escritores ou ilustradores. A leitura deve ser um acto voluntário, pois já Pennac (1998:11) dizia que “o verbo ler não suporta o imperativo”. Voluntária é, igualmente, a escolha do livro a ler, assim como o local para o fazer. Neste sentido, é fundamental que se incentive a leitura sem imposições. A criança deve sentir o livro como um amigo e aperceber-se de que, com ele, pode viajar e viver imensas aventuras. Terá de se aperceber que as respostas para as suas dúvidas poderão estar nos livros e que, por isso, é importante que aprenda a pesquisar. Neste domínio, nos anos iniciais, a família tem um papel importante, pois poderá colocar o livro, a leitura e a biblioteca nos hábitos familiares e a ida à biblioteca poderá ser associada a um momento de lazer.

Ao longo do trabalho, pretendemos analisar a importância das Bibliotecas Escolares no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e quais as contribuições do Professor Bibliotecário para a evolução desse processo. Neste sentido, questionámos Professores Bibliotecários de vários pontos do país, de forma a constatar como se revêem, ou seja, como interpretam a importância da Biblioteca Escolar e o seu papel na sequência do novo conceito de Biblioteca e da recente figura do Professor Bibliotecário, pois estas duas novas realidades deparam-se com uma série de obstáculos, entre eles as tradicionais funções atribuídas ao

espaço Biblioteca e ao Coordenador da mesma, actividade desempenhada, muitas vezes, por docentes que não podiam leccionar por razões diversas.

Este trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro aborda sumariamente os primórdios das Bibliotecas, as principais Bibliotecas da História e fases da sua evolução até chegar às actuais Bibliotecas virtuais ou digitais. Faz, ainda, uma breve abordagem do contexto actual das Bibliotecas Escolares na denominada Sociedade da Informação e Era Digital (missão e objectivos da mesma e sua integração na Rede Nacional de Bibliotecas Escolares, indicando a legislação mais recente sobre o assunto) e do seu papel (centro da escola e do desenvolvimento dos currículos) na promoção da leitura e da literacia, referindo algumas actividades possíveis de serem por ela dinamizadas com e para os alunos e professores, não esquecendo, em todo o processo de apoiar o cumprimento dos princípios estabelecidos no Projecto Educativo de Escola. O segundo capítulo faz referência às funções do Professor Bibliotecário como agente dinamizador do espaço/ realidade Biblioteca Escolar, que deixou de existir apenas como infra-estrutura, ganhando vida e vivendo para além dos seus limites físicos. Pode dizer-se que a Biblioteca Escolar saiu à rua, convive e faz parcerias em benefício dos seus utilizadores. Por fim, o terceiro capítulo procura apresentar o ponto de vista de Professores Bibliotecários acerca da importância da Biblioteca Escolar no desenvolvimento de competências junto dos alunos e do seu contributo para esse processo. Analisar-se-á a interacção existente entre Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário com docentes e alunos.

A Biblioteca constitui uma realidade milenar criada para recolha de documentos e depósito das memórias da Humanidade, testemunhando a imortalidade de figuras que marcaram a História, não esquecendo o bibliotecário, guardião de todo esse tesouro histórico e cultural. Esta realidade surgiu no decurso de um processo sequencial, que se iniciou com os registos escritos em determinados suportes (rocha, pedra, argila, madeira, cerâmica, tecido, papiro, pergaminho e papel) e a necessidade de os arquivar para testemunhar e dar provas no futuro do passado político, social, económico, cultural, literário e educacional. A Biblioteca Escolar pode considerar-se o cruzamento entre dois percursos, o da escrita e do livro, anteriormente referidos, e o do ensino, área que necessita da Biblioteca e que se socorre constantemente dela para satisfazer as suas necessidades de conhecimento e de informação.

As Bibliotecas começaram por ser privadas, posse de senhores ricos, letrados e sedentos de saber. As Bibliotecas Públicas surgiram com a nacionalização das Bibliotecas Privadas, cujo acervo se tornou propriedade do Estado e logo de livre acesso à população.

A imagem da Biblioteca, o papel do Bibliotecário e a vida do leitor/ utilizador foram alvo de uma revolução semelhante com o aparecimento das novas tecnologias, computadores e internet, que colocou o leitor/ utilizador no mundo do digital. No computador, acedendo à internet, podemos entrar nas livrarias virtuais e encomendar os livros pretendidos, assim como registarmo-nos como utilizadores das Bibliotecas Digitais/ Virtuais, requisitando livros ou mesmo usufruir dos livros digitais de que dispõem. Desta forma, na sequência da evolução tecnológica, os conceitos de Biblioteca e de Bibliotecário foram-se alterando para responder

às necessidades sociais dos seus utilizadores. A Biblioteca deixa de ser exclusivamente física passando a ter um carácter virtual e digital.

No final da década de noventa do século XX, na sequência do baixo índice de literacia em Portugal, surge um novo paradigma de Biblioteca Escolar, integrado na Rede de Bibliotecas Escolares. A RBE criou um novo conceito de Biblioteca Escolar. No âmbito deste novo conceito, Veiga (2001: 33), no documento que lançou a rede, em 1996, *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*, refere que:

“A biblioteca constitui um instrumento essencial do desenvolvimento do currículo escolar e as suas actividades devem estar integradas nas restantes actividades da escola e fazer parte do seu projecto educativo. Ela não deve ser vista como um simples serviço de apoio à actividade lectiva ou um espaço autónomo de aprendizagem e ocupação de tempos livres”.

Esta nova realidade ao tentar instalar-se depara-se com imensos obstáculos, nomeadamente a falta de hábitos de leitura, desde o seio familiar; interpretação da promoção da leitura e da literacia como função exclusiva dos docentes de Língua Portuguesa; bibliotecas escolares, promovendo a leitura pontual e descontextualizadamente; Projectos Educativos que não apontam a promoção da leitura e da literacia como prioridade; ausência de trabalho colaborativo entre os professores e a Biblioteca Escolar e esta e o Órgão de Gestão; desadequação do espaço biblioteca; recursos reduzidos para o número de utilizadores; tratamento incorrecto dos catálogos, condicionando a pesquisa da informação; desconhecimento e reduzida utilização dos fundos documentais disponíveis; indefinição de níveis de desempenho da leitura, condicionando a transição desadequada de alunos entre ciclos e afastamento das escolas (Bibliotecas Escolares), que desconhecem a importância da leitura na vida escolar e profissional dos filhos. Perante este panorama, tornou-se urgente uma revolução de atitudes e de mentalidades, surgindo como solução a importância crescente da transversalidade da Língua Portuguesa na gestão do currículo e na avaliação do desempenho dos alunos; o contributo das Áreas Curriculares Não Disciplinares para o desenvolvimento de competências no domínio da Língua Portuguesa; a criação da Rede de Bibliotecas Escolares e a implementação do Plano Nacional de Leitura, que lançaram Projectos nos vários níveis de ensino para a promoção da Leitura (*Leitura Vai e vem, Ler mais e melhor, aLer+*, entre outros).

O grande desafio que se coloca ao sistema educativo português é a leitura compreensiva devido à necessidade de formar leitores competentes, críticos, capazes de ler e interpretar diferentes tipos de texto e em diferentes suportes. Pretende-se criar cidadãos interventivos.

Poder-se-á constatar, ao longo do trabalho, a importância da Rede Nacional de Bibliotecas e do Plano Nacional de Leitura na promoção da leitura e da literacia. A Rede de Bibliotecas Escolares pretende colocar o prazer de ler no centro dos esforços da escola para elevar os níveis de aprendizagem e o sucesso dos alunos; envolver na promoção da leitura todos os elementos da comunidade escolar (professores, funcionários, bibliotecários,

animadores, autarcas...); trabalhar em parceria com as famílias para estimular a leitura em casa; estabelecer relações com a comunidade local e com outras escolas, articulando esforços na promoção do prazer de ler. A Biblioteca Escolar, conjuntamente com os docentes, deve procurar criar uma cultura de leitura, baseada no princípio “ler por prazer”, e a construção de uma comunidade escolar de leitores autónomos, através da valorização das leituras que os leitores escolhem, das conversas que estabelecem entre si e da criação de um ambiente propício à leitura.

CAPÍTULO I

BIBLIOTECAS ESCOLARES

1-BIBLIOTECAS: SOLUÇÃO PARA UMA NECESSIDADE CULTURAL

“Permanecendo oculto [o saber] pelo contrário, mantinha intactos o seu prestígio e a sua força, não era corrompido pela disputa, pela arrogância (...) Eis as razões do silêncio e da obscuridade que circundam a biblioteca, ela é reserva do saber mas só pode manter-se saber intacto se impedir que chegue a qualquer um, até aos próprios monges. (..) Que se deveria fazer? Cessar de ler, somente conservar? Estavam (...) produzindo novos livros, iguais àqueles que o tempo havia depois de destruir (...) a biblioteca não podia ser ameaçada por nenhuma força terrena, era portanto uma coisa viva ... Mas, se era viva, porque não deveria abrir-se ao risco do conhecimento?”

Eco (1980: 180-181)

As Bibliotecas são uma realidade milenar, quase tão antiga quanto o aparecimento da escrita e do livro e proliferaram com a difusão do mesmo. Surgiram da necessidade de guardar o conhecimento para gerações futuras, e, por isso, segundo Milanesi (2002: 12-15), os homens:

“formaram e formam coleções: da argila com caracteres ao papel, passando pelo papiro e pergaminho até chegar ao texto virtual, que forma, na Internet, novo tipo de acervo - o maior já colocado à disposição das pessoas. É uma outra forma de biblioteca (...) não se sabe, exatamente, quando surgiu e fixou-se a habilidade de ordenar tabuinhas de argila, papiro ou pergaminho (...) num determinado período de tempo, deu-se o nome de “bibliotecário” a essa figura humana encarregada de facilitar a vida de todos que procuravam em bibliotecas um determinado livro. Essa habilidade estava respaldada não apenas no conhecimento da coleção, mas no domínio de normas e procedimentos que permitiam a obtenção do “endereço” correcto. Quando o primeiro organizador, talvez de papiros, explicou a um auxiliar como fazia para manter o controle sobre milhares de rolos (...) estava estabelecendo regras.”

Os reis da Assíria (669 a. c. - 631 a. c.) possuíam uma Biblioteca com documentos em madeira e argila, suporte de escrita na época. Labarre (2005: 10) refere que “os Sumérios, os Babilónios e os Assírios tinham outras Bibliotecas importantes. O fabrico do livro estava organizado; nos templos da Babilónia e de Nínive já havia oficinas de copistas.”. Os Gregos (século V a. c.) são os primeiros a democratizarem a leitura, com a produção de obras filosóficas e teatrais, com o desenvolvimento do comércio de livros e com a criação das primeiras Bibliotecas Públicas e Privadas. No ano 550 a. c., o tirano ateniense Pisístrates construiu a primeira Biblioteca Pública de que há memória. Aristóteles, nascido em 384 a. c., criou também uma Biblioteca, cujo recheio foi transferido para a Biblioteca de Alexandria (detentora de uma vasta colecção de rolos de papiro), após a sua morte. Dominar a escrita, para além do prestígio e posição social que conferia, significava também aceder a um repositório cada vez mais vasto do conhecimento humano, sendo prova disso a Biblioteca de Alexandria. Esta Biblioteca, denominada *Museion*, foi criada no ano 325-246 a. c. e era frequentada pelos homens cultos e sábios da Grécia. Foi, no entanto, destruída, na tomada de Alexandria, no ano 47 a. c., pelos Romanos. Esta Biblioteca era uma das mais importantes

da Grécia, assim como a que possuía um maior acervo. O *Serapeion*, designação da segunda maior Biblioteca grega, recebeu o acervo da Biblioteca dos Atálidas² e foi destruído no ano 391 a. c., pelos cristãos.

Estas Bibliotecas desempenharam uma função fundamental na divulgação do livro e das filosofias por ele veiculadas. Eram o centro da cultura, da cópia e do comércio do livro. Os copistas que aí trabalhavam faziam um único exemplar de cada obra³. Estas funções passaram para a Biblioteca do *Ptolemaion*, após a destruição do *Museion* e do *Serapeion*.

Durante o Império Romano, o autor (2005) refere que eram frequentes as Bibliotecas Privadas, como testemunham as de Epafrodita, Samónico e Séneca com grandes acervos. No entanto, a primeira Biblioteca Pública, em Roma, surgiu no ano 39 a. c., por Asínio Polião, e aumentaram em número a partir de então. Nas Bibliotecas Romanas, os papiros eram colocados em estantes com uma etiqueta a identificar o conteúdo. Esta importância e tamanho do acervo das Bibliotecas revelam a pobreza existente em documentos clássicos, pois, ao longo dos tempos, muitos documentos se perderam. Os cristãos possuíam Bibliotecas extremamente ricas, constituídas por livros da Sagrada Escritura, livros litúrgicos e escritos dos Santos Padres. Um acervo que possui um valor histórico, cultural, literário e religioso inegável. Estas Bibliotecas foram invadidas e grande parte dos seus documentos foram destruídos na sequência das perseguições de Diocleciano, no ano 303-304 d. c.

As Bibliotecas Monásticas reuniam livros religiosos dispersos e os monges, no tempo das invasões, acreditavam estar a servir a Deus, lendo e copiando textos, quer de autores religiosos quer profanos, pois todos os mosteiros possuíam uma oficina de copistas, um *scriptorium*. Nesta época, a Biblioteca estava directamente ligada ao *scriptorium* e ao cartulário, geridos pelo mesmo monge, o *armarius*. Os monges deslocavam-se a outros mosteiros para efectuar cópias de obras não disponíveis na Biblioteca do seu mosteiro. Labarre (2005: 18) afirma que “no século IV o Papa S. Dâmaso constituiu em Roma uma Biblioteca. No século seguinte, as cartas de S. Sidónio Apolinário dão-nos informações sobre a existência de ricas Bibliotecas na Gália. As Bibliotecas também se multiplicavam no Império Romano do Oriente.”

No ano 330 d. c., informa Labarre (2005) que Constantino fundou uma Academia, em Constantinopla, Biblioteca que se instituiu como centro de depósito de obras e difusão de textos, tendo sido incendiada em 447 e, posteriormente, restaurada, existindo até 1453. As Bibliotecas Monásticas⁴ desempenharam um papel fundamental na divulgação e conservação da literatura grega. A dedicação ao estudo dos bizantinos conduziu à criação de Bibliotecas particulares e ao desenvolvimento do comércio do livro. Estas Bibliotecas, na sequência das invasões pelos Cruzados, pelos reinos francos e pelos Turcos, acontecimentos que decorreram de 730 a 1453, foram dispersas e o comércio do livro bizantino arruinado. Durante o período

² Fundada em Pérgamo, por Átala I, no ano 241-197 a. c. e aumentada por Euménes II, no ano 197-159 a. c.

³ Arquétipo.

⁴ A Biblioteca de Bizâncio (*Stoudion*); as bibliotecas dos mosteiros do Monte de Athos e a biblioteca do Mosteiro de Santa Catarina eram as mais famosas e constituíram um atractivo para os investigadores e coleccionadores do Renascimento ao século XIX.

monástico, as Bibliotecas dos mosteiros e os seus *scriptoria* eram suficientes para os utilizadores e os textos circulavam apenas dentro do mundo monástico.

Durante a Idade Média, Labarre (2005) refere que existiam também algumas Bibliotecas Profanas, criadas por reis ou figuras importantes. Estas Bibliotecas dificilmente sobreviviam, mantendo-se apenas as dos mosteiros e das igrejas, que aumentavam com a recolha dos acervos de outras Bibliotecas. O conteúdo e tipo de livros destas Bibliotecas dependiam, como hoje, das necessidades práticas dos utilizadores, sendo dominante, os livros sobre Teologia, Liturgia e a Sagrada Escritura. Os mosteiros, assim como foram importantes na conservação e divulgação da literatura grega, também o foram da literatura latina.

Durante o período profano medieval, continua dizendo que as Bibliotecas Profanas, anteriormente criadas por reis e figuras importantes, começaram a crescer, a cultura saiu do circuito restrito em que se tinha centrado e as Bibliotecas Monásticas deixaram de ser o centro de depósito de divulgação de livros. Durante o século XIII/ XIV, assistiu-se a um crescente gosto pelo livro e a primeira obra acerca da bibliofilia surgiu no século XIII, da autoria do chanceler inglês Richard Bury. Neste mesmo período, surgiram Bibliotecas ligadas ao ensino, nos meios universitários e nos colégios, acervo legado pelos seus fundadores. O bibliotecário era encarado como uma pessoa que guardava o saber, os livros, não lhe sendo atribuídas as actuais funções de orientação no “labirinto” de que nos fala Eco (1987).

O papel chegou a Portugal, segundo Labarre (2005), sensivelmente no século XIV, como resposta às necessidades da xilografia e da imprensa, trazendo uma revolução ao mundo do livro e, conseqüentemente, ao comércio livreiro, assim como às Bibliotecas, cujos acervos eram constituídos por obras em madeira e em argila, pelos rolos de papiro (*volumens*), pelos codex, pelos manuscritos de pergaminho e pelos tecidos. Este novo suporte de escrita e técnica de registo de escrita proporcionaram a multiplicação, em grande número, de obras para estudo e a proliferação de Bibliotecas ligadas ao ensino, assim como permitiu o acesso de determinadas obras a um público mais abrangente quer cultural quer geograficamente.

Alguns bibliófilos, acrescenta o autor (2005), sustentavam a ideia da importância do livro em função do valor comercial, valorizando a ilustração, a encadernação e a raridade em detrimento do texto. No século XVI, com a facilidade de multiplicação do livro, graças à imprensa, assistiu-se à vulgarização do livro, o que permitiu o acesso ao livro por um variado tipo de leitor. O livro começou a entrar na casa das pessoas e a serem arrumados em prateleiras, constituindo pequenas Bibliotecas caseiras, daí o hábito do registo do título do livro na lombada. O desenvolvimento das Bibliotecas conduziu os donos dos livros a inscreverem o seu nome na folha de rosto. A imprensa permitiu, por parte do leitor, a aquisição de mais livros, o melhoramento e variedade do acervo das Bibliotecas. Os livros deixaram de ser apanágio dos mosteiros e das cortes, chegando a um público mais vasto, a outros sectores da sociedade, sempre sob a vigilância do poder religioso.

As Bibliotecas Monásticas foram atingidas por tumultos religiosos e algumas constituíram o início das Bibliotecas Municipais ou enriqueceram Bibliotecas Universitárias, conservando as riquezas do passado e constituindo, actualmente e futuramente, centros de

investigação e de estudo. A imprensa conduziu à massificação da produção do livro, impedindo as grandes deslocções para aquisição de determinados livros. No entanto, apresentou também o inconveniente de o utilizador se perder no meio do excesso. Assistiu-se a uma valorização da figura do Bibliotecário, que detinha o conhecimento da colecção que guardava e orientava o utilizador, e à reavaliação do espaço físico da Biblioteca, conduzindo à organização da colecção não por língua mas por assunto. As Bibliotecas Universitárias pré-renascentistas faziam despertar uma Biblioteca como espaço de liberdade e de conhecimento. Perante tantas publicações, ambicionava-se a criação de um catálogo universal, que se constatou ser pouco útil, pois ninguém era detentor do conhecimento de todas as áreas, optando-se pela organização de catálogos temáticos.

Nos finais do século XVI, refere Labarre que, em vários países, nomeadamente França, Espanha, Itália e Inglaterra, fundaram-se grandes Bibliotecas Públicas, que receberam colecções de manuscritos, constituídas por humanistas, eruditos e sábios do Renascimento. O baixo preço dos livros e jornais, que surgiram no início do século XVII, provocou alguma instabilidade e descentralização do conhecimento, até então propriedade de poucos.

Procurando proporcionar uma visão cronológica das condicionantes da Biblioteca, diz-nos que, durante o século XVII e XVIII, na sequência das guerras, muitas Bibliotecas ficaram arruinadas, outras mudaram de dono (herança de guerra) e o seu conteúdo foi enriquecer Bibliotecas estrangeiras. No final do século XVIII, o desaparecimento da companhia de Jesus, conduziu à separação das suas Bibliotecas e a Revolução Francesa proporcionou ao Estado uma quantidade de livros, que foram utilizados, para a criação de Bibliotecas Municipais. À semelhança de França, a Alemanha usou os acervos das Bibliotecas Eclesiásticas para enriquecer as Bibliotecas Municipais e Universitárias. Assistiu-se, no final do século, à nacionalização das Bibliotecas Privadas, proporcionando, ao público letrado e estudioso, livros anteriormente pouco conhecidos e inacessíveis.

A excessiva produção literária colocou as Bibliotecas num estado caótico, tornando-se urgente a selecção criteriosa de documentos a guardar, agrupando-os. A Biblioteca era tão mais útil quanto mais especializada fosse numa determinada área, sendo da responsabilidade das Bibliotecas Nacionais a recolha de documentos produzidos na sua área geográfica.

Procurou-se, na segunda metade do século XX, combater a excessiva produção de livros, recorrendo às microformas⁵. No entanto, apenas se resolvia o problema do espaço e não da qualidade e facilidade da pesquisa. O final do século XX, com o desenvolvimento tecnológico, encontrou, ainda que parcialmente, solução para o problema dos utilizadores e das Bibliotecas, com os computadores pessoais e com a Internet. Este instrumento chegou às Bibliotecas Públicas e Escolares, sendo de grande utilidade quer para o Bibliotecário, na organização e gestão da colecção, na pesquisa do seu fundo documental e de outro disponível noutras Bibliotecas reais ou virtuais; quer para o utilizador no seu processo de pesquisa, que poderá ser realizado em casa. O livro e as Bibliotecas vivem na era do digital e da internet. Neste sentido, Milanesi (2002: 11) refere que a “biblioteca real ou virtual, enquanto

⁵ Fichas.

concentração de esforços de ordenamento da produção intelectual do homem, permanece como factor essencial do desenvolvimento.” Apresenta, ainda, as Bibliotecas como um depósito da memória humana e testemunho da imortalidade e refere que “em cada unidade de ensino, das primeiras letras ao aprofundamento máximo em áreas distintas, ao lado de aulas voláteis, foram erguidas bibliotecas perenes.”

Nos nossos dias, o Bibliotecário é encarado como o intermediário entre o livro e o utilizador, gerindo e organizando a Biblioteca em função das necessidades desse mesmo utilizador.

2- CONTEXTO ACTUAL DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

“O conceito de biblioteca escolar inclui os espaços e equipamentos onde são recolhidos, tratados e disponibilizados todos os tipos de documentos (qualquer que seja a sua natureza e suporte) que constituem recursos pedagógicos quer para as actividades quotidianas de ensino, quer para actividades curriculares não lectivas, quer para ocupação de tempos livres e de lazer.”

Veiga (1997: 33)

A Biblioteca Escolar e o seu papel no sistema educativo já vêm contemplados na legislação educativa desde finais do século XIX, aparecendo, sobretudo, nas palavras de Pessoa (1999:18), como “um estabelecimento auxiliar de ensino” à actividade do professor fora do horário lectivo, pois não interferia com o contexto de sala de aula. Os alunos deslocavam-se à Biblioteca para consolidar os conhecimentos ministrados pelo professor. O ensino não visava o desenvolvimento de outras competências para além da memorização e da repetição dos conteúdos leccionados e, nesse sentido, a Biblioteca não detinha um papel activo na aprendizagem dos alunos, não contribuía para o desenvolvimento de competências consideradas, hoje, como prioritárias, na medida em que conduzem a um saber-ser, saber-estar e saber-fazer essenciais.

Calixto (1996:25), na mesma linha de pensamento, refere que “a lei que estabeleceu a obrigatoriedade de Bibliotecas nas escolas de nível secundário remonta a 1948. Assim, “Desde então, segundo o autor, a biblioteca foi ganhando dimensão e visibilidade, não nos moldes como a conhecemos hoje, pois as Bibliotecas eram, nas palavras do autor (1996: 26) “verdadeiros templos da cultura silenciosa”. Surgiu a percepção de que os alunos poderiam aprender mais e melhor recorrendo à consulta de livros em vez de copiarem apontamentos ditados. Começou a vislumbrar-se a solicitação da autonomia e do espírito crítico, por parte do aluno, na construção do seu próprio conhecimento.

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) veio apresentar um novo modelo de escola que, segundo Pessoa (1999: 23), pretendia que:

“os alunos [fossem] mais autónomos [que procurassem, utilizassem, produzissem] informação quer a partir dos conhecimentos que já [possuissem] quer através de uma atitude investigativa constante, que [desenvolvessem] o espírito crítico, [fossem] intervenientes; os professores [deixassem] de ser “o” recurso educativo para passarem a “um” recurso, entre outros, que [levassem] os alunos a centrar mais os esforços num processo de aprendizagem mais ligado aos processos de pesquisa do que à reprodução de conhecimentos [fossem] (...) mais organizadores de espaços de aprendizagem e mediadores entre os alunos e a terrível quantidade de informação que circula.”

As exigências impostas pela LBSE implicavam mudanças estruturais no ensino desde a organização curricular, passando pelas metodologias de ensino até à relação que a sala de aula estabelecia com outras estruturas da escola. Neste sentido, a Biblioteca Escolar assume uma maior visibilidade dentro da escola, pois entra na sala de aula.

A Biblioteca Escolar tem passado por transformações assinaláveis resultantes da evolução do paradigma tecnológico e das implicações profundas no acesso, uso e comunicação da Informação. Segundo Mota (2006: 123), passaram de “espaços estáticos, fechados e silenciosos, onde as pessoa se enclausuram para realizar seus estudos e leituras, e estão passando a se constituir enquanto espaço dinâmico, interactivo e em permanente construção”. Neste contexto, passaram de espaços organizados com recursos destinados ao acesso da informação e ao lazer a espaços de trabalho e de construção do conhecimento.

A Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), programa lançado em 1996 com a publicação do relatório *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*, designa uma realidade em que cada escola possui uma Biblioteca que estará articulada em rede com as outras Bibliotecas da mesma área geográfica (Escolares e Públicas), com objectivo de permutar documentos e actividades conjuntas de animação, assim como solicitar apoio técnico especializado. O grupo de trabalho da RBE refere que esta surgiu como uma política, envolvendo dois ministérios, a Educação e a Cultura, como resposta a uma necessidade emergente, desde inícios do século passado. A RBE visa dotar as Bibliotecas Escolares de um quadro de referência; produzir mudanças concretas na vida quotidiana da Biblioteca Escolar; contribuir para a elaboração de um novo plano de desenvolvimento, perspectivando a melhoria; integrar o modelo nas práticas da Biblioteca Escolar de forma sistemática; melhorar o desempenho da Biblioteca Escolar; haver uma tomada de consciência da importância da Biblioteca Escolar nos resultados da aprendizagem por parte dos alunos e professores; promover a cooperação entre os docentes e a Biblioteca Escolar; haver um melhor conhecimento e, conseqüentemente, uma maior rentabilização dos recursos da Biblioteca Escolar por parte de todos e que esta seja reflexo das acções de melhoria, nos resultados escolares.

Veiga (1997: 34) apresenta como objectivos da Biblioteca Escolar:

“ tornar possível a plena utilização dos recursos pedagógicos existentes e dotar a escola de um fundo documental adequado às necessidades das

diferentes disciplinas e projectos de trabalho; permitir a integração dos materiais impressos, audiovisuais e informáticos e favorecer a constituição de conjuntos documentais, organizados em função de diferentes temas; desenvolver nos alunos competências e hábitos de trabalho baseados na consulta, tratamento e produção de informação, tais como: seleccionar, analisar, criticar e utilizar documentos; desenvolver um trabalho de pesquisa ou estudo, individualmente ou em grupo, a solicitação do professor ou de sua própria iniciativa; produzir sínteses informativas em diferentes suportes; estimular nos alunos o prazer de ler e o interesse pela cultura nacional e universal; ajudar os professores a planificarem as suas actividades de ensino e a diversificarem as situações de aprendizagem; associar a leitura, os livros e a frequência de bibliotecas à ocupação lúdica dos tempos livres.”

Calçada (2010: 33) vai ao encontro de Veiga quando apresenta os desafios colocados às Bibliotecas Escolares:

“Fazer mais e melhores leitores, leitores analíticos, leitores utilizadores de bibliotecas e de outros equipamentos culturais, leitores consumidores de livros, mas também leitores digitais competentes, criativos, capazes de utilizar os diferentes suportes de escrita e leitura, as novas técnicas de reprodução e disseminação da informação, de forma eficaz e crítica, dominando a literacia digital, traduzida no uso competente das tecnologias e, ainda, no desenvolvimento da consciência social.”

Há evidência irrefutável, atestada por diferentes estudos internacionais, de que a Biblioteca Escolar contribui para o sucesso educativo dos estudantes e para o desenvolvimento das literacias imprescindíveis na nossa sociedade. Todd (2001) conseguiu, de forma sintética, objectivar as transformações por que passa a Biblioteca Escolar actualmente: “Knowledge space, not information place / Connections, not collections / actions, not positions/ evidence, not advocacy”⁶.

Com a possibilidade de acesso em qualquer lugar e sem qualquer mediação, mas com necessidades evidentes de rever o tipo de competências exigíveis ao uso da informação, à construção do conhecimento e à construção da cidadania, a Biblioteca Escolar vê redefinido contextos de trabalho e de prestação de serviços e ganha um papel preponderante na formação para as literacias e para o acompanhamento curricular e das aprendizagens dos alunos. De acordo com a International Association of School Librarianship (IASL, 1993: 1):

“a biblioteca escolar funciona como um instrumento vital do processo educativo, não como uma entidade isolada do programa escolar mas envolvida no processo de ensino-aprendizagem. As suas metas podem traduzir-se nas seguintes funções: informativa, educativa, cultural e recreativa.

Na mesma linha de pensamento, o *Relatório de Lançamento da Rede de Bibliotecas Escolares* (1996: 5) refere que:

“A biblioteca constitui um instrumento essencial do desenvolvimento do currículo escolar e as suas actividades devem estar integradas nas restantes

⁶ Consultado a 12 de Agosto de 2010 em: <http://www.iaslonline.org/events/conf/virtualpaper2001.html>

actividades da escola e fazer parte do seu projecto educativo. (...) deve constituir-se como um núcleo da organização pedagógica da escola (...)"

As Bibliotecas Escolares passam, segundo Bogel (2006), neste contexto, a ter um papel informacional (disponibilizam recursos de informação, apoiam a infra-estrutura tecnológica, contribuindo para o seu uso e integração nas práticas lectivas); transformativo (formam para as diferentes literacias, contribuindo de forma colaborativa e articulada com os outros docentes para o desenvolvimento de competências que suportam as aprendizagens e a construção do conhecimento) e formativo (transformam-se de espaços de disponibilização de recursos em espaços de aprendizagem, de construção do conhecimento).

O paradigma digital tem um grande impacto nas práticas e na forma como gerimos e processamos a informação. Por isso, a Biblioteca Escolar terá forçosamente de integrar conteúdos, administração/ gestão, ambientes virtuais de aprendizagem e currículo. Sem dúvida, a adesão ao digital, ao virtual é uma necessidade de sobrevivência para a Biblioteca Escolar. Esta terá de organizar a informação digital de forma a utilizar o quadro interactivo, terá de criar ambientes virtuais de aprendizagem e estabelecer uma ligação ao currículo.

Embora, em Portugal, existam poucos dados em termos de avaliação e conhecimento da realidade das nossas Bibliotecas, diversos estudos internacionais, realizados em países com um percurso maior nesta área, vieram demonstrar a importância das práticas de avaliação.

A literatura internacional na área das Bibliotecas Escolares evidencia, de forma clara, o impacto das Bibliotecas na aprendizagem e no sucesso educativo dos alunos em regiões e em contextos diversos. Estes estudos realizaram-se em diferentes estados da América, mas também no Canadá, Reino Unido ou na Austrália, países onde as Bibliotecas têm um percurso mais consolidado. Em todos estes estudos, há o reconhecimento de que a Biblioteca Escolar é usada enquanto espaço apetrechado com um conjunto significativo de recursos e de equipamentos (as condições externas, as condições físicas e a qualidade da colecção são fundamentais) e, como espaço formativo e de aprendizagem, intrinsecamente relacionado com a escola e com o processo de ensino/ aprendizagem. A literacia da informação tem, nestes estudos, um papel muito importante. Neste contexto, o *Manifesto da Unesco sobre as Bibliotecas Escolares* (1999: 1-2) refere que:

"A biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida e estimula a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis. (...) A biblioteca escolar é essencial a qualquer estratégia a longo prazo nos domínios da literacia, educação, informação e desenvolvimento económico, social e cultural. (...) A biblioteca escolar é parte integrante do processo educativo."

Zmuda e Harada (2007) referem que estes estudos identificam, também, áreas chave, determinantes na construção de uma Biblioteca Escolar de qualidade: a integração na escola e no processo de ensino/ aprendizagem (integração institucional e programática, de acordo com os objectivos educacionais e programáticos da escola; desenvolvimento de competências

de leitura e de um programa de literacia da informação, integrado no desenvolvimento curricular e articulação com departamentos, professores e alunos na planificação e desenvolvimento de actividades educativas e de aprendizagem); condições de acesso e qualidade da colecção (organização e equipamento de acordo com os *standards* definidos, facultando condições de acesso e de trabalho individual ou em grupo; disponibilização de um conjunto de recursos de informação, em diferentes ambientes e suportes, actualizada e em extensão e qualidade adequadas às necessidades dos utilizadores); gestão da Biblioteca Escolar (afecção de um Professor Bibliotecário qualificado e de uma equipa que assegure as rotinas inerentes à gestão, que articule e trabalhe com a escola, professores e alunos; liderança do Professor Bibliotecário e da equipa; desenvolvimento de estratégias de gestão e de integração da Biblioteca Escolar na escola e no desenvolvimento curricular e desenvolvimento de estratégias de gestão baseadas na recolha sistemática de evidências). Neste sentido, a Portaria nº 756/ 2009 de 14 de Julho, refere que se:

“trata de garantir que a biblioteca escolar se assume, no novo modelo organizacional das escolas, como estrutura inovadora, funcionando dentro e fora da escola, capaz de acompanhar e impulsionar as mudanças nas práticas educativas, necessárias para proporcionar o acesso à informação e ao conhecimento e o seu uso, exigidos pelas sociedades actuais.”

Todas estas mudanças exigem alteração de mentalidades que têm enraizado a antiga imagem da Biblioteca como espaço de informação. Os membros da Comunidade Escolar têm de reconhecer à Biblioteca novas funções e novos objectivos que não são mais que aqueles pelos quais se rege toda a escola. A mudança consiste no desenvolvimento de uma actividade sistemática de recolha de informação que permita averiguar e decidir fundamentadamente qual o percurso a seguir. Neste ponto, a avaliação é fundamental, como é referido no *Modelo de Auto-Avaliação das Bibliotecas Escolares* (2009: 3⁷), actual *Modelo de Avaliação das Bibliotecas Escolares* (2011: 6⁸):

“(…) princípio de boa gestão e um instrumento indispensável num plano de desenvolvimento, permite contribuir para a afirmação e reconhecimento do papel da BE, permite determinar até que ponto a missão e os objectivos estabelecidos para a BE estão ou não a ser alcançados, permite identificar práticas que têm sucesso e que deverão continuar e permite identificar pontos fracos que importa melhorar. A avaliação da biblioteca deve ainda ser incorporada no processo de auto-avaliação da própria escola e deve articular-se com os objectivos do projecto educativo de escola.”

No processo de auto-avaliação da Biblioteca Escolar, adquire grande importância a literacia, nas suas múltiplas vertentes, na mediada em que, conforme estipula a Portaria nº 756/ 2009, a Biblioteca Escolar deve:

⁷ Consultado a 11 de Outubro de 2010 em: http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=31&fileName=Modelo_de_avaliacao.pdf

⁸ Consultado a 18 de Fevereiro de 2011 em: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/745/mabe.pdf>

“Apoiar as actividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada.”

Todo este processo se desenvolve com a nova realidade que entrou nas escolas, o Professor Bibliotecário, que, como é referido nas Directrizes da International Federation of Librarians Associations (IFLA)/ Unesco para as Bibliotecas Escolares (2006: 11) tem “o papel fundamental (...) contribuir para a missão e para os objectivos da escola, incluindo os processos de avaliação, e para desenvolver e promover os da biblioteca escolar.” O mesmo documento (2006: 13) refere que do Professor Bibliotecário se espera que:

“analise os recursos e as necessidades de informação da comunidade escolar; formule e promova políticas para o desenvolvimento dos serviços; desenvolva políticas e sistemas de aquisição para os recursos da biblioteca; catalogue e classifique documentos e recurso em geral; forme para a utilização da biblioteca; forme nas competências de literacia da informação e de conhecimento da informação; apoie alunos e professores na utilização de recursos da biblioteca e de tecnologia da informação; dê resposta a pedidos de referência e de informação utilizando os materiais adequados; promova programas de leitura e eventos culturais; participe em actividades de planificação relacionadas com a gestão do curriculum; participe na preparação, promoção e avaliação de actividades de aprendizagem; promova a avaliação de serviços de biblioteca enquanto componente normal e regular do sistema de avaliação global da escola; construa parcerias com organizações externas; prepare e aplique orçamentos; conceba planeamento estratégico.”

A Biblioteca Escolar está, sem dúvida, a passar por um processo de mudança, de alterações de práticas a todos os níveis, visando sempre o desenvolvimento/ sucesso educativo e aproximação com o exterior.

2.1- Competências Literácitas

(...) a literacia designa capacidades de processamento da informação escrita, na vida quotidiana, sendo concebida como uma chave para o sucesso escolar e para uma efectiva participação no mercado de trabalho, na comunidade e no exercício da cidadania.”

Azevedo (2009:1)

Literacia é um vocábulo que tem sido alvo de diversas conceptualizações à medida que a sociedade vai mudando e exigindo competências específicas dos seus cidadãos. A IFLA (2006) define literacia, citando o *Chambers English Dictionary* (2003), como “the condition of being literate” e faz distinção entre literacias básicas e outras literacias:

““Basic Literacy” means the classic or traditional literacies of learning how to read, to write, and to perform numeric calculations and operations; basic

literacies in almost all societies are learned in basic and secondary formal education settings, primarily public or private schools, but sometimes basic literacies are learned at home or in community centers. (...) Other “Literacy” concepts related to information literacy. Information literacy is linked with other types of related literacies, but it should be differentiated from them, especially from information technology, media literacy, network literacy, digital literacy, network or Internet literacy, “Computer Literacy” and “Media Literacy”(“...”)

A importância da promoção da literacia não é uma preocupação recente, pois a necessidade de uma literacia visual e crítica, mesmo na população iletrada, é uma realidade, na medida em que condiciona o envolvimento individual na sociedade e a forma de apropriação contextualizada do mundo.

A Biblioteca Escolar deve promover, colaborativamente com os docentes dos diferentes Departamentos Curriculares, as competências literárias nas suas múltiplas vertentes (literacia crítica, literacia em leitura e escrita, literacia visual, literacia digital, literacia tecnológica, literacia científica, literacia literária e literacia matemática ou numeracia), entendendo por literacia, nas palavras de Azevedo (2009:1):

“não apenas a capacidade para ler e escrever, utilizando informação escrita de forma contextualizadamente apropriada, em contextos diversificados de uso, como igualmente a motivação para o fazer (...) capacidade para ler o mundo de uma forma não ingénua, a capacidade de reconhecimento de sinais matemáticos e de signos e símbolos num texto, possibilitando uma integração efectiva e eficaz entre as componentes do falar, do ouvir e do raciocínio crítico com a leitura e com a escrita.”

O processo de aquisição destas competências é progressivo e deve ser orientado na medida em que advém de práticas sociais e culturais. Não se tratando de um processo inato e espontâneo, exige por parte dos educadores, segundo Azevedo (2009), práticas frequentes, conscientemente planificadas e frequentemente monitorizadas.

Do ponto de vista histórico, segundo Gonçalves (2009: 36), a imagem permitiu “uma capacidade de expansão e de relação com o meio envolvente. (...) comunicar e registar toda uma expressão e vivência” e a própria Igreja recorreu à imagem para promover a leitura e transmitir conhecimentos entre a população analfabeta. A imagem adquiriu uma função didáctica, junto da população, como a que desempenha junto das crianças, pois é através da imagem que a criança, em idade mais precoce, faz a leitura/ conhecimento do mundo, efectuando as suas aprendizagens. Marny (1988: 277), na mesma linha de pensamento, salienta que a “linguagem da imagem, apercebida espontaneamente é facilmente decifrada, está mais apta do que qualquer outra para atingir a universalidade. Não é travada nem por raças nem por civilizações diferentes.” O Papa Gregório Magno (século IV, citado por Manguel, 1998: 109) refere que:

“Uma coisa é adorar imagens, outra é aprender em profundidade, através de imagens, uma história venerável. Aquilo que a escrita torna presente ao

leitor, as imagens tornam presente ao iletrado, aos que apenas compreendem visualmente, porque, nas imagens, os ignorantes vêem a história que têm de seguir e os que não conhecem as letras descobrem que, de certa forma, são capazes de ler. Por consequência, em especial para o povo comum, as imagens são o equivalente da leitura.”

Housen (2000, referido por Melo, 2010), nos seus estudos sobre a leitura de imagens, apresenta cinco perfis de literacia visual, na óptica de quem analisa a imagem: os que ele denomina de contadores de histórias, que usam as suas vivências e memórias pessoais para observar em forma de narrativa, tendo por base elementos específicos ou elementos implícitos na imagem; os construtores, que usam os conhecimentos acerca do mundo, tendo a preocupação de explicar a razão de ser das coisas; os classificadores, que têm a preocupação de inserir cada obra num determinado contexto temporal, estilo ou escola; os interpretes, que usam as suas características pessoais para interpretar a obra e cada vez que se deparam com ela podem fazer uma leitura diferente e os recreadores, que conjugam todos os elementos que a obra contempla, nomeadamente o espaço, o tempo, a história, as linguagens técnicas e os materiais.

Werner (2002) debruçou-se, também, sobre a interpretação de imagens, apresentando sete estratégias que os alunos, frequentemente, adoptam durante o processo de análise de imagens. Uma primeira estratégia que ele denomina de instrumental, em uso, quando o aluno considera a imagem uma fonte de informação; a segunda, denominada de narrativa, quando o aluno se centra na história presente na imagem; a terceira, denominada de icónica, que é aplicada quando o aluno identifica problemas e valores presentes na imagem; a quarta, editorial, utilizada no momento em que o aluno infere acerca do artista e da imagem em análise; a quinta, indicativo, quando a procura pelo aluno de condições sociais visíveis na imagem; a sexta, oposição, estratégia aplicada no momento em que o aluno se põe perante o dilema de se colocar na posição de observador ou de crítico face ao conteúdo narrado pela imagem; e a sétima, estratégia reflexiva, que surge no momento em que o aluno interpreta e aprecia a imagem.

Gonçalves (2009: 37) refere, como fundamental no desenvolvimento da competência de leitura de imagens, a visualização, pois “olhar é diferente de ver”; a percepção, ou seja, o entendimento do mundo; a imaginação, no sentido de actividade intelectual; a descodificação, que surge no seguimento da observação e da criação da imagem; a interpretação, relacionando conhecimentos; o significado/ significante relacionado com o sentido directo da imagem; a intuição, que permite uma leitura espontânea; a sensação; o pensamento, no sentido de conjunto de imagens armazenadas; o sentimento suscitado pela visualização de imagens; a ilusão criada por imagens que induzem em erro; a imagem resultante do processamento mental e que permite a relação com o mundo; o conteúdo; a luz e a cor.

A capacidade de entender, interpretar e comentar uma imagem exige a existência de uma literacia visual e crítica, que consiste na capacidade de interpretar imagens e argumentar acerca delas. Perspectivando a literacia visual no contexto de determinadas

imagens, é essencial a capacidade de identificar o que se vê e projectar o visualizado no contexto real para que se processe a comunicação e, de alguma forma, se construa conhecimento. A literacia visual, ou seja, a capacidade de interpretação e crítica de imagens, exige o domínio de vocabulário contextualizado e de conhecimentos que permitam a identificação da realidade ilustrada.

Pereira (2009:19) vai mais longe, referindo que a literacia crítica advém de:

“práticas sociais em que os leitores e/ ou ouvintes vão além da mera utilização de textos para construir significados, realizando deliberadamente uma análise questionadora dos significados aí presentes e da influência que essas representações têm sobre si próprias nos contextos sociais, bem assim como mobilizando essa informação para denunciar e subverter publicamente a presença desse poder social oculto”.

O exercício da literacia crítica promove o desenvolvimento do espírito crítico acerca do mundo e implica o exercício (domínio) de outras vertentes da literacia, nomeadamente a visual. Uma competência literária empreende uma descodificação de códigos mediante a mobilização de conhecimentos sociais, culturais, políticos, literários e artísticos existentes e exige que o indivíduo veja para além do evidente. Neste sentido, a Biblioteca Escolar pode desempenhar um papel fundamental. O *Modelo de Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares* refere que a Biblioteca Escolar participa no Plano Tecnológico da Educação (PTE) /Plano Tecnológico de Informação e Comunicação no sentido de promover a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no contexto das actividades curriculares; promove a integração, com as estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica e dos docentes, de um plano para a literacia da informação; organiza e participa em actividades de formação para docentes e alunos no domínio da literacia tecnológica e digital e apoia os docentes, produz ou colabora com os docentes na elaboração de materiais e divulga os materiais que produz. Neste sentido, a Biblioteca Escolar forma, colabora e promove competências.

O desenvolvimento das literacias deve iniciar-se no pré-escolar com seguimento nos restantes níveis de escolaridade. É importante que os alunos adquiram progressivamente a capacidade de ver, analisar e de se posicionarem perante uma situação, justificando pertinentemente as suas opções. Neste âmbito, a Biblioteca Escolar pode colaborar com os docentes dinamizando actividades de promoção para as literacias, nas suas múltiplas vertentes, pois elas não surgem dissociadas umas das outras. No trabalho de promoção das literacias, os media e os contos tradicionais apresentam-se como excelentes instrumentos de trabalho quer em contexto de sala de aula quer em contexto Biblioteca. No fundo, a mobilização e uso das competências literárias consistem num processo de descodificação que conduz à apropriação do conhecimento, da realidade.

2.2 - A Biblioteca Escolar e a Sociedade da Informação

“A expressão ‘Sociedade da Informação’ refere-se a um modo de desenvolvimento social e económico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação conducente à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas, desempenham um papel central na actividade económica, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais.”

Livro verde para a Sociedade da Informação (1999: 9)

Vivemos numa sociedade acelerada em que a informação nos chega de todo o lado, a toda a hora e em diferentes suportes (rádio, televisão, jornais, computadores ...), uma sociedade que nos abre caminho para um mundo tão aliciante quanto desgastante, um mundo que ora atrai pela diversificação e novidade ora esgota pela quantidade, velocidade e estímulo continuado. Dada a quantidade de informação e a velocidade a que nos chega e dada a incapacidade de absorvermos tanta informação, o nosso organismo tem de agir de forma a seleccionar a informação de acordo com a importância e necessidade. Soto (2006: 34) refere que:

“nuestra sociedad apunta hacia la “Galáxia de la información”: el profesional de los próximos años, el mismo ciudadano, necesitará no solo obtener información, sino saber seleccionar entre la ingente masa de la misma que nos bombardea diariamente, saber ordenarla, utilizarla o saber asimilar la que le interese y no otra.”

Neste contexto, mais do que nunca, é fundamental conhecer, saber-fazer e saber-estar em sociedade. Se não houver capacidade de gestão da quantidade e diversidade de informação recebida, corre-se o risco de não se processar, nas palavras de Bairrão e Gouveia (2007: 25), “verdadeiro conhecimento”, que é determinado por três factores, o espaço, o tempo e a situação que envolvem o utilizador da informação, posterior detentor do conhecimento. São os objectivos/ planos do utilizador que determinam a sobrevivência da informação, pois informação não é sinónimo de conhecimento. É a correcta gestão e utilização da informação em função de um objectivo específico pré-definido que produz o conhecimento. Já Correia e Teixeira (2003) alertavam para a importância do desenvolvimento de competências que capacitem os alunos para analisar e avaliar as fontes de informação, assim como fazer a interpretação dessa informação de forma a produzir conhecimento.

Terra e Sá (2007: 83), também, referem que um indivíduo competente em literacia da informação “aprendeu a aprender, sabe encontrar a informação, sabe utilizá-la e sabe como organizá-la”. Neste sentido, o *Australian and New Zealand information literacy*, nas palavras de Terra e Sá (2007: 84):

“define uma pessoa competente em termos de informação como aquela que reconhece uma necessidade de informação; determina o âmbito dessa

necessidade; acede à informação de maneira eficiente; avalia de forma crítica a informação e as suas fontes; classifica, armazena, manipula e reescreve a informação recolhida ou produzida; incorpora informação seleccionada no seu próprio conhecimento; usa a informação para aprender, criar novos conhecimentos, resolver problemas e tomar decisões; compreende os aspectos económicos, legais, sociais, políticos e culturais envolvidos no uso da informação; acede e usa a informação de maneira ética e legal; usa a informação para uma cidadania participativa e para o exercício da responsabilidade social, reconhecendo a literacia da informação como uma componente da aprendizagem autónoma e contínua.”

A posição de cada um de nós na sociedade actual é condicionada pela satisfação das exigências que, por ela, nos são feitas, ter a capacidade, segundo Bairrão e Gouveia (2007: 26) de “captar, transmitir e processar” a informação, transformando-a em real conhecimento, pois é este conhecimento que vai determinar as competências de acção no seio da sociedade referenciada, em constante mudança. Os autores (2007: 26) referem que “a Sociedade da Informação exige, assim, novos conhecimentos e novas práticas, obriga a um esforço de aprendizagem permanente”.

É o indivíduo que faz a passagem da informação ao conhecimento, logo está no centro da produção de conhecimento, processo diversificado e individual. Esta nova forma de encarar o acesso à informação e à produção de conhecimento exige a requalificação do sistema de ensino para que deixe de ser uniforme e massificado, para ser diversificado, diferenciado e individualizado, de forma que cada indivíduo faça um percurso de acordo com os seus desejos e capacidades.

A mudança social exige uma parceria entre a escola e a vida que promova a mudança de mentalidades, formando cidadãos activos com um saber e saber fazer diferentes. De um sistema educativo, acessível apenas a alguns, que, por questões políticas, promovia o ensino directivo, unilateral e inquestionável, permitindo apenas a aprendizagem da leitura e da escrita e impedindo o desenvolvimento do espírito crítico e o relacionamento de conhecimentos, passou-se, em 1974, após o 25 de Abril, e, em 1986, com a LBSE e a entrada de Portugal na Comunidade Europeia, para uma mudança generalizada no Sistema Educativo português, incluindo um maior investimento na Educação. Só a partir de 1989/93 se alargou o investimento a todos os níveis de ensino, Pré-Escolar, Básico, Secundário e Superior. No entanto, este investimento não obteve mudanças qualitativas significativas por ausência de visão do poder político. Dada a heterogeneidade do público escolar e as necessidades do mercado de trabalho de cidadãos com competências diversificadas, surge o ensino profissional, também, alvo do investimento governamental.

A massificação existente desde o 25 de Abril de 1974 persiste e a necessidade de reformulação do sistema educativo continua a impor-se, pois o público escolar heterogéneo, plural e multicultural existente exige reformas educativas que implementem estratégias diversificadas para formar e desenvolver competências de forma a tornar os cidadãos mais aptos a viver/ sobreviver na Sociedade da Informação que os receberá. Neste sentido, Calçada (2010: 33) refere que:

“o dinamismo e complexidade do Mundo contemporâneo tem vindo a mostrar, de forma bastante evidente, a rapidez que a alteração dos sistemas de informação e comunicação têm induzido, por via da tecnologia, mudando de forma radical as necessidades sociais de informação e de conhecimento, com repercussões inevitáveis na aquisição de outras competências, designadamente nas formas de apropriação da leitura, da escrita e da comunicação. (...) A realidade questiona-se de outras formas, a informação e o conhecimento constroem-se noutra paradigma. Aprender a ler, escrever e contar inscrevem-se no mesmo e noutra lugar, em que a leitura e as competências a ela associadas se mostram bem mais complexas e exigentes, reforçando, no entanto, a centralidade da construção leitora e a ideia de que aprendemos a ler para ler para aprender.”

A ligação entre a Escola e a Sociedade da Informação pretende, mediante a articulação entre os conteúdos curriculares e a realidade envolvente, prevenir a exclusão social, promovendo a integração e inclusão, independentemente das características individuais. Numa sociedade em constante mudança, onde as Tecnologias de Informação e Comunicação conquistam lugar de destaque, está implícita a necessidade de formação permanente e em caso de dificuldades de inserção/ inclusão/ integração no mercado de trabalho/ sociedade está prevista a reconversão. Neste contexto é urgente a formação/ aprendizagem permanente, constante actualização numa sociedade em constante mudança.

A escola adquire grande importância na vida activa dos cidadãos e não constitui um bloqueio com a vida profissional, mas a continuação de um processo iniciado para responder às expectativas da Sociedade da Informação e do Estado. Daí, a necessidade de a escola dispor de meios físicos e humanos para atingir os objectivos pretendidos, que são, sem dúvida, a mudança. Segundo Bairrão e Gouveia (2007: 32), “um Portugal digital - as fontes de informação disponíveis através da Internet: Bibliotecas, museus, bases de dados, serviços e essencialmente o desenvolvimento de competências por parte dos cidadãos.” No entanto, caracterizar a Sociedade da Informação apenas como o livre, rápido e fácil acesso à informação é muito restritivo, quando o que se pretende, também, é o conhecimento.

Este pensamento corrobora as ideologias anteriormente apresentadas por Todd. O autor (2003, traduzido e adaptado por Martins (2010: 28) indica os três pilares fundamentais que traduzem o papel da Biblioteca Escolar na promoção da literacia da informação: o impacto na aprendizagem, a intervenção pedagógica e a transformação (resultados obtidos). Refere (2003, citado por Martins (2010: 29)), uma frase que reflecte a visão, missão, objectivos e acção da Biblioteca Escolar e que “eleva a questão da literacia da informação nas escolas a um outro nível”, “Celebra aquilo que compreendes e não aquilo que descobres”. Neste sentido, a Biblioteca Escolar, segundo Todd (2003, traduzido e adaptado por Martins (2010: 29) deve ter a preocupação sobretudo de promover:

“processos e literacias de informação; domínio da informação mediada tecnologicamente e em rede; leitura; domínio de conteúdos; desenvolvimento de opiniões, argumentos e perspectivas pessoais; estratégias de aprendizagem independentes; mudança de atitudes e valores; ganhos ao nível de auto-percepção; e capacidade individual de acção.”

A escola, enquanto espaço de aprendizagem, de acesso à informação e ao conhecimento, tem de promover o desenvolvimento da Sociedade da Informação e do Conhecimento; tem de estabelecer relações com todos os intervenientes educativos, nomeadamente bibliotecas, centros de saber e agentes sociais; tem de integrar as Tecnologias de Informação e Comunicação no seu sistema de ensino e na formação inicial e contínua de professores, de forma a tirar partido de todas as potencialidades deste factor que contribuiu para as mudanças sociais e procurar preparar os seus alunos para a sociedade que os acolhe e que lhes exige uma constante actualização de conhecimentos para os manter e não excluir. A escola tem de promover, além do acesso à informação e ao conhecimento, o desenvolvimento do espírito crítico, tem de se afirmar na sociedade tecnológica em que vivemos. Actualmente, as Tecnologias de Informação e Comunicação constituem uma ferramenta social de acesso à informação e ao conhecimento quer na vida pessoal quer profissional. Neste contexto, Todd (2003, traduzido e adaptado por Martins (2010: 29)) refere que “o aluno verdadeiro, dotado de literacias de informação, não é apenas um executante: é alguém com capacidade para tornar-se e ser algo.” Pretende-se indivíduos ajustados ao mundo do trabalho e com capacidade crítica.

A escola moderna constitui uma mudança efectiva de paradigma, apostando na qualificação dos portugueses através da formação ao longo da vida e da certificação de competências ajustadas ao mercado de trabalho. Ela surge com mudanças significativas a vários níveis, incluindo a promoção e desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação no ensino básico e secundário, que passa por apetrechar as escolas em computadores e redes locais e elaborar orientações curriculares para a disciplina e pela promoção de projectos que recorram ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação.

A escola moderna depara-se com imensos desafios, pois é nela que o processo se inicia, o processo que vai futuramente determinar a qualidade económica, social e política do país, sendo que a escola capacita os recursos humanos, tornando-os mais ou menos aptos para transformarem e usarem a informação que recebem. A escola estabelece o elo de ligação entre a formação do indivíduo (intelectual, física e tecnológica) e o mercado de trabalho, respondendo às exigências sociais.

No “Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais” (ME, 2001: 15) são contempladas as competências em informação como fundamentais no perfil desejável do aluno à saída do Ensino Básico. Este deverá ser capaz de “pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável” e “adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões”. Para a operacionalização destas competências é necessário que os docentes trabalhem colaborativamente. A operacionalização transversal destas competências passa pela vivência, em cada disciplina, segundo o documento *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais* (ME, 2001: 22-23) de momentos de aprendizagem que permitam:

“pesquisar, seleccionar, organizar e interpretar informação de forma crítica em função de questões, necessidades ou problemas a resolver e respectivos contextos; rentabilizar as tecnologias de informação e comunicação nas tarefas de construção de conhecimento; comunicar, utilizando fontes diversificadas, o conhecimento resultante da interpretação da informação; auto-avaliar as aprendizagens, confrontando o conhecimento produzido com os objectivos visados e com a perspectiva de outros; (...) identificar situações problemáticas em termos de levantamento de questões; seleccionar informação e organizar estratégias criativas face às questões colocadas por um problema; debater a pertinência das estratégias adoptadas em função dos problemas; confrontar diferentes perspectivas em face de um problema, de modo a tomar decisões adequadas; propor situações de intervenção, individual e, ou colectiva, que constituam tomadas de decisão face a um problema, em contexto.”

Neste sentido, pode ler-se no referido documento (ME, 2001: 22-23) que cada professor deve:

“organizar e planear o ensino prevendo a pesquisa, selecção e tratamento da informação; promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, actividades dirigidas de pesquisa, selecção, organização e interpretação da informação; organizar e planear o ensino prevendo a utilização de fontes de informação diversas e das tecnologias da informação; promover actividades integradoras dos conhecimentos, nomeadamente a realização de projectos; (...) promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, actividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista e resolver problemas; organizar e planear o ensino prevendo a utilização de fontes de informação diversas e das tecnologias da informação e comunicação para o desenvolvimento de estratégias de resolução de problemas; promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, actividades de simulação e jogos de papéis que permitam a percepção de diferentes pontos de vista; promover a realização de projectos que envolvam a resolução de problemas e a tomada de decisões.”

Actualmente, a Biblioteca constitui um recurso fundamental de apoio ao professor na orientação dos seus alunos, no sentido de desenvolverem, segundo Bairrão e Gouveia (2007: 39), a “flexibilidade, a adaptabilidade, a autonomia, a responsabilidade, a abertura a novas ideias, a análise e diagnóstico das necessidades de informação e posteriormente proceder à sua avaliação.” Para que o docente possa orientar, tem de ser orientado metodologicamente para poder incentivar o aluno à utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação para a pesquisa de informação em bases de dados, análise, selecção de conteúdos para elaboração de trabalhos escolares e poder incluir nas suas aulas os recursos educacionais existentes na Biblioteca Escolar.

Nos nossos dias as Tecnologias de Informação e Comunicação facilitam o acesso à informação e todo o material interactivo e multimédia existente coloca à disposição do aluno todo o tipo de informação. Neste contexto, o professor participa como orientador na selecção e tratamento da informação, promovendo o desenvolvimento de competências em literacia da informação, que deveria ser integrada transversalmente na formação dos alunos, pois as competências em informação são fundamentais na sociedade do século XXI. As Tecnologias de Informação e Comunicação não substituem o professor, apenas modificam as suas funções,

pois deixam de ser difusores de conhecimento para conduzirem os seus alunos ao conhecimento, orientando-os na pesquisa e no relacionamento de informação, promovendo o espírito crítico, pois as redes digitais disponibilizam uma quantidade de informação que, segundo os autores (2007: 43), “ser capaz de nelas se orientar tornou-se um pré-requisito do próprio saber (...) a nova alfabetização”. Aquisição desta competência dá ao indivíduo autonomia para viver em sociedade de forma esclarecida. Para que o professor do século XXI desempenhe as funções que lhe são exigidas deverá ser integrado na sua formação inicial e contínua, para além das vertentes científica, pedagógica e didáctica, a vertente tecnológica numa perspectiva transdisciplinar. A mudança tem de se iniciar na escola e posteriormente no mercado de trabalho, pois se o processo for contrário o risco é falta de recursos humanos aptos.

Aos alunos do século XXI é exigido um processo de aprendizagem ao longo da vida, de forma a desenvolver competências linguísticas, comportamentais e tecnológicas, que permitam a sobrevivência na sociedade e no mercado de trabalho. Bairrão e Gouveia (2007: 47), referindo Delors, afirmam que a aprendizagem ao longo da vida assenta em quatro aprendizagens fundamentais, o aprender a conhecer (aproximação da realidade da sala de aula), o aprender a fazer, o aprender a viver em comum e o aprender a ser. Existe uma articulação entre a educação/ formação/ escola e a sociedade da informação. Rader (1996) aproxima-se de Delors quando refere que o ensino deve ter por base os recursos existentes no mundo real, deve interagir com o mundo, deve promover o trabalho colaborativo e utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação. Desta forma, a escola deve possibilitar a todos o acesso, a selecção, o tratamento e o uso da mesma informação, deve treinar os alunos na pesquisa e correcto tratamento da informação, para que o acesso ao conhecimento seja menos árduo. Na Sociedade da Informação, a Biblioteca Escolar adquire uma função preponderante, pois deve promover o gosto pela pesquisa e tratamento da informação, disponibilizando os recursos tecnológicos existentes.

As Tecnologias de Informação e Comunicação revolucionaram a sociedade e, consequentemente, o mercado de trabalho, a escola e a Biblioteca Escolar, cujo conceito alterou significativamente, na perspectiva de Bairrão e Gouveia (2007: 50), “surge assim como construtora social que reflecte a visão humana do indivíduo”. O indivíduo surge como o centro da Sociedade da Informação e, neste sentido, à escola e à Biblioteca Escolar apresenta-se o desafio de como preparar o cidadão do século XXI para o contexto social e cultural onde se insere. A relevância da informação é condicionada pelo contexto e pode ser encontrada e difundida em qualquer suporte e formato sem que a distância, o tempo ou o volume possam interferir. Perante a diversidade e quantidade de informação e, por vezes, a dificuldade de lhe aceder, levou as Bibliotecas Escolares a decidirem socorrer-se das Tecnologias de Informação e Comunicação interna (pesquisa na própria base de dados) e externamente (pesquisa na base de dados de outras Bibliotecas). As Bibliotecas Escolares, tendo o dever de fornecer serviços de qualidade à Comunidade Escolar, devem promover o desenvolvimento e melhoramento dos seus serviços. O digital é uma das ofertas que a

Biblioteca Escolar pode oferecer à Comunidade Escolar. A internet disponibiliza uma quantidade de informação que não dispõe de normalização nem classificação existentes numa biblioteca, o que dificulta o acesso aos documentos. Na realidade em que vivemos, a Biblioteca Escolar deve promover a pesquisa e o tratamento de informação com vista ao verdadeiro conhecimento.

A informação deixou de ser essencialmente o livro (texto e imagem) para ser também o vídeo, o áudio e o multimédia, transformando a Biblioteca Escolar num espaço interactivo, onde, segundo Bairrão e Gouveia (2007: 52), “é possível ver, ler, ouvir e até visitar”; e cooperativo, pois tem de se relacionar com todos os difusores de informação e de saber. O digital transforma a Biblioteca Escolar e conseqüentemente o mundo do utilizador, pois através do computador é possível a pesquisa, a partilha, a comunicação e a actualização de informação. Os autores (2007: 52) referem que a “BE assume-se assim como uma entidade onde os recursos de informação são de natureza digital, servidos por meios também eles digitais.” A Biblioteca Digital exige uma normalização (criação, conversão, catalogação, indexação, organização e difusão de materiais) que deveria ser internacional.

A sociedade do século XXI assiste a consideráveis mudanças a um ritmo acelerado, sendo uma dessas mudanças, as Tecnologias da Informação e Comunicação, tendo a escola que dar respostas rapidamente para tornar os seus alunos aptos a viver em sociedade e serem facilmente integrados no mercado de trabalho. As Tecnologias de Informação e Comunicação revolucionaram a escola e expandiram o denominado ensino por correspondência, actual ensino à distância, que passou pela troca de documentos em suporte papel; pelo áudio e vídeo; pela telemática até ao virtual, via Web, com possibilidade de aulas colaborativas em formato chat, recorrendo a várias tecnologias disponíveis no mercado global. A formação, tendo como base a Internet, vai condicionar a forma como o saber é assimilado, pois as tecnologias constituem simultaneamente um saber e a forma de aquisição ao saber. É uma ferramenta de uso profissional e lúdico.

O ensino em *e-learning* em rede suporta constantes actualizações instantâneas, tendo uma capacidade de armazenamento ilimitada e é fiável na distribuição e partilha de instrução e informação. Tem a vantagem de não impor tempo nem espaço no acesso; permitir a conversação/ interacção, entre formadores e formandos e formandos entre si, com recurso ao texto, ao áudio e ao vídeo, respeitando o ritmo do formando. O e-learning constitui simultaneamente desafio para os utilizadores e um recurso no combate à iliteracia tecnológica funcional.

Perante o contexto social actual, as Bibliotecas Escolares devem fomentar e incentivar a mudança pedagógica em contexto sala de aula, pois as Tecnologias de Informação e Comunicação são uma realidade e a sua integração na escola, na sala de aula, é uma necessidade. Este espaço deve constituir o elo de ligação entre o professor e as Tecnologias de Informação e Comunicação, fornecendo apoio aos professores no domínio desta área; fomentando uma pedagogia partilhada, mediante a criação de materiais e definindo métodos de trabalho e objectivos personalizados, que devem ser transmitidos aos

alunos. A Biblioteca Escolar deve ser encarada como aliada, na medida em que fomenta a comunicação, a cooperação e o trabalho em equipa, valorizando os hábitos de cidadania.

Assiste-se a uma revolução a vários níveis desde a concepção e organização da formação, passando pelos conteúdos da formação, pelas formas de aprender, pelas funções e perfis do formador até ao processo de validação e certificação de competências adquiridas.

As Bibliotecas, em geral, e a Biblioteca Escolar, em particular, debatiam-se com os problemas provenientes da explosão documental (materiais impressos e não impressos) e a dificuldade de organizar e gerir toda a informação. Neste contexto, as Tecnologias de Informação e Comunicação surgiram como uma mais-valia nos meios de acesso à informação, transformando a Biblioteca num espaço imprescindível numa sociedade organizada. Com esta explosão documental a Biblioteca deixa de ser um espaço de recolha, organização e conservação de livros para ser difusora de informação e prestadora de serviços à Comunidade.

2.3- A Biblioteca Escolar na Era Digital

“Uma Biblioteca Digital é a colecção de serviços e de objectos de informação, com organização, estrutura e apresentação que suportam o relacionamento dos utilizadores com os objectos de informação, disponíveis directa ou indirectamente via meio electrónico/ digital”.

Leiner (1988, citado por Bairrão e Gouveia, 2007: 127)

A Biblioteca Digital é constituída por documentos digitalizados organizados quer em suporte material quer *online* via *internet* com o objectivo de organizar, seleccionar e distribuir a informação, mantendo intactos os documentos originais. O digital permite a utilização da mesma informação ao mesmo tempo, em espaços distintos por diversos utilizadores, assim como o recurso simultâneo ao texto, som e imagem. A Biblioteca Digital elimina os condicionalismos impostos por uma Biblioteca física, nomeadamente o controlo do tempo, distância, quantidade de utilizadores, transporte, capacidade de memória e ubiquidade da informação. Bairrão e Gouveia (2007: 128) referem que “a biblioteca digital pode ser também designada por biblioteca electrónica, biblioteca sem muros ou biblioteca virtual.” Estes autores corroboram as ideias apresentadas por Rodrigues (1995: 25) que aponta três grandes características das Bibliotecas Digitais, o:

“[armazenamento] e acesso a volumes cada vez maiores de informação multimédia (texto, imagem, som, vídeo, etc.) em suportes digitais e diversos formatos, a par com a existência de documentos noutros suportes (nomeadamente o papel). (...) estarão acessíveis aos seus utilizadores a qualquer hora e de qualquer lugar. (...) as bibliotecas digitais permitirão (...) a pesquisa e o acesso às suas colecções locais ou a qualquer fonte de informação existente nas redes de comunicação onde estejam integradas. A

possibilidade de ligação virtual entre todas as bibliotecas transformará cada uma delas num nó de uma biblioteca digital a uma escala planetária.”

A qualidade e eficiência do tipo de serviço, disponibilizado pelas Bibliotecas Digitais, exigem, nas palavras de Rodrigues (1995: 25), a existência de “infra-estruturas técnicas que suportem o acesso e difusão dos seus serviços”. É fundamental que as escolas disponham dessas infra-estruturas de forma a facilitar o uso da Biblioteca Digital e que preparem os potenciais utilizadores para o seu manuseio para não ficarem imersos na quantidade de informação disponibilizada. Neste sentido, o autor (1995: 26-27) refere a necessidade de “desenvolver novos métodos de identificação, de catalogação, organização, classificação e indexação dos recursos electrónicos.”

A integração das tecnologias no ensino, em muitos países europeus, surge na década de 60. No entanto, em Portugal, é uma preocupação mais recente, que teve início na década de 80, mas, só na década de 90, esta realidade se sentiu nas escolas. Surge a integração das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas e o Ministério da Educação lança projectos que incentivam o seu uso. Estes projectos pretendiam levar os equipamentos para as escolas, formar os professores e procurar aproximar a escola da denominada Sociedade da Informação. O professor deixou de ser apenas um transmissor de saberes para ser, também, um orientador de percursos educativos, pois o professor tem de promover a proximidade entre a realidade da sala de aula e a realidade do aluno, pois a escola é mais que o estabelecimento de ensino, é uma organização social, um sistema de comportamentos. A Biblioteca Escolar deve intervir, introduzindo e desenvolvendo uma estrutura documental capaz de provocar mudanças na escola. Não esqueçamos que toda a organização da Biblioteca, a gestão da informação e do espaço são resultado de factores humanos e históricos. As Tecnologias de Informação e Comunicação constituem uma inovação da Biblioteca Escolar que vai ao encontro das práticas pedagógicas recorrentes do processo de ensino/ aprendizagem actual. O *Guia para ambientes de aprendizagem digitais* refere que à medida que cada vez mais recursos estão presentes na Web, mais propriamente na Web 2.0, quer alunos quer professores precisam de novas competências ao nível da literacia digital. Entre esses recursos encontram-se a pesquisa *online*; as plataformas (permitem a gestão da aprendizagem, mediante disponibilização de conteúdos e actividades aos alunos); os blogues (páginas Web de fácil edição que adoptam um conceito cronológico); as *Wikis* (ferramentas de edição colaborativa de documentos, rápida e fácil); os marcadores sociais (possibilidade de criar e gerir um sistema de marcadores ou favoritos, classificados através de etiquetas, disponíveis online de forma gratuita, pública ou privada); as aplicações *Google* (*Googledocs* para edição de texto, folhas de cálculo, formulários, apresentações, calendário, *Google Talk*, *Google Sites*, entre outras que permitem desenvolver trabalho colaborativo de forma fácil, desde que possuindo uma conta *Gmail*); as narrativas digitais (evolução natural da arte de contar histórias que recorre às ferramentas tecnológicas da idade digital); os *Podcasting* (forma de publicação de arquivos media digital, nomeadamente áudio, vídeo, foto, PPS, entre outros, na Internet, através de um *feedRSS*, que permite aos utilizadores acompanhar a sua

actualização); a partilha (possibilidade de disponibilizar apresentações de forma automática, mediante uso de ferramentas específicas para o efeito, nomeadamente o *Scribd*); a catalogação social (este tipo de serviços, como a *LibraryThing* e a *Shelfari*, permite construir uma rede social em torno de livros e de leitura, mediante a construção de uma prateleira virtual onde dispomos e apresentamos as nossas leituras e trocamos impressões); as redes sociais (espaços de interacção, colaboração e partilha como o *Twitter* e o *Facebook*); *Google Earth* (aplicação Google que permite sobrevoar qualquer parte da Terra para visualizar imagens de satélite, mapas, relevo, edifícios 3D, com possibilidade de explorar conteúdo geográfico complexo, guardar os locais visitados e partilhá-los); organização de fontes (possível, mediante uso de ferramentas como *Zotero*, que permitem a criação automática de bibliografias, organização de fontes e de citações); e a produção de livros electrónicos (possível, mediante uso de ferramentas como o *issuu*, o *yudu*, o *myebook* e o *calameo*, que permitem o carregamento e armazenamento de ficheiros em PDF e a criação de códigos *html* incorporado). No entanto, toda esta diversidade de ferramentas contribui para a ausência de espírito crítico, a redução da imaginação e criatividade, a alteração nas relações pessoais e o plágio.

Publicar conteúdos *online* é frequente nas Bibliotecas Escolares. No entanto, é importante verificar a existência de equipamentos e recursos humanos necessários para a gestão desses conteúdos. O planeamento, a concepção e implementação de um projecto de disponibilização de conteúdos online apresenta consideráveis vantagens para além da capacidade de armazenamento de dados, rapidez de produção, facilidade de actualização ou correcção e possível interactividade, a disponibilidade do conteúdo (tempo e local de entrega e dimensão da informação), a transparência e interactividade do conteúdo e o formato do conteúdo (hipertexto e multimédia).

Bairrão e Gouveia (2007) continuam, referindo que há que considerar que a existência das tecnologias não garante o seu uso, pois este depende da forma como o contexto social, económico e cultural interage com as novas tecnologias. As publicações de livros e documentos electrónicos exigem software de leitura próprio para permitir o acesso aos mesmos e existem serviços na Web que permitem a criação e desenvolvimentos de bancos de dados de texto integral. Estas realidades mobilizam grupos editoriais no sector da informática. Este sector foi incapaz de criar um mercado sustentável, por não possuir concepções teóricas claras relativamente à edição electrónica. A edição electrónica coloca algumas questões relativamente às clássicas definições de autor, leitor e suas relações, pois a distinção entre leitor e autor é cada vez menos clara, porque os recursos tecnológicos disponíveis permitem que o leitor se transforme em autor.

É fundamental que a Biblioteca Escolar disponha duma equipa multidisciplinar para a concretização de projectos e o papel do Coordenador, actual Professor Bibliotecário, é determinante na gestão da informação na Biblioteca. Esta função é actualmente desempenhada por professores recrutados ao abrigo da Portaria nº 756/ 2009 de 14 de Julho, que estabelece critérios de selecção, sendo um deles a formação no âmbito das novas

tecnologias. O coordenador/ Professor Bibliotecário deverá ter formação em biblioteconomia, competências em comunicação educacional e gestão da informação, assim como competências no domínio das novas tecnologias, deverá estar em contacto *online* com outras unidades documentais e publicações electrónicas.

As novas tecnologias e o digital adquirem importância vital dentro da Biblioteca Escolar, pois permite um contacto mais assíduo com outras unidades documentais, permite a candidatura directa a fundo documental, permite a elaboração de uma base de dados, com software específico, com a catalogação, classificação e indexação de documentos, com base num catálogo normalizado, que poderá ser disponibilizada ao utilizador dentro da própria Biblioteca ou *online* para consulta à distância. Este programa de informatização de fundo documental permite ainda ter um registo dos utilizadores da Biblioteca assim como um registo de empréstimo domiciliário.

A Sociedade da Informação é caracterizada pelo recurso intensivo às novas tecnologias e a troca de informação é feita sobretudo via computador em suporte digital. As novas tecnologias e o digital trouxeram uma nova forma de encarar a Biblioteca e alteraram as funções da própria unidade documental, que passou a ser difusora de conhecimento.

A expansão das novas tecnologias e o surgimento da Sociedade da Informação, em que a internet e o digital assumem um papel de destaque, colocam questões quanto à natureza e funções do livro como o conhecemos e acerca da sua possível substituição pelo livro digital. A Internet e o digital obrigaram à reformulação da legislação relativamente aos direitos de autor, pois actualmente as publicações digitais ganham cada vez mais forma, sendo necessária a certificação dos seus direitos como autor.

O digital, a *Web*, ou seja, a *Web 2.0* fizeram repensar a Biblioteca Escolar, e neste âmbito, o blogue, enquanto, segundo Alvim (2007: 38), “ferramenta de escrita e de leitura colaborativa” assume um papel fundamental. Neste contexto, a autora (2007: 38-44) apresenta:

“o blogue em duas perspectivas principais: blogues como fontes de informação nos serviços internos das bibliotecas; e blogues como ferramentas que as bibliotecas podem usar para promover os seus serviços e proporcionar canais de comunicação com os seus utilizadores. (...) O blogue torna-se numa excelente ferramenta para (...) gestão das colecções na Web e a gestão interna dos próprios serviços. Não é preciso ter conhecimentos em (...) linguagem HTML, tornando o blogue uma ferramenta de fácil uso e ideal para pequenas bibliotecas (...) o blogue humaniza as estruturas de documentação e informação, aproxima o leitor à instituição, (...) possuindo uma componente social importante.”

Barreto (2007: 10) corrobora Alvim relativamente à funcionalidade e vantagens do blogue, referindo ser “uma útil e rápida fonte de informação, comunicação e entretenimento”, “oferecem uma grande provisão de serviços gratuitos e são fáceis de manejar.”

Na mesma linha de pensamento dos autores supra citados, e no âmbito do contexto social actual, Conde (2010: 31) refere que as Bibliotecas Escolares foram:

“convocadas para novas formas de gestão da informação e do conhecimento, que asseguram a avaliação e validação das diferentes fontes e recursos e promovem a sua organização e difusão selectiva, estimulando o acesso físico e virtual à documentação e à informação que suportam o currículo e a actividade da escola. Bibliotecas digitais, catálogos multimédia *online*, serviços de referência virtual, bases de dados, páginas *Web*, plataformas *e-learning*, blogues, redes sociais e outros serviços *Web 2.0* de partilha e interacção com os utilizadores compõem hoje a paisagem informativa e comunicacional das bibliotecas escolares.”

O digital entrou na Biblioteca, transformou-a e exigiu mudança de atitude e de mentalidades e uma necessidade de adaptação e aprendizagem progressiva de novas formas de ser e estar. É para esta realidade que os alunos, utilizados, cidadãos devem ser preparados.

3-PAPEL DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES NA FORMAÇÃO DE LEITORES

“Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literacia, de leitura, de aprendizagem, de resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação.”

(IFLA/UNESCO, 1999⁹).

A dimensão e visibilidade conquistadas pela Biblioteca Escolar em muito se deve à Rede de Bibliotecas Escolares (1996) e, conseqüentemente, ao Plano Nacional de Leitura, que surgiram com o objectivo de criar e formar leitores. Neste âmbito, não confundamos leitor e alfabetizado, pois um alfabetizado pode não possuir uma compreensão leitora, apenas descodifica o texto escrito. A descodificação é, segundo Araújo (2007: 9), a primeira fase do processo da formação de leitores, que deve contemplar não só a descodificação, mas também “o desenvolvimento da fluência e o conhecimento do vocabulário e dos vários processos de compreensão.” Sardinha (2007), assim como os investigadores na área da Psicologia Cognitiva da Leitura, faz uma distinção entre leitura (compreensão) e descodificação, pois ser leitor contempla a forma como se efectua e processa a leitura e, neste sentido, Sardinha (2007:1)

⁹ Consultado a 11 de Outubro de 2010 em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=manifesto_be_unesco.pdf

refere que “é necessário formar leitores competentes, leitores capazes de compreender e interpretar o texto escrito”. A autora (2007:2) salienta que um leitor que vá “desenvolvendo as suas estruturas linguísticas, cognitivas e culturais será, certamente, um bom leitor”, até porque conquistará um grau de autonomia a nível de relacionamento, síntese e aplicação de conhecimentos. Alerta, ainda, para a importância da aquisição de uma compreensão leitora na aquisição de competências noutras áreas do saber. Desta forma, literacia assume-se como uma capacidade de processamento da informação escrita na vida quotidiana, capacidades de leitura, escrita e cálculo.

Gomes (1996: 11) refere que “um leitor forma-se desde o berço”, que o gosto pelos livros tem que ser inculcado o quanto antes e deve ser associado a momentos de prazer para que, no futuro, o adulto queira o livro como especial e frequente companhia. Gomes (2006: 5) acrescenta que:

“Aliado à prática conversacional com a criança e ao hábito de lhe contar histórias diariamente desde os primeiros anos de vida, o livro infantil é um dos melhores instrumentos de que dispomos para proporcionar aos mais novos a possibilidade de se tornarem seres humanos mais livres e cultos, solidários e críticos, graças a esse gradual domínio da palavra e da competência literária que a leitura propicia. (...) gente capaz de, identificando-se com a personagem de uma história, entender melhor as alegrias, dores e sonhos de um ser humano; gente capaz de saber enfrentar as duras realidades da existência, as frustrações e as feridas narcísicas, e de empreender um percurso de vida em sociedade baseado na capacidade de modelizar e reinventar o real através da linguagem. (...) Saber ler, adquirir a pouco e pouco o gosto de ler constitui, deste ponto de vista, uma conquista fundamental no processo de educação para a cidadania.

Neste contexto, Veloso (2005: 3) alerta para a importância da selecção do livro, pois não basta que o livro tenha ilustrações magníficas, apesar de, “quando ela existe, (...) ser uma questão pacífica o reconhecimento da sua importância”, é, também, fundamental que seja rico em conteúdo, que seja “simples sem ser simplista” pois:

“A temática das narrativas ou dos poemas para crianças tem de ter em conta a especificidade do destinatário, como é óbvio; este é um ser para quem a ficção responde à natural necessidade de compreender o mundo. O que as histórias contam à criança permite um estilhaçar das paredes de vidro que a limitam, levando-a a penetrar num mundo que quer conquistar, mas também lançam luz em zonas obscuras do seu íntimo, clarificando dúvidas, desfazendo medos, construindo, enfim, uma identidade. Mas para que isto aconteça, a narrativa não pode pactuar com o estereótipo e, muito menos, cultivar o didactismo ou a imposição moralista. Assim, tudo o que diga respeito ao universo envolvente da criança, assim como ao seu mundo interior é a matéria privilegiada para a sensibilidade e a inteligência do jovem leitor.”

Neste sentido, é importante que os pais e educadores, que fazem a selecção, tenham critérios e, nos dias de hoje, há uma revista para consulta que poderá auxiliar na escolha, a revista *Malasartes*. O autor (2005:3-9) continua, salientando a importância do estímulo dos sentidos, nomeadamente o olhar, dizendo que:

“tem de existir uma aprendizagem do olhar, que assenta numa descoberta do imediato e do mediato, numa captação da densidade estética da imagem, numa percepção semântica do seu conteúdo, na capaz articulação com o texto verbal à qual está associada, enfim, na recepção plena da mensagem icónica transmitida ao leitor. Ver as ilustrações de um livro, quando elas têm qualidade, é como visitar uma pinacoteca onde se pode fruir a plenitude da obra plástica; a forma de ver o mundo transforma-se e a nossa sensibilidade apura-se. (...) A criança é hoje, mais do que nunca, um ser imagético, vivendo envolvida por um número imenso de imagens que contribuem decisivamente para uma cultura já diferente da dos seus pais e sendo sujeita a um processo de massificação esmagador. Dos álbuns, onde a imagem reina em plenitude, até ao pequeno romance de aventuras, povoado por um pequeno número de ilustrações, os livros que se destinam às crianças contêm imagens de natureza muito diversificada. Ensina-se a criança a ler mas não se educa o olhar; ora, sabemos que na formação do gosto e no apurar dos sentidos, não falando já de um certo aprofundamento estético, o livro ilustrado pode realizar um trabalho fundamental. Para isso tem que ser uma alternativa ao estereótipo, onde a imagem simplista, superficial, explícita leva a criança ao imediatismo do olhar massificado.”

Moreno (2000: 8), contestando autores como Araújo (2007), Sardinha (2007), Gomes (1996 e 2006) e Veloso (2005), relativamente ao papel da Escola/ Biblioteca Escolar, afirma que a função prioritária da escola não é fazer leitores, é desenvolver e aperfeiçoar a competência leitora proveniente da infância, uma vez que, e, neste ponto, corroborando Gomes (1996):

“El hábito lector, si existe, se forma y se conforma desde la infancia hasta la vejez. Nada está seguro en él y nadie puede fiarse de que su hábito sea para siempre. Leer, más que hábito, es tenacidad, constancia, fidelidad. Por eso, aquellos que dicen que no tienen tiempo para leer dicen la verdad. Lo que, realmente, no tienen es voluntad, carácter y temperamento lector.”

Moreno (2000: 8) continua, afastando-se de Araújo (2007), Sardinha (2007), Gomes (1996 e 2006) e Veloso (2005), salientando que “Leer no es un juego, ni una aventura, ni un viaje” e que não se pode dissociar o desenvolvimento da competência leitora do processo de ensino-aprendizagem da língua e da literatura ministrado na escola. Acrescenta que fazer animação leitora é fácil, que os alunos gostam, pois não têm que ler, assistem ao desempenho do animador, e que é difícil é desenvolver a competência leitora, é fazer aceder ao conteúdo do livro, no fundo, o difícil é desenvolver a compreensão da leitura. O autor arrisca dizer que “en los juegos de animación lectora los niños leen, pero, cosa curiosa, no se hacen lectores” e que “la animación lectora no garantiza la existencia futura de unos fervientes lectores.” A filosofia do autor distingue o acto de leitura de competência leitora, sendo a competência leitora que define o leitor, isto é, a capacidade de compreender e aceder ao conteúdo lido. Afasta-se dos restantes autores, na medida em que destitui a animação de leitura do seu papel no processo de formação de leitores.

No entanto, é inegável o papel da escola no processo e, conseqüentemente, da Biblioteca Escolar, que, desde a integração na rede, tem procurado, graças aos orçamentos

daí provenientes, criar ambientes propícios à leitura. Desta forma, Veiga (2001: 33) refere que:

“a biblioteca escolar deve constituir-se como um núcleo da organização pedagógica da escola, vocacionado para as actividades culturais e para a informação tendo em vista realizar, entre outros, os seguintes objectivos: tornar possível a plena utilização dos recursos pedagógicos existentes e dotar a escola de um fundo documental adequado às necessidades das diferentes disciplinas e projectos de trabalho; permitir a integração dos materiais impressos, audiovisuais e informáticos e favorecer a constituição de conjuntos documentais, organizados em função de diferentes temas; desenvolver nos alunos competências e hábitos de trabalho baseados na consulta, tratamento e produção de informação, tais como: seleccionar, analisar, criticar e utilizar documentos; desenvolver um trabalho de pesquisa ou estudo, individualmente ou em grupo, a solicitação do professor ou de sua própria iniciativa; produzir sínteses informativas em diferentes suportes; estimular nos alunos o prazer de ler e o interesse pela cultura nacional e universal; ajudar os professores a planificarem as suas actividades de ensino e a diversificarem as situações de aprendizagem; associar a leitura, os livros e a frequência de bibliotecas à ocupação lúdica dos tempos livres.”

Assim, a Biblioteca Escolar terá a missão de dar continuidade ao trabalho iniciado no seio familiar, impedindo que haja uma ruptura com a entrada para a escola. A Biblioteca deve ser o espaço de aprendizagem das competências de informação e, de acordo com o *Manifesto da Unesco sobre as Bibliotecas Escolares*, deve proporcionar oportunidades de produção e utilização de informação para o conhecimento, compreensão, imaginação e divertimento, assim como deve apoiar os alunos na aprendizagem da prática da capacidade de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza, suporte ou meio, usando de sensibilidade relativamente aos modos de comunicação de cada comunidade e facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática. Sem dúvida, para que todos estes princípios sejam empreendidos e conseguidos, é necessário a presença do Professor Bibliotecário que tem de ter capacidades para apoiar alunos e professores no uso dos recursos de informação (material e equipamento) para poder contribuir para o ensino das competências de informação na escola. Para além de tudo isto, o Professor Bibliotecário deve ter a capacidade de planear conjuntamente com professores e alunos actividades que se baseiem na informação, que recorram às Tecnologias da Informação e que vão ao encontro do Projecto Educativo, apoiando-o.

No fundo, a Biblioteca Escolar, conjuntamente com o Órgão de Gestão, deve empreender um plano de acção que envolva toda a Comunidade Educativa contemplando a leitura e a literacia como uma das prioridades do Projecto Educativo (constituindo grupos de trabalho de educadores e professores dos vários níveis de ensino com a missão e propor medidas de promoção da leitura e da literacia, de acordo com o previsto no Plano Nacional de Leitura); reflectindo em Conselho Pedagógico e em Departamentos Curriculares a realidade da escola (resultando propostas de actividades que envolvam toda a Comunidade Educativa); sensibilizando Pais e Encarregados de Educação para a importância da leitura na formação dos seus educandos (através das reuniões com os Directores de Turma).

Coronas (2000), na mesma linha de pensamento, apresenta a Biblioteca Escolar, como o centro da escola, que interage com os alunos, com os professores, com a sala de aula, com os pais e encarregados de educação e com o exterior (Biblioteca Pública), divulgando aos utilizadores e para o exterior a dinâmica da Biblioteca. O autor (2000:8) acrescenta, ainda, que se apresenta como um espaço com imensas potencialidades pedagógicas, nomeadamente:

“La biblioteca escolar permite la democratización de los medios y materiales de aprendizaje, ya que los pone a disposición de todas las personas que acuden a ella. Es compensadora de desigualdades, en cuanto que proporciona a niños y niñas de familias desfavorecidas recursos de los que carecen en su casa. Es un espacio civilizador porque ofrece un ambiente relajado, de reflexión y aprendizaje. Es también un lugar para practicar la cooperación, es decir, un lugar donde niños y niñas comparten tiempos, trabajos y lecturas con otros colegas. Es potenciadora del hábito lector para todos aquellos niños y niñas que, debidamente motivados, acuden a sus instalaciones a leer, consultar, hojear, etc. Posibilita el acceso a fuentes diversificadas de información: libros, revistas, prensa, publicaciones alternativas, vídeos, CD-rom, internet, etc. Es depositaria de la memoria impresa del centro escolar si en ella se guardan todas las publicaciones que se hacen en el colegio: revistas, dossiers, monografías, libritos y cualquier material elaborado en las clases. Es un espacio inagotable de aprendizaje si el usuario aprovecha todo el potencial disponible en las estanterías.

Silva (2000) corrobora as ideias apresentadas, referindo que a Biblioteca Escolar deve envolver os alunos proporcionando-lhes acesso a obras literárias, científicas e informativas actuais e em diferentes suportes e motivando-os através de recursos atraentes, úteis, lúdicos e formas de funcionamento fáceis. É importante, ainda, desenvolver acções com os alunos, nomeadamente visitas guiadas à Biblioteca, envolvimento dos mesmos nas suas actividades (monitores, sessões de trabalho, clubes, celebração de festas, ...), realização de actividades de animação e promoção da leitura (hora do conto, feira do livro, concursos, encontros com escritores ...), elaboração de fichas de leitura, exposições dos seus trabalhos realizados no âmbito das diferentes áreas curriculares e sessões de trabalho sobre a Biblioteca (importância e funcionamento da Biblioteca, serviços por ela prestados, responsabilização do leitor, arrumação de obras nas estantes, entre outros assuntos). O envolvimento dos professores é necessário, também, devendo estimulá-los a utilizarem recursos de informação variados na sala de aula e nas actividades docentes em geral; atraindo-os através de propostas de trabalho para as suas aulas que integrem materiais existentes na Biblioteca Escolar; divulgando novas aquisições; organizando dossiês e ficheiros com informação que facilite a utilização dos recursos da Biblioteca, no trabalho lectivo. A Biblioteca pode colaborar, ainda, com os docentes lendo, na aula, obras existentes na Biblioteca Escolar; orientando trabalhos de pesquisa e realizando projectos com base nos recursos aí existentes e realizando sessões de leitura, tertúlias, envolvendo os Professores de Línguas e de Artes.

A Biblioteca Escolar tem que se tornar o centro da escola, em torno do qual se desenvolve o currículo e a aprendizagem; deve ser agente de mudança e de progresso, porque constitui um centro de recursos e de informação diversa, deve dar passos decisivos para

formar leitores assíduos, competentes, capazes de aceder à informação em diferentes suportes, seleccioná-la, compreendê-la e transformá-la em conhecimento mobilizável.

As parcerias, com entidades exteriores à escola, constituem outro dos aspectos fundamentais na dinâmica da Biblioteca Escolar em prol da promoção da leitura e do desenvolvimento das diferentes literacias. Algumas das entidades que podem colaborar com a Biblioteca Escolar são as autarquias, a Biblioteca Pública, o Centro de Saúde, os Bombeiros, a Polícia de Segurança Pública, Editoras, Escritores e/ ou Ilustradores, que poderão intervir junto dos alunos e/ ou professores numa perspectiva profissional e/ ou especializada. Veiga (1996), no documento *Lançamento da Rede de Bibliotecas Escolares*, prevê a parceria entre a Biblioteca escolar e a Biblioteca Pública, designada Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE), mediante o serviço de apoio técnico, empréstimo de fundo documental, dinamização de actividades de promoção da leitura e formação de utilizadores. Neste sentido, é claro o papel atribuído à Biblioteca Pública na formação contínua de Professores/ Professores Bibliotecários e na formação de alunos no âmbito da leitura e das literacias. Na mesma linha de pensamento de Veiga (1996), Fitzgibbons (2002) alerta para o objectivo comum das Bibliotecas Escolar e Pública, apesar do público distinto, a promoção da literacia da informação. Não nos esqueçamos que o público da Biblioteca Escolar pode ser utilizador da Biblioteca Pública e, neste sentido, é fundamental, entre estas duas entidades, um trabalho colaborativo, articulado e assente nos conteúdos curriculares.

Conde (2010: 31), no que concerne à parceria entre Biblioteca Pública e Biblioteca Escolar, refere ser uma das intenções da Rede de Bibliotecas Escolares com o objectivo de rentabilizar recursos existentes, na medida em que se pode aglutinar “objectivos e serviços comuns”, sendo um bom exemplo desta parceria os portais e catálogos colectivos e a “criação de redes concelhias [que associam] bibliotecas públicas e escolares”. Ainda, relativamente às parcerias, Conde (2010: 32) apresenta o Plano Nacional de Leitura e o Plano Tecnológico da Educação como parceiros da Biblioteca Escolar, na medida em que “partilham objectivos e estratégias de intervenção” e a sua actuação conjunta contribui para “a promoção da leitura e das competências tecnológicas e digitais dos alunos”. Salienta o papel no projecto aLer+ neste domínio, pois associa “a iniciativa das bibliotecas escolares aos grandes objectivos do PNL”.

Nesta sequência, cada Biblioteca Escolar submeter-se-á a uma avaliação como processo de acompanhamento do trabalho desenvolvido com vista à melhoria. Neste sentido,

“(…) Avaliação, através da recolha de evidências, ajudará cada BE a identificar o caminho que deve seguir com vista à melhoria do seu desempenho. A avaliação deverá contribuir para a elaboração do novo plano de desenvolvimento, ao possibilitar a identificação mais clara dos pontos fracos e fortes, o que orientará o estabelecimento de objectivos e prioridades, de acordo com uma perspectiva realista face à BE e ao contexto em que se insere.” (*Modelo de Auto-Avaliação*, 2009¹⁰ e *Modelo de Avaliação*, 2011¹¹).

¹⁰ Consultado a 11 de Outubro de 2010 em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=31&fileName=Modelo_de_avaliacao.pdf

O modelo disponibilizado, que deverá ser do conhecimento de todos os envolvidos no processo, funciona como um documento orientador do plano de desenvolvimento do trabalho a concretizar pela Biblioteca Escolar de forma a permitir que os envolvidos reconheçam os pontos fortes, os pontos fracos, os pontos a melhorar e as oportunidades que se colocam ao seu alcance.

¹¹ Consultado a 18 de Fevereiro de 2011 em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/745/mabe.pdf>

CAPÍTULO II

PROFESSOR BIBLIOTECÁRIO

1 - AS FUNÇÕES DO PROFESSOR BIBLIOTECÁRIO

“A função do Professor Bibliotecário implica um trabalho de proximidade e articulação com os professores que trabalham directamente com as turmas, para a programação de experiências de aprendizagem autênticas e para a preparação de instrumentos de avaliação de conhecimentos dos alunos que integrem as capacidades de uso da informação e comunicação previstas nos objectivos curriculares.”

TODD (2003), traduzido e adaptado por MARTINS (2010: 26)

O Professor com funções na Biblioteca Escolar não constitui uma inovação na sociedade actual. Inovador é o papel que lhe é atribuído e as competências que lhe são exigidas. A nomeação de um docente para o desempenho de funções na Biblioteca Escolar não obedecia a critérios de competência nem de mérito, mas, por vezes, às necessidades da escola em atribuir serviço a docentes com ausência de componente lectiva ou colocados ao abrigo de decretos legislativos especiais.

À medida que a Biblioteca Escolar se foi evidenciando e se foi adquirindo a percepção do papel que poderia desempenhar, não apenas na disponibilização de fundo documental mas também no desenvolvimento de competências dos alunos, essenciais na actualidade a vários níveis, alterou-se o perfil exigido para o denominado Coordenador da Biblioteca Escolar, actual Professor Bibliotecário, tendo sido necessário a legislação desse perfil e a designação de critérios específicos para a sua selecção e nomeação, que surgiram, em Portugal, com a criação da Rede de Bibliotecas Escolares, em 1996.

Os desafios que são colocados às Bibliotecas Escolares, na sequência do digital e das novas tecnologias exigem novas funções e competências por parte do Professor Bibliotecário ou “cibertecário”, nas palavras de Rodrigues (1995). O autor (1995: 29) refere que a biblioteca digital não substitui as funções do Professor Bibliotecário no acesso à informação por parte do utilizador, o seu papel é tão ou mais importante, pois, perante a quantidade de informação massiva, o Professor Bibliotecário deve “promover o acesso à informação, organizando-a, descrevendo-a, preservando-a e criando instrumentos que facilitam a sua localização e difusão”. Cabe, ainda, ao Professor Bibliotecário, segundo Rodrigues (1995: 29), perante:

“o excesso de informação, a desorganização (...) que caracterizam actualmente a internet [estabelecer e utilizar] princípios e técnicas de organização e identificação, de catalogação, classificação e indexação dos recursos (...) facilitando a sua utilização.”

Na mesma linha de pensamento de Rodrigues, Hannesdóttir (1995:3) aponta e clarifica as competências necessárias num Professor Bibliotecário na sua missão de promoção da literacia da informação, sintetizando-as em três domínios, “informação e estudos de biblioteca”, no âmbito do “desenvolvimento da colecção”, “da aquisição e organização” de fundo documental e dos “serviços de informação”; “gestão”, no âmbito da “política de

desenvolvimento e implementação” da mesma, da “gestão de recursos” e das “finanças e controlo do orçamento” disponível; e “formação”, no âmbito da “cooperação no desenvolvimento curricular” (Anexo 6), da “integração da utilização da perícia de informação” e da “orientação e promoção do uso da informação”. Hannesdóttir (1995: 21-33) refere, ainda, que o profissional da Biblioteca Escolar tem a função de:

“esboçar uma política de aquisições para orientar o desenvolvimento adequado da colecção de fontes que suportarão o programa de educação da escola; (...) desenvolver procedimentos para ordenar, receber e processar recursos de educação; (...) organizar material de acordo com esquemas de classificação (...) e princípios apropriados e padronizados de catalogação (...) indexar material disponível (...) para pesquisa por assunto; (...) estudar e avaliar as necessidades de informação de professores e alunos; (...) participar como um parceiro de ensino na realização de objectivos de aprendizagem identificados, através de apropriadas estratégias de ensino-aprendizagem; (...) analisar o comportamento de procura e os interesses de alunos e professores e relacionar essas necessidades e interesses para adequar fontes de informação; (...) coordenar a integração de contínua utilização da perícia de informação dentro do *currículo* da escola; (...) planejar e delinear em cooperação com professores e alunos, actividades baseadas em recursos, incluindo tecnologias de informação e fontes disponíveis através de canais electrónicos; (...) relacionar recursos de ensino particulares (...) com aspectos do *currículo* da escola (...)”

Vivemos na denominada Sociedade da Informação e temos consciência de que esta constitui um desafio para os educadores e, sobretudo, segundo Kuhlthau (1999) para o Professor Bibliotecário, que, corroborando Hannesdóttir (1995), perante a abundância de informação e de suportes de informação, deve auxiliar os professores das áreas curriculares a orientar os alunos nessa imensidão de informação. Segundo Eveillé (2007) este profissional surge como parceiro do aluno no processo de pesquisa de informação, que se desenvolve, segundo o autor (2007), em seis etapas, iniciando-se na identificação do tema, passando pela procura de fontes de informação, pela selecção dos documentos, por retirar dos documentos a informação pertinente, pelo tratamento da informação e culminando na comunicação da informação. O autor (2007) refere que “o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e a sua apropriação por um número crescente de pessoas aumenta a obrigação de ensinar as competências relativas à pesquisa, ao tratamento e à comunicação da informação.”¹² Desta forma, a Biblioteca Escolar e, conseqüentemente, o Professor Bibliotecário assumem um papel pedagógico fundamental, contribuindo para a formação do aluno e auxiliando os outros professores.

Neste contexto, Tarapanoff (2000) refere a necessidade de educar para a utilização da informação e para a sociedade da informação e apresenta o Professor Bibliotecário como aquele que ensina a criar, pesquisar e consumir informação, ou seja, o intermediário e apoiante no acesso à informação, aquele que tem a missão de promover e desenvolver a

¹² Consultado a 30 de Dezembro de 2010 em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=pesquisa_informacao.pdf

literacia da informação. A autora (2000)¹³ aponta as novas tecnologias como facilitadoras do velho papel atribuído ao Professor Bibliotecário e, neste sentido:

“o bibliotecário deve, em primeiro lugar educar-se nas tecnologias da informação para ter acesso e participar no processo de informação globalizada, e, em segundo, instruir/ educar usuários a utilizar a informação em meio digital e disponível nas redes (..) gestão da informação (...) voltada para o aprendizado e em relação constante com o ambiente.”

A sociedade do século XXI está em constante mudança e o Professor Bibliotecário assume-se, dentro da escola e da Biblioteca, como um agente de mudança. Kreiser e Horton (1992: 313) apresentam o Professor Bibliotecário como “information providers, consultants, curriculum activists, instructional designers, instructional leaders, production specialists and most important, teachers”. Na mesma linha de pensamento, Schelley-Robinson (1999) refere o Professor Bibliotecário como um agente de mudança na sociedade vigente e como um líder capaz de orientar os outros docentes da escola para as mudanças processadas no sistema educativo e auxiliando-os no desenvolvimento das competências em literacia da informação, contribuindo para a formação dos alunos. Isto, porque os alunos têm de ser preparados para essas transformações rápidas e continuadas e é, nessa preparação, que reside, segundo Scheirer (2000), o papel do Professor Bibliotecário. A sua missão e a da Biblioteca Escolar, em muito, são auxiliadas pelas oportunidades facultadas pelas novas tecnologias. Scheirer (2000) refere que o profissional da Biblioteca Escolar deve ser proficiente na avaliação da informação, mas, acima de tudo, deve estar em sintonia, trabalhando em parceria com os docentes, estimulando, nos alunos, o desenvolvimento de competências em literacia da informação e promovendo a aprendizagem ao longo da vida. A autora (2000) indica sete funções fundamentais a serem exercidas pelo Professor Bibliotecário: “collaborative and the curriculum leadership”, “instructional”, “instructional technologist”, “library management”, “information specialiste”, “advocate” e “information literacy”.

IFLA/ UNESCO (2002) refere, também, que a função do Professor Bibliotecário é contribuir para a missão da escola, colaborando com os seus dirigentes e professores. Este processo de colaboração contempla o envolvimento no desenvolvimento das planificações e implementação do currículo (Anexo 6). Acrescenta que o Professor Bibliotecário é um gestor de informação, é o perito no uso de todas as fontes de informação seja ela impressa ou electrónica. A orientação na pesquisa e uso da informação é fundamental, na medida em que segundo IFLA/ UNESCO (2005), a “competência informacional e o aprendizado ao longo da vida são os faróis da Sociedade da Informação, iluminando os caminhos para o desenvolvimento, a prosperidade e a liberdade”. IFLA/ UNESCO (2002) apresenta, também, como função do Professor Bibliotecário o dever de promover a leitura e de desenvolver a articulação curricular, daí a necessidade e importância de ser aceite e considerado como um membro entre os docentes. Cabe, ainda, ao Professor Bibliotecário e equipa proporcionar um ambiente de leitura e aprendizagem atractivo para todos os alunos.

¹³ Consultado a 30 de Dezembro de 2010 em <http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/Kira.doc>

ASLA (2004) vai mais longe, quando exige ao Professor Bibliotecário que no seu desempenho profissional manifeste conhecimento e práticas adequadas às funções atribuídas e que estabeleça um compromisso com essas funções. Neste sentido, no domínio do conhecimento, ASLA (2004) refere que o Professor Bibliotecário deve ter conhecimento dos princípios de aprendizagem ao longo da vida; deve estar disponível para aprender e ensinar, isto é, ser capaz de auxiliar e orientar os alunos de diferentes áreas curriculares e níveis de ensino; deve conhecer a Comunidade envolvente do espaço em que actua e conhecer o currículo escolar e, deve, ainda, ter um conhecimento abrangente no domínio dos recursos existentes no âmbito das novas tecnologias e gestão de bibliotecas escolares. ASLA (2004) aponta, também, as funções práticas do Professor Bibliotecário, que dada a quantidade de informação, deve desafiar e apoiar o aluno em contexto de aprendizagem; deve planificar actividades e conteúdos colaborativamente e proporcionar recursos adequados aos programas curriculares, tendo em vista a promoção da leitura e o desenvolvimento da literacia da informação; disponibiliza serviços de Biblioteca e de informação adequados e avalia aprendizagens e serviços. Por fim, ainda, indica que o Professor bibliotecário tem de estabelecer um compromisso profissional no desempenho das suas funções promovendo a aprendizagem ao longo da vida, pondo em prática os princípios da aprendizagem e da Biblioteca e liderando a Comunidade Escolar. ASLA (2006: 13) continua, apresentando os procedimentos a tomar pelo Professor Bibliotecário no desempenho das suas funções no âmbito da promoção da literacia da informação:

“identificar potenciais parceiros com preocupações comuns e seriamente comprometidos na construção de uma comunidade escolar literata em informação; promover um sentido de pertença entre todos os participantes, porque o sucesso será maior se todos estiverem envolvidos nos diversos momentos de planificação; criar uma visão partilhada, ou seja, envolver todos os participantes na identificação das necessidades da comunidade escolar, recursos disponíveis, estratégias potenciais e resultados desejáveis; respeitar o facto dos diversos parceiros terem diferentes agendas; elaborar um plano e distribuir tarefas, promovendo uma atitude de disponibilidade. Se todos estiverem disponíveis para fazer o que for preciso, o projecto será bem sucedido; realizar reuniões proveitosas, respeitando o tempo, solicitando a participação de todos e seguindo de forma rigorosa a ordem de trabalhos; manter uma comunicação regular com todos os elementos do projecto através dos canais de comunicação estabelecidos; manter a comunidade informada. Preparar um plano de comunicações e aproveitar as oportunidades mais apropriadas; expressar apreciações, reconhecendo em cada um e em todo o grupo a participação e a disponibilidade; avaliar o esforço. Identificar o que correu bem, o que correu menos bem e estabelecer os passos seguintes.”

Apresenta-se como uma necessidade, a aquisição de competências em literacia da informação, a capacidade de avaliar criticamente a informação, seleccioná-la e mobilizá-la. Neste processo, é inegável a função do Professor Bibliotecário, que Dudziak (2003) nomeia de “agente educacional” e apresenta como cooperante no processo educativo e na promoção da literacia da informação. Para além destas funções, de gestor, de mediador e de líder, Dudziak (2007) atribui ao profissional da Biblioteca Escolar um papel social e educacional, na medida em que as suas acções contribuem para a inclusão social. O processo de orientação dos alunos

com um nível social, cultural e económico desfavorecido, na sociedade da informação, abre horizontes, estimula a curiosidade, promove a necessidade de aprendizagem ao longo da vida e, sem dúvida, combate a exclusão social e minimiza as diferenças culturais.

Em 2009, iniciou-se, em Portugal, a carreira de Professor Bibliotecário, cujas funções aparecem no artigo 3º da Portaria 756/ 2009:

“Ao professor bibliotecário cabe, com o apoio da equipa da biblioteca escolar, a gestão da biblioteca da escola não agrupada ou do conjunto das bibliotecas das escolas do agrupamento. Sem prejuízo de outras tarefas a definir em regulamento interno, compete ao professor bibliotecário: assegurar serviço de biblioteca para todos os alunos do agrupamento ou da escola não agrupada; promover a articulação das actividades da biblioteca com os objectivos do projecto educativo, do projecto curricular de agrupamento/ escola e dos projectos curriculares de turma; assegurar a gestão dos recursos humanos afectos à (s) biblioteca (s); garantir a organização do espaço e assegurar a gestão funcional e pedagógica dos recursos materiais afectos à biblioteca; definir e operacionalizar uma política de gestão dos recursos de informação, promovendo a sua integração nas práticas de professores e alunos; apoiar as actividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada; apoiar actividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular incluídas no plano de actividades ou projecto educativo do agrupamento ou escola não agrupada; estabelecer redes de trabalho cooperativo, desenvolvendo projectos de parceria com entidades locais; implementar processos de avaliação dos serviços e elaborar um relatório anual de auto-avaliação a remeter ao Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares; representar a biblioteca escolar no conselho pedagógico, nos termos do regulamento interno.”

Para além das funções explicitadas na Portaria, a RBE (2010), no documento *Para uma gestão integrada da biblioteca escolar no Agrupamento*, refere, ainda, as responsabilidades a assumir pelo Professor Bibliotecário no desempenho das suas funções. Este deve conhecer a realidade do agrupamento e dos serviços disponibilizados pela Biblioteca Escolar que gere; deve trabalhar em articulação com o director, com os docentes, com os coordenadores de estabelecimento e com os coordenadores dos diferentes departamentos curriculares, visando o sucesso educativo; deve proporcionar serviços a todo o agrupamento no sentido de promover hábitos de leitura e desenvolver competências de informação; incentivar a sua equipa a fazer formação para tornar o seu desempenho mais eficaz; promover a utilização autónoma da Biblioteca para actividades diversificadas desde estudo, pesquisa, leitura ou lazer; promover o empréstimo domiciliário em todo o agrupamento e realizar actividades/ projectos de promoção da leitura; promover articulação curricular, procurando estimular o gosto pela leitura e o desenvolvimentos das competências nas diversas literacias.

O Professor Bibliotecário apresenta-se na sociedade em que vivemos como um agente de mudança que conduz os alunos numa aprendizagem progressiva e, segundo Conde (2010: 32), é um gestor de aprendizagens, na medida em que, com a sua equipa e parceiros desenvolve um trabalho de:

“apoio aos utilizadores na sua formação leitora, [de] desenvolvimento das suas capacidades críticas de pesquisa, processamento intelectual e produção de conhecimento, [de] criação e exploração de conteúdos educativos, [de] utilização de equipamentos, redes e softwares de escrita e comunicação multimédia, [de] imersão em ambientes sociais de aprendizagem cada vez mais amplos e complexos.”

Barros (2010: 34) refere como função da Biblioteca Escolar e, por consequência, do Professor Bibliotecário, “actividades que desenvolvam as competências leitoras dos alunos, incluindo as relativas às novas tecnologias”. Neste contexto, a *internet* surge como fundamental e, na opinião de Barros, Coordenadora Interconcelhia, (2010: 35):

“os professores bibliotecários podem tirar partido das orientações existentes a nível internacional para elaborar guiões relativos à literacia da informação com o objectivo de desenvolver determinadas competências relacionadas com a utilização da Internet, logo a partir do 1º ciclo. Geralmente, disponibilizados nos blogues e nas plataformas *moodle* das escolas, estes guiões podem incidir sobre questões de segurança na Internet, nomeadamente o uso ético da informação na Web, os cuidados a ter para evitar a disseminação de vírus e a selecção de sítios electrónicos mais credíveis (...) a forma como se deve pesquisar informação e como se deve comunicar através das novas tecnologias.”

A autora (2010) insiste nas potencialidades da internet, apresentando-a como ferramenta fundamental na pesquisa de informação e na divulgação de actividades realizadas pelas escolas. Não esquece de alertar para a importância da articulação curricular. O Professor Bibliotecário deve estabelecer articulação com os departamentos curriculares (Anexo 6), procurando desenvolver actividades conjuntas de forma a promover a leitura e as literacias, novas tecnologias incluídas. Skapinakis (2010), na mesma linha de pensamento, indica as três áreas de intervenção do Professor Bibliotecário, o apoio curricular, a promoção da leitura e a literacia da informação.

O apoio curricular é um domínio de intervenção fundamental, na medida em que o Professor Bibliotecário deve ter um papel activo no processo de ensino-aprendizagem. Kuhlthau (2002) alerta para a necessidade de a planificação da Biblioteca Escolar ser integrada nas actividades de sala de aula e de os professores da escola e o Professor Bibliotecário estarem em articulação de forma a garantir um processo ensino-aprendizagem de sucesso. Mota (2006) alerta para a importância da relação que o professor estabelece com a Biblioteca e com o Professor Bibliotecário, na medida em que esta influencia a imagem que o aluno adquire quer do espaço quer do profissional que o gere. É cada vez mais consensual a ideia da necessidade de boas relações, de interacção, de planificação curricular conjunta entre professor e Professor Bibliotecário, no processo de desenvolvimento de competências em literacia da informação, e Stripling (1992: 1) corrobora esta ideia, referindo que:

“Ser capaz de ler não define a literacia no complexo mundo de hoje. O conceito de literacia inclui a literacia informática, a literacia do consumidor, a literacia da informação, a literacia visual. Por outras palavras, os adultos letrados devem ser capazes de obter e perceber a informação em diferentes suportes. Além do mais, compreender é a chave. Literacia significa ser capaz

de perceber ideias novas para as usar quando necessárias. Literacia significa saber como aprender.”

A questão da articulação curricular é uma das inovações nas funções do Professor Bibliotecário e uma das apostas da Rede de Bibliotecas Escolares na promoção do sucesso educativo. *No guia das Bibliotecas Escolares* (2003: 2) é referida a importância da articulação curricular (Anexo 6):

“Es recomendable que a principios de curso se elabore un trabajo conjunto y que el profesorado y el responsable de la biblioteca planifiquen de forma cooperativa las actuaciones que se pueden desarrollar con el grupo de alumnos/as. El responsable de la biblioteca tiene la cualificación y el conocimiento sobre las posibilidades didácticas que ofrece el recurso. Se pueden apoyar mutuamente elaborando un programa de trabajo aula/biblioteca de calidad. El profesor conoce el perfil y el nivel de la clase, es competente en su area. El responsable de la BE/CREA adecuará los recursos a estas necesidades solicitadas y pondrá a disposición del docente los materiales (vídeos, revistas, libros ...) e, incluso, si le es posible, realizar propuestas de actividades (...) con el fin de que se aprovechen los recursos.”

O trabalho cooperativo numa instituição como a escola é fundamental e num contexto em que se pretende que a Biblioteca Escolar tenha um papel activo no desenvolvimento de competências junto dos alunos, mais do que nunca a cooperação, o trabalho conjunto se torna necessário e urgente de forma a promover um maior sucesso escolar. O *Guia das Bibliotecas Escolares* (2006) refere que a Biblioteca Escolar deve participar no desenvolvimento curricular de forma a melhorar a prática docente, proporcionando espaços e actividades complementares ou alternativas às actividades escolares. A mudança na actuação das Bibliotecas Escolares e dos profissionais da biblioteca exige uma mudança das práticas docentes lectivas. Refere, também, que a Biblioteca Escolar deve assumir-se como um centro de recursos ao serviço do processo de ensino-aprendizagem de forma a desenvolver nos alunos as competências exigidas pela Sociedade da Informação em que vivemos e, neste âmbito, o Professor Bibliotecário tem um papel inegável e fundamental. Desta forma, as planificações de actividades desenvolvidas em colaboração com a Biblioteca escolar devem ser integradas no currículo. Esta forma de encarar a Biblioteca Escolar e as funções do Professor Bibliotecário exige alterações a nível do Projecto Educativo de Escola, do currículo escolar, das metodologias de ensino e das formas de trabalho entre os docentes.

Garcia (2006), na mesma linha de pensamento, concebe a Biblioteca Escolar como um centro de recursos de natureza pedagógica ao serviço do processo de ensino-aprendizagem, no âmbito do desenvolvimento curricular e do Projecto Educativo de Escola. O autor (2006) pressupõe uma articulação entre o plano da Biblioteca Escolar, o desenvolvimento curricular e o Projecto Educativo de Escola. Neste sentido, a Biblioteca Escolar e o Professor Bibliotecário surgem como recursos na planificação da prática docente. Alerta, também, para as funções do Professor Bibliotecário, no âmbito da literacia da informação, tendo em contas as exigências sociais da actualidade e para a importância das relações que o Professor Bibliotecário estabelece na instituição escolar.

Illescas (1992) alerta para a importância da formação de utilizadores, função do Professor Bibliotecário e respectiva equipa, referindo a necessidade de explicar aos alunos os serviços disponibilizados pela Biblioteca; o tipo de documentos existentes (impressos, audiovisuais e electrónicos); o critério de classificação e catalogação, de forma a possibilitar uma pesquisa mais autónoma; explicar o que é um catálogo e como se pode consultar o disponibilizada pela Biblioteca (manual ou informatizado); ensinar a consultar um dicionário e uma enciclopédia. Esta formação é fundamental, assim como a orientação na pesquisa, selecção e tratamento da informação, pois segundo Peña, autor da apresentação do manual de utilizadores de Illescas (1992):

“no todo el alumnado es capaz de utilizar con soltura los documentos que tiene a su alcance. (...) Es una práctica docente habitual que el profesorado pida a sus alumnos que elaboren trabajos de indagación o investigación sobre un determinado tema però, por desgracia, es frecuente que éstos utilicen la técnica de copiar, de forma inconexa, fragmentos de uno e outro libro. Además, com la llegada de internet, esta técnica de cortar y pegar todavia resulta más fácil y su empleo se há generalizado de forma alarmante.”

Na opinião dos diferentes autores, o Professor Bibliotecário tem a função e missão, não impossíveis, mas árduas de envolver os alunos, ou seja, ensiná-los e ajudá-los a pensar, a escrever, a dominar a linguagem oral, a inovar, a criar, a pesquisar, a analisar, a seleccionar, a avaliar, a aplicar, a trabalhar em equipa e a relacionar os conhecimentos e aplicá-los em situações reais, podendo, para isso, recorrer à imensidão de recursos existentes e disponíveis.

2-O PROFESSOR BIBLIOTECÁRIO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

“Ensinar a ler, motivar para a leitura terá de ser algo em que se acredite. Nenhuma estratégia terá o resultado desejado se não houver crença no seu valor, ora, a leitura é como o amor. Assim sendo, teremos mesmo de estar apaixonados.”

Sardinha (2007: 6)

Muitos foram os autores que se pronunciaram acerca da importância da leitura na sociedade, na forma como com ela interagimos e na nossa vida pessoal, individual e íntima. Muitas são as teorias acerca do processo de aprendizagem e aperfeiçoamento da leitura, acerca das metodologias de abordagem textual. Também, muitos autores, profissionais ligados à leitura, desde docentes a bibliotecários públicos e escolares, apresentaram propostas de trabalho, estratégias a implementar com o objectivo de motivar para a leitura. Neste sentido, deduz-se que não há uma receita a seguir e que há muitas formas e abordagens no processo de formação de leitores que, segundo Gomes (1996) terá de se iniciar na infância e neste processo os pais têm um papel fundamental, pois a eles lhes é dada a

oportunidade de introduzir o livro nos hábitos do quotidiano. Pennac (2006: 31-32) descreve com emoção a iniciação da criança à leitura:

“Neste princípio de insónia, repenso o ritual da leitura, todas as noites, à cabeceira da cama, quando ele era pequeno, a horas fixas e com gestos imutáveis: era de certo modo como uma oração. O súbito armistício depois da balbúrdia do dia, os reencontros livres depois de todas as contingências, o momento de silêncio concentrado antes das primeiras palavras da história, a nossa voz que finalmente soa como de facto é, a liturgia dos episódios... Sim, a história lida todas as noites constituía a mais bela função da oração, a mais desinteressada, menos especulativa, a que dizia respeito apenas aos homens: o perdão das ofensas. Não se confessava nenhuma falta, não havia qualquer preocupação em receber uma porção de eternidade, era um momento de comunhão entre nós, a absolvição do texto, um regresso ao único paraíso que tem valor: a intimidade. Sem que o soubéssemos, descobríamos uma das funções essenciais do conto, e mais generalizadamente da arte em geral, que é impor uma trégua no combate entre os homens.

O amor ganhava um novo rosto.

E era gratuito.

Gratuito. Pelo menos era assim que ele o entendia. Um presente. Um momento fora de todos os momentos. Quaisquer que fossem as circunstâncias. A história nocturna aligeirava-lhe o peso do dia. Largavam-se as amarras. Ia com o vento, levíssimo, o vento que era a nossa voz.”

A leitura/ audição de contos tradicionais na infância promove o desenvolvimento do imaginário que nos acompanhará ao longo da vida e tem repercussões a nível psicológico que se manifestam no comportamento do indivíduo, que se abre para o outro. Lepecki (citada por Gomes, 1996: 23) refere que “o primeiro traço de postura psicológica susceptível de formar um leitor é, (...) no meu entender, a disponibilidade de espírito. É preciso educar a abertura ao outro para se poder (e sobretudo se gostar de) ler”.

É cada vez mais claro o papel da família na formação dos pequenos leitores que se poderão tornar grandes leitores e, nesse sentido, o Plano Nacional de Leitura tomou medidas propondo às escolas projectos a implementar junto das famílias como a *Leitura Vai e Vem* (Pré-escolar) e *Já sei ler* (1º ciclo), que pressupõe que os alunos levem um livro por semana para ser lido em família e há professores a proporem que os pais elaborem o resumo do livro lido. Este processo tem retorno, na medida em que os pais se deslocam à escola para (re)contar histórias às crianças. No entanto, Veloso (2005: 6) refere que “quando as crianças não têm nas suas casas um acesso facilitado ao livro ou quando este não tem qualquer valor para o agregado familiar, terá de ser o trabalho do professor ou do animador da biblioteca a chave de entrada no mundo da leitura de prazer e de descoberta.”

A leitura no Jardim de Infância pode auxiliar também a aquisição de conhecimentos matemáticos. Foi implementada, numa turma do Pré-Escolar, uma actividade que pressupunha, uma pré-leitura, mediante análise dos elementos paratextuais e ilustrações inclusive da história *O Rapaz que Tinha Zero a Matemática* de Luísa Ducla Soares (Anexo 1). Para além da exploração do conteúdo da história e das ilustrações, pretendia-se estabelecer a relação entre quantidade e número, realizar medições e fazer pequenas operações de cálculo. Para o efeito, após a exploração da história, as crianças confeccionaram um bolo e,

posteriormente, o pictograma da receita, que se poderá visualizar, em anexo (Anexo 1). O livro de poesia *Figuras Figuronas* de Maria Alberta Menéres poderá ser utilizado pelo Professor Bibliotecário para promover a literacia Matemática ou numeracia noutros níveis de escolaridade, assim como *Maldita Matemática!* de Álvaro Magalhães. O Professor Bibliotecário e equipa poderão promover o livro e a leitura, efectuando, simultaneamente, articulação curricular.

Nas sessões de leitura, numa fase inicial, deve-se seleccionar os livros/ excertos de acordo com o interesse que poderão despertar no aluno e procurar dotá-lo de técnicas que lhe permitam ver o livro como fonte de interesse e de prazer. Posteriormente, poderá trabalhar-se o desenvolvimento da competência de leitura através de uma metodologia de abordagem textual, que na perspectiva de Silva (2000) se processará em três fases. A fase preparatória, que pretende preparar a leitura, apelando a conhecimentos/ experiências anteriores próprias de cada indivíduo. O texto activa os esquemas cognitivos do leitor, permitindo a compreensão, a comparação e o relacionamento de ideias que será tanto mais fácil quanto mais rico for o ambiente em que o indivíduo se move. A fase analítica que corresponde à análise/ interpretação do texto, do que ele pretende transmitir. Por fim, a fase valorativa, que é fundamental na formação de leitores, pois visa o desenvolvimento do espírito crítico.

As fases apresentadas por Silva (2000) pretendem o desenvolvimento de competências literárias. Pereira (2009), no artigo publicado no livro coordenado por Azevedo e Sardinha, na mesma linha de pensamento de Silva (2000), refere-se à importância do desenvolvimento de uma literacia crítica desde o Jardim de Infância, conduzindo as crianças à percepção do mundo, à interpretação contextualizada dos textos literários e das imagens. Neste sentido, é importante fazer uma análise contextualizada das ilustrações. A ilustração conduz-nos à apropriação do conteúdo textual e leva-nos para além dele, pode-nos fornecer informações que não constam no texto escrito e podem, ainda, estimular o imaginário de cada um de nós.

As ilustrações da história *A Menina que Detestava Livros* de Manjusha Pawagi (Anexo 2) constituem um outro exemplo de possível transversalidade e articulação curricular com a Língua Portuguesa e a Formação Cívica, pois permitem uma viagem pelo imaginário infantil, fazendo uma reminiscência dos contos tradicionais que povoam o nosso imaginário desde o *Soldadinho de Chumbo*, *O Lobo mau*, *O Capuchinho Vermelho* e outras histórias que fizeram da nossa infância um tempo mágico e fantástico e cujas moralidades têm um carácter edificante. O reconhecimento e identificação de figuras retratadas na ilustração dão-lhes uma sensação de proximidade, de familiaridade com a história. Na sequência da exploração das ilustrações e da construção da história pelas crianças, num nível de ensino em que já exista um domínio maior da leitura e da escrita, poder-se-á solicitar a criação de uma história, recorrendo a uma tabela semelhante à que se encontra no anexo 4 de forma a auxiliar os alunos que se consideram menos criativos e de forma a orientar a actividade de escrita.

As ilustrações da história *A Surpresa de Handa* de Eileen Browne (Anexo 3) são muito ricas pela diversidade de sugestões que possibilitam. Permitem adivinhar uma série de

informações acerca da história, informações que não constam no próprio texto, mas que são fundamentais para a contextualização da história e das personagens, desde a raça das personagens, a cultura, as vivências, o clima, para além de permitirem trabalhar uma série de temas como a amizade, a fruta, a flora e a fauna.

Do ponto de vista histórico, como já foi referido neste trabalho, segundo Gonçalves (2009: 36), a imagem permitiu “uma capacidade de expansão e de relação com o meio envolvente. (...) comunicar e registar toda uma expressão e vivência” e a própria Igreja socorreu-se da imagem para transmitir conhecimentos entre a população iletrada. A imagem adquiriu uma função didáctica e edificante junto da população, como a que desempenha junto das crianças, pois a imagem é o ponto de partida para a leitura/ conhecimento do mundo por parte da criança, em idade mais precoce.

O Plano Nacional de Leitura atribui, igualmente, grande importância à imagem no processo de formação de leitores, no qual o mediador de leitura (uma das funções do Professor Bibliotecário) adquire um papel decisivo, pois, segundo Macedo e Soeiro (2009: 49), detém a:

“capacidade didáctico-pedagógica de seleccionar, organizar e gerir os comportamentos e as estratégias conducentes à apropriação da leitura por parte da criança que, dada a sua natureza e distanciamento dessa competência, necessita de estratégias lúdico-expressivas que a ajudem a aceder ao conteúdo textual presente em cada livro que chega ao seu contacto.”

No processo de formação de leitores, em idades precoces, o mediador, intermediário entre a criança e o livro, logo entre a criança e a concepção que esta faz do mundo, tem de criar intencionalidades, no sentido de transmitir concepções de leitura, informando as crianças acerca da importância e funções da leitura e promovendo a aquisição de comportamentos e estratégias de leitor. Esta deverá ser uma das primeiras preocupações do mediador no Jardim de Infância. A primeira abordagem da leitura e dos livros pode ser decisiva para a (des) motivação da criança perante a leitura e perante o livro. O mediador deve proporcionar o contacto da criança com o livro, promovendo o desenvolvimento da sensibilidade para a leitura e proporcionando a interdisciplinaridade. A mediação de leitura é um acto subjectivo e parcial, pois a selecção de leituras e a interpretação que delas se faz têm por base as concepções de leitura e a memória do mediador. Neste sentido, o mediador deve ser cauteloso na sua escolha, procurando ter um conhecimento abrangente do livro a abordar e testando possíveis interpretações. O mediador, na sala do Jardim de Infância, deve proporcionar a reconstrução da história que a leitura da imagem narrativa faculta (Anexo 2 e 3), promovendo a formação do pequeno leitor a nível da interpretação, da aquisição de vocabulário e do desenvolvimento de mecanismos cognitivos.

As histórias, para além do carácter edificante, didáctico e formativo, pela sua proximidade com a realidade e pelo seu carácter narrativo, promovem um conhecimento do mundo, formando, nas palavras de Macedo e Soeiro (2009: 51), o pequeno leitor “em vias de

envolvimento”. Possuem, também, a capacidade de enriquecer o imaginário infantil, povoando-o de personagens fantasiosas, criando mitos, que, a longo prazo, residirão na memória humana.

A motivação para a leitura, em qualquer faixa etária, tem de ser integrada num espaço favorável e de ser associada a actividades agradáveis, sobretudo no Jardim de Infância, para que o livro seja desejado e desperte sensações estimulantes no leitor.

Contar histórias era um passatempo familiar, muitas vezes, no aconchego da lareira e do sofá. Era uma actividade estimulante em família, que despertava a curiosidade dos mais novos e desenvolvia o imaginário de cada um de nós. As histórias que passavam de geração em geração via oral foram, posteriormente, registadas em suporte escrito e o livro passou a desempenhar uma função importante na sociedade, era uma forma de acesso às narrativas fantásticas.

Hoje, mais do que nunca, há a preocupação com a motivação para a leitura e o livro, cheio de histórias para contar, deixou de ser a única forma de acesso às histórias. Os mediadores procuram estratégias para fazer as histórias chegarem às crianças, diversificando os suportes e as actividades de forma a motivar, evitando a rotina. O tapete narrativo surge como uma hipótese de actividade orientada e estimulante, pois chama a criança a interagir com a história, materializando o mundo da história. Segundo Macedo e Soeiro (2009: 53) o tapete narrativo baseia-se:

“no princípio A.I.D.A (Attention, Interêt, Désir, Action) (...) dinamiza interactivamente os conteúdos narrativos do livro, pela leitura efectuada, pelo escutar da história e pelo manusear das personagens no espaço cénico, expondo as estruturas textuais de forma harmoniosa e deixando que a criança se apodere das cinestésias que a leitura tornada palpável no tapete narrativo deixa trespassar. (...) tarefa que, na prática, promove o desejo de ler.”

O tapete narrativo é uma actividade abrangente. Desde o inicio da tarefa, o mediador/ educador deve envolver a criança na planificação de forma a estimular a articulação de ideias e tomada de decisões, promover a autoconfiança e autonomia e conduzir ao envolvimento na actividade, pois Macedo e Soeiro (2009: 59) referem que “quando a criança planeia, ela pára, entre o impulso e a acção, para moldar o desejo e o transformar numa acção intencional.”

O tapete narrativo, ou contapetes, e os aventais de histórias, nas suas diferentes vertentes procuram promover o gosto da criança pela leitura e pelo livro, proporcionando a interacção entre o mediador e o seu público e estimulando o diálogo, para além da multiplicidade de histórias e personagens que possibilitam. Neste sentido, Prole (2009: 1) refere que:

“As actividades lúdicas que integram a animação da leitura têm como objectivo fundamental aprofundar esse diálogo. Quando o mediador pede às crianças para anteciparem um fim de uma estória ou para a recontar, que identifiquem personagens ou que coloquem em diálogo personagens de

estórias diferentes, ele está a contribuir para o desenvolvimento de actividades cognitivas que permitam a construção do sentido.”

O gosto pela leitura adquire-se pela voluntariedade e não pela obrigatoriedade e, segundo Prole (2009: 10) é importante “Desescolarizar a leitura em contexto escolar e torná-la parte integrante da aprendizagem da leitura”, este “deve ser o objectivo das práticas docentes de promoção da leitura e um precioso auxiliar para formar leitores competentes.” É neste contexto, que se integram os tapetes narrativos ou contapetes e os aventais de histórias.

O mediador adquire um papel fundamental na dinamização da sessão de animação com recurso ao tapete ou avental de histórias e a sua experiência proporciona-lhe um traquejo que lhe facilita a interacção com o público e, segundo Taquelim (2009: 4) “permitem ao mediador, manter ou abandonar um elemento, um gesto ou uma imagem quando conta” a sua história. A afirmação do autor (2009: 4) relativamente ao mediador adapta-se perfeitamente ao mediador que dinamiza uma sessão com recurso a estes materiais:

“O mediador, aqui contador, conta de cor, conta com o coração e este pode e deve ser um momento de entrega total ao auditório. Ele desarma-se, abre o peito e de olhos nos olhos conta. O mediador recria através da palavra, novas imagens, expõe-se afectivamente junto das crianças. Normalmente são momentos de grande intensidade de escuta, de concentração.”

Os projectos/ sessões de leitura devem cumprir os três princípios apresentados por Prole (2009:3-5):

“(…) contacto regular das crianças com a leitura literária (...) alavanca motivadora de outras leituras (...); (...) os destinatários da acção são eles próprios agentes do projecto, assumindo-se como sujeitos activos, motores do próprio processo e não meros espectadores, (...) o cruzamento da literatura, da leitura literária, com outras linguagens (teatro, artes plásticas, etc.), é útil e desejável (...).”

A promoção da leitura é um processo continuado, pois o percurso de um leitor não é irreversível. Um leitor ganha-se e perde-se, dependendo da eficácia da motivação. Os leitores que se agarram na infância não se podem perder e para isso o mediador não se pode distrair. Numa fase mais avançada, terá de se promover uma leitura mais complexa e neste contexto os Círculos de Leitura surgem como uma hipótese de abordagem do texto literário, fugindo à tradicional leitura e interpretação de texto, pelo envolvimento do aluno que é responsabilizado quando é chamado a escolher as leituras a realizar e os temas a debater. Sousa (2007: 45) refere que “os Círculos de Leitura visam desenvolver o gosto pela leitura; desenvolver a cultura literária das crianças e dos adolescentes; desenvolver o pensamento crítico; desenvolver a fluência na leitura; desenvolver a capacidade de reflexão sobre textos literários.” Pressupõe-se que o contacto de alunos menos proficientes na leitura com outros mais eficientes promove a assimilação de comportamentos de leitura eficazes, possibilitando

o acesso às estratégias usadas para atingir a compreensão e desenvolvendo o espírito crítico. Esta estratégia possibilita não só o desenvolvimento da leitura mas também da escrita.

A preocupação com a motivação para a leitura anda associada à preocupação com o desenvolvimento do espírito crítico. Os roteiros de leitura visam a orientação da exploração do texto literário, não esquecendo de estimular o desenvolvimento do espírito crítico. Esta estratégia aglutina os dois objectivos, pois a leitura concretiza-se com a interpretação/compreensão. Se este processo não se concretizar o leitor não ultrapassou a fase da descodificação.

O estímulo para o acto de ler pode concretizar-se mediante a intertextualidade. O recurso a músicas, a filmes e a pinturas que retratam temas abordados nas histórias lidas ou o recurso a filmes ou séries de televisão adaptadas de livros recentes ou clássicos, nomeadamente *O Coração de Tinta* de Cornelia Funke, *As Aventuras de Tintim* de Hergé, *Astérix* de Goscinny, *O Rapaz do Pijama às Riscas* de John Boyne, *Coraline e a Porta Secreta* de Neil Gaiman, *Eragon* de Christopher Paolini, Colecção *Triângulo Jota* de Álvaro Magalhães, Colecção *Uma Aventura* de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, Colecção *Harry Potter* de J.K. Rowling, *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll, *Shrek* de William Stag, *Artur e os Minimeus* de Luc Besson, *Robinson Crusóé* de Daniel Defoe, *A Trilogia dos Mundos* de Phillipe Pullman, *O Corcunda de Notre-Dame* de Victor Hugo, *As Viagens de Gulliver* de Jonathan Swift, *Robin dos Bosques* de Roger Green, *As Aventuras de Pinóquio* de Carlo Collodi, *Tom Sawyer* de Mark Twain, *A Ilha do Tesouro* de Stevenson, *O Capuchinho Vermelho* de Perrault, *A Princesa e o Sapo* de Grimm, entre outros.

A poesia, nas suas mais diversas formas desde lengalengas, trava-línguas, rimas infantis, contos em verso, fábulas até adivinhas podem constituir na infância uma estratégia de motivação para a leitura. A exploração do texto poético pode recorrer ao uso das Novas Tecnologias (Anexo 5) de forma a motivar pela estética e pela novidade. Não se pode esquecer que as Novas Tecnologias constituem uma mais-valia no ensino, na promoção da leitura, na medida em que vivemos na era do digital e tem de se procurar aglutinar o contexto escolar com a realidade quotidiana do aluno. Pode-se motivar para o livro recorrendo ao digital, sem receio da substituição de um pelo outro, pois o importante, o fundamental é o estímulo, o desenvolvimento da leitura, da compreensão leitora e do espírito crítico. A poesia pode estimular a memorização e desenvolver a prática da escrita.

Ao mediador de leitura compete, ainda, a organização do espaço e do tempo dedicados à leitura. Há alunos que no final do dia aguardam os pais no espaço destinado à leitura e outros que, no momento do castigo, são encaminhados para a Biblioteca Escolar. Estas situações apresentadas não constituem condicionantes para aquisição do gosto pela leitura nem do uso da Biblioteca Escolar. Deve existir um tempo dedicado à leitura sem o estigma da espera ou do castigo. Se o contexto temporal é significativo no prazer do acto de ler, o espaço não é diferente. Pontes e Azevedo (2009: 69) referem que o espaço é “capaz de atrair leitores e produzir futuros leitores (...) verdadeiro lugar de diálogo entre leitor e texto

(...) espaço de caça a possíveis leitores (...) sedutor (...) lugar de encanto, magia, onde se pode imaginar ou sonhar (...). A Biblioteca mais do que espaço de informação é espaço de leitura.

Na promoção/ motivação para a leitura e desenvolvimento da compreensão leitora e espírito crítico, o importante é a diversificação de estratégias, de actividades e de materiais, evitando práticas rotineiras, ultrapassadas e ortodoxas.

CAPÍTULO III

PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO

1- OBJECTIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

“O bibliotecário está envolvido na programação para o desenvolvimento curricular, em colaboração com os gestores da escola, os administradores e os professores. Ele tem o conhecimento e as competências relacionados com o fornecimento da informação e a resolução de problemas de informação, bem como a perícia na utilização de todas as fontes, impressas e electrónicas. O seu conhecimento, as suas competências e a sua perícia vão ao encontro das necessidades de uma comunidade escolar específica. Para lá disso, ele deve conduzir campanhas de leitura e a promoção da literatura, dos media e da cultura para crianças.”

IFLA/ UNESCO (2006: 13)

As questões que determinaram a implementação do presente projecto de investigação foram a averiguação do papel das tecnologias como suporte do trabalho do Professor Bibliotecário, em que medida os desempenhos da Biblioteca Escolar e do Professor Bibliotecário são determinantes no processo de aquisição de competências das várias literacias junto dos alunos e a percepção do trabalho que vem sendo desenvolvido nas Bibliotecas Escolares das escolas públicas portuguesas desde que a Biblioteca Escolar tem vindo a assumir o seu novo papel de interveniente activo, no processo educativo, na denominada Sociedade da Informação. Estas questões centram-se em aspectos emergentes na realidade actual das Bibliotecas Escolares, nomeadamente as tecnologias, as competências literárias, a articulação curricular e o trabalho colaborativo.

Não podemos esquecer, como foi referido nos capítulos anteriores, que o espaço Biblioteca Escolar foi alvo de inúmeras transformações. Nesta última década, a Biblioteca Escolar teve a atenção governamental, trazendo às escolas verbas suplementares, provenientes do Plano Tecnológico da Educação, da Rede de Bibliotecas Escolares, do Plano Nacional de Leitura, entre outros projectos educativos a que se candidatassem, para apetrechar as Bibliotecas Escolares com livros e equipamentos tecnológicos para servir o utilizador e auxiliar o Professor Bibliotecário na sua missão.

Neste contexto, a Biblioteca Escolar deixou de desempenhar um papel passivo para ser interventiva, dinâmica e interactiva. É objectivo deste estudo verificar a forma como as Bibliotecas Escolares gerem estes recursos, como interagem com os seus utilizadores (docentes e alunos) e averiguar como os docentes reagem a este novo papel da Biblioteca Escolar, isto é, se trabalham em parceria, em articulação com o Professor Bibliotecário e se procuram tirar proveito dos recursos disponíveis em prol do seu trabalho e do desenvolvimento dos seus alunos.

2-PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

“Ao contrário da investigação quantitativa, os métodos qualitativos encaram a interacção do investigador com o campo e os seus membros como parte explícita da produção do saber, em lugar de a excluírem a todo o custo, como variável interveniente. A subjectividade do investigador e dos sujeitos estudados faz parte do processo de investigação.”

Flick (2005: 6)

2.1 - Caracterização da amostra

A amostra deste estudo foi seleccionada de forma aleatória. Segundo Fernandes (1991: 65), é uma “técnica obrigatória para que se possam generalizar os resultados da investigação”, condicionada pela disponibilidade e voluntariedade dos inquiridos. No entanto, segundo Fernandes (1991), é a aleatoriedade que possibilita a generalização dos resultados. Foram inquiridos 12 Professores Bibliotecários de Norte a Sul do país, envolvendo os distritos de Braga, Aveiro, Guarda, Castelo Branco, Leiria, Santarém, Portalegre, Beja e Faro. Na planificação deste projecto de investigação, tendo em conta os objectivos pretendidos, previmos a recolha da perspectiva de docentes e alunos, utilizadores da Biblioteca Escolar. Nesse sentido, na escola, onde opera cada Professor Bibliotecário que facultou a sua representação, foram inquiridos 5 docentes e 50 alunos, igualmente de forma aleatória, o que totaliza 60 docentes e 600 alunos de Norte a Sul do país.

2.2 - Instrumentos e procedimentos na recolha de dados

Para concretizar o processo de investigação, elaborámos três inquéritos, um de resposta aberta destinado aos Professores Bibliotecários (ANEXO 14), e mais dois, adaptados dos inquéritos disponibilizados pela Rede de Bibliotecas Escolares em anexo ao *Modelo de Avaliação das Bibliotecas Escolares*, destinados a docentes e alunos (Anexos 15 e 16). A diferença do tipo de resposta exigida nos inquéritos deveu-se à pouca colaboração no preenchimento dos inquéritos de resposta aberta pelos profissionais das Bibliotecas Escolares. Nesse sentido, atendendo ao tipo de público-alvo, docentes com falta de disponibilidade e estudantes, resolvemos optar pela resposta fechada. No entanto, o motivo do inquérito a Professores Bibliotecários ser de resposta aberta deve-se ao facto de que não pretendíamos condicionar nem limitar respostas e queríamos possibilitar aos Professores Bibliotecários, em algumas situações, uma descrição da sua actividade profissional.

O estudo não pretende comparar zonas do país, mas será orientado numa perspectiva generalista, no sentido de verificar as práticas desenvolvidas pelos Professores Bibliotecários das bibliotecas das escolas públicas portuguesas em prol do desenvolvimento de competências nos alunos, necessárias na Sociedade da Informação em que vivemos; e em que medida os

docentes e alunos estão integrados nessas práticas, ou seja, ter a percepção do tipo de utilização que os alunos fazem dos recursos disponibilizados pela Biblioteca Escolar e da forma como os docentes encaram o trabalho colaborativo entre Biblioteca Escolar e sala de aula, até porque, em muitas circunstâncias, a sala de aula constitui um espaço interdito a “intrusos”.

Considerando estes objectivos e o tempo disponível para a concretização do estudo, como já foi referido, optámos pelo inquérito de resposta aberta para Professores Bibliotecários. Os objectivos que presidiram à sua elaboração foram a importância da formação de base no desenvolvimento da actividade; a preocupação por parte dos inquiridos na realização de formação que auxilie as suas funções; a consciencialização por parte do Professor Bibliotecário da missão da Biblioteca Escolar e por inerência de funções da sua; os critérios que presidem à selecção da equipa da Biblioteca Escolar; a qualidade dos recursos disponíveis nas Bibliotecas Escolares e quais os serviços mais solicitados; as circunstâncias em que ocorre a articulação curricular e quais os impedimentos à sua concretização; o papel da Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário no processo de aquisição de competências dos alunos e que tipos de actividades desenvolvem em prol da promoção da leitura e da literacia da informação; a influência do trabalho da Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário no âmbito da leitura e das capacidades de pesquisa junto dos alunos; a existência de alteração das práticas dos docentes por influência da acção do Professor Bibliotecário; as formas e meios de divulgação de práticas; as funções do Coordenador Interconcelhio junto dos Professores Bibliotecários; em caso de existência de várias bibliotecas como se realiza a gestão das mesmas no Agrupamento; e a relação da Biblioteca Escolar com o exterior e entidades com quem estabelecem parcerias.

Na elaboração dos inquéritos dos docentes, optámos pela resposta fechada, por razões de colaboração já referidas, e, ainda, por concluirmos que os dados constituem informação que corroborará ou não as informações fornecidas pelos Profissionais das Bibliotecas Escolares, cujas representações pretendemos descritivas. A adaptação dos inquéritos propostos pela Rede de Bibliotecas Escolares para avaliação dos diferentes domínios A (Apoio ao desenvolvimento curricular), B (Leitura e literacia) e D (Gestão da Biblioteca Escolar) foi norteadada por objectivos que vão ao encontro do estudo em curso, nomeadamente a frequência da Biblioteca Escolar e envolvimento nas actividades, por ela, propostas; a integração da Biblioteca Escolar e dos seus recursos na actividade docente; as circunstâncias em que ocorre a articulação curricular; o peso do trabalho desenvolvido pela Biblioteca Escolar e pelo Professor Bibliotecário no desenvolvimento de competências de leitura e da literacia da informação junto dos alunos; as características da Biblioteca Escolar e o proveito do trabalho desenvolvido; a relação estabelecida com a Biblioteca Escolar e a colaboração no desenvolvimento de actividades; e o impacto da Biblioteca Escolar na actividade docente.

Na elaboração dos inquéritos dos alunos, optámos pela resposta fechada, por características inerentes ao próprio público e por concluirmos que os dados constituem

informação que corroborará ou não as informações fornecidas pelos Profissionais das Bibliotecas Escolares e docentes. A adaptação dos inquéritos propostos pela Rede de Bibliotecas Escolares para avaliação dos diferentes domínios A (Apoio ao desenvolvimento curricular), B (Leitura e literacia) e C (Projectos, parcerias e actividades livres de abertura à comunidade), D (Gestão da Biblioteca Escolar) foi, igualmente, norteadada por objectivos que vão ao encontro do estudo em curso, a frequência da biblioteca Escolar e actividades desenvolvidas; o apoio da Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário nas actividades desenvolvidas; a constatação dos métodos de pesquisa aquando a procura de informação; a autonomia no uso da Biblioteca Escolar e seus recursos; o peso do trabalho desenvolvido pela Biblioteca Escolar e Professor Bibliotecário no desenvolvimento de competências de leitura e literacia da informação; as características da Biblioteca Escolar e proveito do trabalho desenvolvido; a relação estabelecida com a Biblioteca Escolar e participação no desenvolvimento de actividades.

Após a conclusão da elaboração dos inquéritos, estabelecemos contactos com profissionais no âmbito das nossas relações pessoais e profissionais e, após explicação de todo o processo já descrito, fizeram-nos chegar aos inquiridos e após a recepção da totalidade dos inquéritos passámos a fase seguinte, que consiste no tratamento dos dados que nos permitam fazer interpretações, inferências e tirar conclusões com base nas metodologias adoptadas e aplicadas.

2.3 - Metodologia

O processo de inquirição decorrerá em três fases: inquéritos aos Professores Bibliotecários, aos docentes e aos alunos. Após a fase de aplicação dos inquéritos, procederemos ao tratamento dos dados recolhidos e, segundo Bell (1997: 85):

“Nenhuma abordagem depende de um só método, da mesma forma que não exclui determinado método apenas porque é considerado “quantitativo”, “qualitativo” (...) algumas abordagens dependem muito do tipo de recolha de dados (...). É possível que considere que um estudo que recorre a inquéritos é inevitavelmente quantitativo; este porém poderá também possuir características qualitativas.”

Segundo Neves (1996: 2), os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem, mas, em determinadas situações poderão ser utilizados concomitantemente, complementando-se. São, de acordo com o autor (1996: 1), passíveis de distinção, sendo o qualitativo de “carácter descritivo e indutivo”, adopta “o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental” e considera “o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida”; e o quantitativo tem um “cunho racional”. O seu uso é determinado pelo tipo de dados recolhidos, e os inquéritos de resposta aberta, preenchidos pelos Professores Bibliotecários, serão analisados no âmbito da metodologia qualitativa numa

perspectiva fenomenológica, recorrendo à categorização e subcategorização das questões (Anexo 18), na medida em que, no ponto de vista de Bochi e Juliani (2008: 7-8 e 19):

“Os tipos de questões respondidas pela fenomenologia são aqueles destinados a extrair a essência das experiências. Querem compreender as percepções dos sujeitos e, sobretudo, ressaltam o significado que os fenómenos têm para as pessoas. (...). A fenomenologia tem como objectivo (...) a investigação direta e a descrição de fenómenos que são experienciados conscientemente, sem teorias para sua explicação causal, e tão livre quanto possível de pressupostos e de preconceitos. [usa-se] quando o projeto de pesquisa visa coletar informações sobre a experiência de vida, situação experienciada pelos sujeitos (...) [e as perguntas] põem em relevo as percepções dos sujeitos e, sobretudo, o significado que os fenómenos têm para as pessoas (...).”

O recurso à categorização e subcategorização das questões facilita a interpretação dos dados. Segundo Flick (2005: 193):

“A análise de conteúdo é um dos procedimentos clássicos de análise do material escrito, independentemente da sua origem (...). Um dos seus traços essenciais é a utilização de categorias, derivadas frequentemente de modelos teóricos: as categorias são aplicada ao material empírico, não são necessariamente extraídas dele, embora sejam repetidamente confrontadas com ele e, se necessário, modificadas.”

Todo o material recolhido nas representações dos Professores Bibliotecários foi segmentado em unidades de sentido de acordo com as categorias e subcategorias definidas, elaborando uma grelha de codificação (Anexo 19).

Os inquéritos preenchidos por docentes e alunos serão tratados no âmbito da metodologia quantitativa, mediante elaboração de gráficos, que apresentam dados estatísticos relativamente aos objectivos pretendidos e já referidos. No entanto, apesar da semelhança do instrumento de recolha e diferenciação do tipo de resposta todos os dados serão submetidos a uma análise interpretativa, na medida em que se procurará uma correlação entre os dados obtidos para fazer inferências e tirar conclusões.

No âmbito da análise de conteúdo¹⁴, Bardin (1977) refere que não há nenhum esquema fixo para aplicar, há algumas regras a seguir que poderão ser adaptadas de acordo com os objectivos pretendidos, permitindo ao investigador uma reinvenção no processo de análise sempre que necessário. Contudo, o autor (1977) apresenta três fases essenciais, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise consiste na leitura dos dados disponíveis para análise, selecção dos dados significativos, delineando-se mentalmente o percurso a seguir com base nos dados obtidos. A exploração do material consiste na codificação dos dados, ou seja, os dados são agregados em unidades e, nesta fase, faz-se “o recorte” (escolha das unidades), a “enumeração” (escolha das regras de contagem) e “a classificação e a agregação” (escolha

¹⁴ Bardin (1997: 37) define análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

das categorias) da informação obtida. O tratamento dos resultados obtidos, a inferência e a interpretação consistem, no caso da análise de conteúdo qualitativo, na transformação dos dados em dados significativos e, no caso da análise de conteúdo quantitativa, na submissão dos dados a operações estatísticas, elaborando figuras representativas dos resultados. Com base nos resultados, o investigador poderá inferir e interpretar no âmbito dos objectivos previstos.

3-ANÁLISE DOS INQUÉRITOS

“Os investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles. Realizam medições com a ajuda de técnicas científicas que conduzam a conclusões quantificadas e, se possível, generalizáveis. Os investigadores que adoptam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão em vez de análise estatística (...). Contudo, há momentos em que os investigadores qualitativos recorrem a técnicas quantitativas, e vice-versa.”

Bell (1997: 20)

3.1 Professor Bibliotecário

Os resultados dos inquéritos efectuados aos Professores Bibliotecários serão apresentados com base nas nove categorias pré-definidas (Anexo 18), nomeadamente Formação e Experiência Profissional, Funções do Professor Bibliotecário, Recursos Humanos, Recursos Materiais, Articulação Curricular, Aquisição de Competências, Divulgação, Gestão das Bibliotecas Escolares e Comunidade Educativa. A análise será realizada recorrendo aos métodos qualitativos numa perspectiva fenomenológica, como referido, aquando a explicitação e caracterização da metodologia.

A análise terá, sem dúvida, dada a metodologia em uso, um determinado índice de subjectividade, até porque, qualquer estudo, na área da Educação, que se baseie numa amostra, não pode induzir o investigador à tentação de generalizar, quer para não ter uma visão demasiado pessimista nem demasiado optimista perante os resultados obtidos. O investigador não pode nunca esquecer que tratando-se de um estudo que envolve uma área geográfica tão abrangente (Portugal) e um elevado número de pessoas, desde as que desempenham o cargo de Professores Bibliotecários, até aos utilizadores directos (professores e alunos) o trabalho é sempre diversificado e dependerá sempre das características individuais dos ocupantes dos respectivos papéis. O investigador apenas deverá ter a pretensão de verificar o trabalho desenvolvido e os maiores impactos desse trabalho no âmbito do estudo implementado.

3.1.1- Formação e experiência Profissional

No contexto desta categoria serão apresentados três domínios de formação: inicial, especializada e contínua. No âmbito da formação inicial dos docentes constatámos que aproximadamente 83% são da área de Letras; aproximadamente 8,3% de Artes e os restantes 8,3%, docentes do 1º ciclo do Ensino Básico. Pensamos que este panorama se deve à situação profissional dos respectivos grupos de recrutamento, na medida em que, muitos dos docentes, que integram estes grupos de docência, se encontram com horário zero e em situação de instabilidade. Relativamente à formação especializada, verificámos uma preocupação na sua realização, na medida em que aproximadamente 33% possui formação específica na área da biblioteconomia. O mesmo se verificou no âmbito da formação contínua, pois os docentes revelam uma preocupação de actualização e aquisição de competências necessárias às suas funções, fazendo formação no domínio do tratamento documental (classificação, catalogação e indexação), gestão e avaliação das Bibliotecas, mediação de leitura, *Web 2.0*, entre outros.

O tempo de experiência profissional apresentou-se muito diversificado, desde 2 a 22 anos de experiência, o que apresenta uma média de 7 anos. Contudo, é de salientar que se conjugarmos a experiência profissional com a qualidade dos domínios de formação apresentados, verificamos a existência, por parte dos docentes, de uma preocupação em se actualizarem e de estarem à altura no desempenho das suas funções.

3.1.2 - Funções do Professor Bibliotecário

Nesta categoria serão abordadas as representações dos Professores Bibliotecários no que respeita à missão da Biblioteca Escolar, integração e orientação do Professor Bibliotecário, no âmbito dessa missão e a importância da formação de base no cumprimento das funções inerentes ao cargo.

Relativamente à missão da Biblioteca Escolar, os Professores Bibliotecários revelam conhecimento no que diz respeito às funções do espaço que gerem e referem, com alguma clareza, a importância de a Biblioteca Escolar dever servir a sociedade na preparação dos seus cidadãos. No entanto, deve ter como ponto de partida o diagnóstico e objectivos do Projecto Educativo de Escola (INQ9, p. 198), rentabilizando os recursos disponíveis na Comunidade envolvente (INQ9, p. 198). Para alcançar este objectivo, apresentam a Biblioteca Escolar como agente central no processo de desenvolvimento de competências literárias (INQ1, INQ2, INQ4, INQ8, pp. 196-198) que dotem os utilizadores de capacidades que garantam a aprendizagem ao longo da vida (INQ1, INQ2, INQ5, INQ10, INQ12, pp. 196-198) e como um espaço dinâmico e interventivo no âmbito da formação do saber-estar, saber-ser e saber-fazer dos alunos, induzindo-os a serem cidadãos responsáveis (INQ1, INQ8, pp. 196-198), imaginativos (INQ1, p. 196), autónomos (INQ8, p. 198), pensadores críticos e intervenientes activos na sociedade (INQ1, INQ2, INQ5, INQ8, INQ9, INQ10, INQ11, pp. 196-

198), leitores assíduos e competentes (INQ 2, INQ10, pp. 197-198), utilizadores capazes de aceder e compreender informação proveniente de qualquer meio de comunicação ou de informação (INQ1, INQ5, INQ9, INQ10, pp. 196-198). Apresentam, também, como parte integrante dessa missão, a implementação de actividades (INQ4, INQ6, p. 197) a disponibilização de serviços que promovam aprendizagem (INQ1, INQ3, INQ5, INQ6, INQ11, pp. 196-198), nomeadamente recursos diversificados, actualizados, organizados e tratados (INQ5, INQ7, p. 197), ou seja catalogados, classificados e indexados, em vários suportes e formatos. O tratamento dos documentos é fundamental para que a informação seja facilmente recuperável (INQ4, p. 197) quer pelo utilizador quer pelo Professor Bibliotecário na sua tarefa de auxílio ao utilizador.

Outra referência importante nas representações dos Professores Bibliotecários é a orientação na utilização dos diferentes formatos e suportes de informação, pois a leitura e acesso à informação não significa conhecimento efectivo e, neste processo, a Biblioteca Escolar tem a missão de ajudar os utilizadores a processar a informação (INQ3, INQ4, p. 197) de forma a transformá-la em conhecimento mobilizável, contribuindo para o sucesso educativo (INQ8, INQ11, p. 198).

A Biblioteca Escolar só poderá cumprir a sua missão junto dos alunos tendo como aliados outros agentes educativos, na medida em que os alunos estando parte do dia na sala de aula, só se deslocam à Biblioteca Escolar, ainda que diariamente, em situações pontuais e é, neste ponto, que se apresenta a importância da articulação curricular e trabalho colaborativo (INQ4, INQ6, INQ7, INQ11, pp. 197-198), devendo a Biblioteca e sua equipa ter conhecimento dos programas curriculares e dos projectos em que a escola está envolvida.

O Professor Bibliotecário apresenta-se como agente (INQ12, p. 200) representante (INQ6, p. 199) e central na mediação (INQ1, INQ4, INQ5, p. 199), promoção (INQ2, INQ5, INQ9, pp. 199-200), gestão (INQ3, INQ4, INQ11, pp. 199-200) e implementação (INQ8, INQ10, pp. 199-200) da missão da Biblioteca Escolar, que está ao serviço das metas de aprendizagem da escola, que concorrem para o sucesso educativo (INQ1, p. 199). Para cumprir este objectivo, o Professor Bibliotecário deve promover a articulação curricular e trabalhar colaborativamente com os docentes (INQ1, INQ6, INQ7, INQ9, pp. 199-200); deve desenvolver actividades de promoção da leitura e das literacias (INQ2, p. 199) e de formação de utilizadores (INQ7, p. 203), contribuindo para a sua autonomia.

Para o desenvolvimento das suas funções, o Professor Bibliotecário deve possuir um perfil específico que contemple a capacidade de liderança (INQ4, INQ5, p. 199); conhecimentos técnicos em biblioteconomia (INQ4, p. 199); a capacidade de gestão de recursos materiais e humanos (INQ4, p. 199); a capacidade de relação e articulação com as diferentes estruturas pedagógicas e administrativas da escola (INQ4, INQ6, INQ9, p. 199-200); a capacidade de estabelecer parcerias (INQ10, p. 200); a capacidade para estimular a curiosidade intelectual (INQ4, p. 199); capacidade para orientar os alunos em função das necessidades manifestadas (INQ6, p. 199) seja no domínio da leitura, no domínio do acesso, selecção, tratamento e produção de informação, seja no domínio tecnológico, capacitando-os para aprender

autonomamente fora da escola (INQ11, p. 200), e ter o talento de um mediador de leitura (INQ4, p. 199).

A acção do Professor Bibliotecário deve orientar-se em função dos 4 domínios presentes no *Modelo de Avaliação* (INQ1, INQ5, INQ9 pp. 200-201) das Bibliotecas Escolares, que funciona como um instrumento orientador da acção do Professor Bibliotecário, permitindo correcção e alteração de práticas que se manifestem ineficazes e improdutivas (INQ9, p. 201); no diagnóstico efectuado, após análise SWOT (INQ5, INQ7, INQ12, p. 200-201), que deu origem ao Plano de Acção da Biblioteca Escolar (INQ7, INQ12, p. 201); com base no Projecto Educativo de Escola/ Agrupamento (INQ10, p. 201) e com base no Plano de Actividade do Agrupamento/ Escola não Agrupada (INQ7, p. 201). Para além destes documentos, a acção do Professor Bibliotecário deve orientar-se em função das necessidades manifestadas pelos utilizadores (INQ3, INQ11, pp. 200-201) e sempre no sentido de promover e estimular articulação curricular (INQ2, INQ10, INQ11, pp. 200-201) e o trabalho em equipa (INQ8, p. 201), pois o Professor Bibliotecário não deve alhear-se das estruturas educativas da escola nem do exterior (INQ4, INQ5, INQ10, pp. 200-201), procurando trabalhar em parceria e em colaboração. O trabalho do (s) Professor (es) Bibliotecário (s) deve ser coerente na gestão e dinamização das diferentes Bibliotecas Escolares, quando existem, procurando uma uniformização estratégica em todo o Agrupamento (INQ6, p. 201), que vise cumprir os objectivos previstos no Projecto Educativo de Escola.

Na subcategoria referente à importância da formação de base ser determinante na concretização de determinadas tarefas as opiniões são diversificadas, no entanto prevalece a ideia da importância da formação na área do português (INQ1, INQ6, INQ11, INQ12, pp. 201-203), na medida em que contempla formação e aptidão para promoção de competências de informação, literárias e de leitura e é referida, também, a importância da formação de base estar direccionada para o público-alvo das Bibliotecas Escolares (INQ3, INQ11, pp. 202-203), na medida em que facilita o trabalho. A formação de base poderá condicionar uma, maior ou menor, aptidão para o desenvolvimento de determinadas práticas (INQ5, INQ6, INQ9, pp. 202-203). No entanto, é referido que as dificuldades manifestadas em qualquer domínio poderão ser colmatadas pela formação contínua ou auto-formação (INQ1, INQ4, INQ5, INQ7, INQ10, INQ12, pp. 201-203), competência inerente à profissão docente, quando existe curiosidade e vontade em aprender (INQ12, p. 203). Até porque todos os Professores Bibliotecários tiveram de fazer formação especializada ou contínua no âmbito da biblioteconomia (INQ2, pp. 201-202), pois não é uma área contemplada nas Licenciaturas via ensino.

3.1.3 - Recursos Humanos

A legislação prevê para cada Professor Bibliotecário a selecção e organização de uma equipa que o auxilie no desenvolvimento das suas funções. No entanto, esta organização da equipa nem sempre obedece a critérios favoráveis à Biblioteca Escolar. Todos os Professores Bibliotecários referem a existência de uma equipa que é seleccionada pela Direcção,

obedecendo a critérios de necessidade da escola e dos docentes e não da Biblioteca Escolar. Estranhámos o facto de nenhum inquirido ter referido o Assistente Operacional como membro da equipa.

Acreditamos que a formação da equipa é tão importante como a do Professor Bibliotecário e que a selecção dos membros deveria obedecer a critérios como a motivação, a formação contínua (ou especializada) em biblioteconomia, formação nas novas tecnologias, pois, ainda que, numa menor dimensão, algumas das funções do Professor Bibliotecário são igualmente dos membros da equipa. No âmbito desta categoria, a realidade é muito semelhante para todas as escolas, cujos Professores Bibliotecários acederam a responder ao inquérito.

3.1.4 - Recursos Materiais

A natureza dos recursos materiais (Gráfico 1) é muito semelhante desde a existência de computador fixo (INQ1, INQ2, INQ3, INQ6, INQ7, INQ8, INQ9, INQ10, INQ11, INQ12, pp. 204-205), computador portátil para requisição (INQ1, p. 204), quadro interactivo (INQ1, INQ2, INQ3, INQ6 pp. 204-205), projector móvel (INQ1, p. 204), projector fixo (INQ1, INQ2, INQ3, INQ5, INQ7, INQ9, pp. 204-205), televisão (INQ1, INQ2, INQ5, INQ7, INQ12 pp. 204-205), leitor de DVD (INQ1, INQ2, INQ5, INQ7, INQ9, INQ12, pp. 204-205), leitor de CD (INQ5, INQ9, p. 205), scanner (INQ7, p. 205), impressora (INQ2, INQ8, INQ9, pp. 204-205), máquina fotográfica (INQ7, INQ9, p. 205), câmara de filmar (INQ7, p. 205), até um estúdio de gravação com mesa de mistura áudio e vídeo (INQ1, p. 204). A quantidade e qualidade dos recursos materiais disponíveis nas Bibliotecas Escolares é que diferem, revelando uma grande discrepância quer no número de computadores disponíveis para o utilizador quer na qualidade (INQ5, INQ12, p. 205).

Relativamente aos serviços mais solicitados na Biblioteca Escolar são, sem dúvida, diversificados e distintos de escola para escola (Gráfico 2). Os serviços utilizados vão desde a requisição de computadores portáteis para a sala de aula (INQ1, p. 205), a requisição de computadores na biblioteca (INQ6, INQ8, INQ10, p. 206), a impressão de documentos (INQ1, INQ2, INQ4, INQ10, pp. 205-206), o acesso à internet (INQ2, INQ7, INQ9, INQ10, pp. 205-206), a visualização de filmes acerca do currículo (INQ2, INQ9, INQ11, pp. 205-206), a requisição de obras do Plano Nacional de Leitura para leitura orientada na sala de aula (INQ2, INQ3, INQ6, INQ9, INQ11, pp. 205-206), o empréstimo domiciliário (INQ3, INQ4, INQ5, INQ6, INQ8, INQ9, INQ11, INQ12, pp. 205-206), a solicitação de orientação na pesquisa (INQ4, p. 205), jogos (INQ5, INQ9, INQ11, INQ12, pp. 205-206), à realização de trabalhos de casa e de grupo (INQ6, INQ8, INQ11, p. 206).

3.1.5 - Articulação Curricular

A articulação curricular constitui simultaneamente uma função da Biblioteca Escolar, no sentido de a promover, e um objectivo a atingir. Nesta categoria, as representações dos Professores Bibliotecários revelam que a articulação vai sendo feita nas escolas (INQ1, INQ2, INQ4, INQ5, INQ6, INQ7, INQ8, INQ9, INQ10, INQ11, INQ12, pp. 206-208), embora com algumas dificuldades e condicionantes (INQ6, INQ10, INQ11, INQ12, pp. 207-208) e vai ocorrendo em diferentes dimensões quer de quantidade quer de qualidade, por ser um aspecto que necessita de muita divulgação (INQ1, INQ2, INQ5, pp. 206-207) e alguns esclarecimentos acerca do papel da Biblioteca Escolar no desenvolvimento dos currículos (INQ5, INQ9, INQ10, INQ11, INQ12, pp. 207-208), necessitando de uma iniciativa voluntária, espontânea e paciente do Professor Bibliotecário (INQ1, INQ7, pp. 206-207). Apenas uma única representação revela que a articulação se concretiza frequentemente e naturalmente de forma espontânea (INQ3, p. 207).

Trata-se de uma área da Biblioteca Escolar que exige boas relações entre o Professor Bibliotecário e o corpo docente e a Direcção, pois a qualidade do seu desempenho, no âmbito desta categoria, depende da receptividade dos outros agentes educativos (INQ2, p. 207) e conta com reuniões entre o Professor Bibliotecário e os Coordenadores de Departamento, os Coordenadores de Ciclo, os Directores de Turma e os docentes de determinadas Áreas Curriculares ou Áreas Curriculares Não Disciplinares (INQ4, p. 207), por ser um processo que exige diálogo e deve surgir voluntária e espontaneamente (INQ4, p. 207), pois ambos os lados envolvidos devem estar empenhados no desenvolvimento do processo (INQ4, p. 207). No entanto, a articulação surge sobretudo com os docentes das Áreas Curriculares Não Disciplinares (INQ6, INQ8, pp. 207-208). É fundamental dar credibilidade ao processo, sem pressões, sem contrariedades e sem constrangimentos para nenhuma das partes envolvidas (INQ4, p. 207). A insistência na colaboração e articulação contribuirá para uma articulação cada vez mais natural e espontânea a longo prazo (INQ1, INQ6, pp. 206-207).

Ao longo de todo o processo de divulgação e tentativa de implementação do processo apresentam-se impedimentos que interferem na concretização do processo. Um factor impeditivo importante para a concretização da articulação curricular é o tempo (INQ1, INQ2, INQ4, INQ6, INQ7, INQ8, INQ9, INQ10, INQ11, INQ12, pp. 208-210) e a compatibilidade de horários entre docentes e Professor Bibliotecário, porque há Professores Bibliotecários apenas com 13 horas semanais (INQ2, p. 208) para o seu desempenho na Biblioteca Escolar, com a agravante de ter a seu cargo mais que uma Biblioteca Escolar, dificultando o processo de acompanhamento das duas Bibliotecas, que se encontram a alguma distância uma da outra (INQ2, p. 208). Surgem, também, situações em que os docentes alegam não dispor de tempo para reunir e planificar conjuntamente actividades (INQ9, p. 209) devido ao excessivo trabalho burocrático (INQ5, INQ9, p. 209) e novamente a incompatibilidade de horários (INQ9, p. 209). Há outras situações em que o factor tempo é significativo, como quando a equipa da Biblioteca dispõe de poucas horas para auxiliar o Professor Bibliotecário (INQ1, p. 208) e nas

horas de trabalho da Biblioteca Escolar é solicitada para aulas de substituição (INQ7, p. 209), quando um só Professor Bibliotecário, apesar de serem dois, tem a seu cargo, por exemplo 2 (INQ2, INQ3, INQ5, INQ6, pp. 208-209), 3 (INQ7, p. 209) ou 4 Bibliotecas (INQ. 11, INQ12, pp. 209-210).

A articulação é feita de acordo com as necessidades curriculares de cada docente, daí a importância das reuniões com os agentes educativos para dialogar, verificar hipóteses, planejar e programar. Por vezes, esta surge por iniciativa e estímulo do Professor Bibliotecário, outras vezes por parte dos docentes que se vão apercebendo da vantagem de ter a Biblioteca Escolar como suporte, como apoio ao currículo e às práticas lectivas (INQ1, INQ5, INQ6, INQ7, INQ9, pp. 208-209). Há, ainda, situações em que a articulação curricular não se efectua com eficácia, por o Professor Bibliotecário desconhecer a natureza da Coleção de que dispõe para auxiliar os docentes, porque os documentos tratados tecnicamente são insuficientes (INQ11, p. 209). Surgem, ainda, impedimentos de natureza humana que se prendem com a ausência de espírito de trabalho colaborativo por parte dos docentes (INQ4, INQ9, p. 209) e de natureza formativa que se prendem com o tipo de conteúdos programáticos, por vezes, não dominados pelo Professor Bibliotecário (INQ4, p. 209) sobretudo no Ensino Secundário.

Apesar da unanimidade verificada nas representações dos Professores Bibliotecários, relativamente à importância do trabalho colaborativo e articulação curricular, constata-se ser uma área, ainda, muito aquém do desejado (INQ2, INQ6, INQ10, INQ11, INQ12, pp. 208-210), pois os docentes estão centrados no seu programa curricular e nas suas actividades lectivas, não permitindo interferências nas suas práticas. Constata-se, também, alguma incompreensão por parte da Direcção relativamente às potencialidades da Biblioteca Escolar no cumprimento dos objectivos da escola (INQ10, p. 209).

3.1.6 - Aquisição de Competências

No âmbito desta categoria, as representações dos Professores Bibliotecários revelam o impacto positivo do papel da Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário (INQ1, INQ2, INQ3, INQ4, INQ5, INQ6, INQ7, INQ8, INQ9, INQ10, INQ11, INQ12, pp. 210-212), no processo de aquisição de competências, referindo o trabalho sistemático e contextualizado das competências transversais (INQ1, INQ5, INQ6, INQ9, INQ12, pp. 210-212), nomeadamente competências cívicas, estéticas, culturais, de leitura, de informação, tecnológicas e digitais, proporcionando um Plano de Formação, organizado por módulos, visando o desenvolvimento das literacias digital e da informação, direccionado para alunos e professores (INQ1, p. 210). Estas formações são articuladas com as práticas lectivas, em contexto sala de aula, indo ao encontro do grande objectivo que é a articulação curricular e o trabalho colaborativo. (INQ1, INQ2, INQ5, INQ8, INQ10, INQ12, pp. 210-211). A articulação ocorre a vários níveis, desde o Plano Tecnológico, as Áreas Curriculares Não Disciplinares e as Áreas Curriculares Disciplinares, implicando as diferentes estruturas pedagógicas e os diferentes agentes

educativos (INQ1, INQ5, pp. 210-211), até ao exterior educativo (parcerias) (INQ5, pp. 210-211).

Este processo de aquisição de competências, também, é favorecido pela disponibilização de meios tecnológicos e documentos actualizados, diversificados e adequados às necessidades dos alunos, durante a elaboração de um trabalho de investigação (INQ3, INQ4, INQ5, INQ7, INQ11, pp. 210-211); pelo apoio facultado no processo de pesquisa (internet, exploração de índices de livros), selecção e tratamento da informação (INQ4, p. 210); pela disponibilização de guia para elaboração de um trabalho de investigação, fornecendo informação relativamente à estrutura e citação bibliográfica (INQ4, p. 210).

As actividades dinamizadas pelo Professor Bibliotecário, no âmbito da promoção da leitura, são diversas, desde a aquisição de novidades, mantendo a colecção actualizada e diversificada e, quando possível, questionando o utilizador acerca das suas preferências (INQ1, p. 212); sessões de divulgação e aconselhamento de leituras, apoiando e incentivando a leitura autónoma (INQ1, INQ2, INQ6, INQ8, pp. 212-213); actividades de incentivo ao desenvolvimento do Plano Nacional de Leitura e/ ou proposta de actividades a desenvolver, nos 45m semanais de Estudo Acompanhado, destinados ao Plano Nacional de Leitura (INQ1, INQ2, INQ3, INQ5, INQ7, INQ8, INQ11, INQ12, pp. 212-214); actividades interactivas (INQ1, p. 212); disponibilização de fichas de leitura de livros no âmbito do Plano Nacional de Leitura (INQ1, p. 212); criação de contextos de leitura e de produção/ comunicação em ambientes digitais (INQ1, INQ6, INQ9, pp. 212-213); dinamização do Clube de Leitura, a partir da Plataforma Moodle da escola (INQ1, p. 212); dinamização da disciplina da Biblioteca Escolar, na Plataforma Moodle, dedicada ao desenvolvimento de actividades e divulgação de materiais, no âmbito do Plano Nacional de Leitura (INQ1, p. 212); encontros com escritores, ilustradores, contadores de histórias (INQ1, INQ2, INQ4, INQ11, pp. 212-214); sessões de poesia (INQ1, p. 212); sessões de animação de leitura (INQ1, INQ3, INQ5, INQ8, INQ11, pp. 212-214); sessões de leitura expressiva, dinamizadas por convidados (INQ1, INQ8, pp. 212-213); concursos (INQ1, INQ3, INQ5, INQ6, INQ8, INQ9, INQ11, INQ12, pp. 212-214); feiras do livro (INQ2, p. 212); projectos com Encarregados de Educação (INQ3, INQ5, p. 213); Comunidades de Leitores (INQ4, p. 213); escritor do mês, obra e adaptação cinematográfica (INQ4, INQ12, pp. 213-214); exposições de trabalhos dos alunos (INQ4, INQ9, p. 213); programa mensal, com um evento semanal (INQ4, p. 213); Semana da Leitura (INQ5, p. 213); Conversas com ... (INQ4, p. 213); Pacotes de Leitura (adereços/ artefactos de livros, usados nas sessões de divulgação) (INQ4, p. 213); atribuição de louvores (INQ5, INQ6, p. 213); parcerias com Comunicação Social (INQ9, p. 213); colóquios para Encarregados de Educação e docentes (INQ4, INQ11, pp. 212-214); actividades de associação de imagens/livros, personagens/histórias (INQ11, p. 214); sugestão e exploração de livros com os alunos como motivação para temas curriculares (INQ12, p. 214).

As práticas realizadas pelo Professor Bibliotecário, no âmbito da literacia da informação, surge de um levantamento, na sequência da análise dos currículos, das competências transversais necessárias no final de cada ciclo de ensino (INQ1, p. 214). Com base no

levantamento efectuado, é estruturado um Plano de Formação para apoiar o desenvolvimento da literacia da informação em articulação com as actividades lectivas (INQ1, INQ4, INQ6, pp. 214-215). O trabalho, também, é efectuado mediante disponibilização ao utilizador de guiões de pesquisa e outros materiais relacionados (INQ2, INQ5, INQ6, INQ8, INQ9, INQ10, pp. 214-215); estimulando a necessidade de procura da informação (INQ3, p. 214) e auxiliando o processo (INQ12, p. 215); organização de um portal com recursos electrónicos (INQ4, p. 215); formação de utilizadores (INQ5, INQ7, INQ8, p. 215); recurso à Web 2.0, para divulgação de recursos (INQ6, INQ7, INQ10, p. 215).

As representações revelam que a influência do trabalho do Professor Bibliotecário/Biblioteca Escolar no âmbito da leitura e das capacidades de pesquisa junto dos alunos é significativa. A estatística do empréstimo domiciliário prova que os alunos lêem mais de ano para ano, apresentando hábitos de leitura (INQ1, INQ2, INQ3, INQ4, INQ5, INQ6, INQ8, INQ9, INQ10, INQ11, INQ12, pp. 216-218), resultado da implementação do Plano Nacional de Leitura, do investimento na qualidade e diversidade da colecção e das acções de promoção da leitura dinamizadas pela Biblioteca Escolar (INQ1, INQ4, INQ7, pp. 216-217). É, ainda, referido que os hábitos de leitura são mais frequentes no 1º e 2º ciclos, diminuindo no 3º ciclo e secundário (INQ5, INQ9, pp. 216-217).

No âmbito das competências de pesquisa, também, se tem verificado melhoria nesse domínio (INQ1, INQ3, INQ5, INQ9, INQ11, pp. 216-218), na medida em que se têm dinamizado formações nesse sentido, junto dos alunos (INQ1, p. 216). No entanto, esta área apresenta-se bem mais complexa, pois alguns dos inquiridos revelam ser um processo de aprendizagem lento (INQ2, INQ8, pp. 216-217), assim como aquisição dos hábitos inerentes ao processo de selecção, tratamento e produção de informação, exigindo um trabalho articulado entre Biblioteca Escolar e docente da turma (INQ2, INQ9, pp. 216-217) de forma a ir ao encontro das necessidades específicas dos alunos, procurando colmatá-las. Verifica-se que os alunos manifestam grandes dificuldades no acesso à informação e que a internet se tornou o recurso “à mão” (INQ4, INQ7, pp. 216-217) e, quando encontram a informação não processam conhecimento, pois não a sabem tratar, resignam-se ao “copiar” e “colar” (INQ4, INQ7, INQ12, pp. 216-217), que nos habituámos a ver nas escolas, sem referências bibliográficas nem aspas (INQ4, p. 216). Há Professores Bibliotecários que revelam dificuldade em perceber a melhoria nas capacidades de pesquisa devido ao número elevado de alunos, que é suposto acompanharem (INQ6, p. 217), o que dificulta, também, o processo de acompanhamento dos alunos (INQ12, p. 218).

Em ambos os domínios, leitura e literacia da informação, a solução não é a resignação mas a insistência, pois mesmo alguns dos alunos mais avessos à leitura, mesmo alguns dos grupos minoritários, se deixam levar pelo prazer da leitura (INQ4, p. 216).

A alteração de práticas dos docentes por influência da acção do Professor Bibliotecário, ainda, é pouco significativa (INQ1, INQ4, INQ 5, INQ6, INQ8, INQ10, INQ12, pp. 218-219). No entanto, há situações em que se verificam, nomeadamente no ensino das competências da informação (INQ1, p. 218), que passaram a ser incluídas nas unidades didácticas; na maior

exigência na elaboração de trabalhos escolares (INQ1, p. 218); na solicitação de trabalho colaborativo (INQ2, INQ9 pp. 218-219); nas situações de leitura (INQ3, p. 218); na utilização de recursos disponibilizados pela Biblioteca Escolar (INQ7, INQ11, pp. 218-219).

Para que esta influência se processe é necessário que exista um corpo docente estável (INQ2, p. 218) para que o incentivo seja continuado e não se tenha de voltar cada ano ao ponto de partida. Os docentes habituaram-se ao longo dos anos a trabalhar isoladamente e não permitem grandes interferências (INQ12, p. 219).

3.1.7 - Divulgação

É fundamental que a Biblioteca Escolar encontre meios de se projectar na Comunidade Educativa e esses meios vão desde os mais tradicionais aos mais modernos. O Professor Bibliotecário refere servir-se do correio electrónico (INQ1, INQ2, INQ3, INQ4, INQ11, INQ12, pp. 219-220), dos placares (INQ1, INQ2, INQ3, INQ4, INQ5, INQ6, INQ8, pp. 219-220), dos boletins informativos (INQ1, p. 219), do Jornal Escolar (INQ1, INQ5, INQ8, INQ9, INQ11, INQ12, pp. 219-220), da página Web (INQ1, INQ4, INQ6, p. 219), da Plataforma Moodle (INQ1, INQ6, INQ9, pp. 219-220), do blogue (INQ2, INQ3, INQ5, INQ6, INQ7, INQ8, INQ9, INQ10, INQ11, INQ12, pp. 219-220), das redes sociais (INQ2, INQ6, p. 219), monitor de informação (INQ4, p. 219), reuniões (INQ2, INQ6, p. 219), Portal Concelhio (INQ10, p. 220), exposições (INQ10, p. 220).

3.1.8 - Gestão das Bibliotecas Escolares

As Bibliotecas Escolares são acompanhadas por um Coordenador Interconcelhio que coordena várias Bibliotecas Escolares de uma determinada área geográfica, estabelecendo o elo de ligação entre os Professores Bibliotecários e a Rede de Bibliotecas Escolares (INQ2, INQ6, INQ8, INQ9, INQ11, INQ12, pp. 220-221). Entre as suas funções estão o apoio na gestão da (s) Biblioteca (s) (INQ2, INQ4, INQ5, INQ6, INQ7, INQ8, INQ10, INQ12, pp. 220-221); o auxílio na preparação e articulação de actividades (INQ2, INQ4, INQ7, INQ9, pp. 220-221), em caso de necessidade; auxílio na elaboração e preenchimento de documentos (INQ2, INQ10, pp. 220-221); informar e esclarecer dúvidas relativamente ao funcionamento da Biblioteca Escolar (INQ3, INQ6, INQ9, INQ10, INQ11, pp. 220-221); ligação entre as várias Bibliotecas do Concelho, Biblioteca Municipal inclusive (INQ4, INQ9, pp. 220-221), presidindo reuniões (INQ4, INQ6, INQ9, INQ10, INQ11, pp. 220-221), divulgação actividades, realizando formações (INQ6, INQ11, INQ12, p. 221) e criando o Catálogo Colectivo (INQ4, p. 220).

A gestão das várias Bibliotecas é diferente, dependendo do número de Bibliotecas por escola/agrupamento e do número de Professores Bibliotecários. Há realidades diversas desde duas Bibliotecas por agrupamento (INQ2, INQ9, INQ10, pp. 221-222), três (INQ3, p. 221), cinco (INQ5, INQ6, INQ11, INQ12, p. 222) e seis (INQ7, p. 222). A realidade também é distinta no que concerne a distribuição de serviço, por vezes, em realidades semelhantes. Verifica-se que

há Professores Bibliotecários que gerem 13 horas semanais pela dinamização de duas Bibliotecas a 8 km de distância uma da outra, com todo o trabalho inerente às funções de um Professor Bibliotecário e com redução de horas da Assistente Operacional de uma das Bibliotecas (INQ2, p. 221); em casos, igualmente de duas Bibliotecas Escolares, há realidades que dispõem de dois Professores Bibliotecários, que têm, a seu cargo, uma das duas Bibliotecas Escolares, encontrando-se periodicamente para reunir (INQ9, INQ10, p. 222); outros casos há em que existem três Bibliotecas, ficando um Professor Bibliotecário com duas e o outro com uma (INQ3, p. 221). Há outras situações em que existem cinco Bibliotecas e dois Professores Bibliotecários, ficando um na escola sede e outro nas restantes quatro Bibliotecas do 1º ciclo, tendo de dividir o horário semanal pelas quatro, igualmente com todo o trabalho inerente às funções de um Professor Bibliotecário, excepto o tratamento documental que fica a cargo da Biblioteca Municipal (INQ11, INQ 12, p. 222). Esta situação é complicada, na medida em que, desenvolvendo uma actividade com os alunos, ao estendê-la a todas as turmas das quatro Bibliotecas, apenas se consegue estar com cada turma uma vez por mês e esta frequência só se mantém com uma calendarização intensiva (INQ12, p. 222). Esta realidade é muito cansativa para o Professor Bibliotecário e os docentes titulares de turma ficam com a sensação de um trabalho esporádico (INQ12, p. 222). Situações há, ainda, que o número de Bibliotecas é igualmente 5, mas o número de Professores Bibliotecários são três, ficando dois Professores Bibliotecário com duas Bibliotecas Escolares do 1º ciclo (INQ5, INQ6, p. 222). Nestas situações, os Professores Bibliotecários inquiridos referem que a articulação entre as diferentes Bibliotecas é feita com base em reuniões periódicas (INQ5, INQ6, p. 230). A representação que refere a existência de seis Bibliotecas Escolares optou pela elaboração de um organigrama mensal de actividades para cada uma das Bibliotecas Escolares, abrindo cada Biblioteca uma vez por semana (INQ7, p. 222).

3.1.9 - Comunidade Educativa

Esta categoria aborda as relações que a Biblioteca Escolar estabelece com a Comunidade Educativa. Relativamente à projecção da Biblioteca Escolar no exterior os Professores Bibliotecários consideram um ponto importante, embora não prioritário (INQ1, p. 222), dando prioridade à articulação curricular (INQ1, p. 222), que ocupa grande parte do tempo disponível no horário do Professor Bibliotecário. Nos casos em que as relações se estabelecem (INQ2, INQ3, INQ4, INQ5, INQ6, INQ7, INQ8, INQ9, INQ 11, INQ12, p. 223), os contactos com o exterior são de natureza diversa, desde a Casa da Cultura (INQ2, p. 223); o Centro de Dia (INQ2, p. 223); os Encarregados de Educação (INQ2, p. 223); outras Bibliotecas Escolares do Agrupamento (INQ3, INQ8, p. 223); outras Bibliotecas Escolares do Concelho (INQ4, INQ10, pp. 224-225); livrarias (INQ3, INQ4, pp. 224-225); Serviço de Apoio Bibliotecas Escolares (INQ5, p. 224); Plano Nacional de Leitura (INQ5, p. 224); Centro de Saúde (INQ11, INQ12, p. 225), no âmbito da Educação Sexual; Biblioteca Municipal (INQ3, INQ6, INQ8, INQ11, INQ12, pp. 224-225); Câmara Municipal (INQ3, INQ6, INQ9, p. 224), no âmbito do

financiamento de actividades e transportes; Direcção Regional (INQ6, p. 224); Jornais Regionais (INQ1, INQ9, pp. 223-224), no âmbito da Educação para os Media; Rádio local (INQ9, p. 224); Lar de idosos (INQ6, p. 224); DECO (INQ6, p. 224); Abraço (INQ6, p. 224); editoras, no âmbito da Feira do Livro (INQ11, INQ12, p. 225); Escritores (INQ11, INQ12, p. 234); Centro Hospitalar (INQ11, p. 225); Universidades da região (INQ11, p. 225); Associação Portuguesa de Deficientes (INQ11, p. 225), no âmbito do Projecto Escola Alerta; Rede de Bibliotecas Escolares (INQ12, p. 225). A projecção da Biblioteca Escolar concretiza-se, também, mediante divulgação de actividades de promoção da leitura, mediante divulgação de palestras ou colóquios dinamizados e propostos pela Biblioteca Escolar (INQ2, INQ4, INQ9, INQ12, p. 223).

3.2 Docentes

No âmbito deste processo de investigação, foram inquiridos 60 docentes, 5 de cada escola de cada Professor Bibliotecário inquirido. Posteriormente, após recepção dos inquéritos, foram elaborados gráficos, que apresentam os resultados dos mesmos (Gráfico 3 a 21, Anexo 21).

Após análise dos gráficos 3 e 4 constatámos que a grande maioria dos docentes conhece o espaço Biblioteca e o Professor Bibliotecário que o coordena e dinamiza. Dos docentes inquiridos, verificámos que a frequência com que se deslocam à Biblioteca é bastante diversa, no entanto positiva, tendo em conta que a grande maioria se desloca uma a duas vezes por semana e cerca de 12 dos inquiridos frequenta-a diariamente (Gráfico 5). Esta frequência tem motivos diversos (Gráfico 6), nomeadamente actividades de leitura e consulta com alunos de obras específicas, pesquisa na internet com os alunos, realização de trabalho pessoal e profissional e participação em actividades organizadas pela Biblioteca Escolar. Apesar de menos frequente, também, se deslocam para requisitar livros com a turma, visualizar filmes e documentários, dar Apoio Educativo, e fazer Aulas de Substituição (Gráfico 6).

No domínio da Articulação Curricular, 39 docentes revelam que articulam com a Biblioteca Escolar (Gráfico 7), sobretudo enquanto docentes titulares de turma e no âmbito de projectos como o Plano Nacional de Leitura e o Plano de Acção da Matemática. Ainda que menos frequente, ocorre com docentes das Áreas Curriculares Não Disciplinares (Gráfico 8). No contexto de Articulação Curricular, a grande maioria dos docentes refere que, conjuntamente com a Biblioteca Escolar, às vezes, planifica projectos e actividades conjuntas; colabora em eventos culturais; colabora em actividades no âmbito do Plano Nacional de Leitura; participa em discussões acerca do nível de competências dos alunos e planifica estratégias de melhoria; e participa em actividades decorrentes do Projecto Educativo de Escola, do Projecto Curricular de Escola e Projectos Curriculares de Turma (Gráfico 9).

A opinião dos docentes, relativamente ao trabalho desenvolvido pela Biblioteca Escolar, é bastante positiva, na medida em que 21 docentes consideram ser um trabalho muito bom e 24

afirma ser bom, um total de 45 docentes. No entanto, ainda há docentes que desconhecem o trabalho desenvolvido pela Biblioteca Escolar da sua escola (Gráfico 10).

A totalidade dos docentes inquiridos concorda que a Biblioteca Escolar tem impacto no desenvolvimento de competências de leitura dos alunos (Gráfico 11), sobretudo a nível das competências de compreensão, no gosto pela leitura e no uso de ambientes digitais, literacias digitais e da informação (Gráfico 12). Uma percentagem de docentes, ainda, refere o impacto a nível da escolha de leituras mais extensas e complexas e no domínio da oralidade e escrita (Gráfico 12).

Quando se trata de caracterizar a Biblioteca Escolar e o trabalho por ela desenvolvido a maioria dos docentes, refere ter um Professor Bibliotecário com capacidade de liderar junto dos departamentos e dos docentes; que a Biblioteca Escolar desenvolve um trabalho sistemático de promoção da leitura, actividades diversificadas de leitura, associando diferentes formas de comunicação e de expressão; que a Biblioteca Escolar disponibiliza espaço para leitura individual e recursos documentais actualizados, no domínio da leitura e literacia; que faz um acompanhamento dos alunos no acesso, selecção e tratamento da informação; que promove a leitura informativa e o desenvolvimento da reflexão e do espírito crítico; que promove o trabalho colaborativo, no âmbito da leitura e incentiva e apoia o desenvolvimento do Plano Nacional de Leitura; que contribui para a melhoria do trabalho escolar e nível de competências dos alunos; que faculta instrumentos de apoio aos utilizadores e trabalha com a *Web 2.0*; que cria condições para uso das Tecnologias de Informação e Comunicação e uso qualificado da internet; que incentiva a Articulação Curricular e a partilha de recursos; e que proporciona actividades diversificadas motivadoras da leitura e das literacia (Gráfico 13).

No que concerne à promoção da utilização da Biblioteca Escolar e seus recursos pelos docentes junto dos alunos, a maioria refere que nem sempre acontece e 24 docentes referem que o fazem com frequência (Gráfico 14). No processo de promoção da utilização da Biblioteca Escolar e seus recursos, a maioria dos docentes afirma que, quando solicita um trabalho de pesquisa e sugere a Biblioteca Escolar, orienta bibliograficamente os alunos nas actividades de pesquisa (Gráfico 15).

Aspecto importante no uso da Biblioteca Escolar é a sua utilização autónoma e para isso contribui a formação de utilizadores. No entanto, a grande maioria dos docentes afirma nunca ter participado numa formação de utilizadores dinamizada pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário (Gráfico 16).

O trabalho colaborativo é fundamental e a maioria dos docentes afirma ter trabalhado colaborativamente com o Professor Bibliotecário na realização de actividades na Biblioteca Escolar ou em sala de aula com alguma turma (Gráfico 17) e na produção de materiais (Gráfico 18). No entanto, apesar da maioria trabalhar colaborativamente, há uma quantidade significativa que não faz, cerca de 39 dos inquiridos (Gráfico 17 e 18). Relativamente à solicitação de colaboração, por parte dos docentes, é pouco significativa, no entanto há

docentes que referem ter solicitado apoio na produção de materiais e não obtiveram colaboração (Gráfico 18).

A maioria dos docentes, quando se refere ao trabalho desenvolvido pela Biblioteca Escolar, no domínio da formação de utilizadores, avalia-o como bom (27 docentes), havendo, ainda, um número significativo (16 docentes) que o avalia como razoável e alguns como fraco (4 docentes) (Gráfico 19). Relativamente ao impacto do trabalho desenvolvido na actividade docente a maioria refere ser bom e um pequeno número (9 docentes) afirma ser muito bom. No entanto, é importante salientar que, apesar do impacto positivo, há docentes que afirmam ter um impacto razoável (17 docentes) e, ainda, outros que afirmam ter um fraco impacto (6 docentes) (Gráfico 21). Por sugestão da Biblioteca Escolar, os docentes referem usar, sobretudo, o catálogo da Biblioteca Escolar, actividades específicas para as Áreas Curriculares, lista de sítios Web e textos apropriados a determinadas Áreas Curriculares (Gráfico 20).

3.3 Alunos

No âmbito deste processo de investigação, foram inquiridos 600 alunos, sendo 50 de cada escola pertencente a cada Professor Bibliotecário inquirido. Posteriormente, após a recepção dos inquéritos, foram elaborados gráficos, que apresentam os resultados dos mesmos (Gráficos 22 a 40, Anexo 22).

Após a análise dos gráficos 22 e 23, constatámos que a totalidade dos alunos conhece o espaço Biblioteca e o Professor Bibliotecário que o coordena e dinamiza. Verificámos que um número significativo de alunos frequenta, voluntariamente, a Biblioteca, diariamente, para além das actividades lectivas. No entanto, a grande maioria frequenta a Biblioteca Escolar uma a duas vezes por semana (Gráfico 24). De qualquer forma, é uma frequência bastante positiva. A frequência da Biblioteca Escolar e seus recursos com os docentes, ou a seu pedido, diminui sensivelmente, pois verificámos que a maioria frequenta uma a duas vezes por semana e um número significativo frequenta apenas uma a duas vezes por mês (Gráfico 25). As três actividades mais desenvolvidas pelos alunos, durante a frequência da Biblioteca Escolar, são o recurso à internet para pesquisa, jogos e convívio (Gráfico 26). Outras actividades foram, ainda, assinaladas, se bem que em menor número, nomeadamente a visualização de filmes, a audição de música, a participação em passatempos, o estudo, a realização de trabalhos de casa, aulas de apoio e de substituição, a leitura, a requisição de livros e a pesquisa em suporte livro (Gráfico 26).

A maioria dos alunos refere que os docentes, quando propõem um trabalho a realizar, dão orientações acerca do tema e bibliografia a usar. No entanto, um número significativo afirma que isto só se verifica às vezes (Gráfico 27). Quando realizam um trabalho de pesquisa, a maioria dos alunos refere começar a pesquisa, consultando a internet. A segunda opção mais adoptada é a solicitação de apoio do Professor Bibliotecário, seguida da consulta de livros

relacionados com o tema. Ainda que em menor número, há alunos que consultam uma enciclopédia, outros aguardam indicações do professor, outros consultam o catálogo informatizado da Biblioteca Escolar e outros os guiões de apoio existentes na Biblioteca Escolar (Gráfico 28).

Quando questionados acerca da participação em actividades que ensinam a usar a Biblioteca Escolar, a grande maioria afirma já ter participado (Gráfico 29). A grande maioria dos alunos refere sentir-se apoiada pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário durante a frequência da Biblioteca Escolar (Gráfico 30); manifesta fazer progressos, na sequência da utilização da Biblioteca Escolar e seus recursos (Gráfico 31), assim como revela sentir-se mais autónoma no processo de pesquisa, condicionada pelo trabalho na Biblioteca Escolar e seus recursos (Gráfico 32).

No âmbito das aprendizagens efectuadas com o auxílio da Biblioteca Escolar, um número significativo de alunos refere ter efectuado boas aprendizagens no uso de serviços e equipamentos da Biblioteca Escolar, no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação e no domínio da exploração de diferentes materiais para pesquisa e apresentação de trabalhos. Se somarmos o número de alunos que revela ter efectuado BOAS e MÉDIAS aprendizagens, neste domínio, o valor é superior, o que se apresenta como um resultado bastante positivo. Há, ainda, um número de alunos, muito pouco significativo, que revela ter efectuado fracas aprendizagens nestes três domínios, por influência da Biblioteca Escolar (Gráfico 33).

Cerca de 180 alunos dos 600 inquiridos refere que a Biblioteca Escolar dá apoio na sugestão de leituras e cerca de 366 refere que apenas, *às vezes*, essas sugestões são efectuadas. Apesar de o número não ser relevante, no universo dos inquiridos, ainda há alunos a referir que essas sugestões nunca são facultadas (Gráfico 34). Quando procuram bibliografia para elaboração de trabalhos, cerca de 402 alunos referem só, *às vezes*, encontrarem o que procuram e necessitam e cerca de 180 referem encontrar *sempre*. No entanto, apesar de muito pouco significativo, ainda há alunos a referirem que nunca encontram a bibliografia desejada (Gráfico 35).

No âmbito da participação em actividades dinamizadas pela Biblioteca Escolar, acompanhados de alunos e professores, cerca de 141 alunos referem participar *sempre* e cerca de 369 referem que só, *às vezes*, acontece. No entanto, há um número significativo que refere *nunca* participar (Gráfico 36).

Quando questionados acerca do trabalho da Biblioteca Escolar das opções propostas (motiva-me para ler mais, dá a conhecer livros interessantes, desenvolve actividades que motivam para ler, oferece formas de expressão de opiniões e dá a conhecer escritores e pessoas) as quatro opções mais assinaladas foram o facto de dar a conhecer livros interessantes, seguida do dar a conhecer escritores e pessoas e da oferta de formas de expressão de opiniões (Gráfico 37). No âmbito da participação em actividades, os alunos assinalam opções diversas, sendo as quatro mais assinaladas, por apresentarem números relevantes, concursos, blogue, sessões de leitura e exposições. Apesar de assinaladas, não apresentam números relevantes o Jornal Escolar, o Escritor do mês e Monitor (Gráfico 38).

Contudo, cerca de 142 dos alunos inquiridos refere que a Biblioteca Escolar contribuiu muito para as suas competências de leitura, pesquisa e resultados escolares. Um número bastante mais elevado refere que esse contributo é mediano, havendo, ainda, um número significativo, 98 alunos, que referem ser *pouco* esse contributo. Apesar de pouco relevante, há um pequeno número de alunos que afirmam em nada contribuir para as suas competências de leitura, pesquisa e resultados escolares (Gráfico 39).

Na globalidade, a grande maioria dos alunos afirma ser bom o trabalho da Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário, no apoio à pesquisa de informação e na realização de trabalhos. Um número menor, mas significativo, afirma ser *razoável*. No entanto, existe um pequeno número de alunos que afirma ser de *fraca qualidade* (Gráfico 40).

4-INFERÊNCIAS, INTERPRETAÇÃO E CONCLUSÕES DO ESTUDO

“É essencial que todo o investigador em educação se preocupe com a questão da fiabilidade e validade dos métodos a que recorre sejam eles de cariz quantitativo ou qualitativo, porque (...) sem rigor a investigação “não tem valor, torna-se ficção e perde a sua utilidade.””

Coutinho (2008)¹⁵

A Biblioteca Escolar conserva a sua tradicional missão de disponibilizar recursos de aprendizagem em vários suportes e em vários formatos, tantos quantos a actualidade e as condições de cada Biblioteca Escolar o permitir, indo desde o suporte áudio, vídeo, livro, revista, Internet para pesquisa, documentos em suporte digital, entre outros que entretanto forem surgindo, pois estando no centro do processo educativo tem de se apresentar um espaço actual em estratégias implementadas e recursos disponibilizados.

As duas áreas que verificámos necessitarem uma maior intervenção e um trabalho sistemático foi, sem dúvida, a articulação curricular entre Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário e docentes quer das Áreas Curriculares Disciplinares quer das Áreas Curriculares Não Disciplinares, pois a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário podem intervir quer no domínio dos currículos quer auxiliando os docentes no desenvolvimento das competências transversais junto dos alunos, estando no âmbito dessas competências transversais a competência de pesquisa, selecção, tratamento e produção de informação. Intervindo para a melhoria numa área estar-se-á a desenvolver a outra.

Eveillé (2007) apresenta o Professor Bibliotecário como parceiro do aluno no processo de pesquisa de informação, e nós apresentamo-lo como o parceiro do docente no processo de orientação do aluno na tarefa de pesquisa, que se desenvolve, segundo o autor (2007), em

¹⁵ Consultado a 25 de Fevereiro de 2011 em http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_educacao/vol12n1/005a015_art01_coutinho%5Brev_ok%5D.pdf

seis etapas, iniciando-se na identificação do tema, passando pela procura de fontes de informação, pela selecção dos documentos, por retirar dos documentos a informação pertinente, pelo tratamento da informação e culminando na comunicação da informação. O Professor Bibliotecário ao apoiar o aluno está a auxiliar as práticas lectivas e a facilitar o trabalho do docente, pois ao dominar determinadas competências o aluno adquire melhor os conteúdos programáticos e ao auxiliar o docente na orientação do aluno está a contribuir para o desenvolvimento de competências do aluno. Neste sentido, o Professor Bibliotecário surge igualmente como parceiro do aluno e do docente.

A verdade é que a maioria dos docentes se centra no programa curricular da disciplina, que, na maioria dos casos é enorme, esquecendo-se que a aquisição dos conteúdos é importante mas o desenvolvimento de competências é prioritário, na medida em que o domínio de competências conduz ao conhecimento e, neste ponto, o domínio de métodos de pesquisa é fundamental.

A Biblioteca Escolar/ o Professor Bibliotecário têm de auxiliar os docentes a orientar os alunos na gestão da quantidade e diversidade de informação existente. Dada a quantidade e diversidade é necessário ensinar os alunos a avaliar a qualidade da informação que recebem, a seleccioná-la, a tratá-la e a reproduzir por palavras próprias ou produzir nova informação, pois é a informação que permanece após este processo que, no entender de Bairrão e Gouveia (2007: 25), é o “verdadeiro conhecimento”. O domínio de determinadas competências transversais, nomeadamente competências de leitura, de escrita, digital, de informação, raciocínio, crítica, entre outras, garante a capacidade de aprendizagem ao longo da vida.

No percurso do trabalho, o Professor Bibliotecário não está só, pois dispõe de uma equipa que pretende ser multidisciplinar. Verificámos que a selecção não obedece a critérios que beneficiam a Biblioteca Escolar e a sua missão, mas acreditamos que a formação da equipa é tão importante como a do Professor Bibliotecário e que a selecção dos membros deveria obedecer a critérios como a motivação, a formação contínua (ou especializada) em biblioteconomia, formação nas novas tecnologias, pois, ainda que, numa menor dimensão, algumas das funções do Professor Bibliotecário são igualmente dos membros da equipa.

Constatámos discrepância entre as várias Bibliotecas Escolares, sobretudo, no domínio dos Recursos Materiais, que não são tão actuais e modernos quanto seria necessário e apesar de assistirmos à era do digital a grande maioria das Bibliotecas não se socorre de todos os recursos existentes na Web nem dispõe de meios que permitam acesso às Bibliotecas Digitais pelos alunos. Discrepância, verificámos, também, existir na distribuição de serviço, sobretudo nos casos em que existem várias Bibliotecas Escolares, pois a legislação não contempla esta situação.

CONCLUSÃO

A bibliografia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho, sobretudo autores como Calixto, Bairrão e Gouveia, entre outros, caracterizam a sociedade actual como a Sociedade da Informação e com esta sociedade, desde que vimos ao mundo, estabelecemos uma relação contratual (in)visível e (in)consciente, pois confrontamo-nos com uma quantidade de informação que nos chega de todo o lado e em diferentes suportes, desde a rádio, a televisão, o computador, o jornal até às revistas. Dada a quantidade, diversidade e diferente qualidade da informação torna-se imperativo saber geri-la e ela adquire maior ou menor relevância em função das necessidades do utilizador e esta relevância varia de acordo com três dimensões fundamentais, a temporal, a espacial e a situacional. A importância da informação deve ser encarada na óptica do utilizador, pois ela só existe enquanto for útil e utilizada.

É neste contexto de mutação social e informacional que se exige a adequação das funções, missão e recursos das Bibliotecas Escolares, pois mais que ter acesso à informação em suportes diversificados, é importante que a Biblioteca Escolar acumule as funções de auxiliar o utilizador na gestão, selecção e tratamento da informação. Esta tarefa inicia-se com a função da Biblioteca Escolar de promover a leitura, pois a competência da leitura é essencial para a aquisição de uma compreensão leitora que conduzirá o utilizador na procura da informação e lhe facultará algumas competências na gestão, selecção e tratamento da informação. Para melhorar e de alguma forma facilitar o cumprimento das novas funções das Bibliotecas Escolares nesta nova sociedade surgiu uma Rede de Bibliotecas Escolares nacional que faz o respectivo acompanhamento da gestão e organização desses espaços e procura orientar o Professor Bibliotecário para melhor desempenhar as suas funções.

As novas tecnologias e o digital ajudam as Bibliotecas Escolares e os Professores Bibliotecários a cumprirem a sua missão, pois proporcionam recursos para gerir a colecção da Biblioteca, uma vez que a elaboração de catálogos digitais dá uma noção da colecção existente na Biblioteca, orienta o Professor Bibliotecário no auxílio ao utilizador e, no caso de um utilizador autónomo, facilita-lhe o trabalho de pesquisa; promover a leitura, porque não se pode negar a importância das tecnologias e do digital nesse domínio, sobretudo numa sociedade que assiste à era do digital e, neste sentido, o Professor Bibliotecário, para promover o livro e a leitura, terá de se socorrer do digital. Não se pode negar este recurso com receio da substituição do livro pelo digital, devendo-se tornar o digital como um auxiliar do livro.

O Professor Bibliotecário é uma carreira recente, que surgiu, na sequência das novas exigências sociais e da necessidade de auxiliar os docentes na preparação dos alunos para o futuro mercado de trabalho, cumprindo os objectivos previstos nos Projectos Educativos de Escola, que visam o sucesso educativo. O Professor Bibliotecário é um agente educativo que

deve interagir com os restantes agentes educativos, na medida em que trabalham para um objectivo comum, o desenvolvimento de competências, a aprendizagem, ou seja, o real, o verdadeiro sucesso educativo, que se constata no desempenho diário dos alunos e não nas avaliações quantitativas que, por vezes, por questões legislativas, ou motivos inerentes às características individuais de cada aluno, se afastam da relação estabelecida entre descritores de desempenho/ nota quantitativa.

O estudo realizado permitiu concluir que existe um esforço por parte dos Professores Bibliotecários no desempenho das suas funções, constatável, também, na quantidade e qualidade de formação realizada. Constámos uma preocupação nas representações dos Professores Bibliotecário no que concerne à colaboração dos restantes agentes educativos ou à permissão de intervenção nas suas práticas lectivas, pois os docentes, ainda, estão pouco despertados para o trabalho colaborativo, esquecendo-se da necessidade de desenvolver competências necessárias à aquisição de conteúdos de todas as Áreas Curriculares Disciplinares, nomeadamente a compreensão leitura; o desempenho na escrita; a capacidade de raciocínio; a capacidade de espírito crítico; a distinção entre objectividade e subjectividade, sendo capaz de intuir para além do escrito e do visualizado; capacidade de interpretar imagens quer objectivas quer metafóricas; o sentido estético; entre outras.

O qualidade do métodos utilizados no tratamento da informação pelos alunos foi a área que verificámos exigir maior intervenção, pois apesar de alguns docentes referirem que auxiliam os alunos no processo, é, também referido que estes recorrem com frequência, por comodismo às técnicas de copiar e colar, sem referência às fontes de informação, plagiando sem noção do acto de crime cometido e com irresponsabilidade. Neste sentido, consideramos que a formação de utilizadores deve despertar para a importância do tratamento de informação e produção própria ou, em caso de recurso ao texto alheio, ser necessário referir o autor da fonte. Pensamos ser importante alertar, também, para o conceito de plágio e quais as suas implicações.

Como em todas as situações na Humanidade, tudo o que exige mudança implica aceitação do ser humano e, por consequência, mudança de mentalidades. A mudança vai-se instituindo como normal e habitual com o tempo, o uso, a frequência. Aconteceu com todas as reformas educativas e o mesmo sucederá com a figura do Professor Bibliotecário e com a aceitação do novo papel da Biblioteca Escolar no processo ensino-aprendizagem.

Bibliografia

ALVIM, L. (2007) - “Blogues e bibliotecas: construir redes na Web 2.0.” In: *Cadernos BAD*, nº 1, Associação de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas.

ASLA (2004) - “Standards of Professional excellence for teacher librarians.” Consultado a 26 de Dezembro de 2010 em <http://www.asla.org.au/docs/TLstandards.pdf>

ASLA (2006) - “A teacher librarian advocate’s guide to building information literate school communities.” Consultado em 2 de Fevereiro de 2011 em www.asla.org.au/advocacy/advocatesguide.pdf

ARAÚJO, L. (2007) - “A Compreensão na Leitura: Investigação, avaliação e boas práticas.” In: AZEVEDO, F. (Coord.) (2007) - *Formar Leitores*. Lisboa: Lidel, pp. 9-18.

AZEVEDO, F. (Coord.) (2007) - *Formar Leitores. Das Teorias às Práticas*. Lisboa: Lidel.

AZEVEDO, F. (2009) - “Contextos e práticas.” In: AZEVEDO, F. e SARDINHA, G. (Coord.) (2009) - *Modelos e Práticas em Literacia*. Lisboa: Lidel, pp. 1-16.

AZEVEDO, F. e SARDINHA, G. (Coord.) (2009) - *Modelos e Práticas em Literacia*. Lisboa: Lidel.

BAIRRÃO, M. e GOUVEIA, L. B., *Gestão da Informação na Biblioteca Escolar*. Braga: Universidade do Minho, 2007.

BARDIN, L. (1977) - *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Personal.

BARRETO, A. (2007) - “Blogues e bibliotecas: informação, comunicação e *nonsense* à velocidade da luz.” In: *Cadernos BAD*, nº 1, Associação de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, pp. 9-15.

BARROS, E. (2010) - “Não basta o livro para fazer o leitor.” In: *Noesis*, nº 82, Julho/ Setembro 2010, pp.34-37.

BELL, J. (1997) - *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva Publicações.

BOCCHL, S. C. M. e JULIANI, C. M. C. M. e SPIRI, W. C. (2008) - “Métodos qualitativos de pesquisa: Uma tentativa de desmistificar a sua compreensão.” Consultado a 10 de Fevereiro

de 2011 em
http://www.emv.fmb.unesp.br/publicacoes/enfermagem/pesquisa_qualitativa_2008.pdf

BOGEL, G. (2006)- “School libraries play an active, transformational role in student learning and achievement.” In: *Evidence Based Library and Information Practice*. Consultado a 11 de Outubro de 2010 em
<http://ejournals.library.ualberta.ca/index.php/EBLIP/article/view/91/168>

BROWNE, E. (2009) - *A Surpresa de Handa*. Lisboa: Caminho.

CALÇADA, T. (2010) - “Mudanças que reflectem novas necessidades.” In: *Noesis*, nº 82, Julho/Setembro 2010, p. 33.

CALIXTO, J. (1996) - *A Biblioteca Escolar e a Sociedade da Informação*. Lisboa: Caminho.

CONDE, E. (2010) - “Bibliotecas Escolares, ambientes de aprendizagem permanente.” In: *Noesis*, nº 82, Julho/ Setembro 2010, pp. 30-32.

CORONAS, M. (2000) - *La Biblioteca Escolar. Un Espacio para Leer, Escribir y Aprender*. Série Verde Blitz, ratón de biblioteca, nº1. Gobierno de Navarra. Departamento de Educación y Cultura.

CORREIA, A. M. (2002) - “Literacia em informação para uma cidadania activa e eficiente.” Consultado a 23 de Outubro de 2010 em
http://www.infolit.org/International_Conference/papers/correia-portuguese-fullpaper.pdf

CORREIA, A. M. e TEIXEIRA, J. (2003) - “Information literacy for a safer Internet.” *Online Information Review* 27(5).

COUTINHO, C. P. (2008) - “A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade.” Consultado a 25 de Fevereiro de 2011 em
http://www.unisinus.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_educacao/vol12n1/005a015_art01_coutinho%5Brev_ok%5D.pdf

DUDZIAK, E. (2003) - “Information literacy: princípios, filosofia e prática.” Consultado a 30 de Dezembro de 2010 em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15970.pdf>

DUDZIAK, E. (2007) - “O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social.”

Consultado a 25 de Dezembro de 2010 em www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewPDFInterstitial/1396/878

ECO, U. (1980) - *O Nome da Rosa*. Lisboa: Difel.

ÉVEILLÉ, I. (2008) - “A Pesquisa de Informação EB 2,3 e Secundário. O Professor e a Biblioteca, Parceiros do Aluno.” Consultado a 30 de Dezembro de 2010 em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=pesquisa_informacao.pdf

FERNANDES, D. (1991) - “Notas sobre os paradigmas de investigação em Educação”. In: *Noesis*, nº 18, pp. 64-66.

FITZGIBBONS, S. (2002) - “School and Public Library relationships: essential ingredients in implementing educational reforms and improving student learning”. Consultado a 31 de Dezembro de 2010 em <http://www.ala.org/ala/aasl/aaslpubsandjournals/slmrb/slmrcontents/volume32000/relationships.cfm>

FLICK, U. (2005) - *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.

GABINETE DA REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES (2009) - *Modelo de Auto-Avaliação das Bibliotecas Escolares*. Consultado a 11 de Outubro de 2010 em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=31&fileName=Modelo_de_avaliacao.pdf

GABINETE DA REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES (2011) - *Modelo de Avaliação das Bibliotecas Escolares*. Consultado a 18 de Fevereiro de 2011 em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/745/mabe.pdf>

GOMES, J. A. (1996) - *Da Nascente à Voz. Contributos para uma Pedagogia da Leitura*. Lisboa: Caminho. 2ª ed..

GOMES, J. A. (2006) - “Literatura para a infância e a juventude e a promoção da leitura”. Consultado a 3 de Fevereiro em http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_litinf_promleit_a.pdf

GONÇALVES, a. (2009) - “O que realmente podemos ver”. In: AZEVEDO, F. e SARDINHA, G. (Coord.) (2009) - *Modelos e Práticas em Literacia*. Lisboa: Lidel, pp. 35-48.

GUERRERO, J. G.(2006) - “Hacia la configuración de la red profesional en el ámbito de las bibliotecas escolares: la creación de zonas educativas de cooperación bibliotecária”. In: *Actas*

de las II Jornadas sobre Bibliotecas Escolares de Extremadura, Mérida, Junta de Extremadura, Consejería de Educación, pp. 89-101. Consultado a 30 de Dezembro de 2010 em http://bam.educarex.es/gestion_contenidos/ficheros/1290Libro%20Actas%20II%20Jornadas%20Bibliotecas.pdf

GUIA DE BIBLIOTECAS ESCOLARES (2003) - *Bloque 4: Complemento del Trabajo del Aula y de Área*. Consultado a 30 de Dezembro de 2010 em http://www.juntadeandalucia.es/educacion/portal/com/bin/planlyb/contenidos/RecursosEducativos/GUIA_LYB/1169811192543_bloque4.pdf

GUIA DE BIBLIOTECAS ESCOLARES (2006) - *Bloque 8: Biblioteca Integrada*. Consultado a 30 de Dezembro de 2010 em http://www.juntadeandalucia.es/educacion/portal/com/bin/planlyb/contenidos/RecursosEducativos/GUIA_LYB/1170764318012_bloque8.pdf

HANNESDÓTTIR, S. (1995) - “Bibliotecários Escolares: Linhas de Orientação para os requisitos de competência. Relatório Profissional da IFLA, nº 41”. Consultado a 25 de Dezembro de 2010 em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=Competencias.pdf>

IASL (Internacional Association of School Librarianship) (1993) - “Declaração Política da IASL sobre Bibliotecas Escolares”. Consultado a 18 de Outubro de 2010 em <http://www.scribd.com/doc/3407245/iasldeclaracao>

IFLA (2006) - “Guidelines on Information Literacy for Lifelong Learning”. Consultado a 23 de Janeiro de 2011 em <http://archive.ifla.org/VII/s42/pub/IL-Guidelines2006.pdf>

IFLA/UNESCO (1999) - “Manifesto da Biblioteca Escolar”. Lisboa: Ministério da educação. Consultado a 11 de Outubro de 2010 em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=manifesto_be_unesco.pdf

IFLA/UNESCO (2002) - “School Libraries Guidelines”. Consultado a 25 de Janeiro de 2011 em www.ifla.org/VII/s11/pubs/school-guidelines.htm

IFLA/UNESCO (2005) - “Faróis da Sociedade da Informação Declaração de Alexandria sobre literacia da informação e aprendizagem ao longo da vida”. Consultado a 25 de Janeiro de 2011 em http://www.infolit.org/International_Colloquium/alexprocport.doc

IFLA/ UNESCO (2006) - “Directrizes da IFLA/ UNESCO para as Bibliotecas Escolares”. Consultado a 12 de Agosto de 2010 em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=SchoolLibraryGuidelines_pt.pdf

ILLESCAS, M. J. (1992) *Estudiar e Investigar en la Biblioteca Escolar. La Formation de Usuarios*. Colección Bibliotecas Escolares. Série verde, nº 4. Gobierno de Navarra.

KREISER, L. e HORTON, J. (1992) - “The history of the curriculum integred library media program concept”. In: *International Journal of Instructional Media*, 19(4), pp. 313-319.

KUHLTHAU, C. (1999) - “Literacy and Learning for the Information Age”. In STRIPLING, B. K., *Learning and Libraries in an Information Age: Principles and Practice*. Littleton: Libraries Unlimited, pp. 3-22.

KUHLTHAU, C. (2002) - *Como Usar a Biblioteca na Escola: um Programa de Actividades para o Ensino Fundamental*. Tradução e adaptação de Bernardete Campello Santos. Belo Horizonte: Autêntica.

LABARRE, A. (2005) - *História do Livro*. Lisboa: Livros Horizonte.

LETRIA, J. J. (2003) - *O Leitor Aprendiz que Lendo Quer Ser Feliz*. Consultado a 29 de Novembro de 2010 em <http://comunidade.sol.pt/blogs/anatarouca/archive/2007/03/02/A-biblioteca-e-o-leitor-aprendiz-que-lendo-quer-ser-feliz.aspx>

LETRIA, J. J. (2004) - *Ler Doce ler*. Lisboa: Terramar.

MACEDO, T. e SOEIRO, H. (2009) - “A emergência da leitura no jardim-de-infância: Os tapetes narrativos”. In: AZEVEDO, F. e SARDINHA, G. (Coord.) (2009) - *Modelos e Práticas em Literacia*. Lisboa: Lidel, pp. 49-68.

MANGUEL, A. (1998) - *Uma História da Leitura*. Lisboa: Editorial Presença.

MARNY, Jacques (1988) - *Sociologia das Histórias aos Quadradinhos*. Porto: Editora Civilização.

ME (2001). “Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências essenciais”. Consultado a 24 de Outubro de 2010 em http://www.dgdc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/84/Curriculo_Nacional.pdf

ME (2009) - “Portaria nº 756/2009 de 14 de Julho”. In: *Diário da República*, 1ª série, nº 134. Consultado a 24 de Outubro de 2010 em http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=3998&fileName=portaria_756_2009.pdf

MELO, Maria do Céu (*et alii*) (2010) - “Do riso ao siso”: a leitura e a interpretação de cartazes e cartoons políticos na aula de História”. Consultado a 10 de Outubro de 2010 em <http://www.historiaimagem.com.br/edicao10abril2010/dorisoaosiso.pdf>

MENÉRES, M. A. (2005) - “Os Nomes”. In: *Conversas com Versos*. Alfragide: Edições Asa, p. 64.

MILANESI, L. (2002) - *Biblioteca*. Brasil: Ateliê Editorial.

MORENO, V. (2000) - *Lectura, Libros y Animación. Reflexiones y Propuestas*. Série Verde Blitz, ratón de Biblioteca, nº2. Gobierno de Navarra. Departamento de Educación y Cultura.

MOTA, F. (2006) - “Competência informacional e necessidade de interacção entre bibliotecários e professores no contexto escolar”. Consultado a 25 de Dezembro de 2010 em <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/447/1499>

MSI (1997) - *Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal*. Consultado a 26 de Outubro de 2010 em <http://www.pedroveiga.nome.pt/LivroVerde1997.pdf>

NEVES, J. L. (1996) - “Pesquisa qualitativa - características, usos e possibilidades”. Consultado a 10 de Fevereiro em <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>

PAWAGI, M. (2006) *A Menina que Detestava Livros*. Lisboa: Terramar.

PEREIRA, I. (2009) - *Literacia crítica: Concepções teóricas e práticas pedagógicas nos níveis iniciais de escolaridade*. In: AZEVEDO, F. e SARDINHA, G. (Coord.) (2009) - *Modelos e Práticas em Literacia*. Lisboa: Lidel, pp. 17-34.

PENNAC, D. (2006) - *Como um Romance*. Porto: Edições Asa.

PESSOA, A. M. (1996) - “A Biblioteca na (s) Escola (s): de um desnecessário passado a um futuro cheio de esperança?” In: *Cadernos BAD*, nº 2, Associação de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, pp. 15-30.

PONTES, V. e AZEVEDO, F. (2009) - “O espaço de leitura como fonte de prazer”. In: AZEVEDO, F. e SARDINHA, G. (Coord.) (2009) - *Modelos e Práticas em Literacia*. Lisboa: Lidel, pp.69-79.

PROLE, A. (2009) - “Como fazer um projecto de promoção da leitura”. Consultado a 15 de Novembro de 2010 em

http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/manual_instrucoes_projectos_a_C.pdf

RADER, H. (1996) - “Educating students for the information age: the role of the librarian.” Consultado a 24 de Outubro de 2010 em <http://darkwing.uoregon.edu/~felsing/ala/rader.html>

REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES (2010) - “Para uma gestão integrada da biblioteca escolar no agrupamento: orientações.” Consultado a 30 de Dezembro de 2010 em http://www.drec.min-edu.pt/repositorio/Gestao_be.pdf

RODRIGUES, E. (1995) - “Bibliotecas virtuais e cibertecários: o futuro já começou.” In: *Cadernos BAD*, nº 3, Associação de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, pp. 23-34.

SARDINHA, G. (2007) - “Formas de ler: Ontem e Hoje.” In: AZEVEDO, F. (Coord.) (2007) - *Formar Leitores*. Lisboa: Lidel, pp. 1-7.

SCHEIRER, B. (2000) - “The Changing Role of the Teacher-Librarian in the Twenty-first Century.” Consultado a 30 de Dezembro de 2010 em <http://www.usask.ca/education/coursework/802papers/scheirer/scheirer.htm>

SHELLEY-ROBINSON, C. (1999) - “Prioridades y estrategias para el siglo XXI: la necesidad de Educación en Información.” Consultado em 2 de Fevereiro de 2011 em www.geocities.com/crachilecl/ponenciaa.htm

SILVA, L. M. (2000) - *Bibliotecas Escolares. Um contributo para a sua Justificação, Organização e Dinamização*. Braga: Livraria Minho.

SKAPINAKIS, H. (2010) - “Recursos para Professores Bibliotecários ... e não só”. In: *Noesis*, nº 82, Julho/ Setembro 2010, pp.38-39.

SOTO, F. (2006) - “El libro de texto y la biblioteca escolar. La escuela del pasado y la del futuro.” Consultado a 30 de Dezembro de 2010 em <http://www.asnabi.com/revista-tk/revista-tk-18/04soto.pdf>

SOUSA, O. (2007) - “O texto literário na escola: Uma outra abordagem - Círculos de leitura.” In: AZEVEDO, F. (Coord.) (2007) - *Formar Leitores*. Lisboa: Lidel, pp. 45-68.

SOARES, L. D. (2009) - *O Rapaz que Tinha Zero a Matemática*. Lisboa: Civilização.

STRIPLING, B. K.; ERIC, (1992) - "Information Literacy Guidelines K-12." In: *CTAP*. Consultado a 3 de Fevereiro de 2011 em <http://ctap.fcoe.k12.ca.us/ctap/Info.Lit/Guidelines.html>

TAQUELIM, C. (2009) - "Animação à leitura: contributos para o desenho de uma sessão." Consultado a 15 de Novembro de 2010 em http://www.casadaleitura.org/portalpha/bo/documentos/ot_anima_leitura.pdf

TARAPANOFF, M. A. K. (2000) - "As novas tendências e o profissional da informação nas Bibliotecas Universitárias do século XXI." Consultado a 30 de Dezembro de 2010 em <http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/Kira.doc>

TERRA, A. L. e SÁ, S. (2007) - "Uma análise do comportamento informacional: a utilização dos recursos da biblioteca escolar". In: *Cadernos BAD*, nº 2, Associação de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas.

TODD, R. (2001) - "Transitions for preferred futures of school libraries: knowledge space, not information place; connections, not collections; actions, not positions; evidence, not advocacy." In: *International Association of School Libraries (IASL) Conference*. Auckland, New Zealand. Consultado a 12 de Agosto de 2010 em <http://www.iasl-online.org/events/conf/virtualpaper2001.html>

TODD, R. (2002) - "School librarian as teachers: learning outcomes and evidence-based practice." In: *68th IFLA Council and General Conference August*. Consultado a 12 de Agosto de 2010 em <http://www.ifla.org/IV/ifla68/papers/084-119e.pdf>

TOOD, R. (2003, traduzido e adaptado por, MARTINS, J. (2010)) - "Aprendizagem na Escola da era da Informação: oportunidades, resultados e caminhos possíveis". In: *Noesis*, nº 82, Julho/Setembro 2010, pp. 24-29.

VEIGA, Isabel (coord.) (1996) - *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Ministério da Educação. Consultado em 12 de Agosto de 2010 em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=lan_ar_a_rede.pdf

VEIGA, Isabel (coord.) (2001) - *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares: Relatório Síntese*. Lisboa: Ministério da Educação.

VELOSO, R. M. (2005) - "Não-receita para escolher um bom livro". Consultado a 3 de Fevereiro de 2011 em http://www.casadaleitura.org/portalpha/bo/documentos/ot_ao_receita_livro_a.pdf

WERNER , Walter (2002) - “Reading visual texts”.In *Theory and Research in Social Education*, pp. 401-428.

ZMUDA, A. e HARADA, V. (2007) - “Reframing the Library Media Specialist as a Learning Specialist.” In: *School Library Media Activities Monthly*. Consultado a 12 de Agosto de 2010 em <http://www.schoollibrarymonthly.com/articles/Zmuda&Harada2008v24nn8p42.html>

Anexos

ANEXO 1

O Rapaz que Tinha Zero a Matemática de Luísa Ducla Soares

Actividade A - Implementada no JI e 1º ciclo (dos 4 aos 8 anos)

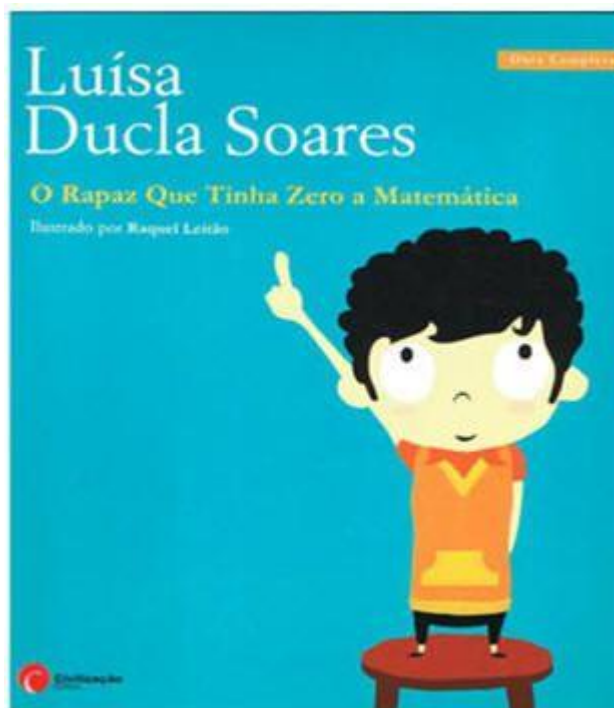


Figura 1

JI - Área: Conhecimento do Mundo

Expressão e Comunicação

1º Ciclo - Língua Portuguesa e Matemática

Competências:

- Desfrute de novas situações/ ocasiões de descoberta/ exploração do mundo.
- Estabelecimento de correspondência entre quantidade e número.
- Realização de medições.
- Realização de operações de cálculo.
- Leitura.
- Interpretação de imagens.
- Aquisição de novo vocabulário.
- Utilização contextualizada do novo vocabulário.
- Utilização de suportes de escrita diversificados (escrito/ digital).

ANEXO 2

A Menina que Detestava Livros de Manjusha Pawagi

Actividade B - Implementada no 1º ciclo de escolaridade

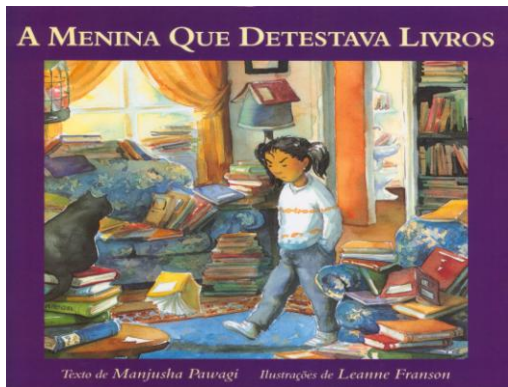




Figura 3

Com base nas imagens ajuda a menina a descobrir as histórias das personagens que vê nas imagens.

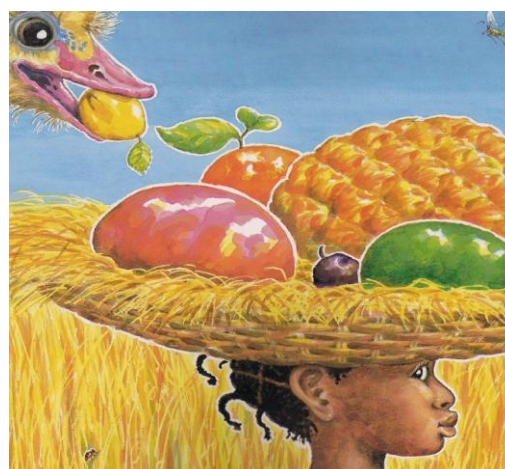
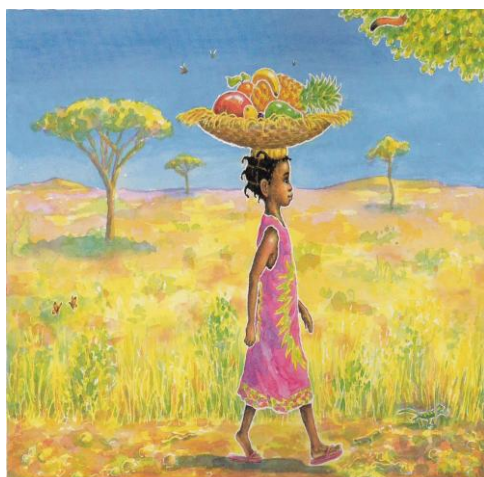
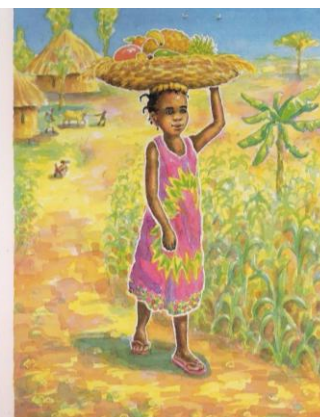
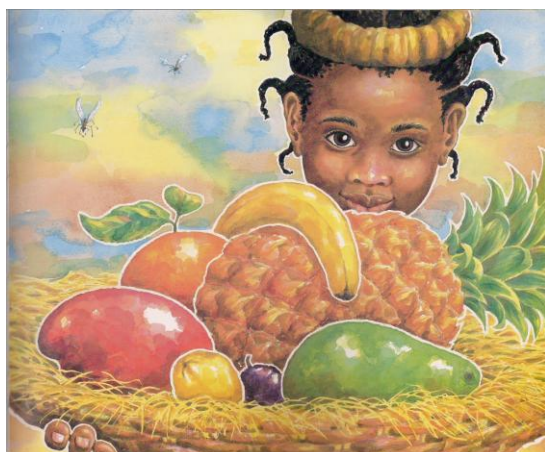
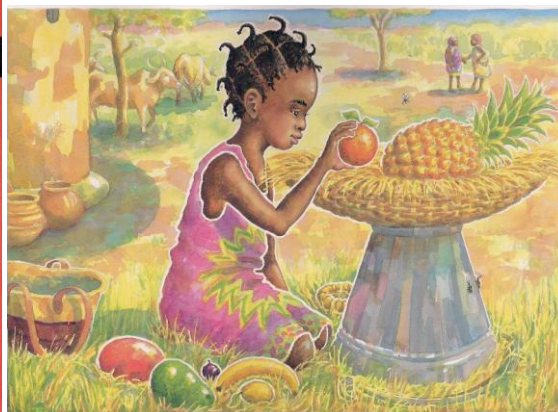
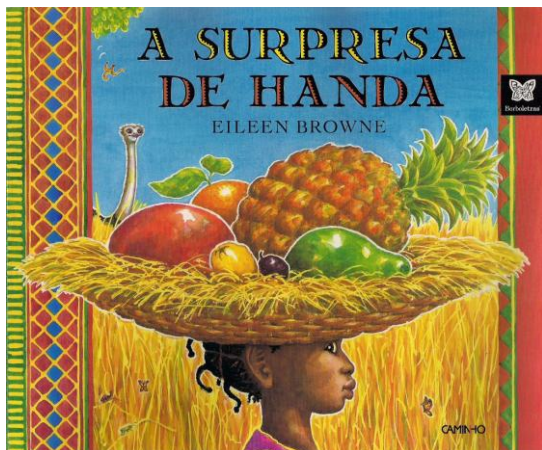
Tabela 1

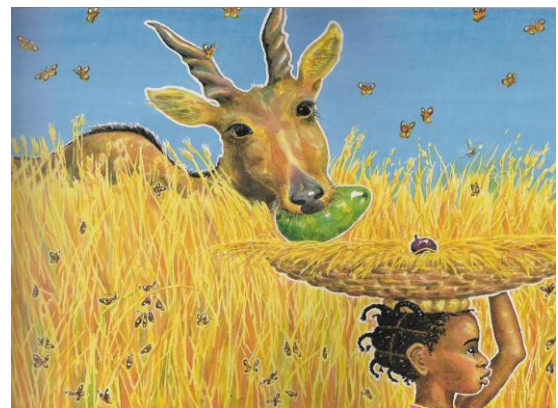
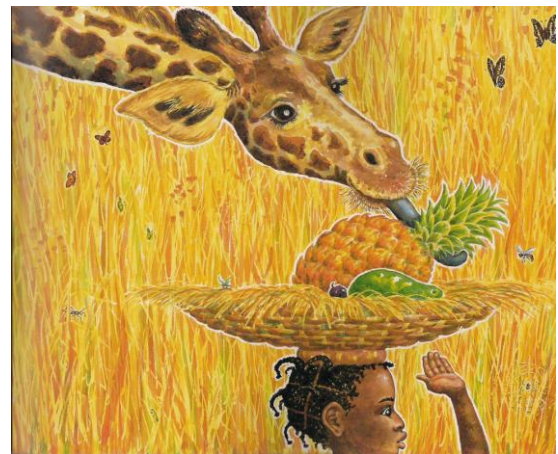
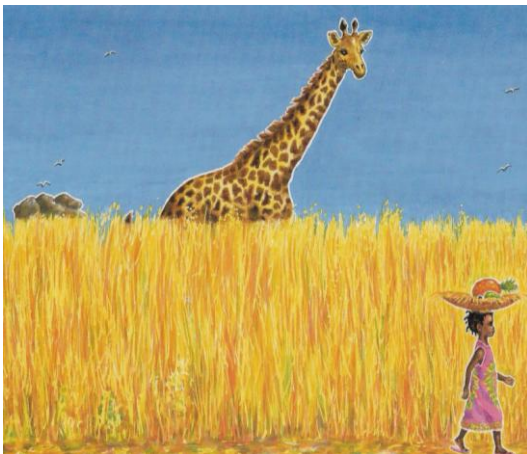
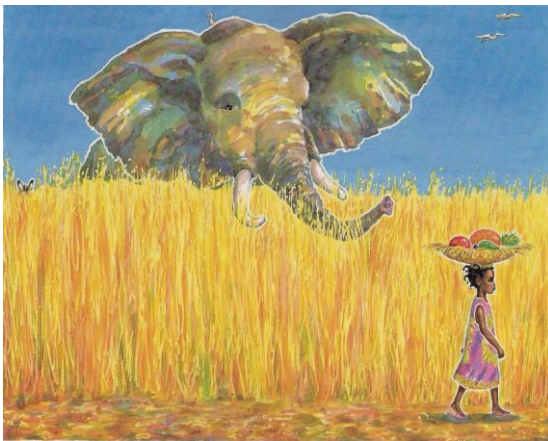
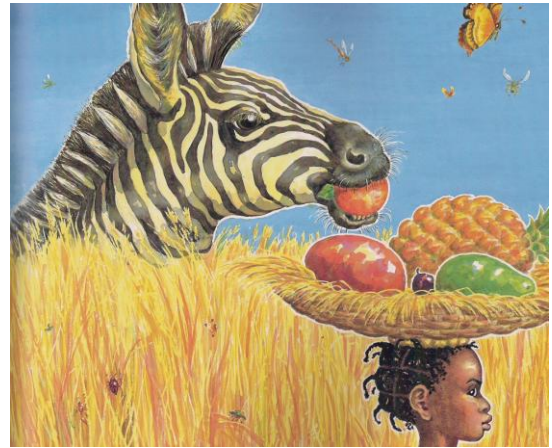
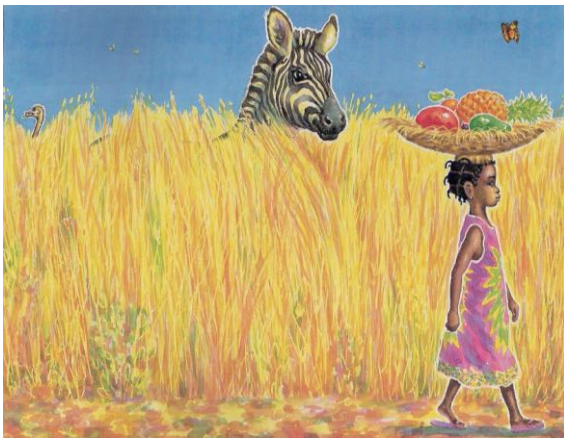
PERSONAGEM	HISTÓRIA

ANEXO 3

Surpresa de Handa de Eileen Browne

Actividade B - Implementada no JI (4 e 5 anos) e 1º ciclo





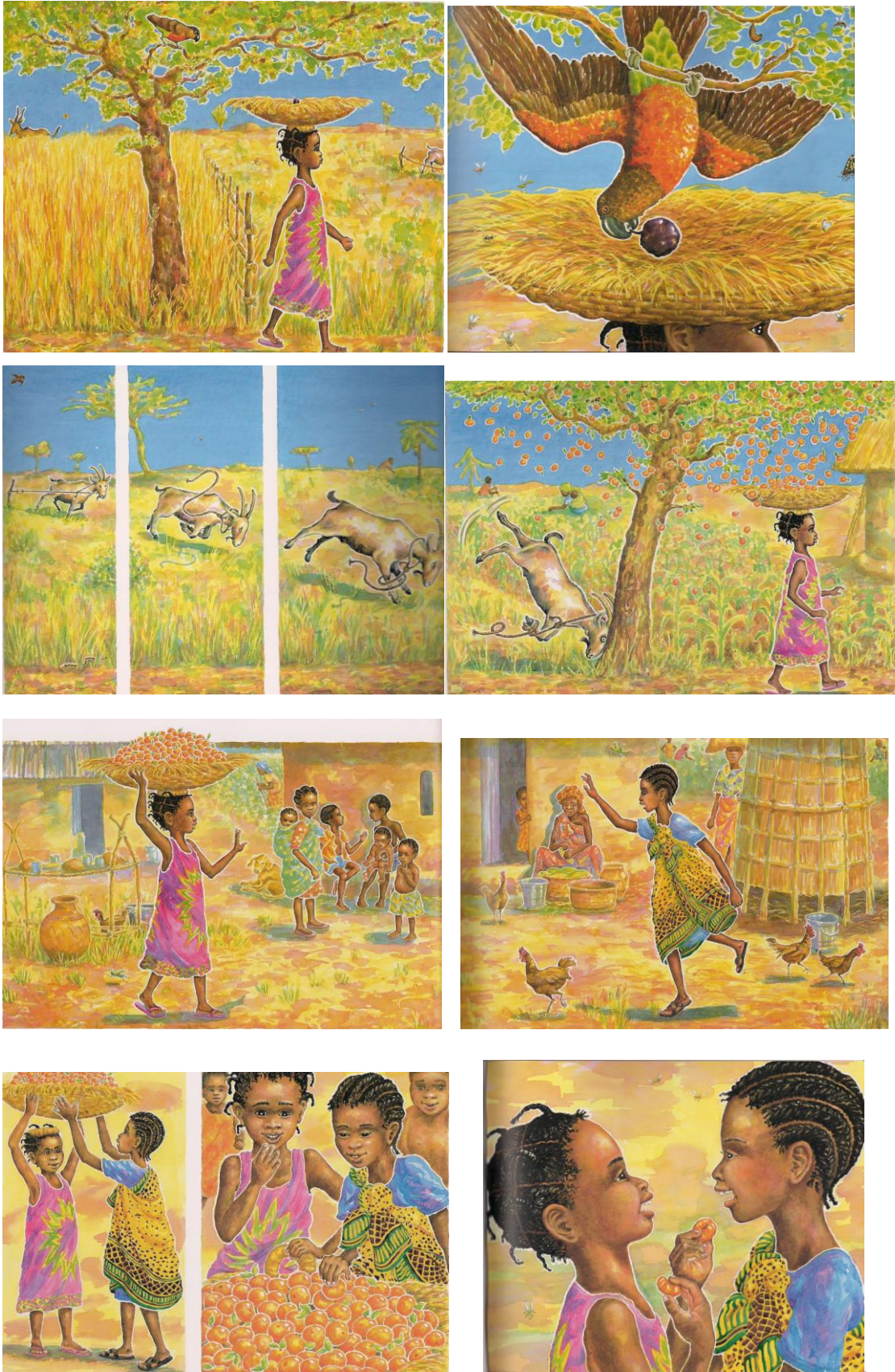


Figura 4



Figura 5

1 Como se chama a amiga de Handa? R: Akeyo.	2 Como se chama a amiga de Akeyo? R: Handa.	3 Que frutas levava Handa na cesta? R: Banana, ananás, goiaba, laranja, pêra abacate, maracujá e manga.
4 Quantas frutas, Handa levava na cesta? R: 7.	5 Que fruta tirou o macaco a Handa? R: Banana.	6 Quem tirou a banana a Handa? R: Macaco.
7 Que fruta tirou a avestruz? R: Goiaba.	8 Quem tirou a goiaba da cesta? R: Avestruz.	9 Que fruta tirou a zebra da cesta? R: Laranja
10 Quem tirou a laranja da cesta? R: Zebra.	11 Que fruta tirou o elefante da cesta? R: Manga.	12 Quem tirou a manga a Handa? R: Elefante.
13 Que fruta tirou a girafa da cesta? R: Ananás.	14 Que tirou o ananás a Handa? R: Girafa.	15 Que fruta tirou o antílope da cesta? R: Pêra abacate.

<p>16</p> <p>Quem tirou a pêra abacate a Handa?</p> <p>R: Antílope.</p>	<p>17</p> <p>Que fruta tirou o papagaio da cesta?</p> <p>R: Maracujá.</p>	<p>18</p> <p>Quem tirou o maracujá a Handa?</p> <p>R: Papagaio.</p>
<p>19</p> <p>Qual foi a surpresa de Handa?</p> <p>R: Chegar à aldeia de Akeyo com a cesta cheia de tangerinas.</p>	<p>20</p> <p>Qual a fruta preferida de Akeyo?</p> <p>R: Tangerina.</p>	<p>21</p> <p>Qual a contribuição da cabra para o desenrolar da acção?</p> <p>R: A cabra marrou na tangerineira e as tangerinas caíram dentro da cesta de Handa.</p>
<p>22</p> <p>Que animais participam na história?</p> <p>R: O macaco, a avestruz, a zebra, o elefante, a girafa, o antílope, o papagaio e a cabra.</p>	<p>23</p> <p>Dos animais que participam na história quais têm o corpo revestido de penas?</p> <p>R: A avestruz e o papagaio.</p>	<p>24</p> <p>Dos animais que participam na história quais têm o corpo revestido de pêlo?</p> <p>R: O macaco, a cabra, o antílope, a zebra, a girafa e elefante.</p>
<p>25</p> <p>Qual o animal da história que é mais corpulento?</p> <p>R: Elefante</p>	<p>26</p> <p>Dos animais que participam na história quais são mamíferos?</p> <p>R: O macaco, a cabra, o antílope, a zebra, a girafa e o elefante.</p>	<p>27</p> <p>Dos animais que participam na história quais são aves?</p> <p>R: A avestruz e o papagaio.</p>
<p>28</p> <p>Dos animais que participam na história quais são ovíparos?</p> <p>R: A avestruz e o papagaio.</p>	<p>29</p> <p>Que frutas são referidas na história?</p> <p>R: Banana, ananás, goiaba, laranja, pêra abacate, maracujá, manga e tangerina.</p>	<p>30</p> <p>Qual o autor da história?</p> <p>R: Eileen Browne</p>

<p>31</p> <p>Que fruta é caracterizada como “amarelinha e macia”?</p> <p>R: Banana.</p>	<p>32</p> <p>Que fruta é caracterizada como tendo um “cheiro doce”?</p> <p>R: Goiaba</p>	<p>33</p> <p>Que fruta é caracterizada como “redonda e sumarenta”?</p> <p>R: Laranja</p>
<p>34</p> <p>Que fruta é caracterizada como “vermelha madurinha”?</p> <p>R: Manga.</p>	<p>35</p> <p>Que fruta é caracterizada como tendo “folhas aguçadas”?</p> <p>R: Ananás.</p>	<p>36</p> <p>Que fruta é caracterizada como “verde e macio”?</p> <p>R: Pêra Abacate</p>
<p>37</p> <p>Que fruta é caracterizada como “roxo e cheiroso”?</p> <p>R: Maracujá.</p>	<p>38</p> <p>Qual a cor da pele de Handa e Akeyo?</p> <p>R: Preta.</p>	<p>39</p> <p>Refere uma das cores do vestido de Handa.</p> <p>R: Rosa, azul, verde e amarelo.</p>
<p>40</p> <p>Refere uma das cores do vestido de Akeyo?</p> <p>R: Azul, verde e rosa.</p>		

Figura 6

ANEXO 4

Actividade D - Criação de histórias

Tabela 2

PERSONAGENS	ESPAÇOS	TEMPOS
DIABO	CAMINHO	UM DESTES DIAS
ANJO	DESERTO	HÁ 50 ANOS
RAIO/TROVÃO	VIA LÁCTEA	HÁ POUCO TEMPO
LUA	FLORESTA	NO SÉCULO PASSADO
NUVEM	ESCOLA	HÁ VÁRIAS GERAÇÕES
SOL	RUÍNAS	EM TEMPOS IDOS
BRUXA	CASTELO	UM ANO MAIS TARDE
MENINO(S)/A(S)	CIDADE	HÁ MUITO TEMPO
VELHO(S)/A(S)	PRAIA	NO SÉCULO XXV
JOVEM (NS)	GRUTA	À MEIA-NOITE
VIZINHOS	FUNDO DO MAR	AO LUSCO-FUSCO
FAMILIARES	CÉU	DE MADRUGADA
ROBÔ	ILHA	AO ENTARDECER
EXTRATERRESTRE(S)	MONTANHA	NA PRIMAVERA
FADA(S)	RIO	NO VERÃO
UM ESTRANGEIRO	MAR	NO OUTONO
REI(S)/ RAINHA(S)	ESTRADA	NO INVERNO
CAMPONESES	RUA	NA PÁSCOA
PESCADORES	PRAÇA	NO NATAL
BARBEIRO	TENDA	NO CARNAVAL
DRAGÃO	PARQUE	NO ANIVERSÁRIO
MONSTRO	PINHAL	NO PRINCÍPIO DO MUNDO
SEREIAS	CASA	NAS FÉRIAS
ANIMAL SELVAGEM	OUTRO PLANETA	AO SERÃO
LADRÃO	SUBTERRÂNEO	UMA TARDE
DETECTIVE	CARAVANA	UMA MANHÃ
GÉNIO	TÚNEL	AO CREPÚSCULO
PASTORES	PALÁCIO	NA IDADE DA PEDRA
MÚSICOS	TORRE	AO CANTAR DO GALO
PALHAÇOS	SÓTÃO	NUM SÁBADO
ACROBATAS	FEIRA	NA LUA CHEIA
PEIXE	LAGO	ANOS VOLVIDOS

ANEXO 5

POESIA - *Os Nomes* de Maria Alberta Menéres



IDENTIDADE

Tem um nome estranho o Xavier,
como o irmão Félix e o primo Maximiano,
Mas é um menino excelente.
Auxilia o mano,
Faz o exercício ao primo
e ajuda toda a gente
tenha que nome tiver.
O nome é apenas um nome.

Fátima Prodiqne



Porque é que me chamo cebola
e não me chamo papoila?



Porque é que me chamo casa
e não me chamo asa?



Porque é que me chamo Sol
e não me chamo Lua?



Porque é que me chamo Lua
e não me chamo caracol?



Cada coisa tem seu nome
para assim ser conhecida.
Mas se tivesse outro nome
em vez daquele que tem,
lá voltaria outra vez...
a pergunta repetida:
“Porque é que eu me chamo assim?”

*Conversas com versos,
Maria Alberta Meneses*

Qual o tema do poema?

Razão da identidade das coisas.

Qual a questão que é feita com frequência?

Porque temos um nome e não outro.

Quais os animais referidos?

Coelho, lagartixa, caracol e cão.



Que frutos são apresentados?

Melão, uva, cebola.



Qual a flor referida?

Papoila.



Outras realidades referidas?

Chuva, chapéu, pedra, perna, casa, asa, Sol e Lua.



O que aconteceria se as coisas e pessoas não tivessem nome?

Uma grande confusão.

A identidade das coisas é importante porquê?
Para facilitar a comunicação e a compreensão.

Identificar rimas.

A videira dá a uva
A nuvem escura dá a...



Para lavar a minha mão
preciso de água e ...



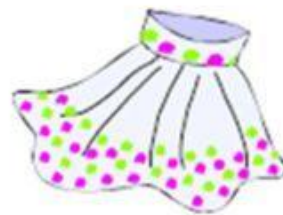
Batam palmas ao artista
lá no palco está o ...



Tem asas o passarinho
a voar vai par ao...

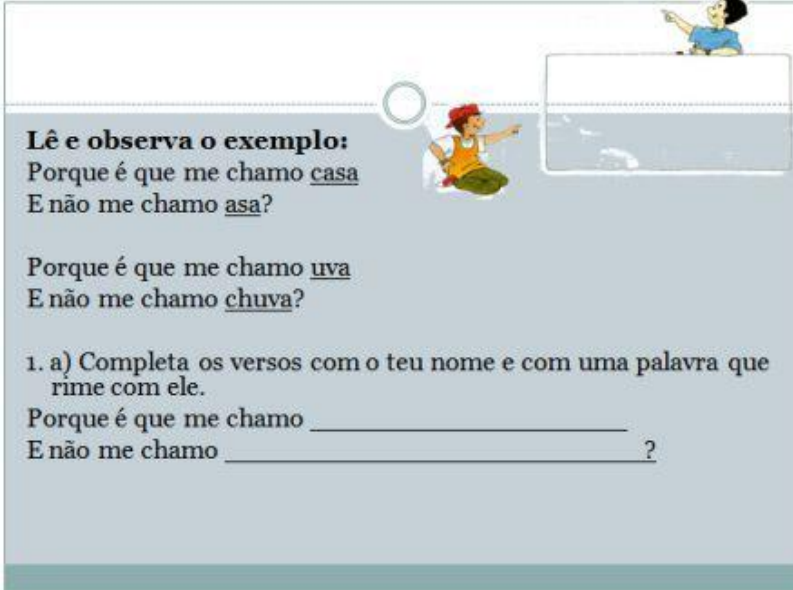


A onda grande da praia
já molhou a minha ...



JOGO DAS LETRAS

LETRA	PESSOAS	ANIMAIS	FLORES	CIDADES	PAÍSES



Lê e observa o exemplo:
Porque é que me chamo casa
E não me chamo asa?

Porque é que me chamo uva
E não me chamo chuva?

1. a) Completa os versos com o teu nome e com uma palavra que rime com ele.
Porque é que me chamo _____
E não me chamo _____ ?

Figura 7

Anexo 6

PLANIFICAÇÃO DE ACTIVIDADE EM ARTICULAÇÃO CURRICULAR

Tabela 3

DINAMIZADORES	Professor Bibliotecário	
	Professor Titular de Turma	
ANO DE ESCOLARIDADE	3º Ano de escolaridade	
CONTEÚDO CURRICULAR	Língua Portuguesa	- Fábula - Nomes colectivos
	Estudo do Meio	Animais - Habitat - Características internas/ externas - Alimentação - Reprodução
Nº DE SESSÕES	10 sessões	
PRÉ-REQUISITOS	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as áreas funcionais da BE; - Conhecer as classes da CDU; - Ser capaz de aceder à internet; - Ser capaz de consultar o dicionário; - Saber o conceito de nome. - Ser capaz de identificar nomes. - Ser capaz de interpretar esquemas. 	
ESTRATÉGIAS	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração de uma fábula. - Leitura expressiva. - Consulta de dicionários. - Visionamento de documentário acerca de um animal selvagem. - Interpretação de esquema. - Pesquisa, selecção e tratamento da informação. - Produções escritas. - Elaboração de um trabalho a pares sobre um animal à escolha. 	
RECURSOS	SALA DE AULA	<ul style="list-style-type: none"> - Manuais escolares (Língua Portuguesa e Estudo do Meio) - Dicionários Língua Portuguesa (requisitados na BE) - Computador - Vídeo Projector
	BIBLIOTECA ESCOLAR	<ul style="list-style-type: none"> - Livros - Leitor DVD - Material não livro (DVD - documentário) - Dossiê temático <i>Animais</i> - Computadores com acesso à Internet

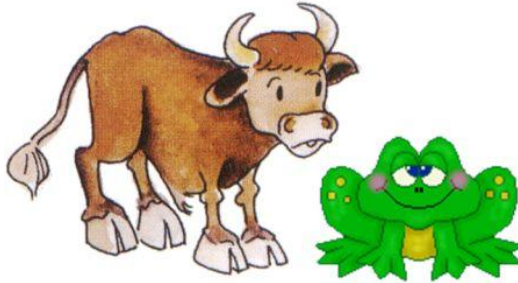
<p>COMPETÊNCIAS GERAIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável. - Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio. - Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados. - Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável. - Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns. 	
<p>COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS</p>	<p>LÍNGUA PORTUGUESA</p>	<p>ESTUDO DO MEIO</p>
	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de ler de forma expressiva. - Capacidade de se exprimir de forma confiante, clara e audível, com adequação ao contexto e ao objectivo comunicativo. - Capacidade de extrair significado contextualizado do visualizado. - Capacidade de identificar/ definir fábula. - Ser capaz de definir nome. - Identificar nomes colectivos. - Capacidade de utilizar o dicionário como uma ferramenta de trabalho. - Capacidade para produzir textos escritos com diferentes objectivos comunicativos. - Capacidade de usar o conhecimento da língua como instrumento na aprendizagem da leitura e da escrita. - Capacidade de interpretar esquemas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Classificar os animais: <ul style="list-style-type: none"> . pela forma como se deslocam; . pelo seu habitat; . pela forma do seu corpo (características externas/ internas); . pela alimentação; . pela reprodução. - Classificar os animais, pelo seu habitat, tendo em conta o contexto cultural. - Exercitar e desenvolver hábitos de consulta.
<p>FASE DE PREPARAÇÃO</p>	<p>Reunião entre o professor bibliotecário e o docente titular de turma para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Planear o projecto; - Desenvolver uma planificação colaborativa, integrando um cronograma e considerando os pré-requisitos necessários para o desenvolvimento das tarefas; - Criar um guia de pesquisa de informação; - Estabelecer critérios de avaliação do projecto (criar instrumentos de registo), contemplando a auto-avaliação. 	

FASE DE IMPLEMENTAÇÃO	PB - BE	1 bloco de 90 m	<p>Motivação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Projecção da fábula (anexo 7), com leitura expressiva do PB. - Questionar os alunos acerca do que é uma fábula. - Pesquisa no dicionário da palavra e de outras, cujo significado os alunos desconheçam (anexo 8). - Leitura dramatizada da fábula pelos alunos. - Exploração da fábula (anexo 9). - Consulta do dicionário e registo na grelha sempre que necessário.
	PT Sala de Aula	2 blocos de 90 m	<ul style="list-style-type: none"> - No seguimento da exploração da fábula, a Professora da Turma, questionará os alunos acerca de como os animais se deslocam (terra, ar ou água), onde vivem (habitat - selvagens ou domésticos), o que comem, como se reproduzem e quais as suas características internas e externas. - Após esta análise a Professora procurará mostrar aos alunos que existem diferentes espécies de animais e que estas estão adaptadas ao meio em que vivem. - Projectando o esquema (anexo 10), explicar aos alunos que os animais se distinguem: <ul style="list-style-type: none"> . Habitat . Reprodução . Alimentação . Características internas/ externas - Continuação da pesquisa no dicionário e registo dos significados na grelha.
	PB/PT BE	1 bloco de 90 m	<ul style="list-style-type: none"> . Realização da ficha, em grupos de três, (anexo 11) com recurso à pesquisa em livros, manuais ou internet, com auxílio do PB e PT.
	PT Sala de Aula	1 bloco de 90 m	<ul style="list-style-type: none"> - Correção do trabalho realizado na BE. - Realização da ficha de trabalho (anexo 12). - Projectar novamente o esquema e solicitar aos alunos um texto que aborde as questões fundamentais que ele reflecte. - Alertar os alunos para o facto de os animais viverem em grupo, introduzindo os nomes colectivos.
	PB BE	1 bloco de 90 m	<ul style="list-style-type: none"> - Visualização de um documentário (à escolha) da colecção <i>O mundo maravilhoso dos animais</i> (aproximadamente 30m). - Preenchimento do guião (anexo 13) de exploração do filme (adaptado para qualquer filme da colecção). - Correção do guião.
	PT Sala de Aula	1 bloco de 45m	<ul style="list-style-type: none"> - A professora da turma vai explicar aos alunos que pretende que eles seleccionem um animal doméstico e um selvagem e que elaborem os seus "Bilhetes de Identidade", referindo todos os aspectos acerca deles aprendidos ao longo das sessões.

	PB PT na BE	2 blocos de 90 m	<ul style="list-style-type: none"> - Os alunos devem pesquisar, no catálogo informatizado (em linha ou não), por assunto, sob orientação dos docentes. - Os alunos devem reflectir acerca do tema que estão a trabalhar, consultar a CDU e, em caso de dúvida, solicitar ajuda do PB, para os orientar para a estante adequada. - Os alunos devem procurar a informação, tratá-la e retirar as informações de que necessita. - Os alunos têm à sua disposição computadores ligados à internet, onde poderão, devidamente orientados pelo PB e PT pesquisar acerca dos assuntos pretendidos.
	PT Sala de Aula	1 bloco de 90 m	- Apresentação dos trabalhos produzidos à turma.
	PT PB		- Exposição dos trabalhos produzidos, divulgação no blogue da BE.
FASE DE AVALIAÇÃO			<ul style="list-style-type: none"> - Reuniões periódicas entre PB/ PT para avaliar o progresso dos alunos e poder, se necessário, alterar aspectos da planificação. - Reunião entre o professor bibliotecário e o docente titular de turma que se envolveu no projecto, para efectuar o balanço do projecto implementado, considerando: <ul style="list-style-type: none"> . a auto-avaliação dos alunos; . o que correu bem / o que correu menos bem; . a análise dos produtos finais. - Preenchimento de uma ficha de avaliação individual (PB, PTT) e global do projecto. - Divulgação dos resultados do projecto, publicando fotografias do processo e dos produtos finais no Blogue.

ANEXO 7

FÁBULA
A RÃ E O BOI



Maria de Fátima Silva Castro Fradique

Num certo charco vivia
Certa rã, com alegria,
Coaxando de noite e dia.



Ora ao charco foi beber
Um boi. Logo a rã, ao ver
O seu tamanho, quis ser



o Fradique

Como ele tão corpulenta;
E sem demora ciumenta,
Sobre uma pedra se senta.



E sempre o boi espreitando,
Vai inchando, vai inchando,
E a seus filhos perguntando:



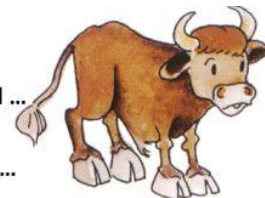
o Fradique

_ Tamanho dele já sou?
_ Ainda não!
_ Já chegou?
_ Mais um pouco!
Arrebentou!

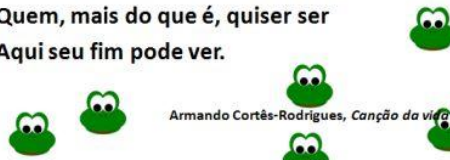


o Fradique

O pobre boi, afinal,
Nem sequer dera por tal ...
E só a rã por seu mal
Veio de inveja a morrer ...



Quem, mais do que é, quiser ser
Aqui seu fim pode ver.



Armando Cortês-Rodrigues, *Canção da vida vivida*

Maria de Fátima Silva Castro Fradique

Figura 8

ANEXO 8

Tabela 4

PESQUISA DE VOCABULÁRIO NO DICIONÁRIO	
Vocabulário	Significado

ANEXO 9

O que é uma fábula?


Texto que tem como personagens animais ou objectos e lhes atribui características humanas.

Forma em que o texto se apresenta?

Poesia.


Identifica as personagens do texto.

A rã, o boi e os filhos da rã.



Maria da Fátima Silva Castro-Fredaigue

Caracteriza a rã.



Fisicamente	Psicologicamente	
Pequena Verde	Antes da chegada do boi	Alegre
	Após a chegada do boi	Invejosa Ciumenta Persistente
	Mãe	

Onde vivia a rã?

Num charco.


Qual a palavra que designa o som que a rã produz?

Coaxar (palavra onomatopaica).

Maria da Fátima Silva Castro-Fredaigue

Caracteriza o boi.

Fisicamente	Psicologicamente
Corpulento	Distraído



Qual a palavra que designa o som produzido pelo boi?

Mugir (palavra onomatopaica).

O que foi o boi fazer ao charco?

Beber.

Maria da Fátima Silva Castro-Fredaigue

Qual a consequência da inveja da rã?

A morte.

Que lição pretende transmitir a história?

- Que nos devemos aceitar e gostar de nós como somos.
- Não devemos invejar o que os outros têm.
- A inveja e o ciúme são sentimentos destruidores.

Maria da Fátima Silva Castro-Fredaigue

Figura 9

ANEXO 10

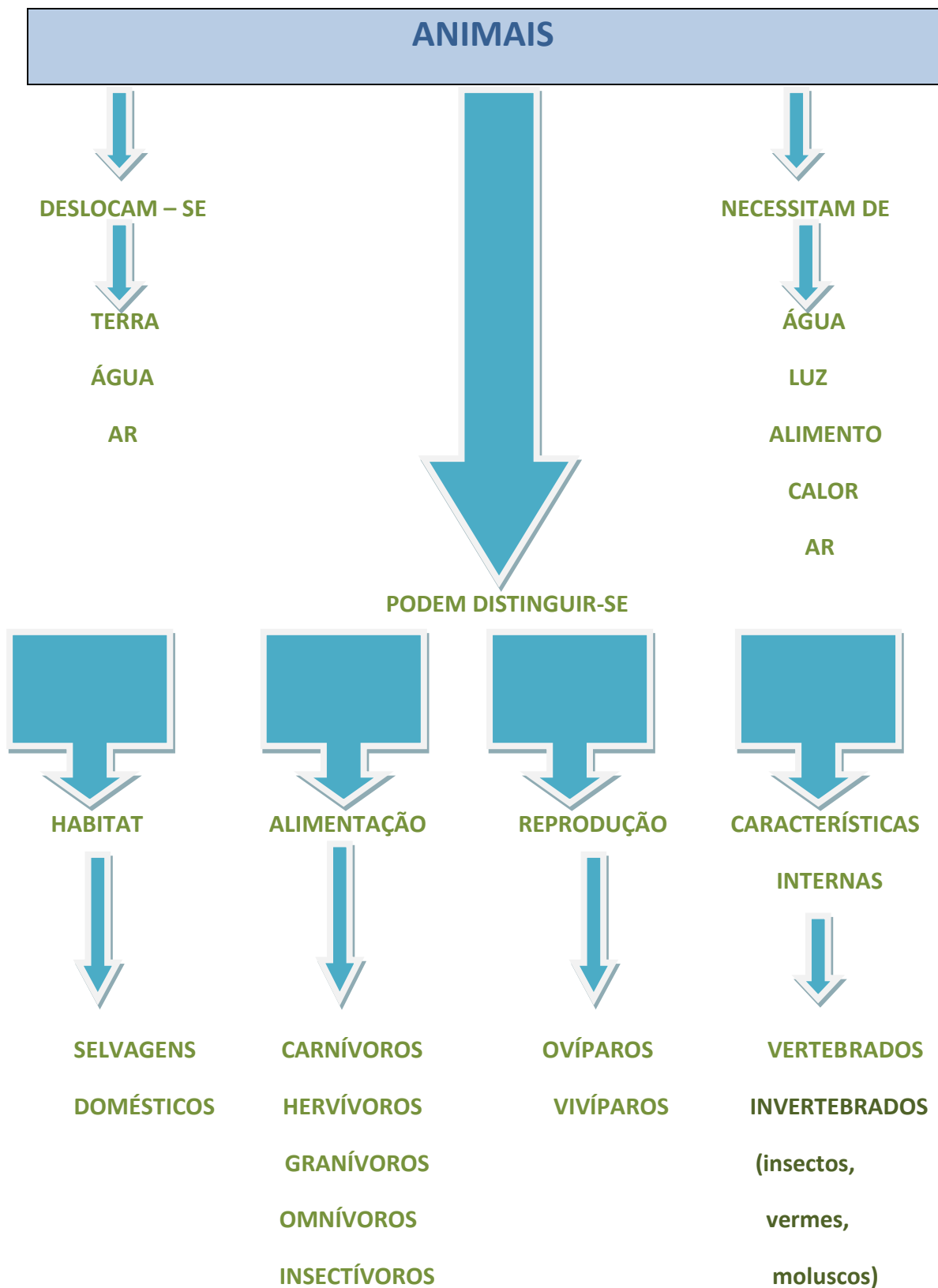





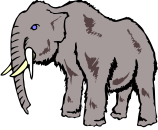










Figura 10

ANEXO 11

Tabela 5

	DESLOCAÇÃO	HABITAT	ALIMENTAÇÃO	REPRODUÇÃO	CARACTERÍSTICAS DO CORPO	É UM ANIMAL ...
						
						
						
						
						
						
						
						
						
						

ANEXO 12

Tabela 6

Descobre a solução:

<p>Tenho esqueleto interno. Nasci do ventre da minha mãe. Respiro por pulmões. Vivo na terra. Desloco-me a andar com a ajuda das minhas 4 patas. O revestimento do meu corpo é a pele, que pode ser manchada de preto e branco ou castanha clara. É o meu leite que bebes ao pequeno-almoço.</p> <p>Sou a ...</p>	<p>Nasci de ovos. Respiro por pulmões. Desloco-me a andar com ajuda das minhas 2 patas, mas também consigo voar com a ajuda das minhas 2 asas. Vivo em terra. O meu corpo é coberto de penas. O melhor sítio para dormir é na capoeira.</p> <p>Sou a</p>
<p>Nasci do ventre da minha mãe. Respiro por pulmões. Desloco-me a andar e, às vezes, a correr com a ajuda das minhas 4 patas. Vivo em terra. O meu corpo é revestido de pêlo. Como muitas cenouras.</p> <p>Sou o</p>	<p>Nasci do ventre da minha mãe. Respiro por pulmões. Vivo em terra. O meu corpo é coberto por pele e pêlo. Adoro passear, correr e saltar com ajuda das minhas 4 patas e, por vezes, entro em competições. Tenho uma crina e, por vezes, ferraduras.</p> <p>Sou o ...</p>
<p>Nasci do ventre da minha mãe. Respiro por pulmões. Vivo na terra. Sou um animal doméstico. Tenho o corpo coberto de lã. Gosto de comer as ervas do monte. Dou leite fresquinho.</p> <p>Sou a ...</p>	<p>Sou uma óptima nadadora. Nado, graças às minhas patas espalmadas que funcionam como remos. Adoro mergulhar a cabeça e o pescoço na água à procura de girinos, peixes e plantas aquáticas para comer. Dou ovinhos para vocês comerem e as minhas penas tão macias protegem-me do frio.</p> <p>Sou a ...</p>
<p>Nasci do ventre da minha mãe. Respiro por pulmões. Sou muito comilão e não sou esquisito na comida, como de tudo. Adoro chafurdar a minha pele na lama, para me livrar dos parasitas que me incomodam. Preciso de estar limpo e de me refrescar para manter uma boa saúde. O meu lavrador muda diariamente a palha da minha cama.</p> <p>Sou o ...</p>	<p>Nasci dum ovo. Sou uma ave com uma plumagem muito bonita! Faço glu glu!</p> <p>Sou o ...</p>

<p>Tenho uma carapaça muito dura e sou muito tímida. Tanto vivo na água como na terra. O que mais gosto de comer são mesmo camarões.</p> <p>Sou a ...</p>	<p>Gosto de voar. Sou um animal selvagem. Tenho o corpo coberto de penas e tenho bico e asas.</p> <p>Sou o ...</p>
<p>Vivo na água. Sou um animal selvagem. Tenho o corpo coberto de escamas. Desloco-me a nadar com a ajuda de barbatanas.</p> <p>Sou o ...</p>	<p>Nasci do ventre da minha mãe. Respiro por pulmões. Vivo na terra. Tenho o corpo coberto de pêlos, curtos ou grandes dependendo da raça. Gosto muito de correr e de comer ossos. Sou um animal doméstico, considerado o melhor amigo do Homem.</p> <p>Sou o ...</p>

ANEXO 13

Tabela 7

Baseando-te no documentário visualizado, preenche o guião seguinte, assinalando com uma cruz a resposta correcta:

	SIM	NÃO
Corpo coberto de pêlos.		
Corpo coberto de penas.		
Corpo coberto de escamas.		
Pele húmida e nua.		
Não tem esqueleto e o corpo é revestido de quitina.		
Nasce do ventre da mãe.		
Tem asas para voar.		
Tem bico.		
Alimenta-se do leite em pequeno.		
Respira por pulmões.		
Nasce de ovos.		
Tem barbatanas para nadar.		
Respira por gueltras.		
Nada e anda.		
Come insectos.		
Respira por pulmões e pela pele.		
Rasteja, nada e anda.		
Tem esqueleto.		
É mamífero.		
É uma ave.		
É um batráquio.		
É um peixe.		
É um réptil.		
É um insecto.		

ANEXO 14

INQUÉRITO A PROFESSORES BIBLIOTECÁRIOS

Identificação:

Formação de Base _____

Formação na Área das BE: Contínua ou especializada _____

Nº de anos de docência _____

Nº de anos como Coordenador/ PB _____

Tipo de Agrupamento _____

Concelho _____

1-Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

2-Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

3-Tem uma equipa que o auxilie? Se sim, que critérios estão subjacentes à sua selecção?

4-Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário/ equipa?

5-Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

7-Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

8-E a literacia da informação?

9-A portaria que rege as funções do Professor Bibliotecário refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1-Os alunos lêem mais?

12.2-Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

14-De que recursos tecnológicos dispõe a Biblioteca Escolar onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)?

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

16-O funcionamento da Biblioteca Escolar e o trabalho do Professor Bibliotecário são acompanhados e orientados por uma Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

17-Quantas Bibliotecas Escolares existem no Agrupamento?

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

19-O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

ANEXO 15

INQUÉRITO AOS DOCENTES

Este inquérito surge no âmbito do estudo de uma tese de Mestrado em Ciências Documentais, tendo como objectivo verificar o trabalho que vem sendo desenvolvido nas bibliotecas escolares das escolas públicas portuguesas.

1-Conhece a Biblioteca da sua escola?

Sim Não

2-Conhece o Professor Bibliotecário da sua escola?

Sim Não

3-Com que frequência costuma usar a Biblioteca Escolar ou os seus recursos no âmbito das suas funções docentes?

Diariamente	<input type="radio"/>
Uma a duas vezes por semana	<input type="radio"/>
Diariamente	<input type="radio"/>
Uma a duas vezes por mês	<input type="radio"/>
Uma a duas vezes por período	<input type="radio"/>
Muito raramente	<input type="radio"/>
Nunca	<input type="radio"/>

4- Costuma integrar a Biblioteca Escolar e os seus recursos nas suas funções docentes?

(Assinalar apenas as 3 situações mais frequentes)

Ler/ consultar com os alunos obras específicas	<input type="radio"/>
Requisitar de livros com a turma	<input type="radio"/>
Pesquisar na internet com os alunos	<input type="radio"/>
Visualizar filmes/ documentários	<input type="radio"/>
Requisitar materiais para a sala de aula	<input type="radio"/>
Apoio Educativo	<input type="radio"/>
Aula de substituição	<input type="radio"/>
Realização de trabalho pessoal e profissional	<input type="radio"/>
Participar em actividades organizadas pela BE	<input type="radio"/>
Outros? _____	

5- Nas suas actividades docentes, costuma articular e/ ou planear actividades com o Professor Bibliotecário/ equipa da Biblioteca Escolar?

Sim Não

6- Se respondeu sim à questão anterior, em que contexto se realiza a articulação?

Enquanto docente titular de turma

Enquanto docente das ACND

Enquanto Coordenador de Departamento

No âmbito de projectos como o PNL e o PAM

7- Se respondeu sim à questão 5, indique a frequência com que se envolve em actividades propostas/ articuladas com a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário.

	Sempre	Às vezes	Nunca
Planificação de projectos e actividades conjuntas.			
Colaboração em eventos culturais.			
Colaboração em actividades no âmbito do PNL			
Discussão acerca do nível de competências de leitura e das literacias dos alunos, planeando estratégias de melhoria.			
Participação em actividades decorrentes do PEE, do PCE, PCT...			

8- Classifique o trabalho desenvolvido pela Biblioteca Escolar no âmbito da leitura e literacia.

Muito Bom Bom Razoável Fraco Desconheço

9- Considera que a Biblioteca Escolar tem impacto no desenvolvimento de competências de leitura dos seus alunos?

Sim Não

10- Se respondeu sim, refira as áreas em que se verificou:

Competências de compreensão	0
Escolha de leituras mais extensas e complexas	0
Gosto pela leitura	0
Oralidade e escrita	0
Uso de ambientes digitais de leitura, literacias digitais e da informação	0

11- A Biblioteca Escolar:

	Sim	Não
Dispõe de um Professor Bibliotecário com capacidade de liderar o trabalho com os departamentos, docentes e alunos.		
Desenvolve um trabalho sistemático de promoção da leitura.		
Desenvolve actividades diversificadas de leitura, associando diferentes formas de comunicação e de expressão.		
Disponibiliza espaço para leitura individual.		
Disponibiliza recursos documentais actualizados muito adequados ao trabalho no âmbito da leitura e literacia		
Acompanha os alunos no acesso à informação, apoiando-os na selecção de documentação e no uso e produção da informação.		
Promove a leitura informativa e o desenvolvimento da reflexão e do espírito crítico.		
Desenvolve actividades e projectos conjuntos no âmbito da leitura.		
Incentiva o desenvolvimento do PNL e apoia as actividades relacionadas.		
Contribui para melhorar a qualidade do trabalho escolar e o nível de competências dos alunos.		
Cria instrumentos de apoio ao trabalho escolar e aos utilizadores.		
Trabalha com recursos e ambientes digitais e ferramentas da Web 2.0 (blogue, plataforma de aprendizagem ...) que permitem a discussão de temas, produção de conteúdo e trabalho colaborativo.		

Cria condições para o uso das TIC e para a exploração e uso qualificado da internet e disseminação de ferramenta Web.		
Desenvolve actividades diversificadas que motivam para a leitura e desenvolvem diferentes literacias.		
Articula com os docentes e apoia o desenvolvimento curricular.		
Promove a partilha de recursos no agrupamento.		

12- Na sua prática lectiva, promove a utilização da Biblioteca Escolar e dos seus recursos nos trabalhos de pesquisa efectuados pelos seus alunos.

Sempre Às vezes Nunca

13 - Quando utilizam a Biblioteca Escolar ou os seus recursos, os seus alunos estão munidos das indicações sobre a tarefa a executar e de sugestões de bibliografia a consultar?

Sempre Às vezes Nunca

14- Já participou em actividades de formação de utilizadores dinamizadas pelo Professor Bibliotecário/ equipa da Biblioteca Escolar?

Sim Não

15- Já colaborou com o Professor Bibliotecário na realização de actividades na Biblioteca Escolar ou em sala de aula com alguma turma.

Sim Pedi, mas não obtive colaboração Nunca solicitei

16- Já colaborou com a Biblioteca Escolar na selecção ou produção de materiais de apoio necessários à condução de actividades na BE ou em sala de aula?

Sim Pedi, mas não obtive colaboração Nunca solicitei

17- Como avalia o contributo dado pela Biblioteca Escolar no desenvolvimento de competências ao nível do uso autónomo da BE e dos seus recursos.

Muito Bom Bom Razoável Fraco

18- Assinale dos diferentes tipos de materiais/ ferramentas que já utilizou por sugestão da Biblioteca Escolar:

Maleta pedagógica	<input type="radio"/>
Guião de pesquisa	<input type="radio"/>
Lista seleccionada de sítios Web	<input type="radio"/>
Webquest	<input type="radio"/>
Caça ao tesouro	<input type="radio"/>
Catalogo da BE	<input type="radio"/>
Guia <i>Como elaborar um trabalho</i>	<input type="radio"/>
Actividades específicas para a sua área curricular	<input type="radio"/>
Textos apropriados à sua área curricular	<input type="radio"/>

19- Faça um balanço do impacto da Biblioteca Escolar na sua actividade docente

Muito Bom Bom Razoável Fraco

Obrigada pela sua colaboração.

ANEXO 16

INQUÉRITO AOS ALUNOS

Este inquérito surge no âmbito do estudo de uma tese de Mestrado em Ciências Documentais, tendo como objectivo verificar o trabalho que vem sendo desenvolvido nas bibliotecas escolares das escolas públicas portuguesas.

1-Frequento o ciclo seguinte:

1º ciclo 2º ciclo 3º ciclo Secundário

2-Conheces a Biblioteca da tua escola?

Sim Não

3-Conheces o Professor Bibliotecário da tua escola?

Sim Não

4-Com que frequência costumás usar a Biblioteca Escolar da tua escola para além das actividades lectivas?

Diariamente	<input type="radio"/>
Uma a duas vezes por semana	<input type="radio"/>
Uma a duas vezes por mês	<input type="radio"/>
Uma a duas vezes por período	<input type="radio"/>
Muito raramente	<input type="radio"/>
Nunca	<input type="radio"/>

5-Com que frequência costumás usar a Biblioteca Escolar da tua escola ou os seus recursos com os teus professores ou a seu pedido?

Diariamente	<input type="radio"/>
Uma a duas vezes por semana	<input type="radio"/>
Uma a duas vezes por mês	<input type="radio"/>
Uma a duas vezes por período	<input type="radio"/>
Muito raramente	<input type="radio"/>
Nunca	<input type="radio"/>

6-Durante a tua frequência na Biblioteca Escolar que actividades desenvolves:

Leitura	<input type="radio"/>
Requisição de livros	<input type="radio"/>
Jogos	<input type="radio"/>
Pesquisa em suporte livro	<input type="radio"/>
Pesquisa na internet	<input type="radio"/>
Visualização de filmes	<input type="radio"/>

Audição de música	0
Participação em passatempos	0
Convívio	0
Apoio Educativo	0
Aula de substituição	0
Trabalhos de casa	0
Estudo	0
Outros? _____	

7-Quando vais à Biblioteca Escolar para realizar trabalhos para as disciplinas, tens as indicações necessárias sobre a tarefa que vais fazer e as sugestões dos documentos que deves utilizar?

Sempre Às vezes Nunca

8-Quando precisas de elaborar um trabalho, como costumavas procurar a informação necessária?

Começo por pesquisar no catálogo informatizado da BE	0
Procuo nas estantes livros relacionados com o tema que quero tratar	0
Pesquiso na internet	0
Aguardo as indicações do meu professor	0
Peço ajuda ao Professor Bibliotecário	0
Consulto uma enciclopédia sobre o tema	0
Consulto os guiões de apoio que existem na BE	0

9-Já participaste em actividades que te ensinam a utilizar a Biblioteca Escolar (procurar livros, pesquisar ...)

Sim Não

10-Sentes-te apoiado pelo Professor Bibliotecário/ equipa da Biblioteca Escolar quando a utilizas?

Sim Não

11-À medida que vais realizando trabalhos na Biblioteca Escolar ou utilizando os seus recursos, nas várias disciplinas, achas que fizeste progressos?

Sim Não

12-O trabalho na Biblioteca Escolar e a utilização dos seus recursos contribuem para que sejas mais autónomo no processo de pesquisa?

Sim Não

13-Como classificarias as tuas aprendizagens efectuadas com o auxílio da Biblioteca Escolar no âmbito do:

	Boas	Médias	Fracas
Uso de serviços e equipamentos da BE			
Uso das TIC			
Exploração de diferentes materiais (DVD, livro, CD, internet) para pesquisa, elaboração e apresentação de trabalhos			

14-Quando vais à Biblioteca Escolar para ler ou requisitar um livro, a equipa da Biblioteca Escolar dá-te sugestões e apoia-te?

Sempre Às vezes Nunca

15-Quando procurar livros para ler ou para fazer trabalhos, encontras o que queres?

Sempre Às vezes Nunca

16-Costumas participar em actividades de leitura na Biblioteca Escolar acompanhado do teu professor e dos teus colegas?

Sempre Às vezes Nunca

17-Qual a tua opinião sobre o trabalho realizado pela Biblioteca Escolar/Professor Bibliotecário?

Motiva-me para ler mais 0
 Dá-me a conhecer livros interessantes 0
 Desenvolve actividades que me fazem gostar mais de ler (concursos, encontros com escritores ...)
 ...)
 Oferece formas de exprimir a minha opinião (jornal, blogue ...)
 Ajuda-te a conhecer escritores e pessoas ligadas aos livros 0

18- Das seguintes actividades, em quais já participaste?

Sessões de leitura 0

Concursos	<input type="radio"/>
Blogue	<input type="radio"/>
Jornal	<input type="radio"/>
Exposições	<input type="radio"/>
Escritor do mês	<input type="radio"/>
Outra _____	

19-Em que medida achas que a Biblioteca Escolar contribuiu para as tuas competências de leitura, pesquisa e resultados escolares?

Muito Medianamente Pouco Nada

20- Classifica o trabalho global do Professor Bibliotecário/ equipa no acesso à Biblioteca Escolar, no apoio à pesquisa de informação e na realização de trabalhos

Bom Razoável Fraco

Obrigado pela tua colaboração!

ANEXO 17

INQUÉRITO 1

Identificação:

Formação de Base: Licenciatura em ensino de Português e Francês

Formação na Área das BE (Contínua ou especializada): 360 horas de formação contínua

Nº de anos de docência: 22

Nº de anos como Coordenador/ PB: 10

Tipo de Agrupamento: Escola Secundária com 3º ciclo não agrupada

Concelho: Castelo Branco

Distrito: Castelo Branco

1- Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

Segundo o Regulamento Interno da nossa BE, que segue as directrizes do Manifesto das BE da UNESCO, é missão da Biblioteca Escolar: proporcionar informação e ideias fundamentais para a obtenção de sucesso na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento; desenvolver nos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis; estimular a imaginação; disponibilizar serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitam a todos os membros da Comunidade Escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação.

2- Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

De acordo com esta missão, entendo que a BE é, acima de tudo, um instrumento de apoio ao desenvolvimento dos currículos, das competências de informação e das várias literacias, concorrendo a par das várias estruturas educativas para a principal meta da escola que é o sucesso escolar. Neste sentido, o Professor Bibliotecário é o mediador das várias aprendizagens que se realizam na e com a BE e da articulação com a sala de aula.

3- Tem uma equipa que o auxilie? Se sim, que critérios estão subjacentes à sua selecção?

Sim. Os critérios estão dependentes das necessidades da escola aquando a elaboração dos horários.

4- Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário/ equipa?

A acção do PB deve ser norteadada pelo pelos 4 domínios de intervenção do Modelo de Avaliação das Bibliotecas Escolares.

5-Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

A minha formação de base é o português. Considero uma mais-valia para o ensino das competências de informação. Na área das bibliotecas e no âmbito das TIC, possuo somente formação contínua. Não encontro nenhum impedimento por não ter formação de base nestas áreas, pois invisto muito na autoformação.

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

No que diz respeito às competências transversais, a BE, muito concretamente a PB, tem dado um forte contributo para a aquisição/ desenvolvimento de competências de informação, desenvolvendo, para isso, de forma sistemática, actividades de ensino e treino contextualizado de competências de informação com as Novas Áreas Curriculares e outras disciplinas. A BE oferece um plano de formação organizado por módulos com vista ao desenvolvimento da literacia da informação e literacia digital dirigido a alunos e professores. O plano é distribuído, no início de cada ano, nos Conselhos de Turma e, consoante as necessidades de cada turma, são agendadas com a PB sessões de formação articuladas com actividades de sala de aula.

7-Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

O papel da BE e do PB é fundamental na promoção da leitura. O primeiro passo é conseguir manter a colecção actualizada, adquirindo com regularidade as mais recentes novidades e tendo a preocupação de ir ao encontro das preferências dos leitores. Para isso, é necessário que a BE possua verba para a actualização da colecção e, no caso da nossa BE, essa verba é todos os anos contemplada no orçamento. A PB faz, ao longo do ano, sessões de divulgação / aconselhamento de leituras com as turmas do ensino básico e 10º ano, mediante marcação prévia com os vários docentes das turmas; actividades, no âmbito do PNL (apoio à leitura orientada na sala de aula, mediante disponibilização de conjuntos de livros - 45m por semana na disciplina de Estudo Acompanhado são dedicados à leitura); propostas de actividades criativas a realizar neste âmbito no Estudo Acompanhado; elaboração de actividades interactivas (HotPotatoes); elaboração e disponibilização de fichas de leitura dos livros do PNL; apoio e incentivo à leitura autónoma (divulgação das obras recomendadas pelo PNL, aquisição de novidades, sugestão de leituras...); criação de contextos de leitura e de produção/comunicação em ambientes digitais: dinamização de um Clube de Leitura a partir da Plataforma Moodle da escola; dinamização de uma página no Moodle dedicada ao desenvolvimento de actividades e divulgação de materiais no âmbito do PNL; outras actividades: encontros com escritores, sessões de poesia, sessões de animação da leitura; sessões de leitura expressiva por vários convidados; concursos e outras.

8-E a literacia da informação?

Foi realizado um levantamento nos currículos das competências de informação inerentes a cada nível de ensino e estabelecido um currículo de competências transversais adequado ao 3º ciclo e secundário. Com base neste currículo, foi estruturado um plano de formação de apoio ao desenvolvimento da literacia da informação na escola e articuladas actividades com a sala de aula, neste âmbito (ver questão 6).

9-A portaria que rege as funções do Professor Bibliotecário refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

A articulação com os currículos é feita ao nível das competências transversais (de informação, tecnológicas e digitais). A formação de base da PB é o Português, sendo difícil articular conteúdos com as outras áreas curriculares. Assim, o apoio aos currículos nas várias disciplinas é dado essencialmente ao nível da disponibilização de recursos e materiais.

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

Essa articulação foi, nos primeiros tempos, sempre da iniciativa da BE. Foram necessárias acções concretas de incentivo junto dos professores. Depois de 3 anos de implementação do projecto de apoio à literacia de informação na escola, essa articulação surge de forma mais natural. Neste momento, não são necessárias acções de incentivo, os docentes habituaram-se a contar com o apoio da BE e a articulação de actividades é solicitada maioritariamente por estes.

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

O único impedimento é a falta de tempo. A articulação curricular é desenvolvida somente pela PB, pois os restantes membros da equipa não têm horas suficientes para apoiar a PB neste domínio.

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1-Os alunos lêem mais?

Os alunos lêem mais de ano para ano, facto atestado pelas estatísticas de requisição para empréstimo domiciliário. Para isso tem contribuído o Plano Nacional de Leitura, as acções de promoção da leitura levadas a cabo pela BE e a existência de uma colecção variada e actualizada.

12.2-Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

Também se tem verificado melhoria nas competências de pesquisa, selecção e tratamento de informação pelos alunos, já que têm sido feitas acções concretas nesse sentido como já foi referido em perguntas anteriores.

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

Os serviços mais requisitados na BE são o empréstimo dos computadores portáteis para a sala de aula e impressão de documentos.

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

Sim, nomeadamente ao nível do ensino de competências de informação. Muitos docentes passaram a incluir, nas suas unidades, o ensino e treino destas competências. Verifica-se também mais exigência na elaboração de trabalhos escolares (estrutura, tratamento da informação, referência às fontes).

14-De que recursos tecnológicos dispõe a Biblioteca Escolar onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)?

8 computadores fixos com ligação à Internet para utilização autónoma, por parte dos alunos, com possibilidade de utilização para actividades em contexto lectivo, mediante marcação prévia; 15 computadores portáteis para utilização na sala de aula; 3 projectores móveis; 1 projector fixo na BE ligado a um PC fixo; 1 televisão LCD; 2 leitores de DVD; estúdio de gravação com mesa de mistura, áudio e vídeo.

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

Informação por correio electrónico aos docentes, placares informativos, boletins informativos, jornal escolar, página Web da escola; plataforma moodle da escola.

16-O funcionamento da BE e o trabalho do PB são acompanhados e orientados por um Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

A função do Coordenador Interconcelhio, como a designação do cargo indica, é coordenar um conjunto de escolas agrupadas conforme a geografia, constituindo o elo de ligação entre o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares e as escolas.

17-Quantas Bibliotecas Escolares existem no Agrupamento?

Pertenço a uma escola não agrupada.

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

.....

19-O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

Muito raramente. Considero prioritário a articulação curricular e depois do trabalho realizado com as turmas, não sobra tempo para muito mais.

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

Pontualmente, só. As parcerias que surgem são solicitadas por instituições da comunidade, como por exemplo, os jornais regionais que propõem projectos de educação para os media. A BE responde sempre positivamente a essas solicitações, mas não procura mais parcerias, pois o tempo não chega para tudo. O domínio A e B do Modelo de Avaliação das BE são as nossas áreas de intervenção prioritárias e em relação ao domínio C (projectos, parcerias e protocolos) pouco trabalho é desenvolvido.

INQUÉRITO 2

Identificação:

Formação de Base: Licenciatura em Ensino de Português - Inglês (2º ciclo)

Formação na Área das BE (Contínua ou especializada): Curso de Formação Especializada em Comunicação Educacional e Gestão da Informação - Bibliotecas Escolares (Pós-licenciatura)
Curso de Valorização Profissional - Mediador de Leitura
Acção de Formação Contínua - Práticas e Modelos na Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares
Acção de Formação Contínua - Organização da Informação - Tratamento Documental

Nº de anos de docência: 15

Nº de anos como Coordenador/ PB: 3

Tipo de Agrupamento: Vertical

Concelho: Marvão

Distrito: Portalegre

1-Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

A Biblioteca Escolar tem actualmente como missão formar leitores competentes, isto é, cidadãos capazes de aprender ao longo da vida e participar activa e criticamente na sociedade da informação/conhecimento. Tal será possível se os indivíduos desenvolverem competências literácitas (literacia da informação, científica, matemática, tecnológica, digital, visual, estatística...).

2-Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

O Professor Bibliotecário deve ser o promotor do trabalho em prol da leitura e das literacias.

3-Tem uma equipa que o auxilie? Se sim, que critérios estão subjacentes à sua selecção?

Sim. A equipa é constituída por docentes que precisam de completar horário.

4-Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário/ equipa?

A acção do PB deve orientar-se no sentido de implementar e fortalecer o trabalho colaborativo entre o corpo docente e a Biblioteca Escolar, para que a leitura e as literacias constituam um objectivo partilhado por toda a escola.

5-Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

Torna-se fundamental que o PB possua formação no âmbito das Bibliotecas Escolares. É essencial que cada profissional das Bibliotecas Escolares esteja absolutamente consciente da missão da BE e possua conhecimentos sólidos no que respeita à gestão da Biblioteca, leitura e literacias.

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

Ver respostas 2 e 4.

7-Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

Como PB, faço a divulgação de obras adquiridas e novidades editoriais (junto de alunos, funcionários e professores), organizo feiras do livro, promovo encontros com escritores/ilustradores/contadores de histórias e proponho actividades no âmbito da leitura de obras. O papel de qualquer PB é muito importante neste campo de acção, deve ser um mediador entre o seu público-alvo e os livros. No meu caso, por não estar a tempo inteiro na BE, não me é possível aprofundar o trabalho de promoção do livro e da leitura.

8-E a literacia da informação?

Cabe ao PB promover na escola o trabalho em volta da literacia da informação, propondo guiões de pesquisa e outros materiais que, usados de forma generalizada, fortaleçam as competências literárias do público-alvo. Novamente, refiro que a missão do PB é extremamente complexa e não poderá ser cumprida na íntegra com apenas 13 horas semanais destinadas à Biblioteca Escolar.

9-A portaria que rege as funções do Professora Bibliotecário refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

Sempre que possível. Um bem sucedido trabalho de articulação exige uma colecção generosa em número e diversidade, grande receptividade por parte do corpo docente/gestão e muita disponibilidade da parte do PB. Não estando a tempo inteiro, e exercendo funções num agrupamento constituído por duas escolas básicas integradas c/JI a 8 km de distância, são muitos os obstáculos.

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

Verifica-se sempre maior colaboração por parte dos docentes com mais tempo de antiguidade na escola, há sempre a necessidade de fazer um trabalho de divulgação da BE e da sua missão junto dos colegas recém-chegados.

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

Ver a resposta 9.

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1-Os alunos lêem mais?

Sim, sem dúvida. Torna-se bastante gratificante acompanhar o percurso de alunos que começaram a requisitar livros na BE no seu 1º ano de escolaridade e apresentam actualmente sólidos hábitos de leitura.

12.2-Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

Progressivamente, devagar, pois é um campo muito trabalhoso e que exige articulação com o corpo docente para que efectivamente seja bem sucedido.

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

Obras de leitura orientada (PNL), acesso à Internet e documentos impressos para actividades de pesquisa e requisição do espaço para visualização de filmes que foquem determinados temas dos currículos.

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

Progressivamente. Se houver um corpo docente estável, um trabalho continuado de divulgação da BE e propostas de trabalho colaborativo/articulação, o PB contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula.

14-De que recursos tecnológicos dispõe a Biblioteca Escolar onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)?

A BE possui computadores com ligação à internet, quadro interactivo, projector multimédia, impressora, televisões e leitores de DVD/CDA.

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

A BE possui expositor próprio no corredor, correio electrónico, blogue e conta na rede social facebook. Sempre que solicitado, as actividades da BE são divulgadas no blogue da associação de pais e do município, sendo prática regular a divulgação em reuniões de C.P., D.C e Conselho de Turma.

16-O funcionamento da Biblioteca Escolar e o trabalho do Professor Bibliotecário são acompanhados e orientados por um Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

Sim, a BE e o PB são acompanhados e orientados por uma Coordenadora Interconcelhia que apoia a gestão da biblioteca e as actividades anuais. Esta Coordenadora visita a BE com regularidade, dando esclarecimentos e apoio prático na elaboração de documentos.

17-Quantas Bibliotecas Escolares existem no Agrupamento?

Existem duas Bibliotecas Escolares, mas apenas uma está integrada na RBE. O agrupamento formou-se em Agosto de 2010 e, até essa data, a PB tinha 13 horas semanais para se dedicar a uma única Biblioteca Escolar integrada na rede. No presente ano lectivo, com as mesmas horas, a PB tem também à sua responsabilidade uma biblioteca escolar não integrada na rede e em processo de registo e organização do fundo documental.

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

Uma das Bibliotecas Escolares tem Assistente Operacional a tempo inteiro, a que não está integrada na rede conta apenas com algumas horas por parte de uma Assistente Operacional. A PB divide as suas 13 horas semanais pelas duas Bibliotecas.

19-O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

Sim. Trabalhamos com a Casa da Cultura, com o Centro de Dia da localidade e com os Encarregados de Educação. Desenvolvemos projectos de leitura que envolvem as famílias e realizamos a Feira do Livro fora da escola para uma maior abertura à comunidade. Temos também um grupo de trabalho interconcelhio.

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

A Biblioteca Escolar propõe actividades em horários que possibilitam a vinda de Encarregados de Educação à BE.

INQUÉRITO 3

Identificação:

Formação de Base: Licenciatura em Ensino – Variante Português/ Francês

Formação na Área das BE (Contínua ou especializada): A frequentar Mestrado em Gestão de bibliotecas escolares

Nº de anos de docência: 16

Nº de anos como Coordenador/ PB: 4

Tipo de Agrupamento: Vertical

Concelho: Guarda

Distrito: Guarda

1- Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

A BE tem a missão não só de fornecer informação, como também de a ajudar a processar no cérebro do ser humano.

2-Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

O PB é o gestor de toda essa árdua missão.

3-Tem uma equipa que o auxilie? Se sim, que critérios estão subjacentes à sua selecção?

Sim, que não é seleccionada em função da formação mas por questões de completamento de horário.

4-Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário/ equipa?

Em função das necessidades dos utilizadores.

5-Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

A meu ver, a formação de base direccionada para o nível etário que a BE abrange é uma mais-valia essencial ao desenvolvimento de um bom trabalho.

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

Proporcionando ao aluno meios e documentos que lhe permitam atingir um saber que abranja várias áreas.

7-Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

Hora do conto, projectos com Encarregados de Educação, concursos de leitura, PNL na sala de aula, ...

8-E a literacia da informação?

Despertar nas crianças a necessidade da procura constante de informação, quer em textos lidos, quer recorrendo às pesquisas *on-line*.

9-A portaria que rege as funções do Professor Bibliotecário refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

Sim.

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

Frequentemente.

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

A falta de tempo para os apoiar mais, uma vez que sou sozinha a fazer todo o trabalho de duas BE.

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1-Os alunos lêem mais?

Sim.

12.2-Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

Sim.

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

Empréstimo de livros.

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

A nível da leitura, sim.

14-De que recursos tecnológicos dispõe a Biblioteca Escolar onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)?

Quadro interactivo, videoprojector, computadores velhos...

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

Através do Blogue, do placar mensal e do correio electrónico.

16-O funcionamento da Biblioteca Escolar e o trabalho do Professor Bibliotecário são acompanhados e orientados por um Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

Informar e apoiar nas dúvidas.

17-Quantas Bibliotecas Escolares existem no Agrupamento?

3

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

Divido o meu horário por 2, e a 3ª fica a cargo da outra PB.

19-O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

Frequentemente, a BE vai a todas as escolas e JI do Agrupamento.

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

Sim. As parcerias surgem com livrarias que nos facultam escritores, feiras do livro; com a Biblioteca Municipal e a Câmara Municipal através do financiamento de actividades e transportes.

INQUÉRITO 4

Identificação:

Formação de Base: Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses

Formação na Área das BE (Contínua ou especializada): Curso de Especialização em Ciências Documentais

Nº de anos de docência: 34

Nº de anos como Coordenador/ PB: 22

Tipo de Agrupamento: Escola Secundária não agrupada

Concelho: Leiria

Distrito: Leiria

1-Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

Enquanto bolsa integrante de uma escola, a BE deve disponibilizar, à instituição onde se enquadra, recursos documentais diversificados, actualizados e tratados tecnicamente para a sua recuperação. O investimento nas competências dos utilizadores em literacia da informação é o que distingue uma BE de uma livraria ou biblioteca generalista - ter documentos ou acessos e ensinar a usá-los. Para além desta missão essencial, há, logicamente, a vocação natural de promover o livro, a leitura e a cultura. Todos estes aspectos só podem ser levados a bom porto com a articulação curricular: estar com os professores, com os programas e com os projectos da escola.

2-Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

Perante estas dimensões tão amplas da missão da BE, o PB deve/ tem de apresentar um perfil profissional de maior amplitude do que o comum dos profissionais que trabalham numa escola (com a excepção da Direcção): além de conhecimentos técnicos em biblioteconomia, tem de ser um gestor de recursos humanos, saber articular-se com as diferentes estruturas pedagógicas e administrativas da escola, cultivar o espírito de curiosidade intelectual e assumir-se como um mediador da informação e da cultura. Tanta coisa para uma sigla tão curta - PB!

3-Tem uma equipa que o auxilie? Se sim, que critérios estão subjacentes à sua selecção?

Sim. Esta equipa surge dos espaços vazios nos horários dos docentes.

4-Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário?

Decorrente da questão anterior, a acção do PB deve orientar-se num círculo bem amplo que lhe permita estar bem articulado com a Direcção da escola, as estruturas intermédias da escola, os alunos, a sala de aula e os agentes culturais da zona.

5-Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

O PB tem de resistir à tentação de ficar escravo da área de saber e de interesses da sua formação base, dimensionando a sua intervenção e projectos para todos os sectores curriculares. Julgo que, nesta matéria, o risco de parcialidade pode vir mais dos destinatários (público-alvo) do que da coordenação de uma BE. Isto é, a situação de muitas vezes se elegerem determinados interlocutores para actividades tem mais a ver com a vocação e sensibilidade de certos agentes/grupos disciplinares para o trabalho de articulação com a BE. Julgo ser uma inevitabilidade!

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

A BE/PB deve ter capacidade de oferecer serviços de apoio à pesquisa documental (no impresso e no electrónico), material de apoio à elaboração de um trabalho de investigação (estrutura do trabalho e referências bibliográficas) e orientação dos alunos no registo da informação capturada. Privilegiar de igual modo a exploração de índices de livros e de portais e sites.

7-Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

Uma PB com 22 anos de exercício de funções já teve oportunidade de experimentar quase tudo em matéria de promoção da leitura. No ano em curso, as actividades em desenvolvimento passam por uma programação cultural regular divulgada todos os meses com um evento por semana: sessão da Comunidade de Leitores, sessão sobre cinema, exposição de alunos das artes no espaço da galeria, convidado em “Conversas com” ou colóquio. Para além deste programa mensal, há ainda um projecto em curso de organizar Pacotes de Leitura com adereços/artefactos de livros, usados em sessões de divulgação.

8-E a literacia da informação?

Há 4 ou 5 anos a esta parte que a BE tem uma intervenção curricular directa com as turmas de 12º ano da Área de Projecto, com sessões organizadas por módulos que são pedidos pelos respectivos professores à BE. Investimos igualmente na organização de um portal de recursos electrónicos.

9-A portaria que rege as funções do Professor Bibliotecário refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

São feitas reuniões com Coordenadores e professores de algumas áreas disciplinares. Variável consoante os anos e os grupos. Em matéria de articulação, têm de ser os 2 lados a querer articular e programar.

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

Normalmente esta articulação só acontece quando, à partida, a situação deixa antever que há hipótese de correr bem, de forma a evitar casos forçados ou de folclore. Está neste momento em desenvolvimento um projecto com professores do ensino nocturno, na área da promoção do livro, que vai envolver 4 professoras e que vai ser um teste à nossa capacidade de dar alguma utilização da BE neste turno. No ano passado, houve um projecto que envolveu 23 professores de várias áreas e 46 alunos e que foi particularmente mobilizador. Julgo que o factor “credibilidade” é importante.

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

As principais dificuldades deste trabalho de articulação têm fundamentalmente a ver a sensibilidade das pessoas (não se compra em nenhuma loja), o constrangimento dos conteúdos programáticos, (pertinente no ensino secundário) e com o perfil das áreas disciplinares.

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1- Os alunos lêem mais?

Há sempre uma franja de alunos que, em todos os anos, é possível mobilizar para práticas de leitura. Mesmo com minorias e elites, a BE deve insistir nestas intervenções em clubes e comunidades restritas. A maioria dos alunos (e dos adultos, também) tem com o livro uma relação mais instrumental/estudo e de obrigação, mas nem por isso nos devemos demitir de os envolver em experiências de leitura. Muitas vezes, vão sem entusiasmo, mas depois gostam e incorporam.

12.2-Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

Julgo que a facilidade do acesso à informação na Net, não desenvolve boas competências de literacia da informação. De um modo geral, não têm critérios de selecção, capturam mas não lêem, transcrevem e não usam aspas, apropriam-se e não identificam a fonte. A solução não é dissuadir a pesquisa na Net, mas estarmos também lá com eles para orientação.

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

Empréstimo documental, apoio na pesquisa de documentos impressos e fotocópias.

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

Julgar em causa própria é bem difícil mas, mesmo que fosse fácil, é uma questão demasiado linear para uma situação complexa.

14-De que recursos tecnológicos dispõe a BE onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)?

Neste momento, a BE está em fase de reequipamento, depois das obras de requalificação da escola e do início do Plano Tecnológico. Daqui a 1 ou 2 meses é possível responder com mais rigor, porque se está numa fase transitória.

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

4 meios: página da escola, monitor de informação no átrio (alimentado pela equipa BECRE), cartazes/flyers e correio electrónico para professores.

16-O funcionamento da Biblioteca Escolar e o trabalho do Professor Bibliotecário são acompanhados e orientados por um Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

Existe, há vários anos, um Coordenador Interconcelhio que acompanha cada uma das escolas (variável consoante o grau de experiência do PB) e define um programa de actividades concelhio que incluem as actividades da Semana da Leitura, a coordenação do Catálogo Colectivo e a dinamização de encontros regulares.

17-Quantas Bibliotecas Escolares existem no Agrupamento?

Escola não agrupada.

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

Escola não agrupada.

19-O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

Ultrapassa em várias situações: organização de Ciclos de Palestras entre as BECRE das 3 escolas secundárias da cidade (este ano na sua 6ª edição), parcerias com espaços culturais (hoje mesmo, dia 14 de Janeiro, a sessão da Comunidade de Leitores da escola teve lugar numa livraria da cidade, a convite desta última), etc.

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

Há parcerias e projectos pontuais, decorrentes, muitas vezes, de relações pessoais e sociais da coordenação da BE. Daí a falar-se em “participação activa” da comunidade há um grande salto. No vazio da linguagem.

INQUÉRITO 5

Identificação:

Formação de Base: Licenciatura em História.

Formação na Área das BE (Contínua ou especializada): Contínua

Nº de anos de docência: 25

Nº de anos como Coordenador/ PB: 8

Tipo de Agrupamento: Vertical

Concelho: Alcanena

Distrito: Santarém

1-Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

Tradicionalmente, a missão da Biblioteca Escolar era encontrar informação, tratá-la de modo a aumentar as suas qualidades de utilização, geri-la, torná-la facilmente acessível e transmitir-la aos que dela necessitassem, utilizadores ou clientes.

Actualmente, as Bibliotecas Escolares deverão promover serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da Comunidade Escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efectivos utilizadores da informação, em todos os formatos e meios.

2-Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

Adaptando-se à realidade da Escola e tornando-se um pólo agregador e dinamizador das práticas e processos de funcionamento da BE, relacionando-as com a Comunidade Educativa.

3-Tem equipa? Se sim, como é feita a selecção dos membros?

A selecção dos membros é feita segundo a disponibilidade de horário e só, em segundo lugar, se tem em conta o perfil de desempenho.

4-Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário?

O PB deverá ter em conta todos os itens mencionados no MABE. Esta prática irá orientar o professor, ajudando-o a detectar os pontos fracos e fortes, tentando contornar os constrangimentos numa constante interacção com o meio, moldando-o e moldando-se.

5-Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

A formação base poderá despertar uma maior apetência para lidar com o universo da BE. A formação específica na área das BE poderá constituir uma mais-valia, bem como um “abre olhos” para determinadas questões.

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

Contribuem quando apoiam o desenvolvimento curricular, articulando a BE com as estruturas pedagógicas e os docentes, proporcionando abordagens diversificadas no processo ensino-aprendizagem e promovendo a utilização transversal da BE; quando contribuem para o desenvolvimento das competências da informação, em articulação com o Plano Tecnológico, as Áreas de Projecto, Estudo Acompanhado ou outras de carácter transversal; quando promovem e consolidar os hábitos e o prazer da leitura, bem como as competências da leitura, em articulação com a escola e com o exterior; quando disponibilizam recursos materiais/tecnológicos e um fundo documental actualizado.

7- Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

Pondo em prática as sugestões do PNL, fomentando a leitura a partir da 1ª infância com a “Hora do Conto”; através de sessões de esclarecimento aos Encarregados de Educação; através de concursos de leitura; registos; louvores; Semana da Leitura e outros.

8-E a literacia da informação?

É feita através da formação de utilizadores na BE e nas aulas de Área de Projecto e Estudo Acompanhado. Foi também divulgado um modelo de pesquisa uniforme para todo o agrupamento.

9-A portaria que rege as funções do PB refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

É feita sempre que os professores o solicitem. Quando necessitam de algum material específico da BE, preenchem uma ficha a solicitá-lo com uma semana de antecedência.

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

Não, é preciso fazer um trabalho de divulgação e sensibilização, pois os professores, muitas vezes, também não estão esclarecidos sobre o papel da BE.

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

Muitas vezes, o desconhecimento e a sobrecarga de trabalho burocrático dos professores.

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1- Os alunos lêem mais?

Os alunos do 1º e 2º ciclos, sim. No entanto, o mesmo não se passa com os alunos do 3º ciclo.

12.2-Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

Sim, é esse um dos papéis da BE, ajudar na pesquisa e tratamento de dados.

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

A leitura domiciliária, os jogos e o multimédia. Neste último, a BE tem muitos constrangimentos, o equipamento está obsoleto e é escasso.

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

Sim, a pouco e pouco, os professores vão valorizando a BE como recurso fundamental.

14-De que recursos tecnológicos dispõe a Biblioteca Escolar onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)?

Como referi anteriormente, a BE luta com graves problemas a nível de equipamentos, nomeadamente falta de computadores. Possui um videoprojector, uma TV e um leitor DVD, bem como leitor de CD.

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

Através de placares, blogue e Jornal da Escola.

16-O funcionamento da Biblioteca Escolar e o trabalho do Professor Bibliotecário são acompanhados e orientados por um Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

Sim, as suas funções são de acompanhamento e orientação dos trabalhos desenvolvidos nas BE da sua área.

17-Quantas Bibliotecas Escolares existem no Agrupamento?

Existem cinco BE.

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

São três as Professoras Bibliotecárias que se reúnem uma ou duas vezes por mês e nas reuniões mensais do SABE, protocolo estabelecido com a Biblioteca Municipal.

19-O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

Sim, nos projectos liderados através do SABE ou PNL.

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

As parcerias que existem são entre as BE do Agrupamento e com a Biblioteca Municipal.

INQUÉRITO 6

Identificação:

Formação de Base: Curso superior de design visual

Formação na Área das BE (Contínua ou especializada): Contínua

Práticas e modelos na auto-avaliação das bibliotecas escolares

Processos criativos em dinâmicas pró-literacia

Organização, gestão e animação da biblioteca escolar

Unimarc - curso de formação profissional Biblioteca Nacional

Princípios básicos de catalogação - curso da Biblioteca Nacional

As web2.0 e a biblioteca escolar

Organização da informação na biblioteca - O tratamento documental: classificação e indexação

A biblioteca escolar - Instrumentos de desenvolvimento curricular

Nº de anos de docência: 14

Nº de anos como Coordenador/ PB: 5

Tipo de Agrupamento: Vertical

Concelho: Lagos

Distrito: Faro

1- Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

Apoiar o currículo dos alunos, apoiar professores e alunos nas actividades lectivas, proporcionar aos alunos actividades extra-curriculares, servir toda a Comunidade Escolar, disponibilizando recursos e promovendo actividades.

2- Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

A coordenadora assiste às reuniões do Pedagógico e, pontualmente, a reuniões preparatórias das Áreas Curriculares Não Disciplinares, as Professoras Bibliotecárias da equipa assistem e participam das reuniões de estabelecimento e coordenação das EB1. Para além das reuniões formais, procura-se interligar actividades com os docentes, indo ao encontro das suas necessidades. No dia-a-dia da biblioteca, o PB está atento às necessidades evidenciadas pelos alunos que frequentam o espaço da biblioteca.

3- Tem equipa? Como é feita a selecção?

Sim. A selecção é feita de acordo com a disponibilidade da escola.

4-Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário?

O PB deve ter visão estratégica, não só para unir e tornar coerentes as dinâmicas entre as várias bibliotecas mas também a nível temporal para que as estratégias façam sentido e se revelem eficazes a médio e longo prazo. O seu trabalho deve estar orientado para o sucesso de alunos e professores.

5-Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

A formação de base que possuo (artes) é limitativa em termos de apoio no que se refere aos conteúdos de base da Língua Portuguesa/literacias, mas vantajosa no que respeita ao sentido prático, ao sentido estratégico e ao saber mostrar/divulgar. É também uma mais-valia relativamente à gestão dos espaços físicos da biblioteca e à gestão dos media.

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

O saber estar na biblioteca é algo que diariamente é inculcado nos alunos. A responsabilidade, o respeito pela propriedade, o respeito pelos outros, o sentido crítico, a autonomia, o voluntariado. Só o facto de frequentar a biblioteca e fazer uso dos seus recursos já está a proporcionar aos alunos a possibilidade de trabalhar todas estas competências e outras.

7-Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

Para promover a leitura há a intervenção directa junto do aluno quando este quer escolher um título para ler; a valorização/divulgação dos melhores leitores e de boas práticas neste domínio; a promoção de concursos; o destaque de novidades (e outros); o recurso à web2.0 para atrair mais utilizadores. O PB tem um papel crucial, pois tem oportunidade de chegar a toda a gente e atender às necessidades de cada um.

8-E a literacia da informação?

A literacia de informação trabalha-se através de pequenas formações junto das turmas, da disponibilização de guiões de pesquisa e de trabalho, da disponibilização de recursos e no recurso à web2.0 para fazer chegar a informação a todos aqueles que não frequentam a biblioteca.

9-A portaria que rege as funções do Professor Bibliotecário refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

Com alguma dificuldade. Ano a ano, vai-se tentando chegar cada vez mais e de um modo mais eficaz aos docentes, procurando articular com algumas das suas actividades e práticas lectivas. É mais fácil chegar aos docentes através das Áreas Curriculares Não Disciplinares e

da disponibilização de recursos diversos (como trazer à escola outras entidades, por exemplo).

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

Alguns docentes solicitam colaboração e a maior parte colabora quando solicitado.

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

Falta de tempo por parte dos docentes e desconhecimento dos recursos que realmente existem na biblioteca (falha na divulgação?).

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1-Os alunos lêem mais?

De ano para ano, tem aumentado gradualmente o empréstimo domiciliário de livros, a biblioteca continua a ser muito frequentada para leitura.

12.2- Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

Não consigo ainda ter uma percepção clara sobre isso. É difícil ter essa percepção numa escola tão populosa.

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

Uso dos computadores, local para fazer trabalhos e estudar, requisição de livros para casa, requisição de livros para a sala de aula.

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

Penso que contribui alguma coisa nalgumas turmas (dependendo do docente).

14-De que recursos tecnológicos dispõe a BE onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)?

12 computadores, um quadro interactivo, CD-ROM.

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

Informações dadas no Pedagógico e nas reuniões de estabelecimento, através de placares espalhados pela escola, blogues, sítio, plataforma moodle e facebook.

16-O funcionamento da Biblioteca Escolar e o trabalho do Professor Bibliotecário são acompanhados e orientados por um Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

A Coordenadora Interconcelhia orienta e coordena as reuniões mensais do grupo de trabalho, dá formação contínua, visita as bibliotecas escolares mantendo-se a par das necessidades, transmite informação e é o elo de ligação entre a Rede de Bibliotecas Escolares e as Bibliotecas Escolares.

17-Quantas Bibliotecas Escolares existem no Agrupamento?

4 integradas na Rede de Bibliotecas Escolares e 1 não integrada.

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

Através do trabalho articulado com mais duas Professoras Bibliotecárias do 1ºciclo, através de visitas regulares às bibliotecas e de reuniões e contacto constante com a equipa.

19- O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

Sim.

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

Algumas parcerias surgem quase espontaneamente (como Associação local ou Lar dos idosos), existe parceria formal e dinâmica com a autarquia/Biblioteca Municipal e com a Direcção Regional; a um nível menos local temos o apoio da DECO, da Abraço, através de contactos que estabelecemos e que foram bem recebidos.

INQUÉRITO 7

Identificação:

Formação de Base: Português-Francês

Formação na Área das BE (Contínua ou especializada): Pós-graduação em BE

Nº de anos de docência: 26

Nº de anos como Coordenador/ PB: 5

Tipo de Agrupamento: Vertical

Concelho: Moura

Distrito: Beja

1-Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

Organizar a informação e apoiar o currículo.

2-Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

Desenvolve actividades relacionadas com a formação de utilizadores e apoia o currículo.

3-Tem equipa? Se sim, como é feita a selecção dos membros?

Sim, a selecção é feita pela directora.

4-Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário?

De acordo com uma análise SWOT, Plano de Acção da Biblioteca e Plano de Actividades do Agrupamento.

5-Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

A formação de base é importante, mas deve haver também um conhecimento diversificado em termos culturais e curriculares.

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

A biblioteca é a chave para a concretização de projectos. Tem um fundo documental adequado, proporciona um bom ambiente de aprendizagem e recorre às TIC.

7-Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

Aplicação das medidas do PNL. Divulgação e promoção da leitura em ambientes diversificados.

8-E a literacia da informação?

Fazendo formação de utilizadores e desenvolvendo práticas sistemáticas de recursos digitais.

9-A portaria que rege as funções do Professor Bibliotecário refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

A articulação é feita com os professores de acordo com as suas necessidades para o desenvolvimento do currículo.

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

É natural e espontânea e também estimulada pelo Professor Bibliotecário.

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

A disponibilidade da equipa visto que os seus elementos são convocados para dar aulas de substituição no seu horário de BE.

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1-Os alunos lêem mais?

Como a variedade de fundo documental é maior, constitui um estímulo para a leitura.

12.2- Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

Os alunos têm mais acesso à informação e a um melhor fundo documental. Os serviços de internet são os mais solicitados. Pesquisam, regra geral, melhor, mas mantêm certos vícios, como o uso excessivo do “copy/paste”.

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

Internet.

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

O professor recorre mais à BE, nomeadamente quando verifica que a BE desenvolve práticas que facilitam a sua actuação lectiva, construindo documentos de apoio.

14-De que recursos tecnológicos dispõe a Biblioteca Escolar onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)?

10 computadores com internet, scanner, máquina fotográfica, máquina de filmar, videoprojector, 2 televisores, leitor de DVD.

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

Recurso ao blogue da BE e à biblioteca digital.

16-O funcionamento da Biblioteca Escolar e o trabalho do Professor Bibliotecário são acompanhados e orientados por um Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

Monitorizar as actividades da BE, estabelecer a articulação entre a BE e a RBE e articular com o SABE.

17-Quantas Bibliotecas Escolares existem no Agrupamento?

6

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

É elaborado um organigrama mensal das actividades para cada BE. Todas abrem pelo menos uma vez por semana.

19-O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

A BE tenta, em muitos pontos, fazer a ligação entre a escola e a sociedade.

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

As participações são ocasionais e ligadas a projectos escolares e curriculares em que a comunidade é convidada a participar.

INQUÉRITO 8

Identificação:

Formação de Base: Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Inglês/Alemão)

Formação na Área das BE (Contínua ou especializada): Contínua

Nº de anos de docência: 25

Nº de anos como Coordenador/ PB: 9

Tipo de Agrupamento: Vertical

Concelho: Alcobaça

Distrito: Leiria

1-Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

Formar cidadãos críticos, responsáveis e autónomos. Desenvolver nos alunos competências de leitura e escrita, bem como no âmbito da literacia da informação. Contribuir para a melhoria das aprendizagens dos alunos e dos seus resultados escolares.

2-Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

Tem um papel fundamental, pois para além de coordenador é também o principal responsável pela difusão e cumprimento dessa missão.

3-Tem equipa? Se sim, como é feita a selecção dos membros?

Sim, é designada pela Direcção mas, normalmente, depois de auscultar o PB.

4-Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário?

Trabalhando em equipa e procurando sempre a colaboração de todos os “agentes” da escola.

5-Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

Apesar de não ter formação de base nesta área, não senti que isso fosse impeditivo de desempenhar as minhas funções e o meu papel.

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

Penso que a BE pode ter um papel importante, pois as suas valências são várias, sobretudo no dia em que o trabalho de articulação curricular for plenamente conseguido e feito de uma forma sistemática.

7-Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

Hora do conto, sessões de leitura expressiva, concursos de leitura, incentivo à leitura domiciliária e autónoma, implementação do Plano Nacional de Leitura.

8-E a literacia da informação?

Formação de utilizadores, modelos e guias de pesquisa, apoio sistemático aos utilizadores.

9-A portaria que rege as funções do Professor Bibliotecário refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

Embora seja um trabalho nem sempre conseguido com todas as áreas, já vai sendo feito de uma forma cada vez mais frequente com algumas áreas curriculares e sobretudo com áreas como o Estudo Acompanhado e a Área de Projecto.

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

De uma forma geral, pode dizer-se que sim.

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

A falta de tempo/disponibilidade por parte dos docentes para a planificação conjunta é, a meu ver, ainda o maior entrave.

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1-Os alunos lêem mais?

Penso que sim, pelo menos os mais novos

12.2- Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

Penso que, nesta área, há ainda muito trabalho a fazer, pois continua a verificar-se que, a maioria dos alunos, não adquiriu ainda essas competências.

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

Utilização dos computadores, requisição de livros para leitura domiciliária, utilização da BE para a realização de trabalhos de casa e de grupo.

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

Seria bom que assim fosse, mas tal ainda não se verifica.

14-De que recursos tecnológicos dispõe a Biblioteca Escolar onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)?

7 computadores fixos, um retroprojector, duas impressoras e uma multifunções.

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

Através de expositores, do Jornal da Escola e, mais recentemente, do blogue da BE.

16-O funcionamento da Biblioteca Escolar e o trabalho do Professor Bibliotecário são acompanhados e orientados por um Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

Sim. Orientar, apoiar e coordenar o nosso trabalho bem como fazer “a ponte” com a RBE.

17-Quantas Bibliotecas Escolares existem no Agrupamento?

Uma.

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

19-O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

Sim, pois está inerente às minhas funções prestar apoio e dinamizar actividades junto das escolas do JI e 1º ciclo que pertencem ao Agrupamento.

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

A principal parceria é, no nosso caso, com a Biblioteca Municipal.

INQUÉRITO 9

Identificação:

Formação de Base/ inicial: Licenciatura em Português-Inglês

Formação na Área das BE: Contínua ou especializada: Contínua

Nº de anos de docência - 36

Nº de anos como Coordenador/ PB - 5

Tipo de Agrupamento: Vertical

Concelho: Elvas

Distrito: Portalegre

1- Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

“A BE disponibiliza serviços de aprendizagem livros e recursos que permitam a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos de informação em todos os suportes e meios de comunicação.” In “Manifesto da IFLA”

Quando se fala em missão e objectivos da BE, dever-se-á contemplar o Projecto Educativo da Escola, o ponto de partida da BE, incluir o conhecimento da Comunidade Escolar e observar e rentabilizar as dinâmicas locais. Os objectivos a alcançar só poderão ser atingidos a médio e longo prazo.

2- Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

No âmbito das funções institucionais que lhe estão atribuídas, o PB será o promotor de um Plano de Acção e Plano Anual de Actividades, deve elaborar o Relatório Anual MABE e levará à prática as actividades articuladas com os diferentes Departamentos, docentes, entidades exteriores e outros agentes.

3- Tem uma equipa que o auxilie? Se sim, que critérios estão subjacentes à sua selecção?

Sim, que é seleccionada pela Direcção do Agrupamento.

4- Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário/ equipa?

O PB deverá orientar a sua acção, avaliando continuamente o trabalho realizado através dos instrumentos formais e institucionais e também informais (questionários registos), alterando e corrigindo os seus percursos, conforme os resultados da avaliação.

5-Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

A formação de base em Bibliotecas Escolares é, sem dúvida, muito importante pois pressupõe um currículo já focalizado e especializado desde o início que proporcionará um desempenho mais eficaz do cargo. Com formações de base em diferentes áreas (Línguas, matemática ou outras) haverá sempre constrangimentos e pontos fortes conforme a área.

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

Pode contribuir largamente, através de todo o trabalho por ela realizado, para desenvolver as competências: cívica, social, de literacia geral e da informação, estética e cultural (todas elas competências transversais).

7-Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

Promoção, divulgação e apoio directo ou indirecto de concursos, espaços lúdicos, produções orais e escritas (em vários suportes), produções gráficas, exposições, participação na comunicação social, etc. O PB desempenha um importante papel neste domínio, promovendo e articulando todas as actividades acima referidas.

8-E a literacia da informação?

A literacia da informação é, também, um domínio a contemplar e a desenvolver através de actividades muito diversificadas: produção de guiões em diferentes suportes e contextos, informações sobre uso da internet e outros.

9-A portaria que rege as funções do Professor Bibliotecário refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

A articulação com o currículo existe e é posta em prática sempre que possível.

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

Surge, por vezes, naturalmente. Noutros casos, os docentes participam quando são solicitados. No entanto, ainda nem todos constataam a necessidade e interesse de trabalhar em articulação com as BE.

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

Por vezes, os impedimentos prendem-se com o excesso de carga burocrática que absorve os docentes e com dificuldades em compatibilizar horários e tempos para articulação, debate e preparação conjunta de aulas e actividades. Falta também espaço e tempo para a reflexão e

compreensão que implicam um trabalho articulado. A prática de competências de trabalho em grupo está ainda pouco desenvolvida e só com esse tipo de trabalho a acção das BE pode ser bem sucedida.

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1-Os alunos lêem mais?

Ao longo do tempo, verifica-se uma evolução bem patente nos hábitos de frequência e uso da BE, hábitos de leitura (evidências nas requisições) e capacidades de cooperação, capacidades de socialização. Os números das estatísticas, no caso da BE, revelam um maior interesse pela leitura. Verifica-se, por vezes, uma perda de interesse, nos anos posteriores ao 2ºciclo, não podendo identificar exactamente quais as razões.

12.2-Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

Com a prática de utilização da BE e o apoio às actividades de pesquisa, selecção e tratamento da informação, os alunos já realizam trabalhos de maior qualidade e têm mais informação sobre estes aspectos que eram ignorados há poucos anos, quando a BE não era tão utilizada regularmente.

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

Internet livros de literatura juvenil, jogos leitores de DVD e obras de leitura orientada.

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

Certamente que sim. O trabalho articulado da BE com docentes proporciona uma melhoria da qualidade do trabalho em geral e práticas de trabalho em equipa, recorrendo a processos, metodologias e recursos mais diversificados.

14-De que recursos tecnológicos dispõe a Biblioteca Escolar onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)

Computadores, projectores, leitores, máquina fotográfica digital e impressoras.

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

Através de produções escritas, jornal escolar, blogue e plataforma moodle.

16-O funcionamento da Biblioteca Escolar e o trabalho do Professor Bibliotecário são acompanhados e orientados por um Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

Coordenar o trabalho articulado entre escolas e os grupos concelhios (incluem BM), otimizar os recursos e articular actividades, reunir periodicamente com os PB, informando sobre orientações e normativos da RBE e sua implementação na prática.

17-Quantas Bibliotecas Escolares existem no Agrupamento?

Existem duas.

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

Existe trabalho articulado entre as BE, mas cada uma delas tem um PB porque o número de alunos o justifica.

19-O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

O trabalho é também dirigido à comunidade e a sua divulgação utiliza os órgãos de comunicação locais.

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

As parcerias com a comunidade local têm sido estabelecidas, nomeadamente com Jornal, rádio local e autarquia. A participação de outros elementos tem sido escassa.

INQUÉRITO 10

Identificação:

Formação de Base: Licenciatura em ensino - Licenciatura em Filologia Românica

Formação na Área das BE (Contínua ou especializada): Contínua

Nº de anos de docência: 34 anos

Nº de anos como Coordenador/ PB: 13 anos

Tipo de Agrupamento: Vertical

Concelho: Albergaria

Distrito: Aveiro

1-Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

Missão complexa e profunda: pretende-se que a BE forme utilizadores atentos à realidade em que se integram, com hábitos de leitura frequente, capazes de transformar a informação em conhecimento e dotados de ferramentas que lhes permitam aprender ao longo da vida. É, sem dúvida, uma tarefa hercúlea, nem sempre compreendida pelos nossos colegas professores, que pensam muitas vezes que nós não temos nada para fazer...

2-Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

O PB é fundamental para a concretização destas vastas tarefas...

3-Tem equipa? Se sim, como é feita a selecção dos membros?

Tive sempre equipa, desde 2003, correspondendo, mais ou menos, às necessidades da BE. Com a mudança da gestão para Director, a minha equipa de trabalho foi simplesmente retirada, sem me terem sido dadas explicações. Foram-me atribuídos colegas que não pedi e que não têm perfil desejado para este tipo de actividade.

4-Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário?

A acção do PB deve ser articulada com o PEA, articulação com docentes, alunos, e comunidade, sem esquecer as parcerias com entidades locais.

5-Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

A formação do PB é fundamental para a concretização das metas determinadas pela RBE e, mais concretamente, com os objectivos determinados pelo Agrupamento.

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

O trabalho articulado com docentes é fundamental para a mudança de práticas e de mentalidades, mas no meu caso concreto, sinto muita resistência por parte dos colegas. A grande maioria gosta de trabalhar sozinho e não percebe por que razão a BE tem que estar presente em tudo. Verifico uma grande incompreensão por parte do Órgão Directivo relativamente ao trabalho na BE.

7-Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

Tenho pouco apoio do Departamento de Português. Faço as actividades normais de promoção de leitura, tendo em atenção que o espaço da BE está frequentemente ocupado, temos capacidade apenas para 30 alunos. Aqui também se fazem reuniões e se recebem pais...

8-E a literacia da informação?

Tenho guiões diversos que dei a conhecer aos docentes em reuniões de DT e NAC. Muitos destes documentos estão *on-line* e, em breve, constarão do Portal Concelhio das BE de Albergaria-a-Velha.

9-A portaria que rege as funções do Professor Bibliotecário refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

Apenas consigo articular com alguns colegas, há grupos que nunca utilizam os serviços/recursos da BE.

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

Ando atrás dos colegas...

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

Falta de tempo, de interesse...

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1- Os alunos lêem mais?

Só tenho conhecimento através de estatísticas de utilização e de uma conversa ou outra com aqueles colegas com quem me dou melhor. Contudo, há sugestões de fichas para registo de dados no site da RBE...

12.2-Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

Penso que o papel e a presença orientadora da BE são fundamentais para a concretização desse objectivo.

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

Utilização do computador para pesquisa e impressão de texto.

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

Infelizmente, não é muito significativo...

14-De que recursos tecnológicos dispõe a Biblioteca Escolar onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)?

Computadores (6 apenas).

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

Divulgação no blogue, Portal Concelhio e exposições na BE.

16-O funcionamento da Biblioteca Escolar e o trabalho do Professor Bibliotecário são acompanhados e orientados por um Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

Sim, participa nas reuniões interconcelhias, ajuda no preenchimento de documentação, informa, tira dúvidas, desloca-se à escola...

17-Quantas Bibliotecas Escolares escolares existem no Agrupamento?

2

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

Cada PB “gere” a sua BE, embora haja planos e metas comuns. Reunimos sempre que necessário.

19-O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar/ Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

É evidente que este trabalho se prolonga em casa...mesmo com 35h semanais. Eu faço tudo praticamente sozinha, com muito atendimento e orientação de alunos (pesquisa na estante...) e docentes.

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

Sempre que possível: Sarau Concelhio das BE, palestras...

INQUÉRITO 11

Identificação:

Formação de Base: Licenciatura em ensino - 1º ciclo

Formação na Área das BE (Contínua ou especializada): Contínua

Nº de anos de docência: 25

Nº de anos como Coordenador/ PB: 8

Tipo de Agrupamento: Vertical

Concelho: Covilhã

Distrito: Covilhã

1- Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

A BE tem por missão fornecer o material necessário à informação, assim como, dar apoio às aprendizagens, através de diversos meios e formatos, possibilitando que os utilizadores se tornem pensadores críticos e capazes de processar qualquer tipo de informação.

2- Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

O PB deve gerir a BE de forma a ajudar os utilizadores a lerem melhor, localizarem diferentes fontes e formatos de informação; compreenderem e usarem a informação; melhorarem competências tecnológicas; construir novos conhecimentos e novas compreensões; aprenderem fora da escola.

3- Tem equipa? Se sim, como é feita a selecção dos membros?

Sim. A selecção é feita pela Direcção, em função da disponibilidade de horário.

4- Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário?

O PB deve orientar a sua acção em função das necessidades dos utilizadores da BE. Para tal, tem de se articular com os professores que trabalham directamente com as turmas de forma a programar/preparar actividades e materiais que permitam promover oportunidades de aprendizagem.

5- Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

A minha formação de base é, sem dúvida, uma mais-valia no desenvolvimento de actividades destinadas às crianças que utilizam a BE.

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar / Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

A BE/PB devem proporcionar documentos, meios e actividades que permitam atingir conhecimentos e valorizar os saberes em todas as áreas.

7-Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

Para promover a leitura é costume dinamizar a hora do conto; promover encontros com escritores e ilustradores; promover palestras para professores e encarregados de educação; realizar concursos de leitura; incentivar a participação em concursos, tais como leitura, relacionar imagens com livros, biografias e bibliografias de autores, entre outras; dinamizar jogos com correspondência entre títulos e personagens; promover o desenvolvimento de actividades do PNL.

8-E a literacia da informação?

Procuramos privilegiar a leitura em diferentes suportes: livros, jornais, revistas e *on-line*.

9-A portaria que rege as funções do Professor Bibliotecário refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

A articulação com os currículos só é feita em parte, pois o facto de o fundo documental da BE não estar totalmente tratado, implica o fraco conhecimento das obras existentes e por consequência a falta de identificação das obras de apoio aos diferentes conteúdos programáticos.

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

A grande maioria dos docentes colabora quando solicitado, no entanto, é menos frequente a solicitação de colaboração da BE/PB.

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

A maior dificuldade prende-se com a falta de tempo e com a falta de tratamento de todo o fundo documental.

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1-Os alunos lêem mais?

Sim

12.2-Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

Sim

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

Empréstimo domiciliário, empréstimo de material (livros, DVD e jogos) para as aulas de apoio e de substituição, empréstimo de livros do PNL, utilização dos computadores para jogos e para a realização de trabalhos, utilização de jogos manipuláveis para ocupação de tempos livres.

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

Sim, principalmente a nível da utilização dos materiais que a BE/PB disponibilizam, como por exemplo, fichas de leitura, guiões de leitura, propostas de actividades, ...

14-De que recursos tecnológicos dispõe a Biblioteca Escolar onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)?

Computadores, televisão e videoprojector (quando solicitado ao técnico).

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

Através do blogue da BE, do jornal e por correio electrónico.

16-O funcionamento da Biblioteca Escolar e o trabalho do Professor Bibliotecário são acompanhados e orientados por uma Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

Apoia na catalogação do material e realiza reuniões concelhias onde transmite informações relativas à RBE.

17-Quantas Bibliotecas Escolares existem no Agrupamento?

Cinco. Uma na Escola sede do Agrupamento (2º Ciclo) e quatro em Escolas do 1º Ciclo.

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

Trabalho em colaboração com outra PB. O meu trabalho está mais centrado na BE do 2º Ciclo e na gestão de actividades de articulação.

19-O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar / Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

Sim, são realizadas várias actividades em colaboração com outras entidades, tais como a Biblioteca Municipal, o Centro de Saúde e outras instituições e associações.

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

Temos realizado parcerias com escritores, editoras para a Feira do Livro, Biblioteca Municipal, Centro de Saúde, UBI, Hospital da Covilhã, Associações de Deficientes (no Projecto Escola Alerta, ...

INQUÉRITO 12

Identificação:

Formação de Base: Licenciatura em Português-Francês

Formação na Área das BE (Contínua ou especializada): Contínua

Nº de anos de docência: 14

Nº de anos como Coordenador/ PB: 2

Tipo de Agrupamento: Vertical

Concelho: Braga

Distrito: Braga

1-Qual pensa ser a missão da Biblioteca Escolar?

A Biblioteca Escolar tem a missão de orientar e encaminhar os alunos no mundo da informação, de forma a garantir a aprendizagem ao longo da vida.

2-Como se integra o Professor Bibliotecário nessa missão?

O Professor Bibliotecário é o agente que põe em andamento a missão da Biblioteca Escolar.

3-Tem uma equipa que o auxilie? Se sim, que critérios estão subjacentes à sua selecção?

Sim, equipa essa que é seleccionada pela Direcção após a elaboração de todos os horários dos docentes.

4-Como se deve orientar a acção do Professor Bibliotecário/ equipa?

O Professor Bibliotecário deve fazer um diagnóstico da situação da Biblioteca Escolar e em função das necessidades sentidas elaborar um Plano de Acção que colmate essas necessidades.

5-Em que medida a formação de base constitui uma mais-valia/ impedimento para a concretização de determinadas práticas?

Sem dúvida, que não nos podemos desligar da formação inicial e se ela for de 1º ciclo ou de Português está directamente vocacionada para a promoção da leitura, no entanto a função da Biblioteca Escolar e do Professor Bibliotecário vai mais longe, alcançando, também, o domínio da informação, ou seja, orientação na selecção e tratamento da mesma. Faz parte das competências de qualquer docente a capacidade de aceder à informação e divulgá-la sem ter de a dominar.

6-Muito se fala de competências, gerais, específicas, transversais ... Em que medida a Biblioteca Escolar / Professor Bibliotecário contribuem para o processo de aquisição destas competências?

A Biblioteca Escolar e o Professor Bibliotecário têm várias funções e podem e devem desenvolver actividades, em colaboração com os docentes, que possam ir ao encontro das necessidades dos alunos, que permitam o desenvolvimento progressivo de competências a vários níveis, leitura, escrita, interpretação, raciocínio.

7-Como Professor Bibliotecário, que práticas dinamiza para promover a leitura? Qual pensa ser o seu papel neste domínio?

No âmbito da promoção da leitura, costumo fazer actividades diversas, nomeadamente a associação entre um livro/ autor e sua adaptação cinematográfica; trabalhar obras que abordam temas do currículo; fazer sessões de apresentação de um livro que vai ser trabalhado na aula; concursos ...

8-E a literacia da informação?

No âmbito da literacia da informação, o trabalho está em curso, apesar de ainda ser insuficiente, pois não temos um catálogo operacional. Na Biblioteca Escolar os alunos são orientados na escolha de bibliografia e são ajudados, se o solicitarem, a seleccionarem a informação de recursos impressos ou da net de forma a evitarem a tentação do copiar e colar.

9-A portaria que rege as funções do Professor Bibliotecário refere um trabalho articulado. É feita a articulação com os currículos?

Sim, ainda que pontualmente, pois os docentes, ainda não estão despertos para as potencialidades da Biblioteca nesse domínio.

10-Essa articulação surge natural e espontaneamente? (os docentes solicitam colaboração e colaboram quando solicitados?)

A articulação não surge naturalmente. Há algumas solicitações, mas poucas.

11-Que impedimentos se colocam à sua concretização?

Todas as tarefas que são atribuídas a um Professor Bibliotecário impossibilitam uma articulação curricular sistemática dado o número de turmas, pois a existência da articulação curricular implica reuniões e disponibilidade de tempo.

12-Ao longo do tempo, que está na Biblioteca Escolar, vai tendo um conhecimento global dos alunos e uma percepção da sua evolução ou não a nível da aquisição de competências.

12.1-Os alunos lêem mais?

Sim, os alunos lêem mais. Isso verifica-se pelo aumento progressivo do empréstimo domiciliário.

12.2-Os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação?

É difícil fazer uma afirmação dessas, na medida em que é uma competência de aquisição progressiva e até porque os hábitos do copiar colar são um recurso rápido e tentador para os alunos menos pacientes e menos dedicados à leitura. Nestes casos, na Biblioteca onde trabalho, uma vez que há momentos em que fico sozinha, é difícil fazer um atendimento personalizado, sobretudo quando há uma quantidade de serviços a prestar: empréstimo, satisfazer pedidos de jogos, verificar as atitudes, satisfazer pedidos de filmes e, ainda catalogar, pois estamos numa fase sem catálogo.

12.3-Que serviços são mais solicitados na Biblioteca Escolar?

Infelizmente jogos de computador e não só e empréstimo de livros.

13-Pensa que o seu trabalho e do Professor Bibliotecário em geral contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula?

Creio que não, pois os docentes, não todos, uma grande parte, ainda trabalham muito isolados e não permitem grandes interferências no seu trabalho.

14-De que recursos tecnológicos dispõe a Biblioteca Escolar onde trabalha para servir o utilizador (docentes, alunos ...)?

8 computadores (dos quais 3 são muito velhos), uma televisão, uma impressora e um leitor DVD.

15-Como se processa a divulgação das práticas realizadas na e pela Biblioteca Escolar?

Blogue, jornal escolar e correio electrónico.

16-O funcionamento da Biblioteca Escolar e o trabalho do Professor Bibliotecário são acompanhados e orientados por um Coordenador Interconcelhio. Quais as suas funções?

A coordenadora interconcelhia fornece um grande auxílio a todo o trabalho, desde formação a vários níveis, orientação nas decisões a tomar, sendo a intermediário entre o Professor Bibliotecário/ Escola e a RBE.

17-Quantas Bibliotecas Escolares existem no Agrupamento?

5

18-Como realiza a gestão das várias Bibliotecas Escolares?

A gestão não é tarefa fácil. Trabalho com uma colega e estou no 1º ciclo (4 BE) trabalhando também na escola sede e a coordenadora fica na escola sede. A gestão chega a ser árdua, na medida em que ao desenvolver uma actividade, estendendo-a a todo o Agrupamento (1º ciclo) demoro um mês. É uma estafa para mim e na perspectiva exterior dá a sensação de pouco trabalho. Penso ser esta a maior frustração.

19-O trabalho realizado pela Biblioteca Escolar / Professor Bibliotecário ultrapassa as paredes físicas do estabelecimento escolar?

Não acontece com frequência, mas há situações em que se verifica, quando se estabelecem parcerias e quando fazemos divulgação de actividades desenvolvidas.

20-A comunidade tem participação activa na Biblioteca Escolar, como surgem as parcerias neste contexto?

A BE estabelece parcerias com a Biblioteca Municipal, Centro de Saúde, RBE, naturalmente, editoras e escritores.

ANEXO 18

DESCRITIVOS DAS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS

Tabela 8

Categoria I Formação e Experiência Profissional	1.1 Formação de base Indicação da formação de base dos inquiridos. 1.2 Formação específica Indicação da formação específica dos inquiridos. 1.3 Formação contínua Indicação da formação contínua dos inquiridos. 1.4 Experiência profissional Indicação do número de anos de experiência como bibliotecários.
Categoria II Funções do Professor Bibliotecário Representações acerca das funções da Biblioteca Escolar e, por consequência do Professor Bibliotecário, enquanto gestor de aprendizagens e orientador de alunos e docentes.	2.1-Missão da Biblioteca Escolar Referência ao papel da BE enquanto espaço orientador de alunos numa sociedade com exigências específicas. 2.1Integração do Professor Bibliotecário nessa missão. Referência ao papel do Professor Bibliotecário enquanto coordenador do espaço biblioteca, considerando as funções desse espaço. 2.3-Orientação da acção do Professor Bibliotecário. Descrição do caminho a seguir pelo Professor Bibliotecário com vista ao desenvolvimento das diferentes literacias. 2.4-Formação de base, determinante na concretização de determinadas práticas. Alusão à importância da formação de base no desenvolvimento de determinadas competências nos alunos.
Categoria III Recursos Humanos	3.1 Equipa Indicação de critérios que estiveram na base da selecção.
Categoria IV Recursos Materiais	4.1 Recursos materiais disponíveis ao serviço do utilizador. Indicação da (não) existência de recursos suficientes ao serviço do utilizador. 4.2 Serviços solicitados. Indicação dos serviços mais solicitados pelos alunos e docentes.
Categoria V Articulação Curricular	5.1 Circunstâncias em que ocorre a articulação curricular. Descrição do contexto e das condições em que se realiza a articulação curricular.

Categoria VI
Aquisição de Competências

5.2 Impedimentos à sua concretização.
Indicação de eventuais impedimentos para a concretização da articulação curricular.

6.1 Papel da BE/ PB no processo de aquisição de competências.

Representações de Professores Bibliotecários quanto ao seu papel no processo de aquisição de competências.

6.2 Práticas dinamizadas pelo Professor Bibliotecário no âmbito da promoção da leitura.

Indicação das práticas que vão sendo realizadas de Norte a Sul do país nas escolas públicas portuguesas e referência aos impedimentos e eventuais sucessos durante a implementação.

6.3 Práticas dinamizadas pelo Professor Bibliotecário no âmbito da literacia da informação.

Indicação das práticas que vão sendo realizadas de Norte a Sul do país nas escolas públicas portuguesas e referência aos impedimentos e eventuais sucessos durante a implementação.

6.4 Influência do trabalho da BE/ PB no âmbito da leitura e das capacidades de pesquisa junto dos alunos.

Descrição do processo de evolução dos alunos por influência das acções da BE/ PB.

6.5 Alteração das práticas dos docentes por influência da acção do Professor Bibliotecário.

Descrição da influência do Professor Bibliotecário junto dos docentes.

Categoria VII
Divulgação

7.1 Formas e meios de divulgação de práticas.

Indicação de diferentes formas de divulgação de práticas utilizadas nas escolas públicas portuguesas.

Categoria VIII
Gestão das BE

8.1 Funções do Coordenador Interconcelhio junto dos Professores Bibliotecários.

Representações dos Professores Bibliotecários relativamente ao apoio obtido.

8.2 Gestão de várias BE no Agrupamento.

Referência aos critérios de gestão das diferentes bibliotecas existentes num só agrupamento.

Categoria IX
Comunidade Educativa

9.1 Projecção da Biblioteca Escolar no exterior.
Descrição da relação que a Biblioteca Escolar estabelece com a Comunidade.

9.2 Parcerias.

Referência às parcerias que são estabelecidas com a Biblioteca Escolar e descrição do contexto em que surgem.

ANEXO 19

ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS INQUÉRITOS AOS PROFESSORES BIBLIOTECÁRIOS

Tabela 9

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
1-Formação e Experiência profissional	1.1-Formação de Base	INQ1 - Licenciatura em Ensino de Português e Francês
		INQ2- Licenciatura em Ensino de Português - Inglês
		INQ3 - Licenciatura em Ensino - Variante Português/ Francês
		INQ4- Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses
		INQ5- Licenciatura em História
		INQ6- Curso Superior de Design Visual
		INQ7- Português-Francês
		INQ8- Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Inglês/Alemão)
		INQ9- Licenciatura em Português-Inglês
		INQ10- Licenciatura em Filologia Românica
		INQ11- 1º ciclo
		INQ12- Licenciatura em Português-Francês
1.2-Formação Específica	1.2-Formação Específica	INQ2 - Curso de Formação Especializada em Comunicação Educacional e Gestão da Informação - Bibliotecas Escolares (Pós-licenciatura)
		INQ3- A frequentar Mestrado em Gestão de bibliotecas escolares
		INQ4 - Curso de Especialização em Ciências Documentais
		INQ7- Pós-graduação em Bibliotecas Escolares
1.3- Formação Contínua	1.3- Formação Contínua	INQ1- 360 horas de formação contínua
		INQ2- Curso de Valorização Profissional - Mediador de Leitura / Acção de Formação Contínua - Práticas e Modelos na Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares / Acção de Formação Contínua - Organização da Informação - Tratamento Documental
		INQ5- Formação contínua
		INQ6- Práticas e Modelos na Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares / Processos Criativos em Dinâmicas Pró-literacia / Organização, Gestão e Animação da Biblioteca Escolar /

	<p>Unimarc - Curso de Formação Profissional Biblioteca Nacional / Princípios Básicos de Catalogação - Curso da Biblioteca Nacional / As web2.0 e a Biblioteca Escolar / Organização da Informação na Biblioteca - O Tratamento Documental: Classificação e Indexação / A Biblioteca Escolar - Instrumentos de Desenvolvimento Curricular</p> <p>INQ8- Formação Contínua</p> <p>INQ9- Formação Contínua</p> <p>INQ10- Formação Contínua</p> <p>INQ11- Formação Contínua</p> <p>INQ12- Formação Contínua</p> <p>INQ1 - 10 anos</p> <p>INQ2 - 3 anos</p> <p>INQ3- 4 anos</p> <p>INQ4- 22 anos</p> <p>INQ5-8 anos</p> <p>INQ6-5 anos</p> <p>INQ7-5 anos</p> <p>INQ8- 9 anos</p> <p>INQ9- 5 anos</p> <p>INQ10-13 anos</p> <p>INQ11- 8 anos</p> <p>INQ12- 2 anos</p>
	<p>1.4-Experiência como Bibliotecário</p>

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
2-Funções do Professor Bibliotecário	2.1-Missão da Biblioteca Escolar	<i>Segundo o Regulamento Interno da nossa BE, que segue as directrizes do manifesto das BE da UNESCO, é missão da Biblioteca Escolar: proporcionar informação e ideias fundamentais para a obtenção de sucesso na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento; desenvolver nos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis; estimular a imaginação; disponibilizar serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitam a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos</i>

	<p><i>da informação em todos os suportes e meios de comunicação. (INQ1, p.147)</i></p> <p><i>A Biblioteca Escolar tem actualmente como missão formar leitores competentes, isto é, cidadãos capazes de aprender ao longo da vida e participar activa e criticamente na sociedade da informação/conhecimento. Tal será possível se os indivíduos desenvolverem competências literácitas (literacia da informação, científica, matemática, tecnológica, digital, visual, estatística ...). (INQ2, p. 152)</i></p> <p><i>A BE tem a missão não só de fornecer informação, como também de a ajudar a processar no cérebro do ser humano. (INQ3, p. 156)</i></p> <p><i>Enquanto bolsa integrante de uma escola, a BE deve disponibilizar, à instituição onde se enquadra, recursos documentais diversificados, actualizados e tratados tecnicamente para a sua recuperação. O investimento nas competências dos utilizadores em literacia da informação é o que distingue uma BE de uma livraria ou biblioteca generalista - ter documentos ou acessos e ensinar a usá-los. Para além desta missão essencial, há, logicamente, a vocação natural de promover o livro, a leitura e a cultura. Todos estes aspectos só podem ser levados a bom porto com a articulação curricular: estar com os professores, com os programas e com os projectos da escola. (INQ4, p. 159)</i></p> <p><i>Tradicionalmente, a missão da Biblioteca Escolar era encontrar informação, tratá-la de modo a aumentar as suas qualidades de utilização, geri-la, torná-la facilmente acessível e transmiti-la aos que dela necessitassem, utilizadores ou clientes. Actualmente, as Bibliotecas Escolares deverão promover serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efectivos utilizadores da informação, em todos os formatos e meios. (INQ5, p. 164)</i></p> <p><i>Apoiar o currículo dos alunos, apoiar professores e alunos nas actividades lectivas, proporcionar aos alunos actividades extra-curriculares, servir toda a comunidade escolar disponibilizando recursos, promovendo actividades. (INQ6, p. 168)</i></p> <p><i>Organizar a informação e apoiar o currículo. (INQ7, p. 172)</i></p>
--	--

	<p><i>Formar cidadãos críticos, responsáveis e autónomos. Desenvolver nos alunos competências de leitura e escrita, bem como no âmbito da literacia da informação. Contribuir para a melhoria das aprendizagens dos alunos e dos seus resultados escolares. (INQ8, p. 175)</i></p> <p><i>“A BE disponibiliza serviços de aprendizagem livros e recursos que permitam a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos de informação em todos os suportes e meios de comunicação.” In “Manifesto da IFLA” Quando se fala em missão e objectivos da BE dever-se-á contemplar o Projecto Educativo da Escola, o ponto de partida da BE, incluir o conhecimento da Comunidade Escolar e observar e rentabilizar as dinâmicas locais. Os objectivos a alcançar só poderão ser atingidos a médio e longo prazo. (INQ9, p. 178)</i></p> <p><i>Missão complexa e profunda: pretende-se que a BE forme utilizadores atentos à realidade em que se integram, com hábitos de leitura frequente, capazes de transformar a informação em conhecimento e dotados de ferramentas que lhes permitam aprender ao longo da vida. É, sem dúvida, uma tarefa hercúlea, nem sempre compreendida pelos nossos colegas professores, que pensam, muitas vezes, que nós não temos nada para fazer... (INQ10, p. 182)</i></p> <p><i>A BE tem por missão fornecer o material necessário à informação, assim como, dar apoio às aprendizagens, através de diversos meios e formatos, possibilitando que os utilizadores se tornem pensadores críticos e capazes de processar qualquer tipo de informação. (INQ11, p. 185)</i></p> <p><i>A Biblioteca Escolar tem a missão de orientar e encaminhar os alunos no mundo da informação, de forma a garantir a aprendizagem ao longo da vida. (INQ12, p. 189)</i></p>
--	--

	<p>2.2-Integração do Professor Bibliotecário nessa missão.</p>	<p><i>De acordo com esta missão, entendo que a BE é acima de tudo um instrumento de apoio ao desenvolvimento dos currículos, das competências de informação e das várias literacias, concorrendo, a par das várias estruturas educativas, para a principal meta da escola que é o sucesso escolar. Neste sentido, o Professor Bibliotecário é o mediador das várias aprendizagens que se realizam na e com a BE e da articulação com a sala de aula. (INQ1, p. 147)</i></p> <p><i>O Professor Bibliotecário deve ser o promotor do trabalho em prol da leitura e das literacias. (INQ2, p. 152)</i></p> <p><i>O PB é o gestor de toda essa árdua missão. (INQ3, p. 156)</i></p> <p><i>Perante estas dimensões tão amplas da missão da BE, o PB deve/ tem de apresentar um perfil profissional de maior amplitude do que o comum dos profissionais que trabalham numa escola (com a excepção da Direcção): além de conhecimentos técnicos em biblioteconomia, tem de ser um gestor de recursos humanos, saber articular-se com as diferentes estruturas pedagógicas e administrativas da escola, cultivar o espírito de curiosidade intelectual e assumir-se como um mediador da informação e da cultura. Tanta coisa para uma sigla tão curta - PB! (INQ4, p. 159)</i></p> <p><i>Adaptando-se à realidade da Escola e tornando-se um pólo agregador e dinamizador das práticas e processos de funcionamento da BE relacionando-as com a Comunidade Educativa. (INQ5, p. 164)</i></p> <p><i>A coordenadora assiste às reuniões do Pedagógico e, pontualmente, a reuniões preparatórias das Áreas Curriculares Não Disciplinares, as Professoras Bibliotecárias da equipa assistem e participam das reuniões de estabelecimento e coordenação das EB1, além das reuniões formais procura-se interligar actividades com os docentes indo ao encontro das suas necessidades. No dia-a-dia da Biblioteca, o PB está atento às necessidades evidenciadas pelos alunos que frequentam o espaço da Biblioteca. (INQ6, p. 168)</i></p> <p><i>Desenvolve actividades relacionadas com a formação de utilizadores e apoia o currículo. (INQ7, p. 172)</i></p> <p><i>Tem um papel fundamental, pois para além de coordenador é</i></p>
--	---	--

		<p><i>também o principal responsável pela difusão e cumprimento dessa missão. (INQ8, p. 175)</i></p> <p><i>No âmbito das funções institucionais que lhe estão atribuídas, o PB será o promotor de um Plano de Acção e Plano Anual de Actividades, deve elaborar o Relatório Anual MABE e levará à prática as actividades articuladas com os diferentes Departamentos, docentes, entidades exteriores e outros agentes. (INQ9, p. 178)</i></p> <p><i>O PB é fundamental para a concretização destas vastas tarefas... (INQ10, p. 182)</i></p> <p><i>O PB deve gerir a BE de forma a ajudar os utilizadores a lerem melhor, localizarem diferentes fontes e formatos de informação; compreenderem e usarem a informação; melhorarem competências tecnológicas; construírem novos conhecimentos e novas compreensões; aprenderem fora da escola. (INQ11, p. 185)</i></p> <p><i>O Professor Bibliotecário é o agente que põe em andamento a missão da Biblioteca Escolar. (INQ12, p. 189)</i></p>
	<p>2.3-Orientação da acção do Professor Bibliotecário.</p>	<p><i>A acção do PB deve ser norteada pelo pelos 4 domínios de intervenção do Modelo de Avaliação das Bibliotecas Escolares. (INQ1, p. 147)</i></p> <p><i>A acção do PB deve orientar-se no sentido de implementar e fortalecer o trabalho colaborativo entre o corpo docente e a Biblioteca Escolar, para que a leitura e as literacias constituam um objectivo partilhado por toda a escola. (INQ2, p. 152)</i></p> <p><i>Em função das necessidades dos utilizadores. (INQ3, p. 156)</i></p> <p><i>Decorrente da questão anterior, a acção do PB deve orientar-se num círculo bem amplo que lhe permita estar bem articulado com a Direcção da escola, as estruturas intermédias da escola, os alunos, a sala de aula e os agentes culturais da zona. (INQ4, p. 160)</i></p> <p><i>O PB deverá ter em conta todos os itens mencionados no MABE. Esta prática irá orientar o professor ajudando-o a detectar os pontos fracos e fortes, tentando contornar os constrangimentos numa constante interacção com o meio, moldando-o e moldando-se. (INQ5, p. 164)</i></p>

		<p><i>O PB deve ter visão estratégica, não só para unir e tornar coerentes as dinâmicas entre as várias Bibliotecas mas também a nível temporal para que as estratégias fazem sentido e se revelem eficazes a médio/longo prazo. O seu trabalho deve estar orientado para o sucesso de alunos e professores. (INQ6, p. 169)</i></p> <p><i>De acordo com uma análise SWOT, Plano de Acção da Biblioteca e Plano de Actividade do Agrupamento. (INQ7, p. 172)</i></p> <p><i>Trabalhando em equipa e procurando sempre a colaboração de todos os “agentes” da escola. (INQ8, p. 175)</i></p> <p><i>O PB deverá orientar a sua acção, avaliando continuamente o trabalho realizado através dos instrumentos formais e institucionais e também informais (questionários registos), alterando e corrigindo os seus percursos, conforme os resultados da avaliação. (INQ9, p. 178)</i></p> <p><i>A acção do PB deve ser articulada com o PEA, articulação com docentes, alunos, e comunidade, sem esquecer as parcerias com entidades locais. (INQ10, p. 182)</i></p> <p><i>O PB deve orientar a sua acção em função das necessidades dos utilizadores da BE. Para tal, tem de se articular com os professores que trabalham directamente com as turmas de forma a programar/preparar actividades e materiais que permitam promover oportunidades de aprendizagem. (INQ11, p. 185)</i></p> <p><i>O Professor Bibliotecário deve fazer um diagnóstico da situação da Biblioteca Escolar e em função das necessidades sentidas elaborar um Plano de Acção que colmate essas necessidades. (INQ12, p. 189)</i></p>
	<p>2.4-Formação de Base, determinante na concretização de determinadas práticas.</p>	<p><i>A minha formação de base é o português. Considero uma mais-valia para o ensino das competências de informação. Na área das Bibliotecas e no âmbito das TIC, possuo somente formação contínua. Não encontro nenhum impedimento não ter formação de base nestas áreas, pois invisto muito na autoformação. (INQ1, p. 148)</i></p> <p><i>Torna-se fundamental que o PB possua formação no âmbito das Bibliotecas Escolares. É essencial que cada profissional das</i></p>

	<p><i>Bibliotecas Escolares esteja absolutamente consciente da missão da BE e possua conhecimentos sólidos, no que respeita à gestão da Biblioteca, leitura e literacias. (INQ2, p. 154)</i></p> <p><i>A meu ver, a formação de base direccionada para o nível etário que a BE abrange é uma mais-valia essencial ao desenvolvimento de um bom trabalho. (INQ3, p. 158)</i></p> <p><i>O PB tem de resistir à tentação de ficar escravo da área de saber e de interesses da sua formação base, dimensionando a sua intervenção e projectos para todos os sectores curriculares. Julgo que, nesta matéria, o risco de parcialidade pode vir mais dos destinatários (público-alvo) do que da coordenação de uma BE. Isto é, a situação de, muitas vezes, se elegerem determinados interlocutores para actividades, tem mais a ver com a vocação e sensibilidade de certos agentes/grupos disciplinares para o trabalho de articulação com a BE. Julgo ser uma inevitabilidade! (INQ4, p. 160)</i></p> <p><i>A formação base poderá despertar uma maior apetência para lidar com o universo da BE. A formação específica na área das BE poderá constituir uma mais-valia, bem como um “abre olhos” para determinadas questões. (INQ5, p. 164)</i></p> <p><i>A formação de base que possuo (artes) é limitativa em termos de apoio no que se refere aos conteúdos de base da Língua Portuguesa/literacias, mas vantajosa no que respeita ao sentido prático, ao sentido estratégico e ao saber mostrar/divulgar. É também uma mais-valia relativamente à gestão dos espaços físicos da Biblioteca e à gestão dos media. (INQ6, p. 169)</i></p> <p><i>A formação de base é importante, mas deve haver também um conhecimento diversificado em termos culturais e curriculares. (INQ7, p. 172)</i></p> <p><i>Apesar de não ter formação de base nesta área, não senti que isso fosse impeditivo para desempenhar as minhas funções e o meu papel. (INQ8, p. 175)</i></p> <p><i>A formação de base em Bibliotecas Escolares é, sem dúvida, muito importante pois pressupõe um currículo já focalizado e especializado, desde o início, que proporcionará um desempenho mais eficaz do cargo. Com formações de base em</i></p>
--	---

		<p><i>diferentes áreas (Línguas, matemática ou outras) haverá sempre constrangimentos e pontos fortes conforme a área. (INQ9, p. 178)</i></p> <p><i>A formação do PB é fundamental para a concretização das metas determinadas pela RBE e, mais concretamente, com os objectivos determinados pelo Agrupamento. (INQ10, p. 182)</i></p> <p><i>A minha formação de base (1º ciclo) é, sem dúvida, uma mais-valia no desenvolvimento de actividades destinadas às crianças que utilizam a BE. (INQ11, p. 185)</i></p> <p><i>Sem dúvida, que não nos podemos desligar da formação inicial e se ela for de 1º ciclo ou de Português está direccionada vocacionada para a promoção da leitura, no entanto a função da Biblioteca Escolar e do Professor Bibliotecário vai mais longe, alcançando, também, o domínio da informação, ou seja, orientação na selecção e tratamento da mesma. Faz parte das competências de qualquer docente a capacidade de aceder à informação e divulgá-la sem ter de a dominar. (INQ12, p. 189)</i></p>
--	--	--

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
3- Recursos Humanos	3.1 Equipa	<p><i>Sim. Os critérios estão dependentes das necessidades da escola aquando a elaboração dos horários. (INQ1, p. 147)</i></p> <p><i>Sim. A equipa é constituída por docentes que precisam de completar horário. (INQ2, p. 152)</i></p> <p><i>Sim, que não é seleccionada em função da formação mas por questões de completamento de horário. (INQ3, p. 156)</i></p> <p><i>Sim. Esta equipa surge dos espaços vazios nos horários dos docentes. (INQ4, p. 159)</i></p> <p><i>A selecção dos membros é feita segundo a disponibilidade de horário e só em segundo lugar se tem em conta o perfil de desempenho. (INQ5, p. 164)</i></p> <p><i>Sim. A selecção é feita de acordo com a disponibilidade da escola. (INQ6, p. 168)</i></p>

		<p><i>Sim, a selecção é feita pela directora. (INQ7, p. 172)</i></p> <p><i>Sim; é designada pela Direcção mas, normalmente, depois de auscultar o PB. (INQ8, p. 175)</i></p> <p><i>Sim, que é seleccionada pela Direcção do Agrupamento. (INQ9, p. 178)</i></p> <p><i>Tive sempre equipa, desde 2003, correspondendo, mais ou menos, às necessidades da BE. Com a mudança da gestão para Director, a minha equipa de trabalho foi simplesmente retirada, sem me terem sido dadas explicações. Foram-me atribuídos colegas que não pedi e que não têm perfil desejado para este tipo de actividade. (INQ10, p. 182)</i></p> <p><i>Sim. A selecção é feita pela Direcção, em função da disponibilidade de horário. (INQ11, p. 185)</i></p> <p><i>Sim, equipa essa que é seleccionada pela Direcção após a elaboração de todos os horários dos docentes. (INQ12, p. 189)</i></p>
--	--	---

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
4- Recursos Materiais	4.1 Recursos materiais disponíveis ao serviço do utilizador.	<p><i>8 computadores fixos com ligação à Internet para utilização autónoma por parte dos alunos com possibilidade de utilização para actividades em contexto lectivo, mediante marcação prévia; 15 computadores portáteis para utilização na sala de aula; 3 projectores móveis; 1 projector fixo na BE ligado a um PC fixo; 1 televisão LCD; 2 leitores de DVD; estúdio de gravação com mesa de mistura, áudio e vídeo. (INQ1, p. 150)</i></p> <p><i>A BE possui computadores com ligação à internet, quadro interactivo, projector multimédia, impressora, televisões e leitores de DVD/CDA. (INQ2, p. 156)</i></p> <p><i>Quadro interactivo, videoprojector, computadores velhos... (INQ3, p. 160)</i></p> <p><i>Neste momento, a BE esta em fase de reequipamento depois das obras de requalificação da escola e do início do Plano Tecnológico. Daqui a 1 ou 2 meses, é possível responder com mais rigor, porque se está numa fase transitória. (INQ4, p.</i></p>

		<p>164)</p> <p><i>Como referi anteriormente, a BE luta com graves problemas a nível de equipamentos, nomeadamente falta de computadores. Possui um videoprojector, TV e DVD, bem como leitor de CD. (INQ5, p. 166)</i></p> <p><i>12 computadores, um quadro interactivo, CD-ROM. (INQ6, p. 170)</i></p> <p><i>10 computadores com internet, scanner, máquina fotográfica, máquina de filmar, videoprojector, 2 televisores, leitor de DVD. (INQ7, p. 174)</i></p> <p><i>7 computadores fixos, um retroprojector, duas impressoras e uma multifunções. (INQ8, p. 177)</i></p> <p><i>Computadores projectores, leitores, máquina fotográfica digital e impressoras. (INQ9, p. 180)</i></p> <p><i>Computadores (6 apenas) (INQ10, p. 184)</i></p> <p><i>Computadores, televisão e videoprojector (quando solicitado ao técnico). (INQ11, p. 187)</i></p> <p><i>8 computadores (dos quais 3 são muito velhos), uma televisão, um DVD e uma impressora. (INQ12, p. 193)</i></p>
	<p>4.2 Serviços mais solicitados</p>	<p><i>Os serviços mais requisitados na BE são o empréstimo dos computadores portáteis para a sala de aula e impressão de documentos. (INQ1, p. 150)</i></p> <p><i>Obras de leitura orientada (PNL), acesso à Internet e documentos impressos para actividades de pesquisa e requisição do espaço para visualização de filmes que foquem determinados temas dos currículos. (INQ2, p. 156)</i></p> <p><i>Empréstimo de livros. (INQ3, p. 159)</i></p> <p><i>Empréstimo documental, apoio na pesquisa de documentos impressos e fotocópias. (INQ4, p. 164)</i></p> <p><i>A leitura domiciliária, os jogos e o multimédia. Neste último, a BE tem muitos constrangimentos, o equipamento está obsoleto e é escasso. (INQ5, p. 166)</i></p>

		<p><i>Uso dos computadores, local para fazer trabalhos e estudar, requisição de livros para casa, requisição de livros para a sala de aula. (INQ6, p. 170)</i></p> <p><i>Internet. (INQ7, p. 173)</i></p> <p><i>Utilização dos computadores, requisição de livros para leitura domiciliária, utilização da BE para a realização de trabalhos de casa e de grupo. (INQ8, p. 176)</i></p> <p><i>Internet, livros de literatura juvenil, jogos, leitores de DVD e obras de leitura orientada. (INQ9, p. 180)</i></p> <p><i>Utilização do computador para pesquisa e impressão de texto. (INQ10, p. 184)</i></p> <p><i>Empréstimo domiciliário; empréstimo de material (livros, DVDs e jogos) para as aulas de apoio e de substituição; empréstimo de livros do PNL; utilização dos computadores para jogos e para a realização de trabalhos; utilização de jogos manipuláveis para ocupação de tempos livres. (INQ11, p. 187)</i></p> <p><i>Infelizmente jogos de computador e não só e empréstimo de livros. (INQ12, p. 193)</i></p>
--	--	--

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
5- Articulação Curricular	5.1 Circunstâncias em que ocorre a articulação curricular.	<p><i>A articulação com os currículos é feita ao nível das competências transversais (de informação, tecnológicas e digitais). A formação de base da PB é o Português, sendo difícil articular conteúdos com as outras áreas curriculares. Assim, o apoio aos currículos nas várias disciplinas é dado essencialmente ao nível da disponibilização de recursos e materiais. (...) Essa articulação foi, nos primeiros tempos, sempre da iniciativa da BE. Foram necessárias acções concretas de incentivo junto dos professores. Depois de 3 anos de implementação do projecto de apoio à literacia de informação na escola, essa articulação surge de forma mais natural. Neste momento, não são necessárias acções de incentivo, os docentes habituaram-se a contar com o apoio da BE e a articulação de actividades é solicitada maioritariamente por estes. (INQ1, p. 149)</i></p>

	<p><i>Sempre que possível. Um bem sucedido trabalho de articulação exige uma colecção generosa em número e diversidade, grande receptividade por parte do corpo docente/gestão e muita disponibilidade da parte do PB. Não estando a tempo inteiro, e exercendo funções num agrupamento constituído por duas escolas básicas integradas c/JI a 8 km de distância, são muitos os obstáculos. (...) Verifica-se sempre maior colaboração por parte dos docentes com mais tempo de antiguidade na escola, há sempre a necessidade de fazer um trabalho de divulgação da BE e da sua missão junto dos colegas recém-chegados. (INQ2, p. 153)</i></p> <p><i>Sim. (...) Frequentemente. (INQ3, p. 157)</i></p> <p><i>São feitas reuniões com Coordenadores e professores de algumas áreas disciplinares. Variável consoante os anos e os grupos. Em matéria de articulação, têm de ser os 2 lados a querer articular e programar. (...) Normalmente, esta articulação só acontece quando, à partida, a situação deixa antever que há hipótese de correr bem, de forma a evitar casos forçados ou de folclore. Está, neste momento, em desenvolvimento um projecto com professores do ensino nocturno, na área da promoção do livro, que vai envolver 4 professoras e que vai ser um teste à nossa capacidade de dar alguma utilização da BE neste turno. No ano passado, houve um projecto que envolveu 23 professores de várias áreas e 46 alunos e que foi particularmente mobilizador. Julgo que o factor “credibilidade” é importante. (INQ4, p. 161)</i></p> <p><i>É feita sempre que os professores o solicitem. Quando necessitam de algum material específico da BE, preenchem uma ficha a solicitá-lo com uma semana de antecedência. (...) Não, é preciso fazer um trabalho de divulgação e sensibilização, pois os professores, muitas vezes, também não estão esclarecidos sobre o papel da BE. (INQ5, p. 165)</i></p> <p><i>Com alguma dificuldade. Ano a ano, vai-se tentando chegar cada vez mais e de um modo mais eficaz aos docentes, tentando articular com algumas das suas actividades e práticas lectivas. É mais fácil chegar aos docentes através das Áreas Curriculares Não Disciplinares e da disponibilização de recursos diversos (como trazer à escola outras entidades, por exemplo). (...) Alguns docentes solicitam colaboração e a maior parte colabora quando solicitado. (INQ6, pp. 169-170)</i></p>
--	---

		<p><i>A articulação é feita com os professores de acordo com as suas necessidades para o desenvolvimento do currículo. (...) É natural e espontânea e também estimulada pelo Professor Bibliotecário. (INQ7, p. 173)</i></p> <p><i>Embora seja um trabalho nem sempre conseguido com todas as áreas, já vai sendo feito de uma forma cada vez mais frequente com algumas áreas curriculares e sobretudo com áreas como o Estudo Acompanhado e a Área de Projecto. (...) De uma forma geral pode dizer-se que [surge natural e espontaneamente]. (INQ8, p. 176)</i></p> <p><i>A articulação com o currículo existe e é posta em prática sempre que possível. (...) Surge, por vezes, naturalmente, noutros casos os docentes participam quando são solicitados. No entanto, ainda nem todos constataam a necessidade e interesse de trabalhar em articulação com as BE. (INQ9, p. 179)</i></p> <p><i>Apenas consigo articular com alguns colegas, há grupos que nunca utilizam os serviços/recursos da BE. (...) Ando atrás dos colegas... (INQ10, p. 183)</i></p> <p><i>A articulação com os currículos só é feita em parte, pois o facto de o fundo documental da BE não estar totalmente tratado, implica o fraco conhecimento das obras existentes e por consequência a falta de identificação das obras de apoio aos diferentes conteúdos programáticos. (...) A grande maioria dos docentes colabora quando solicitado, no entanto, é menos frequente a solicitação de colaboração da BE/PB. (INQ11, p. 186)</i></p> <p><i>Sim, ainda que pontualmente, pois os docentes, ainda não estão despertados para as potencialidades da Biblioteca nesse domínio. (...) A articulação não surge naturalmente. Há algumas solicitações, mas poucas. (INQ12, p. 190)</i></p>
	<p>5.2 Impedimentos à sua concretização</p>	<p><i>O único impedimento é a falta de tempo. A articulação curricular é desenvolvida somente pela PB, pois os restantes membros da equipa não têm horas suficientes para apoiar a PB neste domínio. (INQ1, p. 149)</i></p> <p><i>Não estando a tempo inteiro, e exercendo funções num agrupamento constituído por duas escolas básicas integradas c/JI a 8 km de distância, são muitos os obstáculos. (INQ2, p.</i></p>

		<p>153)</p> <p><i>A falta de tempo para os apoiar mais, uma vez que sou sozinha a fazer todo o trabalho de duas BE. (INQ3, p. 157)</i></p> <p><i>As principais dificuldades deste trabalho de articulação têm fundamentalmente a ver a sensibilidade das pessoas (não se compra em nenhuma loja), o constrangimento dos conteúdos programáticos, (pertinente no ensino secundário) e com o perfil das áreas disciplinares. (INQ4, p. 161)</i></p> <p><i>Muitas vezes, o desconhecimento e a sobrecarga de trabalho burocrático dos professores. (INQ5, p. 165)</i></p> <p><i>Falta de tempo da parte dos docentes, desconhecimento da sua parte dos recursos que realmente existem na Biblioteca (falha na divulgação?). (INQ6, p. 170)</i></p> <p><i>A disponibilidade da equipa visto que os seus elementos são convocados para dar aulas de substituição no seu horário de BE. (INQ7, p. 173)</i></p> <p><i>A falta de tempo/disponibilidade por parte dos docentes para a planificação conjunta é, a meu ver, ainda o maior entrave. (INQ8, p. 176)</i></p> <p><i>Por vezes os impedimentos prendem-se com o excesso de carga burocrática, que absorve os docentes e com dificuldades em compatibilizar horários e tempos para articulação, debate e preparação conjunta de aulas a actividades. Falta também espaço e tempo para a reflexão e compreensão que implicam um trabalho articulado. A prática de competências de trabalho em grupo está ainda pouco desenvolvida e só com esse tipo de trabalho a acção das BE pode ser bem sucedida. (INQ9, p. 181)</i></p> <p><i>Falta de tempo, de interesse... (INQ10, p. 183)</i></p> <p><i>A maior dificuldade prende-se com a falta de tempo e com a falta de tratamento de todo o fundo documental. (INQ11, p. 186)</i></p> <p><i>Todas as tarefas que são atribuídas a um Professor Bibliotecário impossibilitam uma articulação curricular</i></p>
--	--	--

		<i>sistemática dado o número de turmas, pois a existência da articulação curricular implica reuniões e disponibilidade de tempo. (INQ12, p. 190)</i>
--	--	--

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
6- Aquisição de competências	6.1 Papel da BE/PB no processo de aquisição de competências.	<p><i>No que diz respeito às competências transversais, a BE, muito concretamente a PB, tem dado um forte contributo para a aquisição/ desenvolvimento de competências de informação, desenvolvendo, para isso, de forma sistemática, actividades de ensino e treino contextualizado de competências de informação com as Novas Áreas Curriculares e outras disciplinas. A BE oferece um plano de formação organizado por módulos com vista ao desenvolvimento da literacia da informação e literacia digital dirigido a alunos e professores. O plano é distribuído, no início de cada ano, nos Conselhos de Turma e, consoante as necessidades de cada turma, são agendadas com a PB sessões de formação articuladas com actividades de sala de aula. (INQ1, p. 148)</i></p> <p><i>O Professor Bibliotecário deve ser o promotor do trabalho em prol da leitura e das literacias. (...) A acção do PB deve orientar-se no sentido de implementar e fortalecer o trabalho colaborativo entre o corpo docente e a Biblioteca Escolar, para que a leitura e as literacias constituam um objectivo partilhado por toda a escola. (INQ2, p. 153)</i></p> <p><i>Proporcionando ao aluno meios e documentos que lhes permitam atingir um saber que abranja várias áreas. (INQ3, p.156)</i></p> <p><i>A BE/PB deve ter capacidade de oferecer serviços de apoio à pesquisa documental (no impresso e no electrónico), material de apoio à elaboração de um trabalho de investigação (estrutura do trabalho e referências bibliográficas) e orientação dos alunos no registo da informação capturada. Privilegiar de igual modo a exploração de índices de livros e de portais e sites. (INQ4, p. 160)</i></p> <p><i>Contribuem quando apoiam o desenvolvimento curricular, articulando a BE com as estruturas pedagógicas e os docentes, proporcionando abordagens diversificadas no processo ensino-aprendizagem e promovendo a utilização</i></p>

		<p><i>transversal da BE; quando contribuem para o desenvolvimento das competências da informação, em articulação com o Plano Tecnológico, as Áreas de Projecto, Estudo Acompanhado ou outras de carácter transversal; quando promovem e consolidar os hábitos e o prazer da leitura, bem como as competências da leitura, em articulação com a escola e com o exterior; quando disponibilizam recursos materiais/tecnológicos e um fundo documental actualizado. (INQ5, p. 165)</i></p> <p><i>O saber estar na Biblioteca é algo que diariamente é inculcido nos alunos. A responsabilidade, o respeito pela propriedade, o respeito pelos outros, o sentido crítico, a autonomia, o voluntariado, só o facto de frequentar a Biblioteca e fazer uso dos seus recursos já está a proporcionar aos alunos a possibilidade de trabalhar todas estas competências e outras. (INQ6, p. 169)</i></p> <p><i>A Biblioteca é a chave para a concretização de projectos. Tem um fundo documental adequado, proporciona um bom ambiente de aprendizagem e recorre às TIC. (INQ7, p. 172)</i></p> <p><i>Penso que a BE pode ter um papel importante, pois as suas valências são várias, sobretudo no dia em que o trabalho de articulação curricular for plenamente conseguido e feito de uma forma sistemática. (INQ8, p. 175)</i></p> <p><i>Pode contribuir largamente, através de todo o trabalho por ela realizado, para desenvolver as competências: cívica, social, de literacia geral e da informação, estética e cultural (todas elas competências transversais). (INQ9, p. 179)</i></p> <p><i>O trabalho articulado com docentes é fundamental para a mudança de práticas e de mentalidades, mas no meu caso concreto, sinto muita resistência por parte dos colegas. A grande maioria gosta de trabalhar sozinho e não percebe por que razão a BE tem que estar presente em tudo. Verifico uma grande incompreensão por parte do Órgão Directivo relativamente ao trabalho na BE. (INQ10, p. 183)</i></p> <p><i>A BE/PB devem proporcionar documentos, meios e actividades que permitam atingir conhecimentos e valorizar os saberes em todas as áreas. (INQ11, p. 186)</i></p> <p><i>A Biblioteca Escolar e o Professor Bibliotecário têm várias funções e podem e devem desenvolver actividades, em</i></p>
--	--	--

		<p><i>colaboração com os docentes, que possam ir ao encontro das necessidades dos alunos, que permitam o desenvolvimento progressivo de competências a vários níveis, leitura, escrita, interpretação, raciocínio. (INQ12, p. 190)</i></p>
	<p>6.2 Práticas dinamizadas pelo Professor Bibliotecário no âmbito da promoção da leitura.</p>	<p><i>O papel da BE e do PB é fundamental na promoção da leitura. O primeiro passo é conseguir manter a colecção actualizada, adquirindo com regularidade as mais recentes novidades e tendo a preocupação de ir ao encontro das preferências dos leitores. Para isso, é necessário que a BE possua verba para a actualização da colecção e, no caso da nossa BE, essa verba é todos os anos contemplada no orçamento. A PB faz, ao longo do ano, sessões de divulgação / aconselhamento de leituras com as turmas do ensino básico e 10º ano, mediante marcação prévia com os vários docentes das turmas; actividades, no âmbito do PNL (apoio à leitura orientada na sala de aula, mediante disponibilização de conjuntos de livros - 45m por semana na disciplina de Estudo Acompanhado são dedicados à leitura); propostas de actividades criativas a realizar neste âmbito no Estudo Acompanhado; elaboração de actividades interactivas (HotPotatoes); elaboração e disponibilização de fichas de leitura dos livros do PNL; apoio e incentivo à leitura autónoma (divulgação das obras recomendadas pelo PNL, aquisição de novidades, sugestão de leituras...); criação de contextos de leitura e de produção/comunicação em ambientes digitais: dinamização de um Clube de Leitura a partir da Plataforma Moodle da escola; dinamização de uma página no Moodle dedicada ao desenvolvimento de actividades e divulgação de materiais no âmbito do PNL; outras actividades: encontros com escritores, sessões de poesia, sessões de animação da leitura; sessões de leitura expressiva por vários convidados; concursos e outras. (INQ1, p. 148)</i></p> <p><i>Como PB, faço a divulgação de obras adquiridas e novidades editoriais (junto de alunos, funcionários e professores), organizo feiras do livro, promovo encontros com escritores/ilustradores/contadores de histórias e proponho actividades no âmbito da leitura de obras. O papel de qualquer PB é muito importante neste campo de acção, deve ser um mediador entre o seu público-alvo e os livros. No meu caso, por não estar a tempo inteiro na BE, não me é possível aprofundar o trabalho de promoção do livro e da leitura. (INQ2, p. 153)</i></p>

		<p><i>Hora do conto, projectos com Encarregados de Educação, concursos de leitura, PNL na sala de aula, ... (INQ3, p. 157)</i></p> <p><i>Uma PB com 22 anos de exercício de funções já teve oportunidade de experimentar quase tudo em matéria de promoção da leitura. No ano em curso, as actividades em desenvolvimento passam por uma programação cultural regular divulgada todos os meses com um evento por semana: sessão da Comunidade de Leitores, sessão sobre cinema, exposição de alunos das artes no espaço da galeria, convidado em “Conversas com” ou colóquio. Para além deste programa mensal, há ainda um projecto em curso de organizar Pacotes de Leitura com adereços/artefactos de livros, usados em sessões de divulgação. (INQ4, p. 160)</i></p> <p><i>Pondo em prática as sugestões do PNL, fomentando a leitura a partir da 1ª infância com a “Hora do Conto”; através de sessões de esclarecimento aos Encarregados de Educação; através de concursos de leitura; registos; louvores; Semana da Leitura e outros. (INQ5, p. 165)</i></p> <p><i>Para promover a leitura há a intervenção directa junto do aluno quando este quer escolher um título para ler, a valorização/divulgação dos melhores leitores e de boas práticas neste domínio, a promoção de concursos, o destaque de novidades (e outros), o recurso à web2.0 para atrair mais utentes. O PB tem um papel crucial pois tem oportunidade de chegar a toda a gente a atender às necessidades de cada um. (INQ6, p. 169)</i></p> <p><i>Aplicação das medidas do PNL, divulgação e promoção da leitura em ambientes diversificados. (INQ7, p. 173)</i></p> <p><i>Hora do conto, sessões de leitura expressiva, concursos de leitura, incentivo à leitura domiciliária e autónoma, implementação do Plano Nacional de Leitura. (INQ8, p. 176)</i></p> <p><i>Promoção, divulgação e apoio directo ou indirecto de concursos, espaços lúdicos, produções orais e escritas (em vários suportes), produções gráficas, exposições, participação na comunicação social, etc. O PB desempenha um importante papel neste domínio, promovendo e articulando todas as actividades acima referidas. (INQ9, p. 179)</i></p>
--	--	--

		<p><i>Tenho pouco apoio do Departamento de Português. Faço as actividades normais de promoção de leitura, tendo em atenção que o espaço da BE está frequentemente ocupado, temos capacidade apenas para 30 alunos. Aqui também se fazem reuniões e se recebem pais... (INQ10, p. 183)</i></p> <p><i>Para promover a leitura é costume dinamizar a hora do conto; promover encontros com escritores e ilustradores; promover palestras para professores e encarregados de educação; realizar concursos de leitura; incentivar a participação em concursos, tais como leitura, relacionar imagens com livros, biografias e bibliografias de autores, entre outras; dinamizar jogos com correspondência entre títulos e personagens; promover o desenvolvimento de actividades do PNL. (INQ11, p. 186)</i></p> <p><i>No âmbito da promoção da leitura, costumo fazer actividades diversas, nomeadamente a associação entre um livro/ autor e sua adaptação cinematográfica; trabalhar obras que abordam temas do currículo; fazer sessões de apresentação de um livro que vai ser trabalhado na aula; concursos ... (INQ12, p. 190)</i></p>
	<p>6.3 Práticas dinamizadas pelo Professor Bibliotecário no âmbito da literacia da informação.</p>	<p><i>Foi realizado um levantamento nos currículos das competências de informação inerentes a cada nível de ensino e estabelecido um currículo de competências transversais adequado ao 3º ciclo e secundário. Com base neste currículo, foi estruturado um plano de formação de apoio ao desenvolvimento da literacia da informação na escola e articuladas actividades com a sala de aula neste âmbito. (INQ1, p. 149)</i></p> <p><i>Cabe ao PB promover na escola o trabalho em volta da literacia da informação, propondo guiões de pesquisa e outros materiais que, usados de forma generalizada, fortaleçam as competências literárias do público-alvo. Novamente, refiro que a missão do PB é extremamente complexa e não poderá ser cumprida na íntegra com apenas 13 horas semanais destinadas à Biblioteca Escolar. (INQ2, p. 153)</i></p> <p><i>Despertar nas crianças a necessidade da procura constante de informação, quer em textos lidos, quer recorrendo às pesquisas online. (INQ3, p. 157)</i></p>

		<p><i>Há 4 ou 5 anos a esta parte que a BE tem uma intervenção curricular directa com as turmas de 12º ano da Área de Projecto, com sessões organizadas por módulos que são pedidos pelos respectivos professores à BE. Investimos igualmente na organização de um portal de recursos electrónicos. (INQ4, p. 160)</i></p> <p><i>É feita através da formação de utilizadores na BE e nas aulas de Área de Projecto e Estudo Acompanhado. Foi também divulgado um modelo de pesquisa uniforme para todo o agrupamento. (INQ5, p. 165)</i></p> <p><i>A literacia de informação trabalha-se através de pequenas formações junto das turmas, da disponibilização de guiões de pesquisa e de trabalho, da disponibilização de recursos e no recurso à web2.0 para fazer chegar a informação a todos aqueles que não frequentam a Biblioteca. (INQ6, p. 169)</i></p> <p><i>Fazendo formação de utilizadores e desenvolvendo práticas sistemáticas de recursos digitais. (INQ7, p. 173)</i></p> <p><i>Formação de utilizadores, modelos e guias de pesquisa, apoio sistemático aos utilizadores. (INQ8, p. 176)</i></p> <p><i>A literacia da informação é, também, um domínio a contemplar e a desenvolver através de actividades muito diversificadas: produção de guiões em diferentes suportes e contextos; informações sobre uso da internet e outros. (INQ9, p. 179)</i></p> <p><i>Tenho guiões diversos que dei a conhecer aos docentes em reuniões de DT e NAC. Muitos destes documentos estão online e em breve constarão do Portal Concelhio das BE de Albergaria-a-Velha. (INQ10, p. 183)</i></p> <p><i>Procuramos privilegiar a leitura em diferentes suportes: livros, jornais, revistas e on-line. (INQ11, p. 186)</i></p> <p><i>No âmbito da literacia da informação, o trabalho está em curso, apesar de ainda ser insuficiente, pois não temos um catálogo operacional. Na Biblioteca Escolar os alunos são orientados na escolha de bibliografia e são ajudados, se o solicitarem, a seleccionarem a informação de recursos impressos ou da net de forma a evitarem a tentação do</i></p>
--	--	---

		<p><i>copiar e colar. (INQ12, p. 190)</i></p>
	<p>6.4 Influência do trabalho da BE/PB no âmbito da leitura e das capacidades de pesquisa junto dos alunos.</p>	<p><i>Os alunos lêem mais de ano para ano, facto atestado pelas estatísticas de requisição para empréstimo domiciliário. Para isso tem contribuído o Plano Nacional de Leitura, as acções de promoção da leitura levadas a cabo pela BE e a existência de uma colecção variada e actualizada. (...) Também se tem verificado melhoria nas competências de pesquisa, selecção e tratamento de informação dos alunos, já que têm sido feitas acções concretas nesse sentido como já foi referido em perguntas anteriores. (INQ1, pp. 149-150)</i></p> <p><i>Sim, sem dúvida. Torna-se bastante gratificante acompanhar o percurso de alunos que começaram a requisitar livros na BE, no seu 1º ano de escolaridade e apresentam actualmente sólidos hábitos de leitura. (...) Progressivamente, devagar, pois é um campo muito trabalhoso e que exige articulação com o corpo docente para que efectivamente seja bem sucedido. (INQ2, p. 154)</i></p> <p><i>Sim [os alunos lêem mais] (...) Sim [os alunos adquirem melhores capacidades de pesquisa, selecção e tratamento da informação]. (INQ3, p. 157)</i></p> <p><i>Há sempre uma franja de alunos que, em todos os anos, é possível mobilizar para práticas de leitura. Mesmo com minorias e elites, a BE deve insistir nestas intervenções em clubes e comunidades restritas. A maioria dos alunos (e dos adultos, também) tem com o livro uma relação mais instrumental/estudo e de obrigação, mas, nem por isso, nos devemos demitir de os envolver em experiências de leitura. Muitas vezes, vão sem entusiasmo, mas depois gostam e incorporam. (...) Julgo que a facilidade do acesso à informação na Net, não desenvolve boas competências de literacia da informação. De um modo geral, não têm critérios de selecção, capturam, mas não lêem, transcrevem e não usam aspas, apropriam-se e não identificam a fonte. A solução não é dissuadir a pesquisa na Net, mas estarmos também lá com eles para orientação. (INQ4, p. 161)</i></p> <p><i>Os alunos do 1º e 2ºciclo sim, [lêem mais] no entanto não se passam o mesmo com os alunos do 3ºciclo. (...) Sim, [adquirem melhores capacidades de pesquisa], é esse um dos papéis da BE, ajudar na pesquisa e tratamento de dados.</i></p>

	<p>(INQ5, p. 166)</p> <p><i>De ano para ano, tem aumentado gradualmente o empréstimo domiciliário de livros, a Biblioteca continua a ser muito frequentada para leitura. (...) Não consegui ainda ter uma percepção clara sobre [capacidade de pesquisa, selecção e tratamento da informação]. É difícil ter essa percepção numa escola tão populosa. (INQ6, p. 170)</i></p> <p><i>Como a variedade de fundo documental é maior, constitui um estímulo para a leitura. (...) Os alunos têm mais acesso à informação e a um melhor fundo documental. Os serviços de internet são os mais solicitados. Pesquisam, regra geral, melhor, mas mantêm certos vícios como o uso excessivo do “copy/paste”. (INQ7, p. 173)</i></p> <p><i>Penso que [lêem mais]. Pelo menos os mais novos. (...) Penso que nesta área [pesquisa, selecção e tratamento da informação] há ainda muito trabalho a fazer, pois continua a verificar-se que a maioria dos alunos não adquiriu ainda essas competências. (INQ8, p. 176)</i></p> <p><i>Ao longo do tempo, verifica-se uma evolução bem patente nos hábitos de frequência e uso da BE, hábitos de leitura (evidências nas requisições) e capacidades de cooperação, capacidades de socialização. Os números das estatísticas no caso da BE, revelam um maior interesse pela leitura. Verifica-se, por vezes, uma perda de interesse nos anos posteriores ao 2ºciclo, não podendo identificar exactamente quais as razões. (...) Com a prática de utilização da BE e o apoio às actividades de pesquisa, selecção e tratamento da informação os alunos já realizam trabalhos de maior qualidade e têm mais informação sobre estes aspectos que eram ignorados há poucos anos, quando a BE não era tão utilizada regularmente. (INQ9, p. 180)</i></p> <p><i>Só tenho conhecimento através de estatísticas de utilização e de uma conversa ou outra com aqueles colegas com quem me dou melhor. Contudo, há sugestões de fichas para registo de dados no site da RBE... (...) Penso que o papel e a presença orientadora da BE são fundamentais para a concretização desse objectivo. (INQ10, pp. 183-184)</i></p> <p><i>Sim [lêem mais]. Sim [adquirem melhores capacidade de pesquisa]. (INQ11, pp. 186-187)</i></p>
--	---

		<p><i>Sim, os alunos lêem mais. Isso verifica-se pelo aumento progressivo do empréstimo domiciliário. (...) É difícil fazer uma afirmação dessas, na medida em que é uma competência de aquisição progressiva e até porque os hábitos do copiar colar são um recurso rápido e tentador para os alunos menos pacientes e menos dedicados à leitura. Nestes casos, na Biblioteca onde trabalho, uma vez que há momentos em que fico sozinha, é difícil fazer um atendimento personalizado, sobretudo quando há uma quantidade de serviços a prestar: empréstimo, satisfazer pedidos de jogos, verificar as atitudes, satisfazer pedidos de filmes e, ainda catalogar, pois estamos numa fase sem catálogo. (INQ12, p. 191)</i></p>
	<p>6.5 Alteração das práticas dos docentes por influência da acção do Professor Bibliotecário.</p>	<p><i>Sim, nomeadamente ao nível do ensino de competências de informação. Muitos docentes passaram a incluir nas suas unidades o ensino e treino destas competências. Verifica-se também mais exigência na elaboração de trabalhos escolares (estrutura, tratamento da informação, referência às fontes). (INQ1, p. 150)</i></p> <p><i>Progressivamente, principalmente se houver um corpo docente estável e um trabalho continuado de divulgação da BE e propostas de trabalho colaborativo/articulação, o PB contribui para a alteração de práticas dentro da sala de aula. (INQ2, p. 154)</i></p> <p><i>A nível da leitura, sim. (INQ3, p. 157)</i></p> <p><i>Julgar em causa própria é bem difícil mas, mesmo que fosse fácil, é uma questão demasiado linear para uma situação complexa. (INQ4, p. 162)</i></p> <p><i>Sim, a pouco e poucos os professores vão valorizando a BE como recurso fundamental. (INQ5, p. 166)</i></p> <p><i>Penso que contribui alguma coisa nalgumas turmas (dependendo do docente). (INQ6, p. 170)</i></p> <p><i>O professor recorre mais à BE, nomeadamente quando verifica que a BE desenvolve práticas que facilitam a sua actuação lectiva construindo documentos de apoio. (INQ7, p. 173)</i></p> <p><i>Seria bom que assim fosse, mas tal ainda não se verifica.</i></p>

		<p>(INQ8, p. 176)</p> <p><i>Certamente que sim. O trabalho articulado da BE com docentes proporciona uma melhoria da qualidade do trabalho em geral e práticas de trabalho em equipa recorrendo a processos metodologias e recursos mais diversificados. (INQ9, p. 180)</i></p> <p><i>Infelizmente, não é muito significativo... (INQ10, p. 184)</i></p> <p><i>Sim, principalmente a nível da utilização dos materiais que a BE/PB disponibilizam, como por exemplo, fichas de leitura, guiões de leitura, propostas de actividades, ... (INQ11, p. 187)</i></p> <p><i>Creio que não, pois os docentes, não todos, uma grande parte, ainda trabalham muito isolados e não permitem grandes interferências no seu trabalho. (INQ12, p. 191)</i></p>
--	--	--

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
7- Divulgação	7.1 Formas e meios de divulgação práticas.	<p><i>Informação por correio electrónico aos docentes, placares informativos, boletins informativos, jornal escolar, página Web da escola; plataforma moodle da escola. (INQ1, p. 150)</i></p> <p><i>A BE possui expositor próprio no corredor, correio electrónico, blogue e conta na rede social facebook. Sempre que solicitado, as actividades da BE são divulgadas no blogue da associação de pais e do município, sendo prática regular a divulgação em reuniões de C.P., D.C e Conselho de Turma. (INQ2, p. 154)</i></p> <p><i>Através do Blogue, do placar mensal e de correio electrónico. (INQ3, p. 158)</i></p> <p><i>Página da escola, monitor de informação no átrio (alimentado pela equipa BECRE), cartazes/flyers e correio electrónico para professores. (INQ4, p. 162)</i></p> <p><i>Através de placares, blogue e Jornal da Escola. (INQ5, p. 166)</i></p> <p><i>Informações dadas no Pedagógico e nas reuniões de estabelecimento, através de placares espalhados pela escola, blogues, sitio, plataforma moodle e facebook. (INQ6, p. 170)</i></p>

		<p><i>Recurso ao blogue da BE e á biblioteca digital. (INQ7, p. 174)</i></p> <p><i>Através de expositores, do Jornal da Escola e, mais recentemente, do blogue da BE. (INQ8, p. 177)</i></p> <p><i>Através de produções escritas, jornal escolar, blogue e plataforma moodle. (INQ9, p. 180)</i></p> <p><i>Divulgação no Blogue, Portal Concelhio e exposições na BE. (INQ10, p. 184)</i></p> <p><i>Através do blogue da BE, do jornal e por correio electrónico. (INQ11, p. 187)</i></p> <p><i>Blogue, jornal escolar e correio electrónico. (INQ12, p. 191)</i></p>
--	--	---

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
8- Gestão das BE	8.1 Funções do Coordenador Interconcelhio junto dos Professores Bibliotecários.	<p><i>A função do coordenador interconcelhio, como a designação do cargo indica, é coordenar um conjunto de escolas agrupadas conforme a geografia, constituindo o elo de ligação entre o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares e as escolas. (INQ1, p. 150)</i></p> <p><i>Sim, a BE e o PB são acompanhados e orientados por uma Coordenadora Interconcelhia que apoia a gestão da biblioteca e as actividades anuais. Esta Coordenadora visita a BE com regularidade, dando esclarecimentos e apoio prático na elaboração de documentos. (INQ2, p. 154)</i></p> <p><i>Informar e apoiar nas dúvidas. (INQ3, p. 158)</i></p> <p><i>Existe, há vários anos, um Coordenador Interconcelhio que acompanha cada uma das escolas (variável consoante o grau de experiência do PB) e define um programa de actividades concelhio que incluem as actividades da Semana da Leitura, a coordenação do Catálogo Colectivo e a dinamização de encontros regulares. (INQ4, p. 162)</i></p> <p><i>Sim, as suas funções são de acompanhamento e orientação dos trabalhos desenvolvidos nas BES da sua área. (INQ5, p. 166)</i></p>

		<p><i>A Coordenadora Interconcelhia orienta e coordena as reuniões mensais do grupo de trabalho, dá formação contínua, visita as Bibliotecas Escolares, mantendo-se a par das necessidades, transmite informação e é o elo de ligação entre a Rede de Bibliotecas Escolares e as Bibliotecas Escolares. (INQ6, p. 171)</i></p> <p><i>Monitorizar as actividades da BE. Estabelecer a articulação entre a BE e a RBE. Articular com o SABE. (INQ7, p. 174)</i></p> <p><i>Sim. Orientar, apoiar e coordenar o nosso trabalho bem como fazer “a ponte” com a RBE. (INQ8, p. 177)</i></p> <p><i>Coordenar o trabalho articulado entre escolas e os grupos concelhios (incluem BM), otimizar os recursos e articular actividades, reunir periodicamente com os PB, informando sobre orientações e normativos da RBE e sua implementação na prática. (INQ9, p. 181)</i></p> <p><i>Sim, participa nas reuniões interconcelhias, ajuda no preenchimento de documentação, informa, tira dúvidas, desloca-se à escola... (INQ10, p. 184)</i></p> <p><i>Apoia na catalogação do material e realiza reuniões concelhias onde transmite informações relativas à RBE. (INQ11, p. 187)</i></p> <p><i>A Coordenadora Interconcelhia fornece um grande auxílio a todo o trabalho, desde formação a vários níveis, orientação nas decisões a tomar, sendo a intermediário entre o Professor Bibliotecário/ Escola e a RBE. (INQ12, p. 191)</i></p>
	<p>8.2 Gestão de várias BE no Agrupamento.</p>	<p><i>Existem duas Bibliotecas Escolares, mas apenas uma está integrada na RBE. O agrupamento formou-se em Agosto de 2010 e, até essa data, a PB tinha 13 horas semanais para dedicar a uma única Biblioteca Escolar integrada na rede. No presente ano lectivo, com as mesmas horas, a PB tem também à sua responsabilidade uma Biblioteca Escolar não integrada na rede e em processo de registo e organização do fundo documental. (...) Uma das Bibliotecas Escolares tem Assistente Operacional a tempo inteiro, a que não está integrada na rede conta apenas com algumas horas por parte de uma Assistente Operacional. A PB divide as suas 13 horas semanais pelas duas Bibliotecas. (INQ2, p. 155)</i></p>

		<p>(...) Divido o meu horário por 2, e a 3ª fica a cargo da outra PB. (INQ3, p. 158)</p> <p>Existem cinco BE. (...) São três as Professoras Bibliotecárias que se reúnem uma ou duas vezes por mês e nas reuniões mensais do SABE, protocolo estabelecido com a Biblioteca Municipal. (INQ5, p. 166)</p> <p>4 integradas na Rede de Bibliotecas Escolares e 1 não integrada. (...) Através do trabalho articulado com mais duas Professoras Bibliotecárias do 1ºciclo, através de visitas regulares às Bibliotecas e de reuniões e contacto constante com a equipa. (INQ6, p. 171)</p> <p>6 (...) É elaborado um organigrama mensal das actividades para cada BE. Todas abrem pelo menos uma vez por semana. (INQ7, p. 174)</p> <p>Existem duas. (...) Existe trabalho articulado entre as BE, mas cada uma delas tem um PB, porque o número de alunos o justifica. (INQ9, p. 181)</p> <p>2 (...) Cada PB “gere” a sua BE, embora haja planos e metas comuns; reunimos sempre que necessário. (INQ10, p. 184)</p> <p>Cinco. Uma na Escola sede do Agrupamento (2º Ciclo) e quatro em Escolas do 1º Ciclo. (...) Trabalho em colaboração com outra PB. O meu trabalho está mais centrado na BE do 2º Ciclo e na gestão de actividades de articulação. (INQ11, p. 187)</p> <p>5 (...) A gestão não é tarefa fácil. Trabalho com uma colega e estou no 1º ciclo (4 BE) trabalhando também na escola sede e a coordenadora fica na escola sede. A gestão chega a ser árdua, na medida em que ao desenvolver uma actividade, estendendo-a a todo o Agrupamento (1º ciclo) demoro um mês. É uma estafa para mim e na perspectiva exterior dá a sensação de pouco trabalho. Penso ser esta a maior frustração. (INQ12, p. 191-192)</p>
--	--	---

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
<p>9- Comunidade Educativa</p>	<p>9.1 Projecção da Biblioteca Escolar no exterior.</p>	<p><i>Muito raramente. Considero prioritário a articulação curricular e depois do trabalho realizado com as turmas, não sobra tempo para muito mais. (INQ1, p. 151)</i></p> <p><i>Sim. Trabalhamos com a Casa da Cultura, com o Centro de Dia da localidade e com os Encarregados de Educação. Desenvolvemos projectos de leitura que envolvem as famílias e realizamos a Feira do Livro fora da escola para uma maior abertura à comunidade. Temos também um grupo de trabalho interconcelhio. (INQ2, p. 155)</i></p> <p><i>Frequentemente, a BE vai a todas as escolas e JI do Agrupamento. (INQ3, p. 158)</i></p> <p><i>Ultrapassa em várias situações: organização de Ciclos de Palestras entre as BECRE das 3 escolas secundárias da cidade (este ano na sua 6ª edição), parcerias com espaços culturais. (INQ4, p. 164)</i></p> <p><i>Sim, nos projectos liderados através do SABE ou PNL. (INQ5, p. 167)</i></p> <p><i>Sim, [a biblioteca tem visibilidade exterior]. (INQ6, p. 171)</i></p> <p><i>A BE tenta, em muitos pontos, fazer a ligação entre a escola e a sociedade. (INQ7, p. 174)</i></p> <p><i>Sim, pois está inerente às minhas funções prestar apoio e dinamizar actividades junto das escolas do JI e 1º ciclo que pertencem ao Agrupamento. (INQ8, p. 177)</i></p> <p><i>O trabalho é também dirigido à comunidade e a sua divulgação utiliza os órgãos de comunicação locais. (INQ9, p. 181)</i></p> <p><i>É evidente que este trabalho se prolonga em casa, mesmo com 35h semanais. Eu faço tudo praticamente sozinha, com muito atendimento e orientação de alunos (pesquisa na estante...) e docentes. (INQ10, p. 184)</i></p> <p><i>Sim, são realizadas várias actividades em colaboração com</i></p>

	<p><i>outras entidades, tais como a Biblioteca Municipal, o Centro de Saúde e outras instituições e associações. (INQ11, p. 187)</i></p> <p><i>Não acontece com frequência, mas há situações em que se verifica, quando se estabelecem parcerias e quando fazemos divulgação de actividades desenvolvidas. (INQ12, p. 192)</i></p>
<p>9.2 Parcerias.</p>	<p><i>Pontualmente, só. As parcerias que surgem são solicitadas por instituições da comunidade, como por exemplo, os jornais regionais que propõem projectos de educação para os media. A BE responde sempre positivamente a essas solicitações, mas não procura mais parcerias, pois o tempo não chega para tudo. O domínio A e B do Modelo de Avaliação das BE são as nossas áreas de intervenção prioritárias e em relação ao domínio C (projectos, parcerias e protocolos) pouco trabalho é desenvolvido. (INQ1, p. 151)</i></p> <p><i>A Biblioteca Escolar propõe actividades em horários que possibilitam a vinda de Encarregados de Educação à BE. (INQ2, p. 155)</i></p> <p><i>Sim. As parcerias surgem com livrarias que nos facultam escritores, feiras do livro... Com a Biblioteca Municipal e a Câmara Municipal através do financiamento de actividades e transportes. (INQ3, p. 158)</i></p> <p><i>Há parcerias e projectos pontuais, decorrentes, muitas vezes, de relações pessoais e sociais da coordenação da BE. Daí a falar-se em “participação activa” da comunidade há um grande salto. No vazio da linguagem. (INQ4, p. 163)</i></p> <p><i>As parcerias que existem são entre as BE do Agrupamento e com a Biblioteca Municipal. (INQ5, p. 167)</i></p> <p><i>Algumas parcerias surgem quase espontaneamente (como Associação local ou Lar dos idosos), existe parceria formal e dinâmica com a autarquia/Biblioteca Municipal e com a direcção regional; a um nível menos local temos o apoio da DECO, da Abraço, através de contactos que estabelecemos e que foram bem recebidos. (INQ6, p. 171)</i></p> <p><i>As participações são ocasionais e ligadas a projectos escolares e curriculares em que a comunidade é convidada a participar. (INQ7, p. 174)</i></p>

	<p><i>A principal parceria é, no nosso caso, com a Biblioteca Municipal. (INQ8, p. 177)</i></p> <p><i>As parcerias com a comunidade local têm sido estabelecidas, nomeadamente com Jornal, rádio local e autarquia. A participação de outros elementos tem sido escassa. (INQ9, p. 181)</i></p> <p><i>Sempre que possível: Sarau Concelhio das BE, palestras... (INQ10, p. 184)</i></p> <p><i>Temos realizado parcerias com escritores, editoras para a Feira do Livro, Biblioteca Municipal, Centro de Saúde, UBI, Hospital da Covilhã, Associações de Deficientes (no Projecto Escola Alerta, ... (INQ11, p. 188)</i></p> <p><i>A BE estabelece parcerias com a Biblioteca Municipal, Centro de Saúde, RBE, naturalmente, editoras e escritores. (INQ12, p. 192)</i></p>
--	--

ANEXO 20

ANÁLISE DOS DADOS DAS CATEGORIAS 3 E 4 DOS INQUÉRITOS AOS PROFESSORES BIBLIOTECÁRIOS

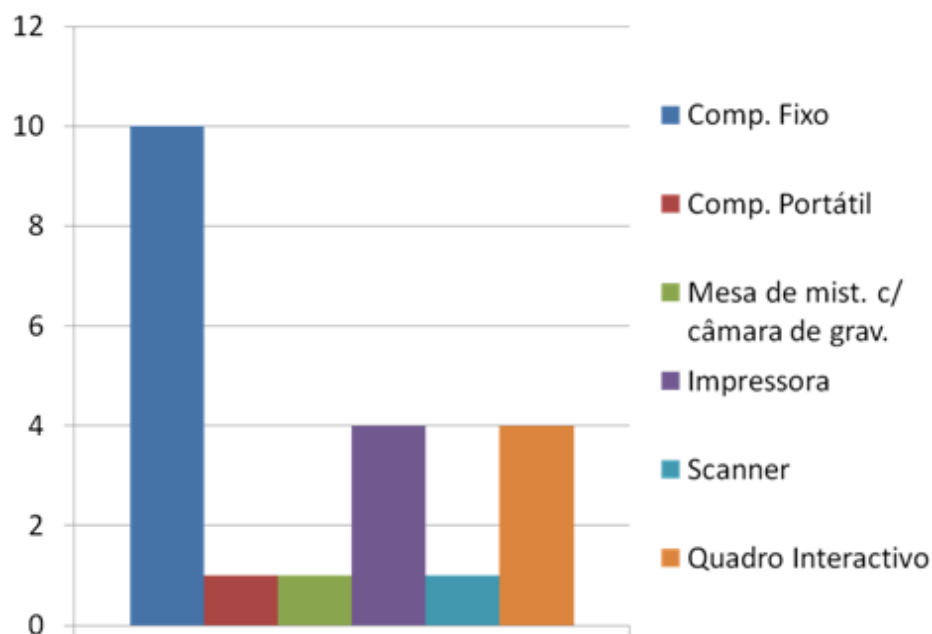
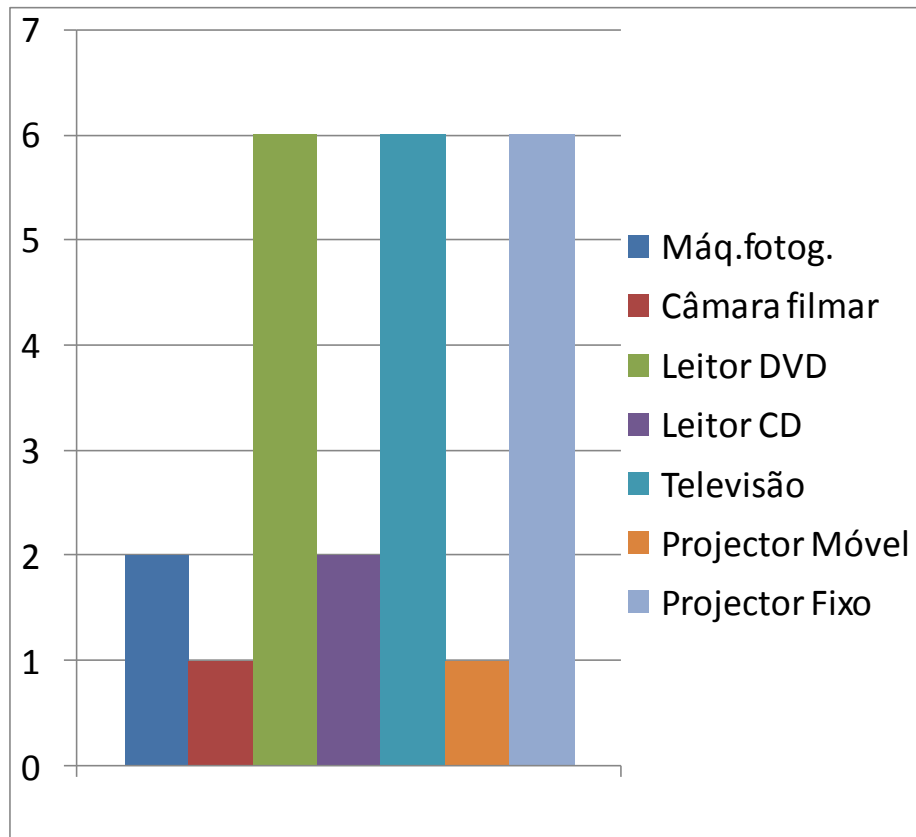
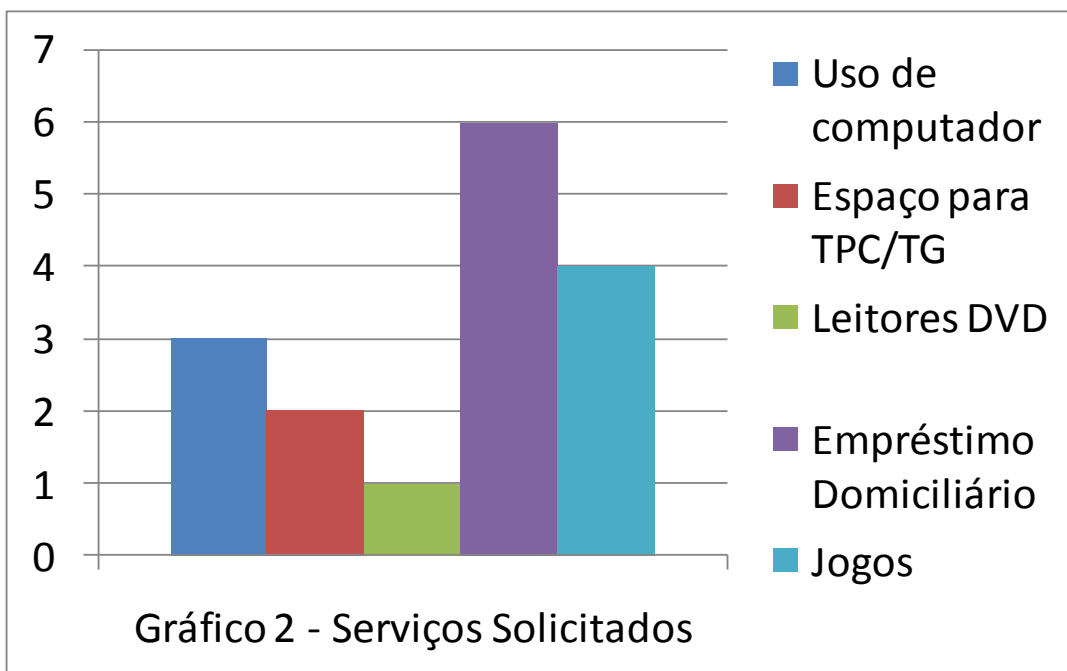
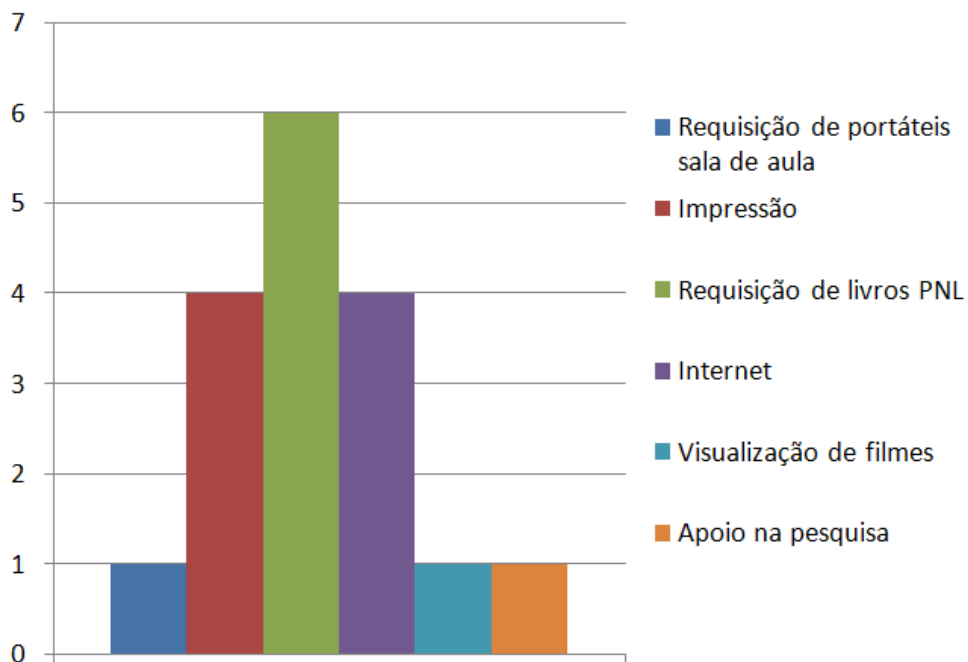


Gráfico 1 - Recursos Materiais



ANEXO 21

ANÁLISE DOS DADOS DOS INQUÉRITOS AOS DOCENTES

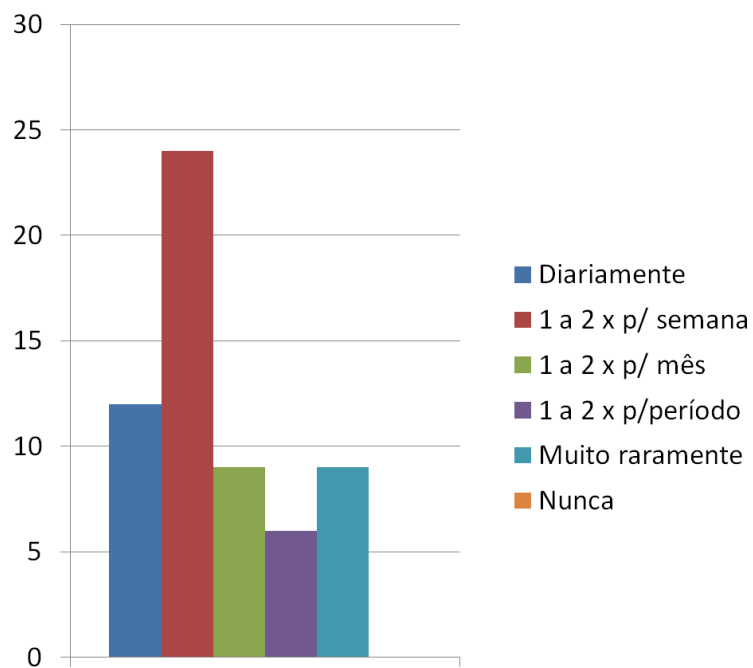
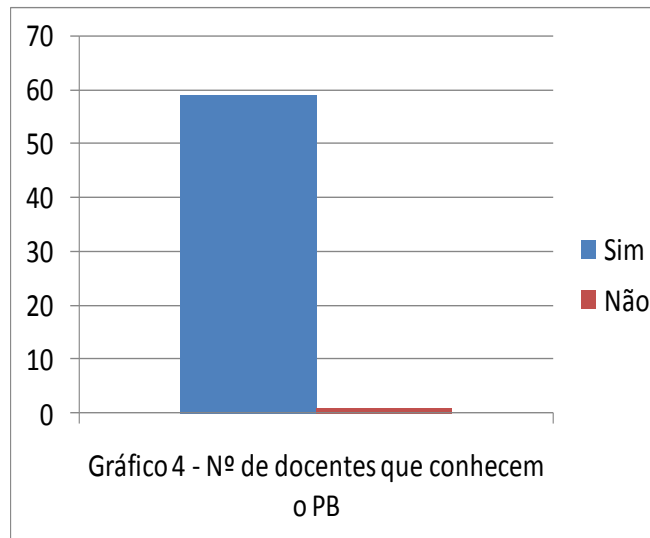
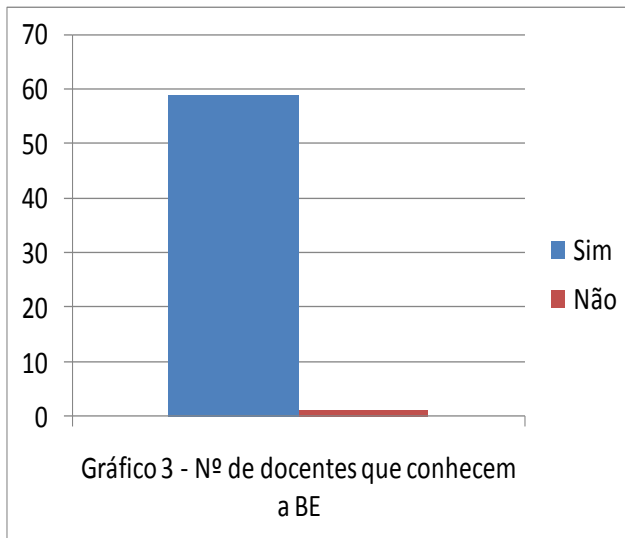
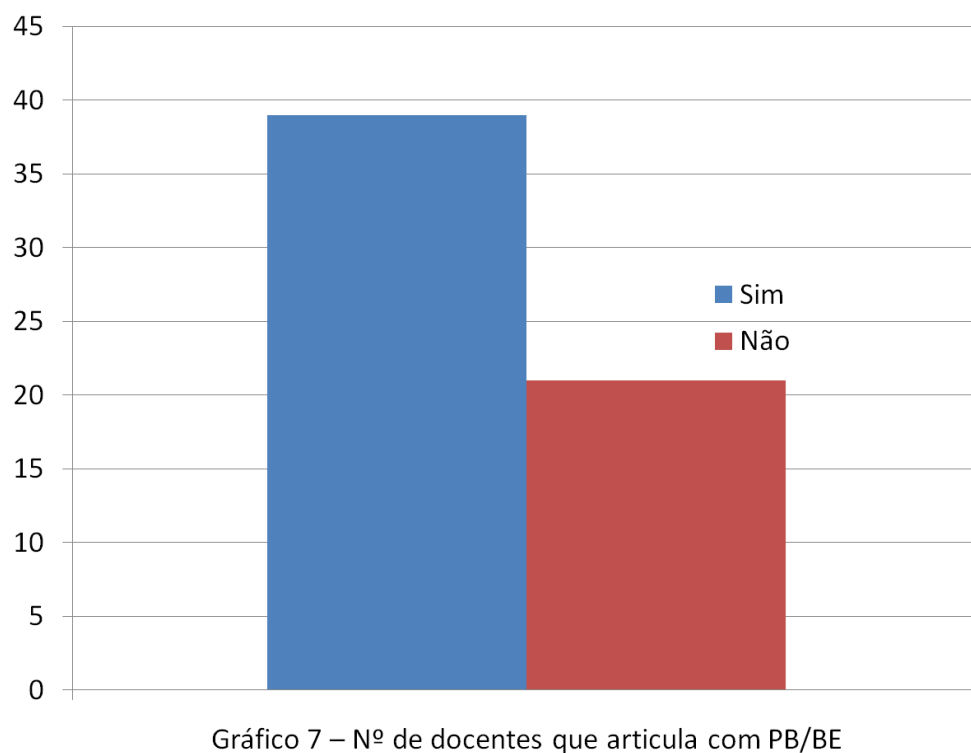
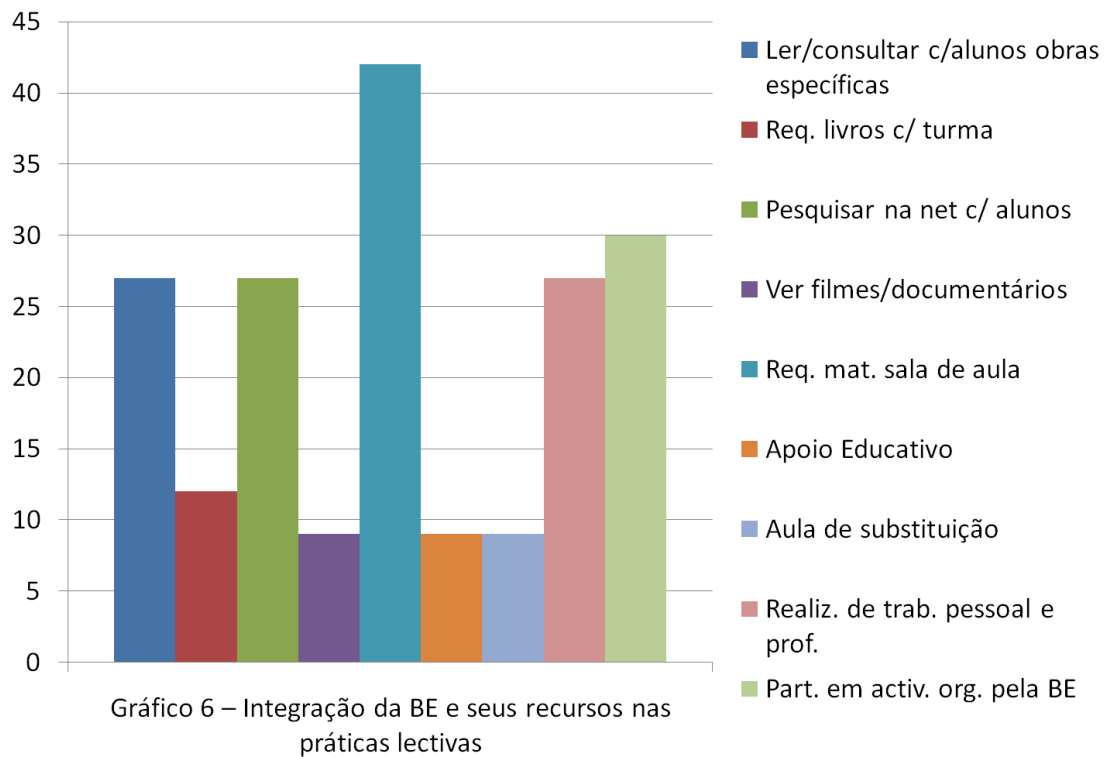


Gráfico 5 - Frequência de uso da BE e seus recursos pelos docentes



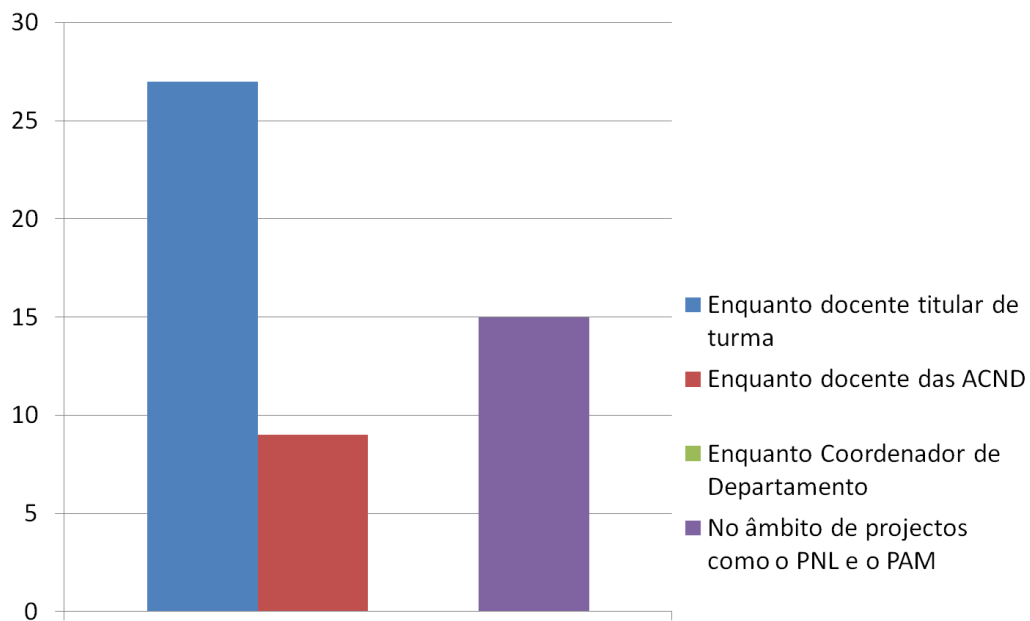


Gráfico 8 – Contextos em que se realiza a articulação curricular

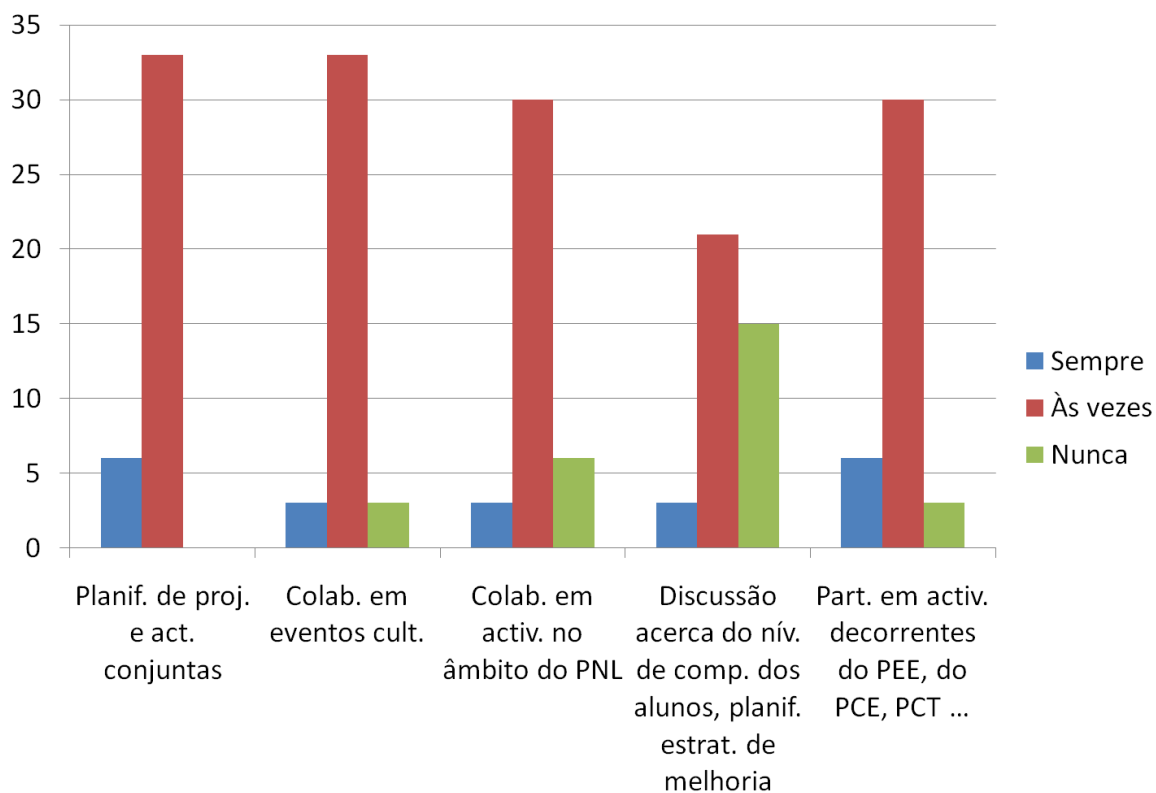


Gráfico 9 - Frequência com que ocorre a articulação curricular

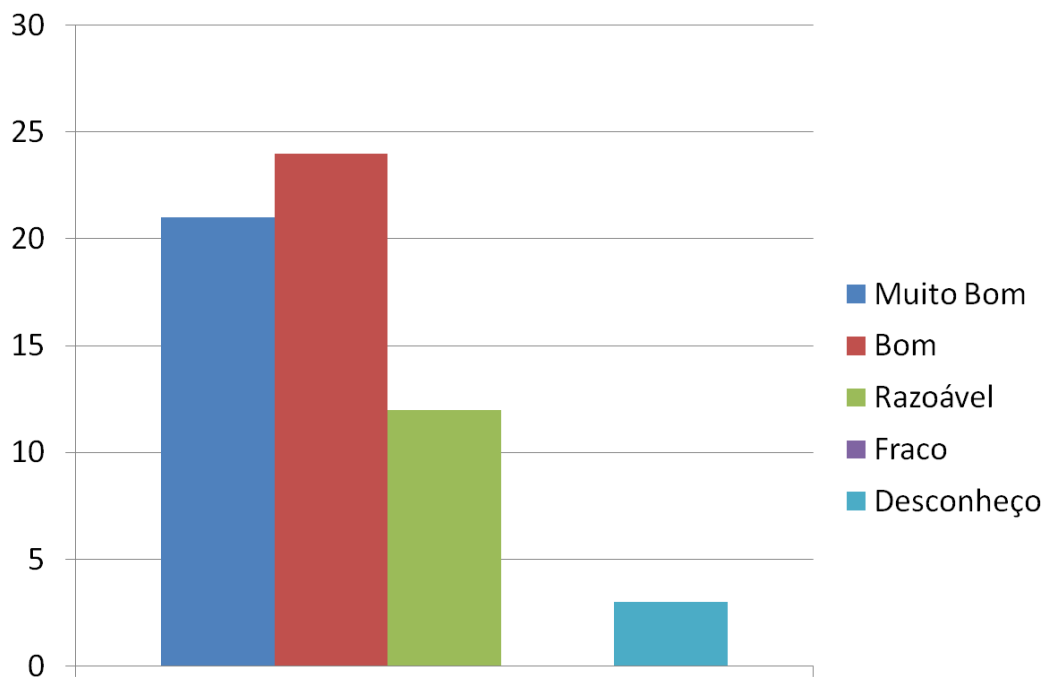


Gráfico 10 – Classificação do trabalho desenvolvido pela BE no âmbito da leitura e literacia

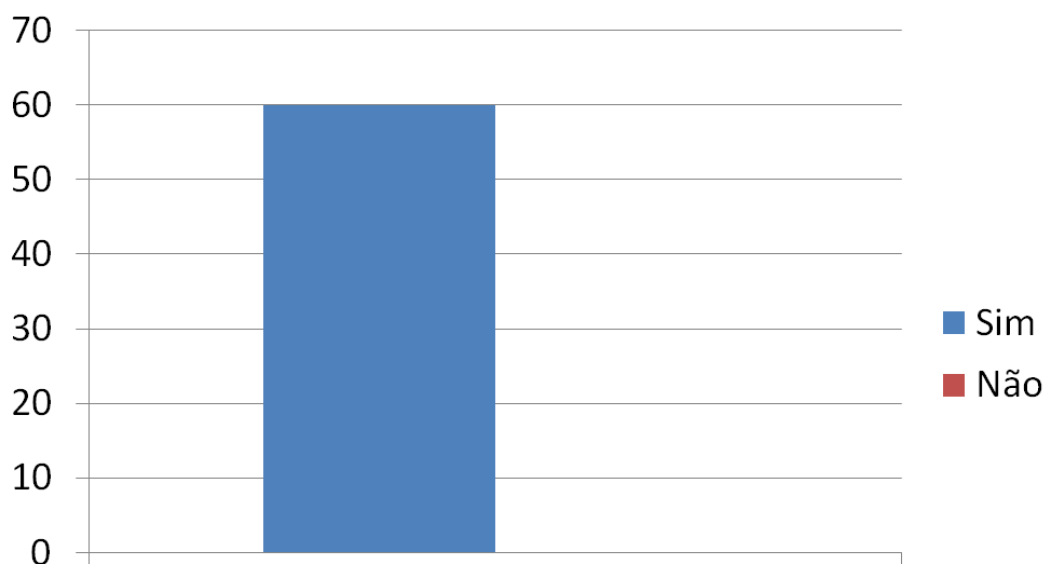


Gráfico 11 – Impacto da BE no desenvolvimento de competências de leitura dos alunos

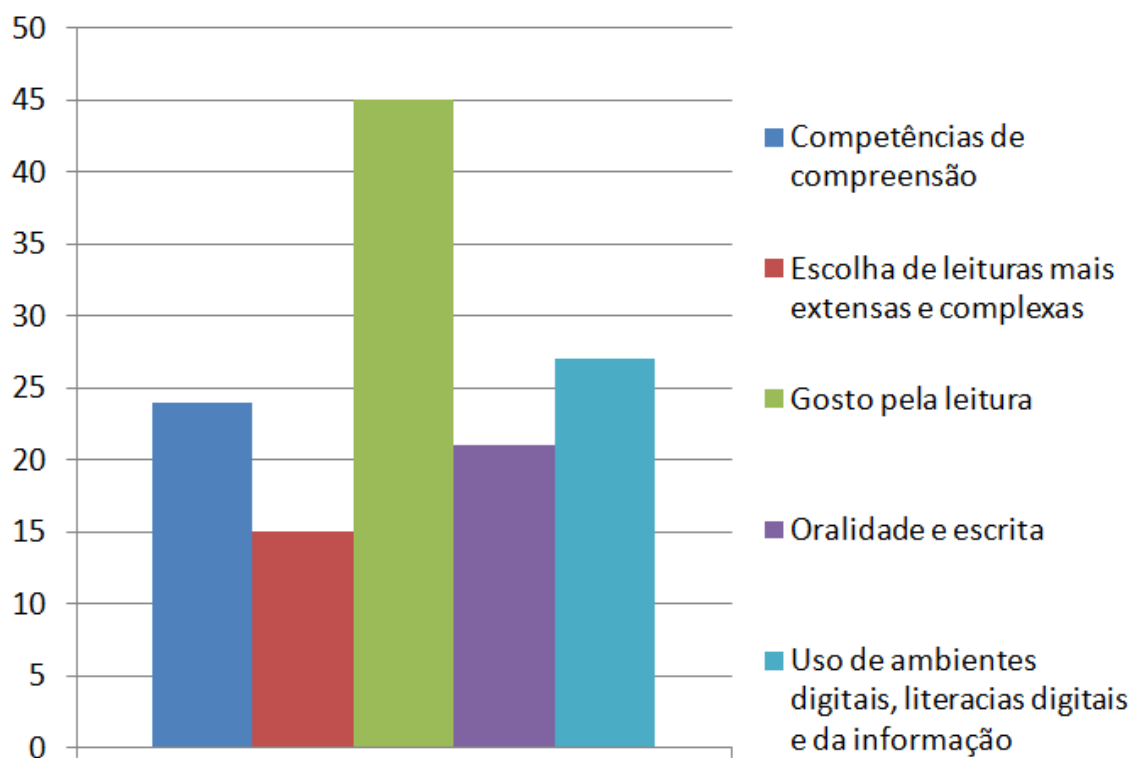
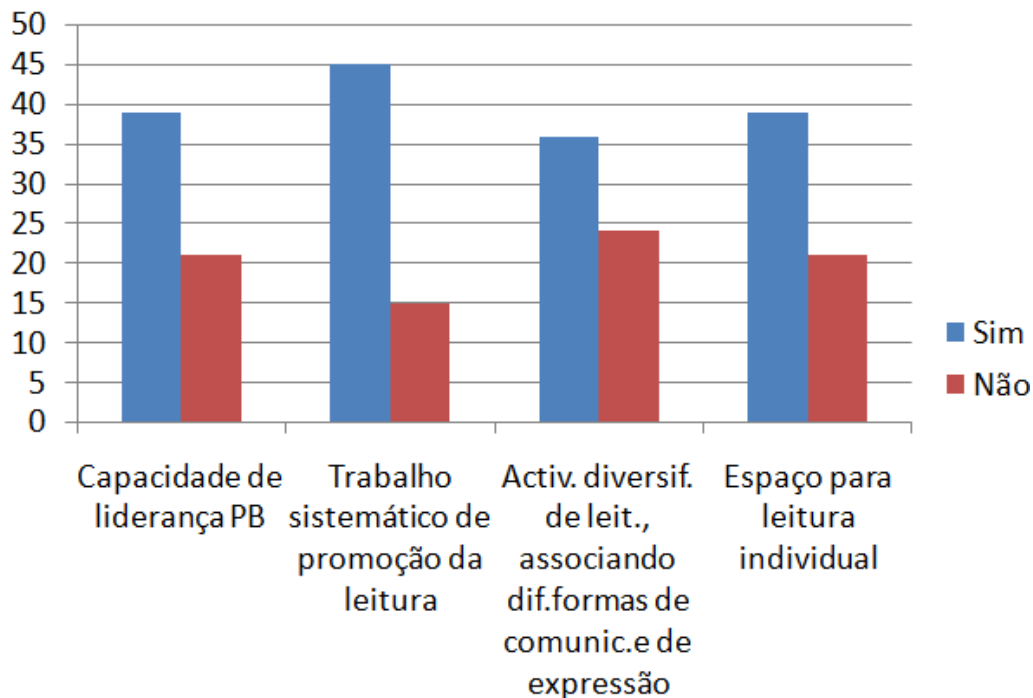
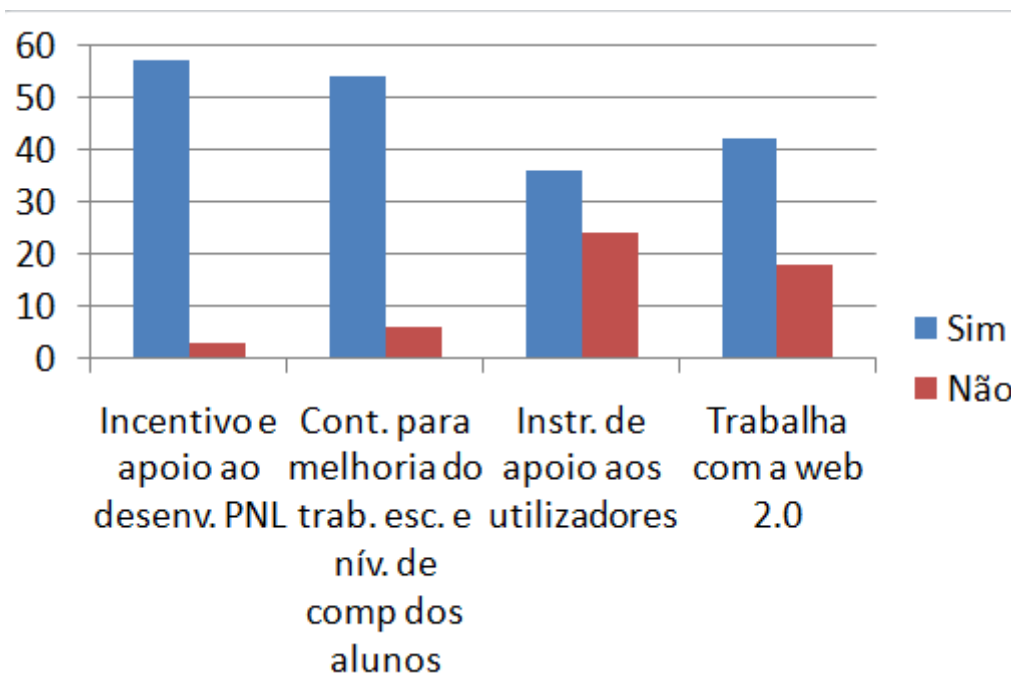
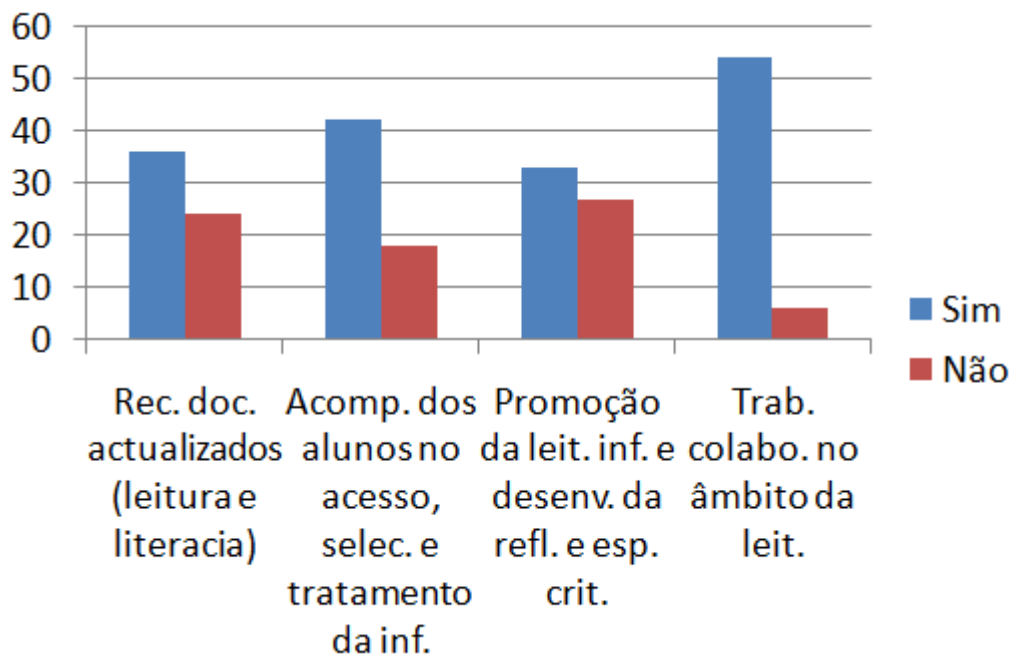


Gráfico 12 – Áreas em que se verifica o impacto do trabalho desenvolvido pela BE





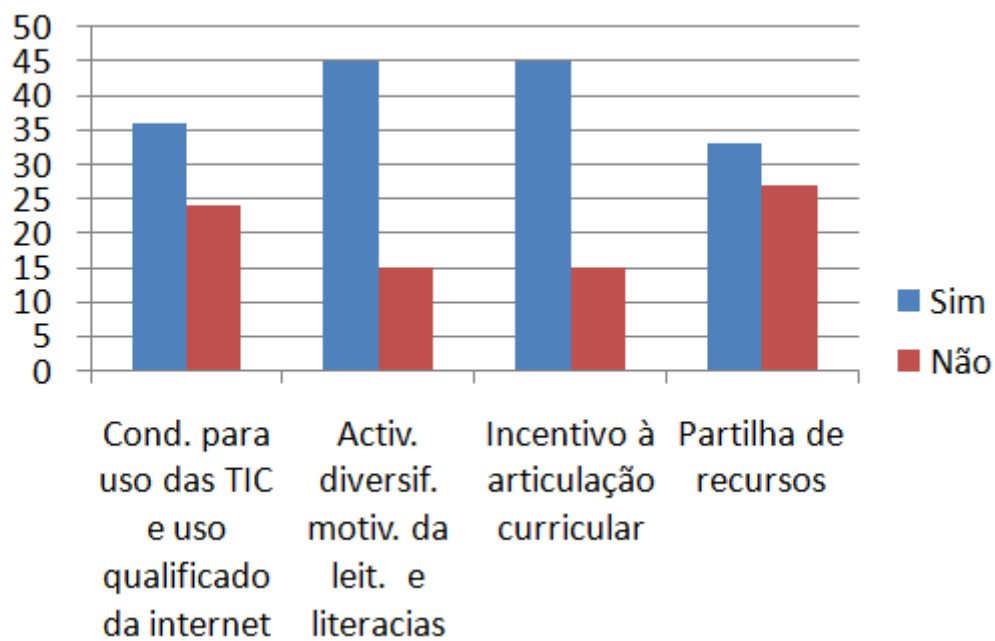
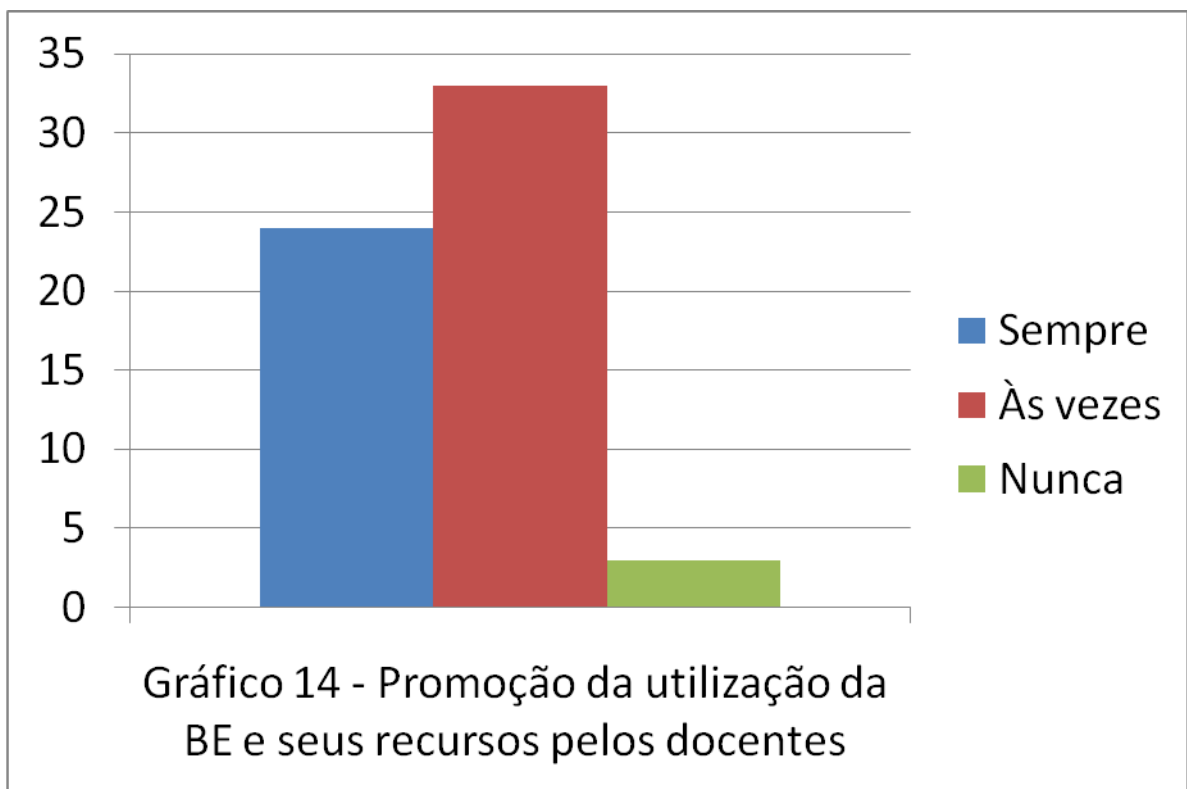


Gráfico 13 - Características e trabalho desenvolvido pela BE



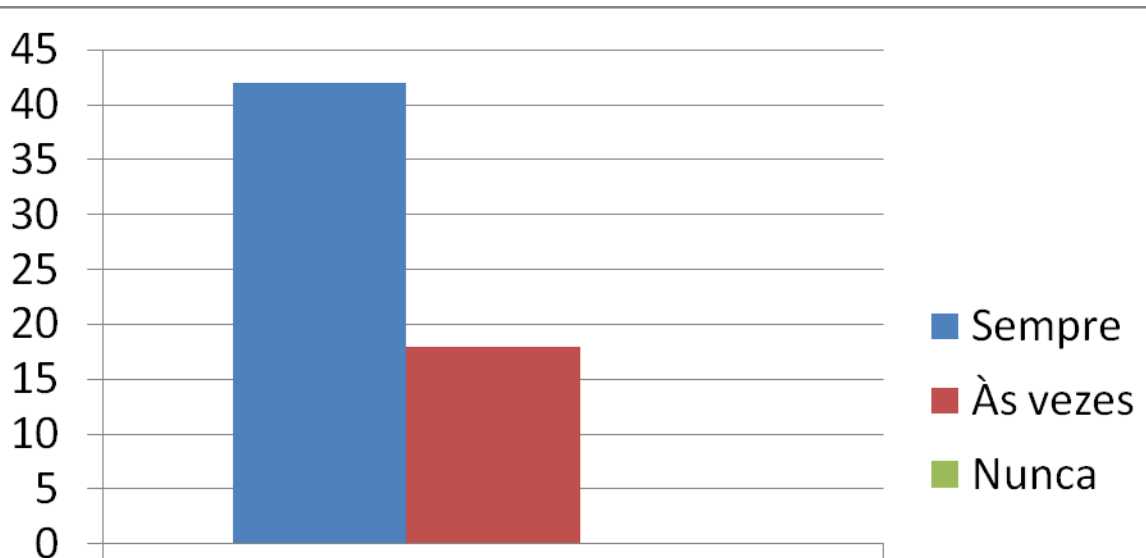


Gráfico 15 – Frequência com que os docentes orientam bibliograficamente os alunos nas actividades de pesquisa

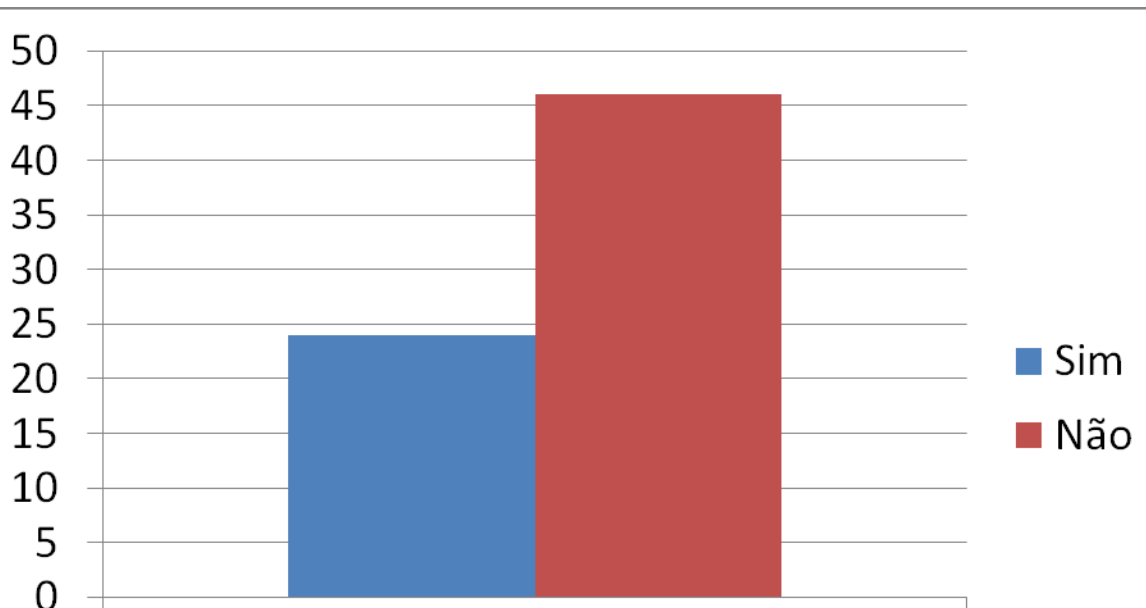
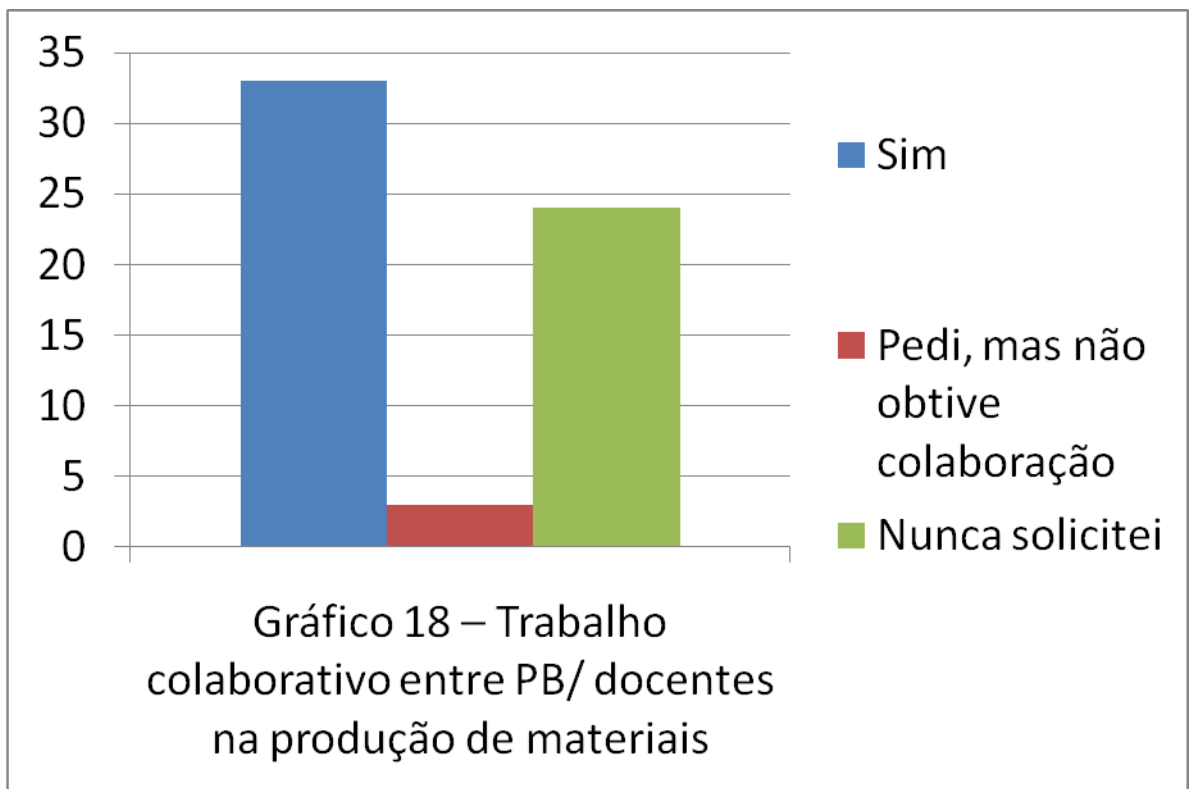
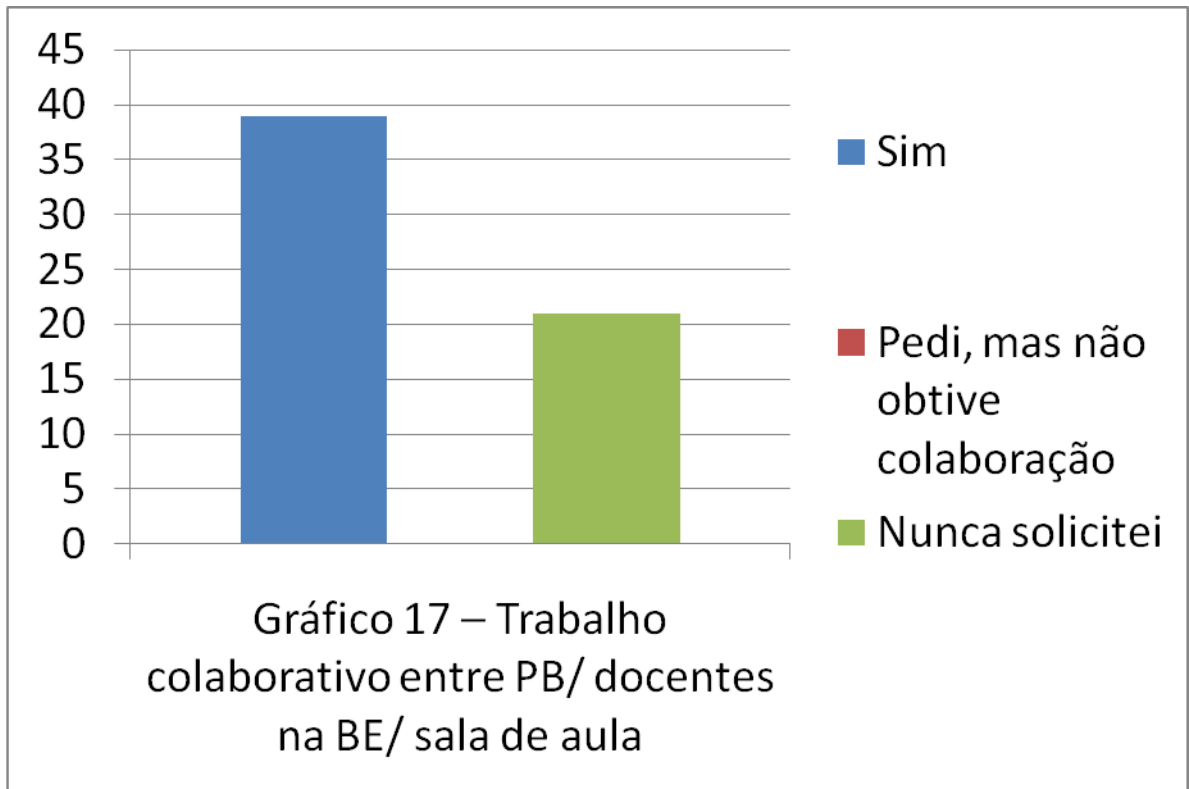
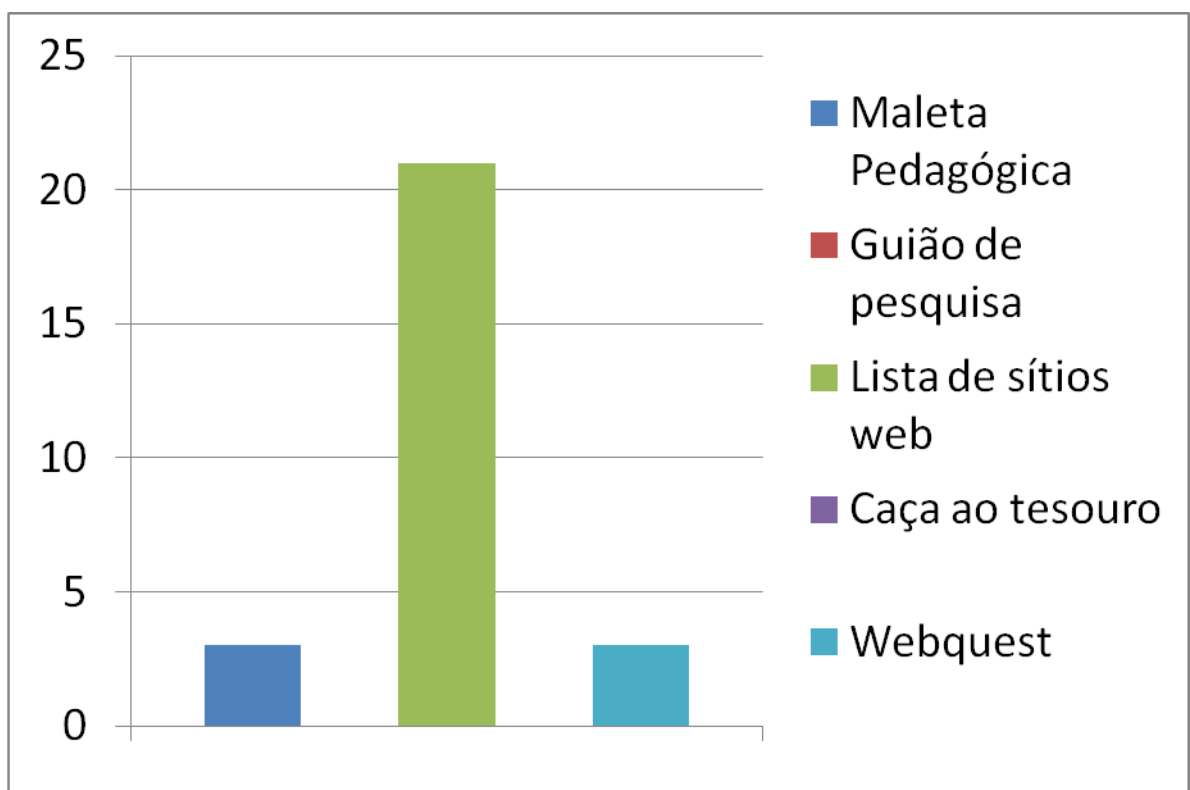
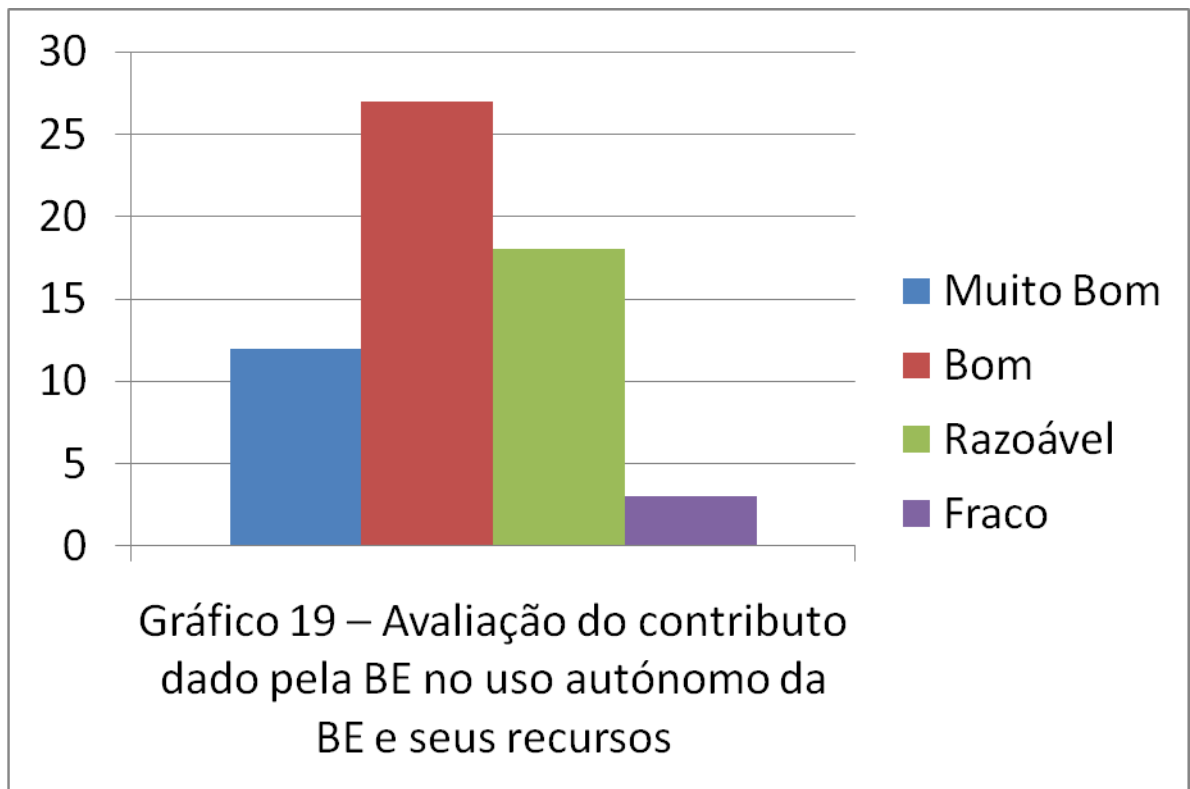
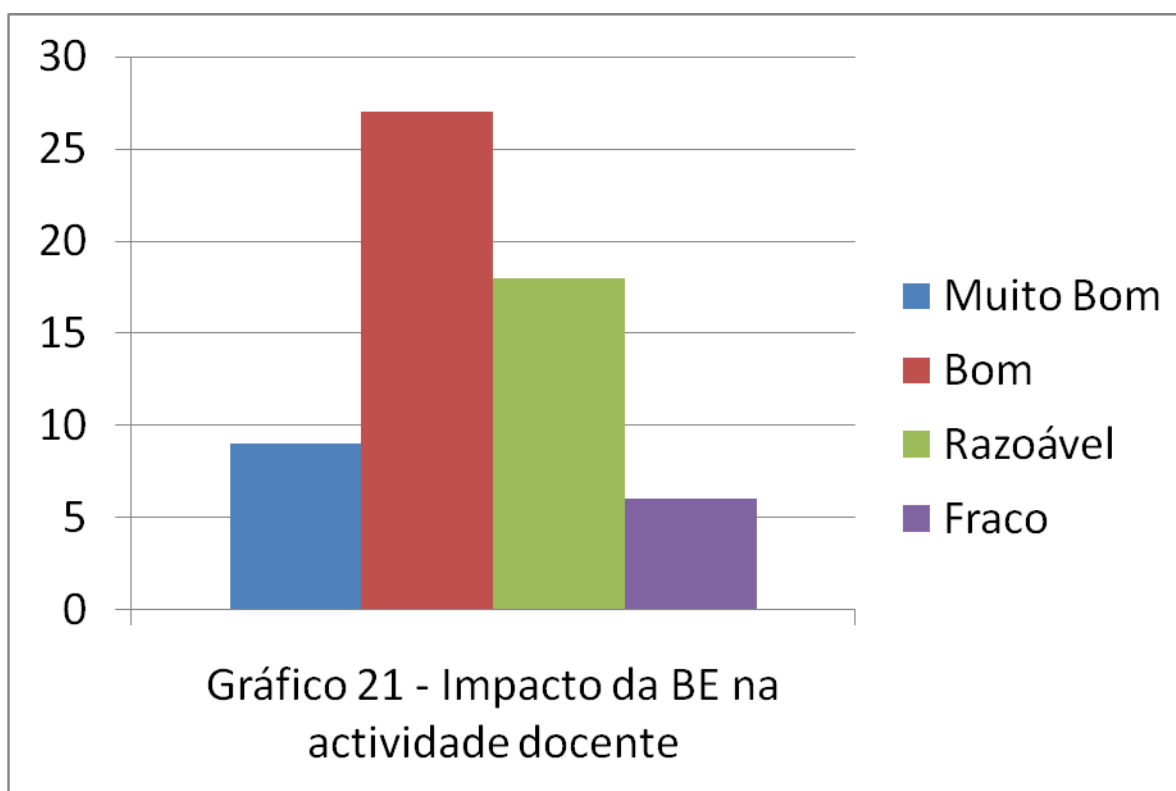
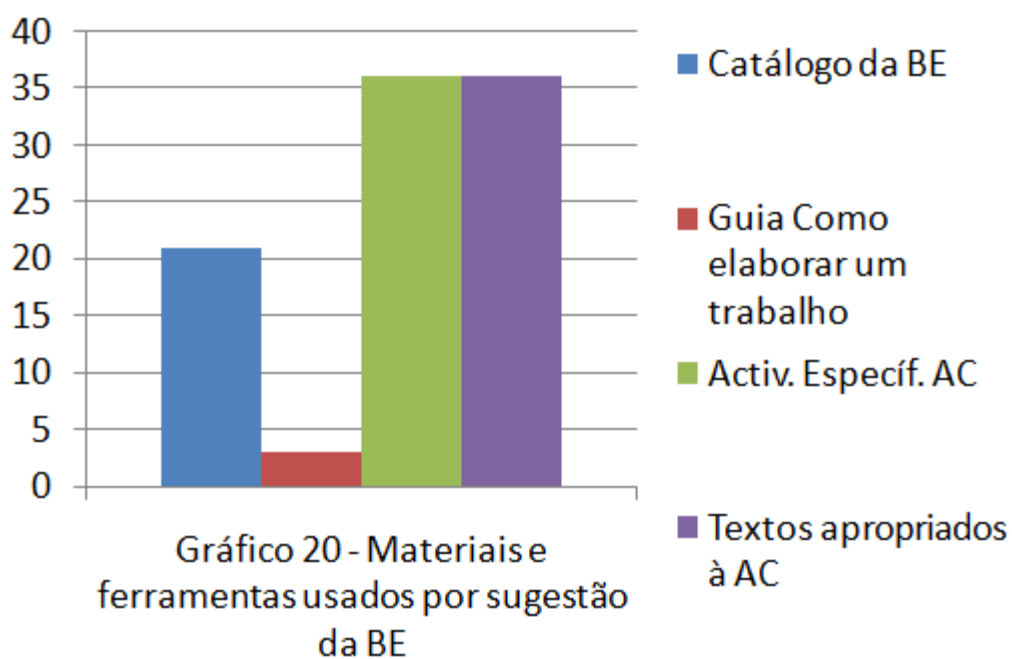


Gráfico 16 – Formação de utilizadores dinamizada pelo PB/BE

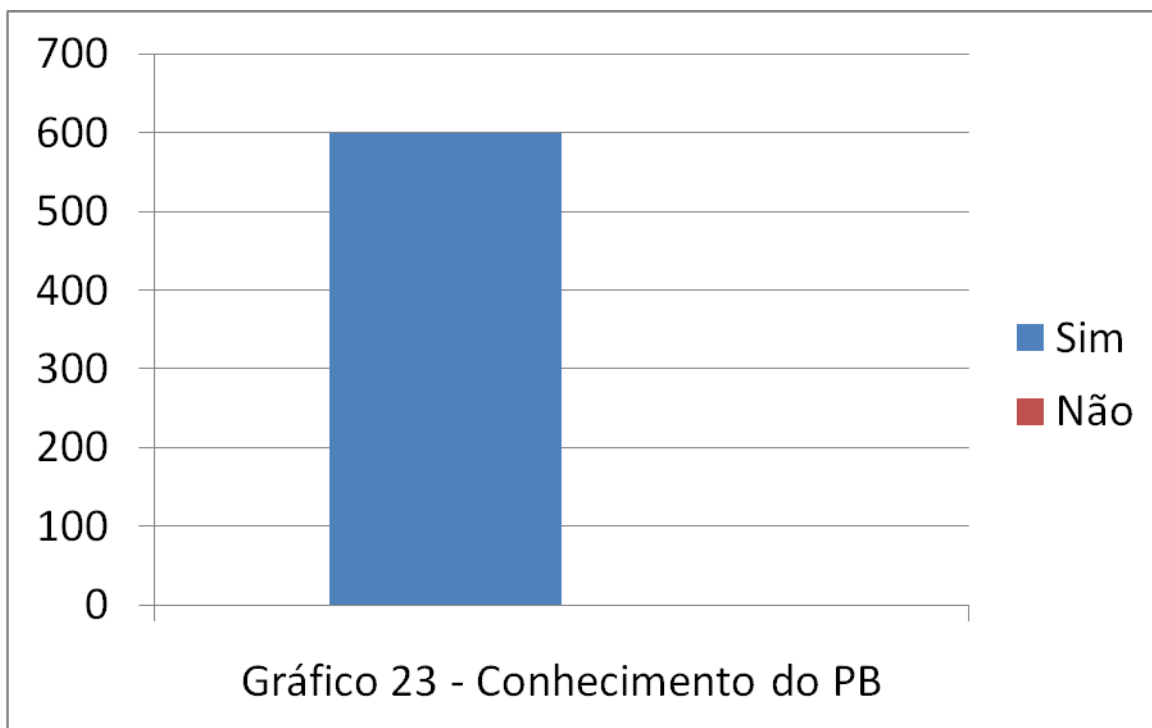
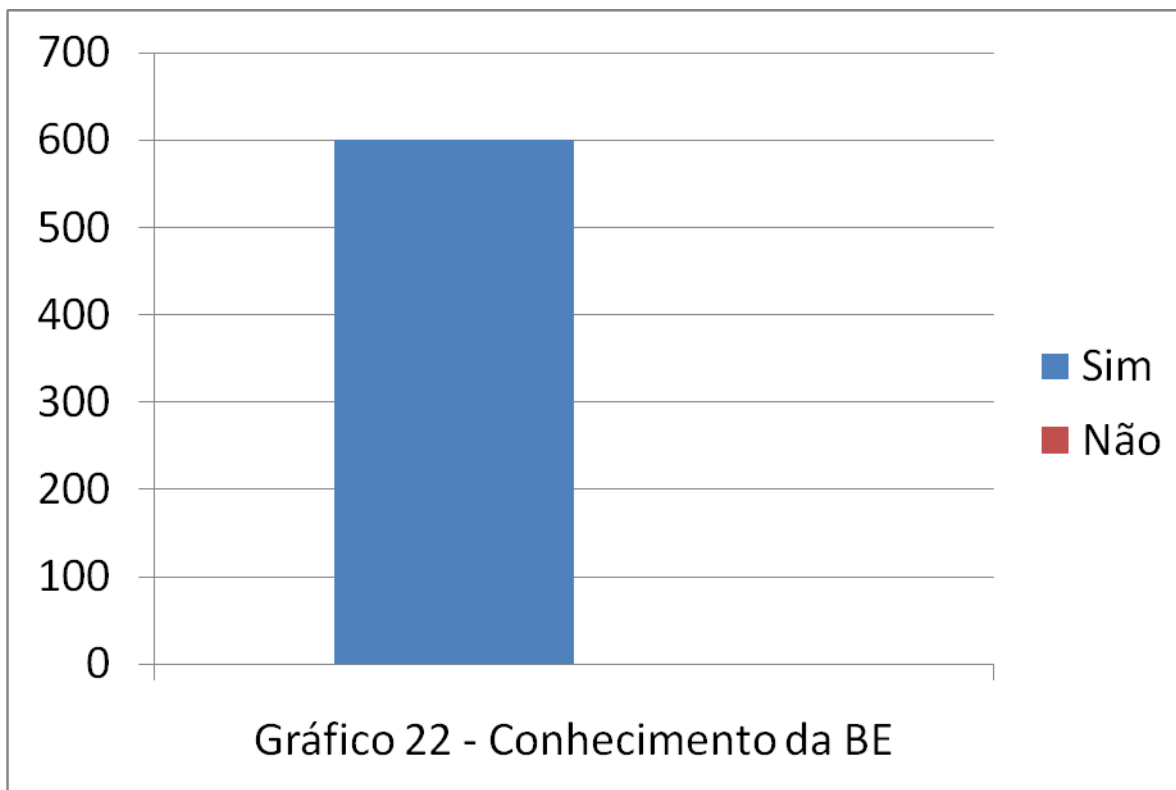






ANEXO 22

ANÁLISE DOS DADOS DOS INQUÉRITOS AOS ALUNOS



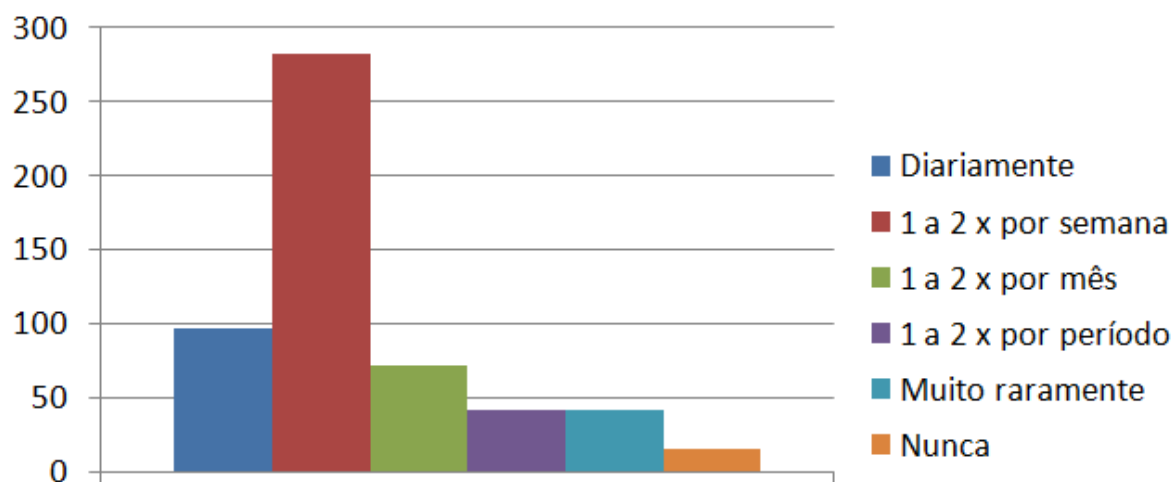


Gráfico 24 - Frequência de uso da BE, para além das actividades lectivas

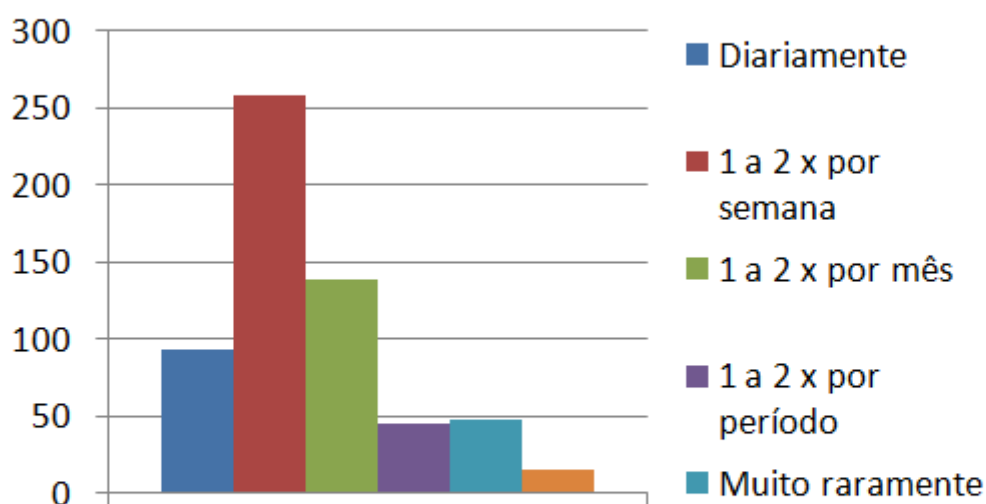
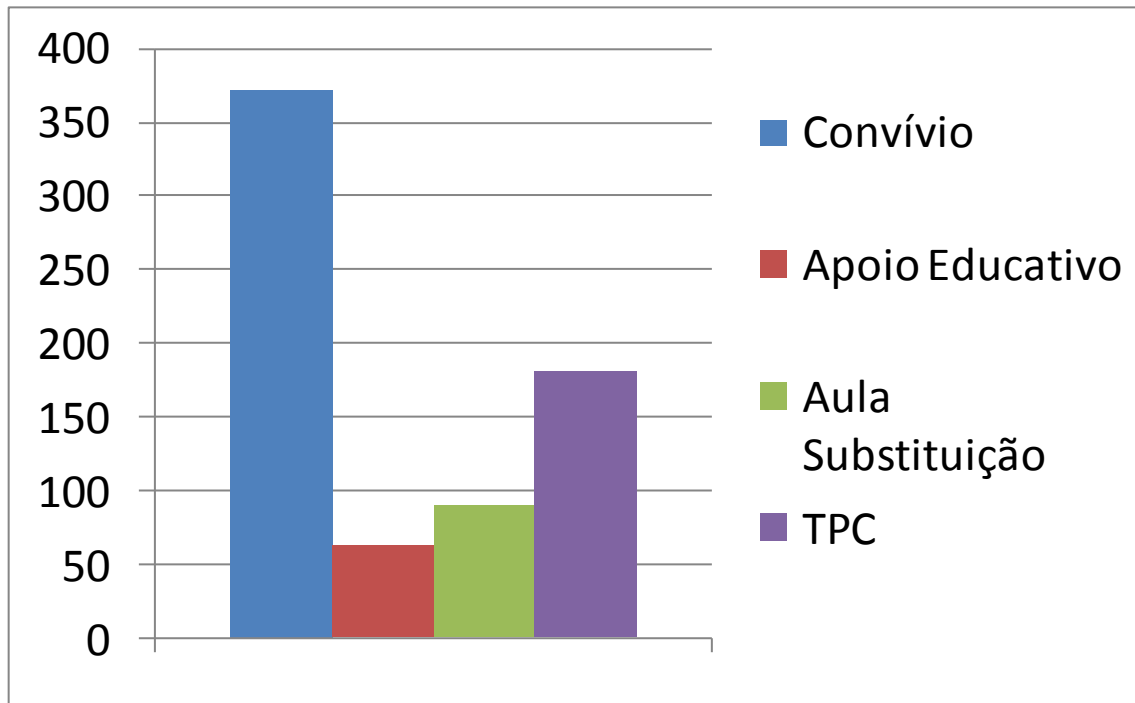
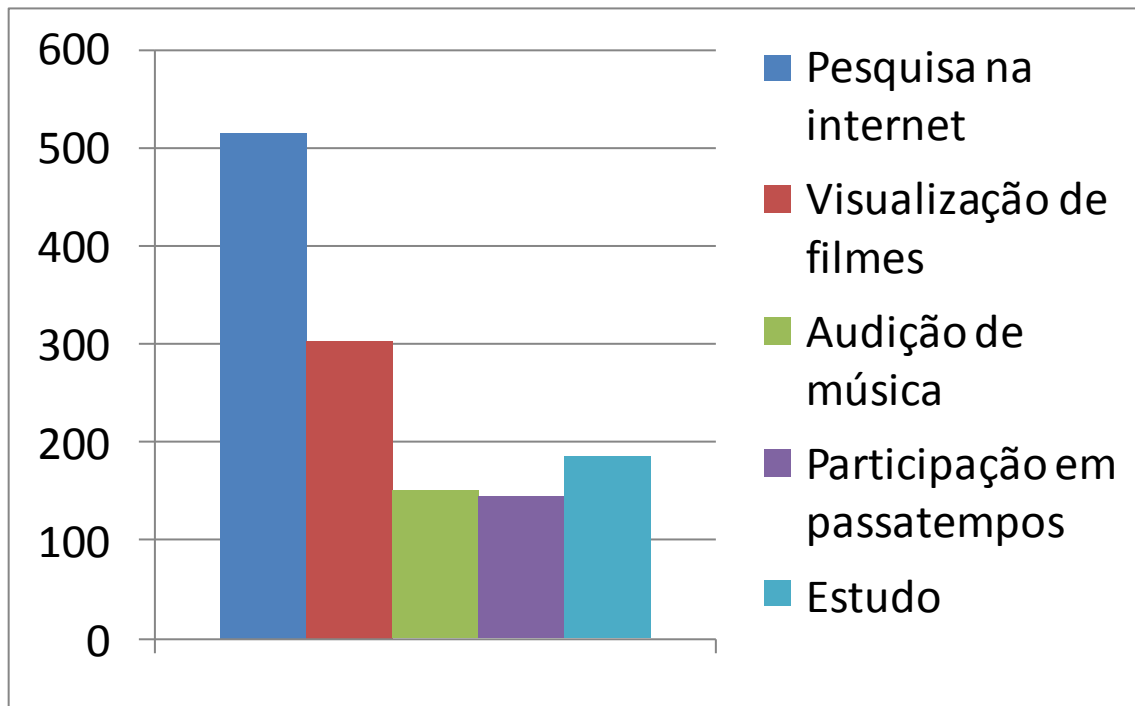
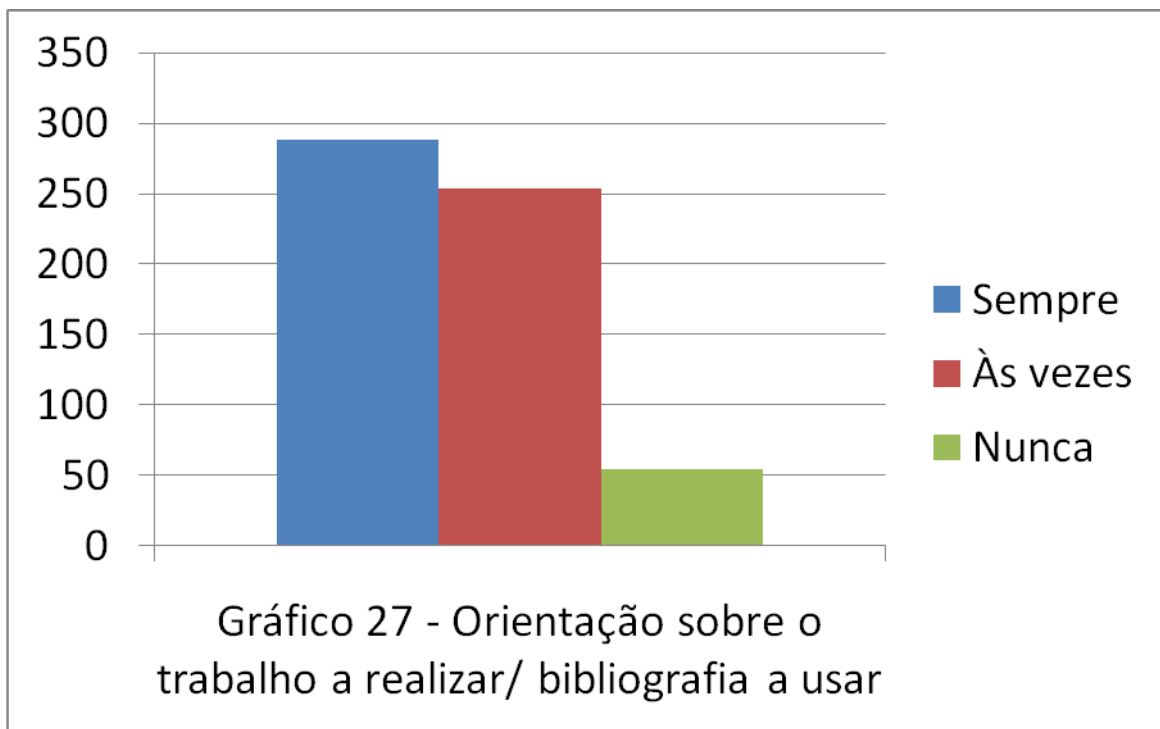
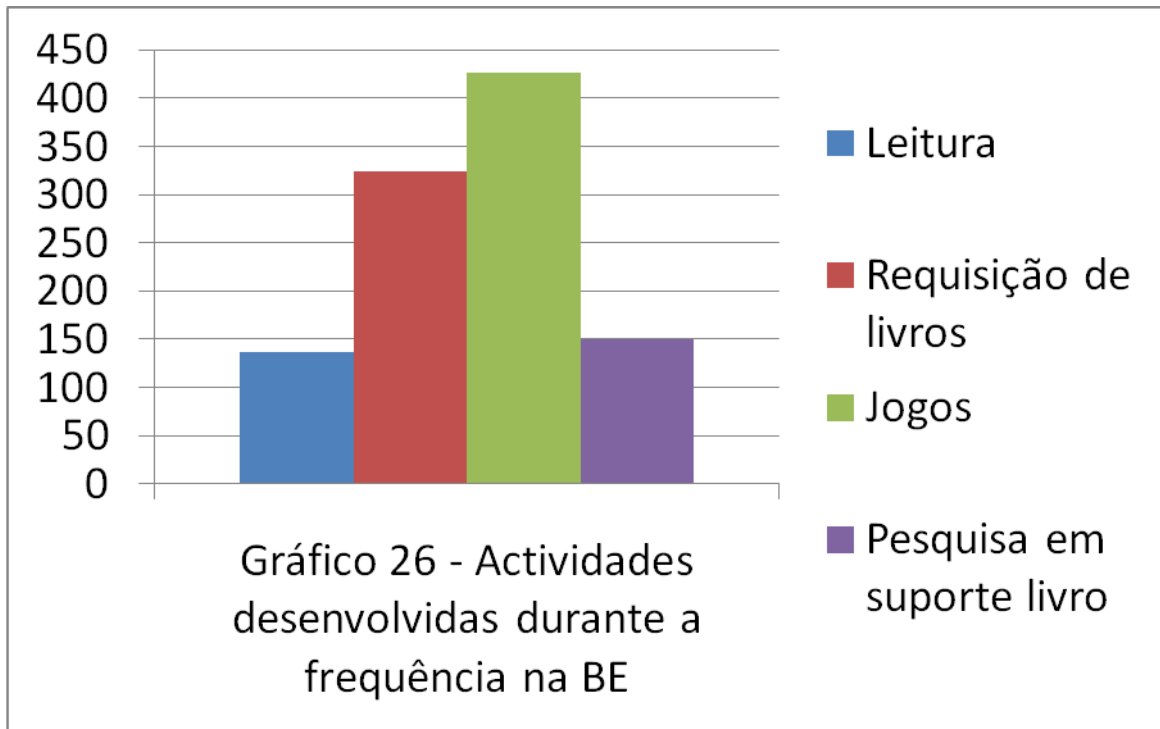


Gráfico 25 - Frequência de uso da BE e seus recursos com os docentes ou a seu pedido





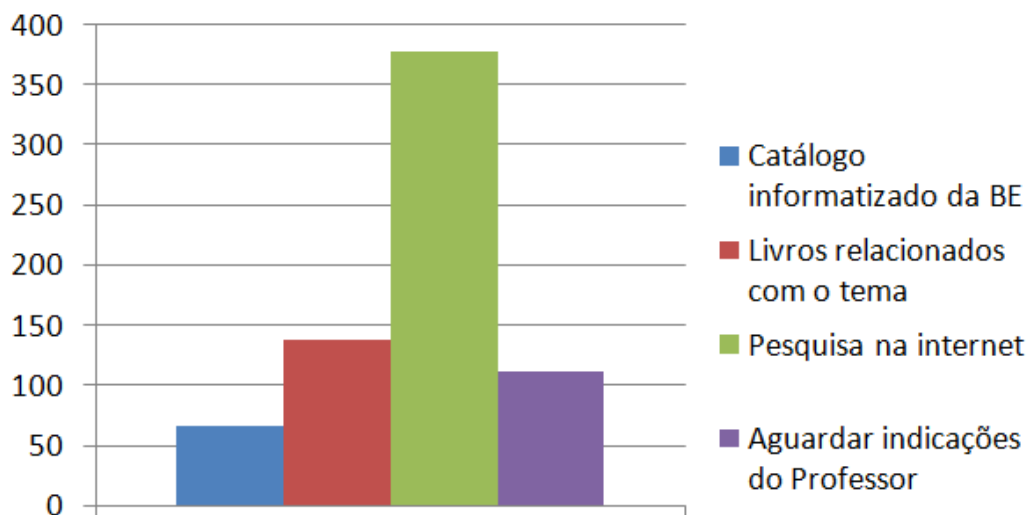
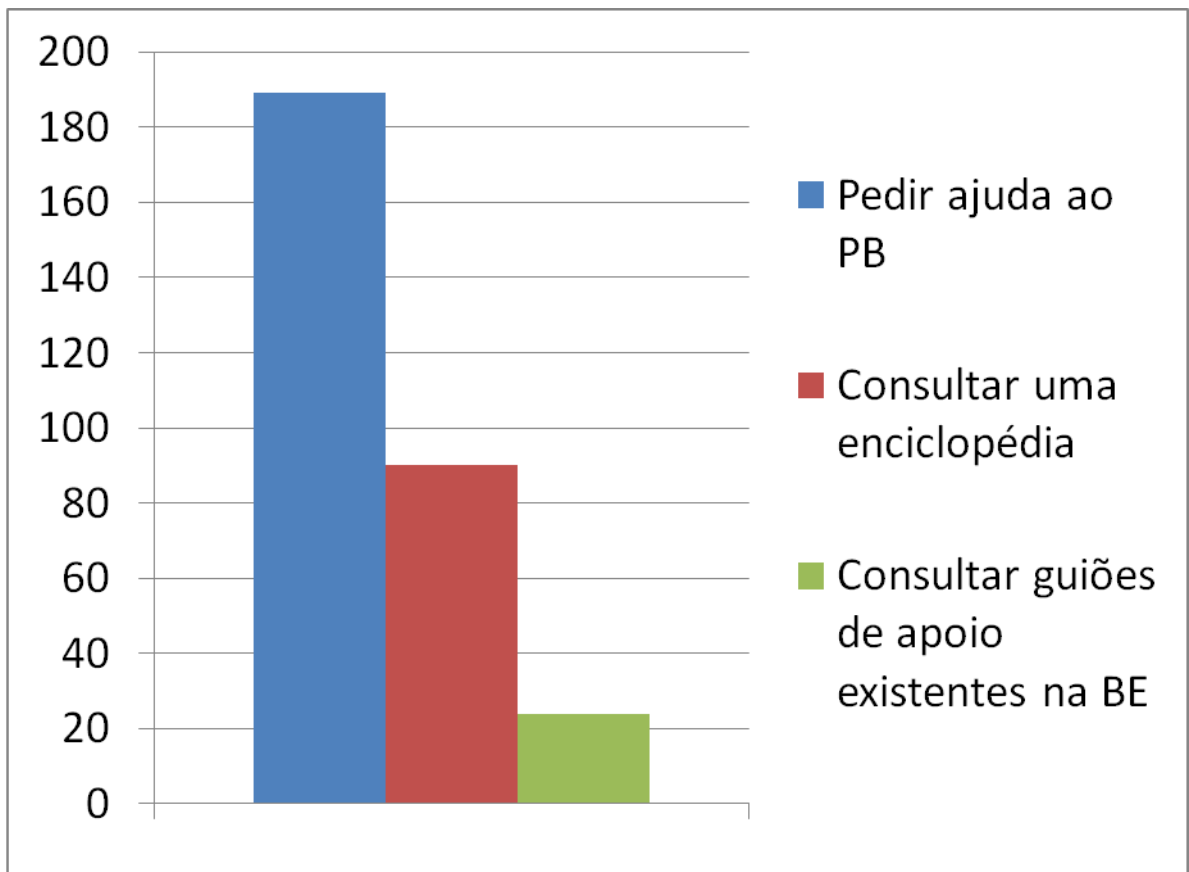
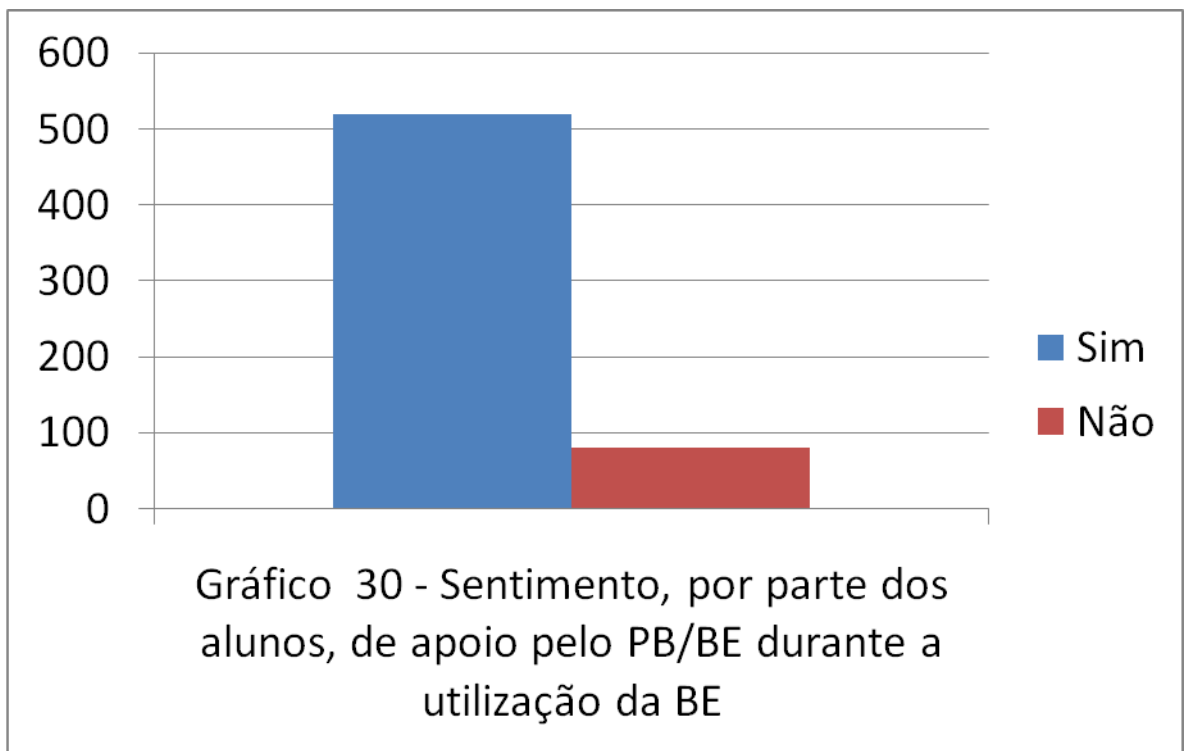
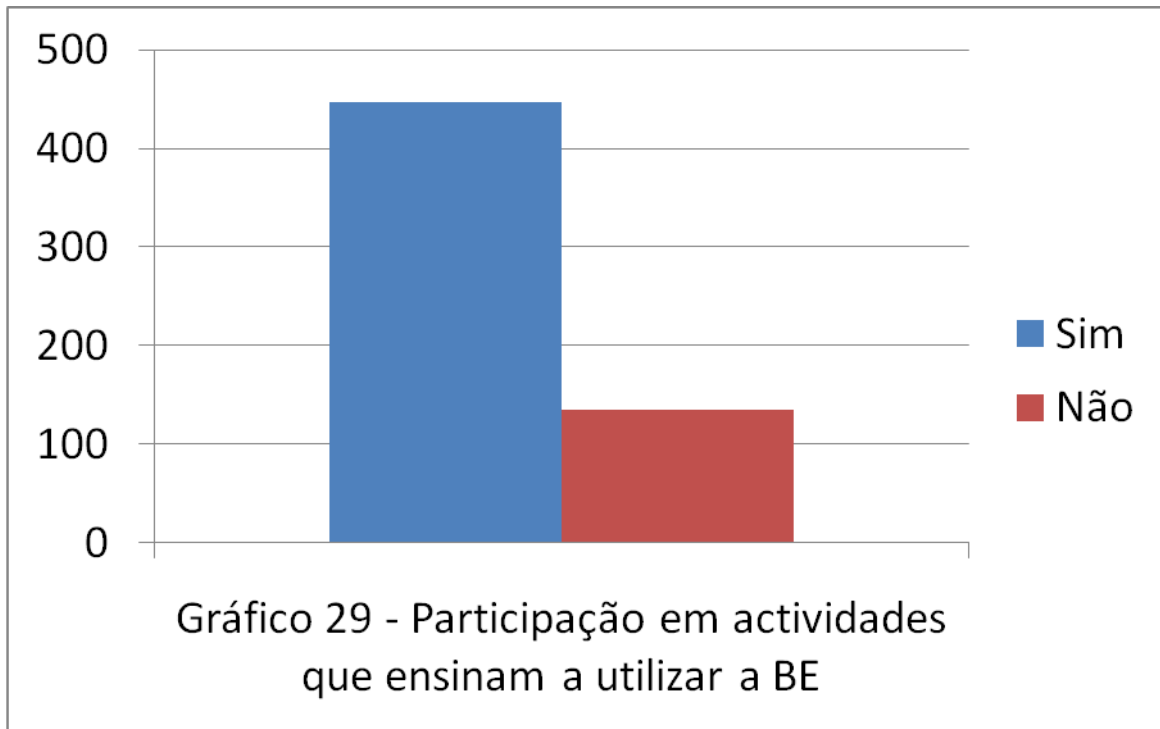
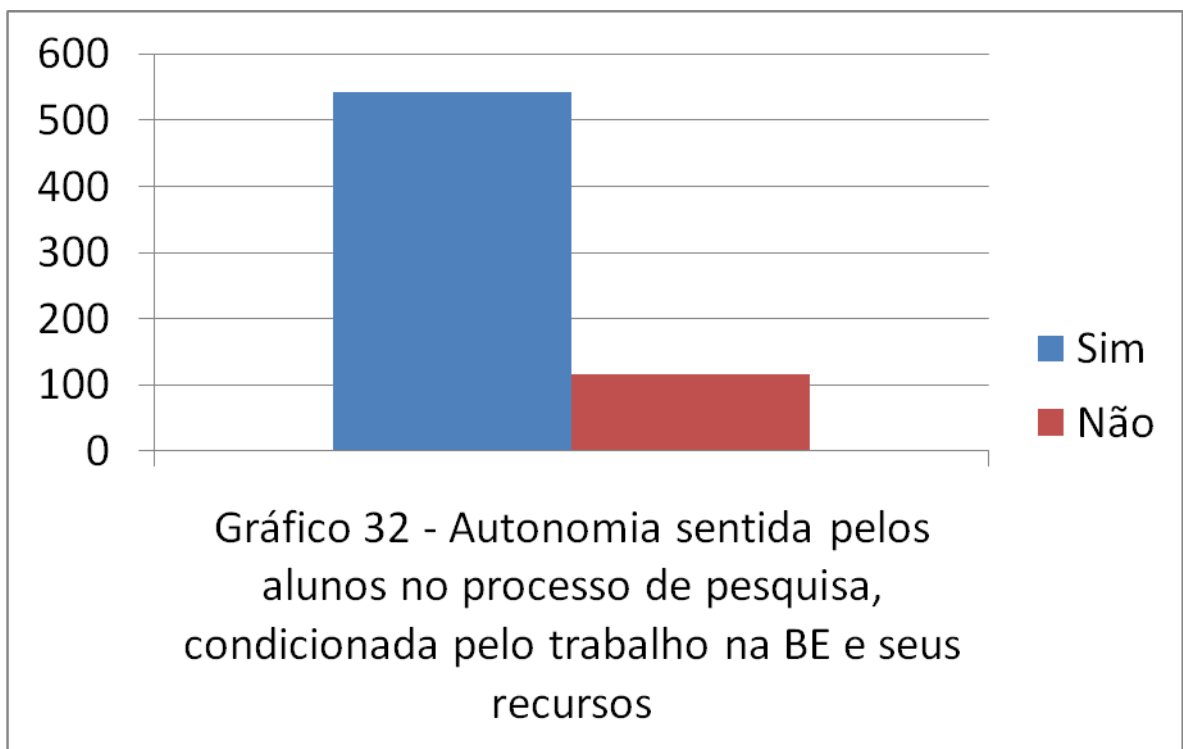
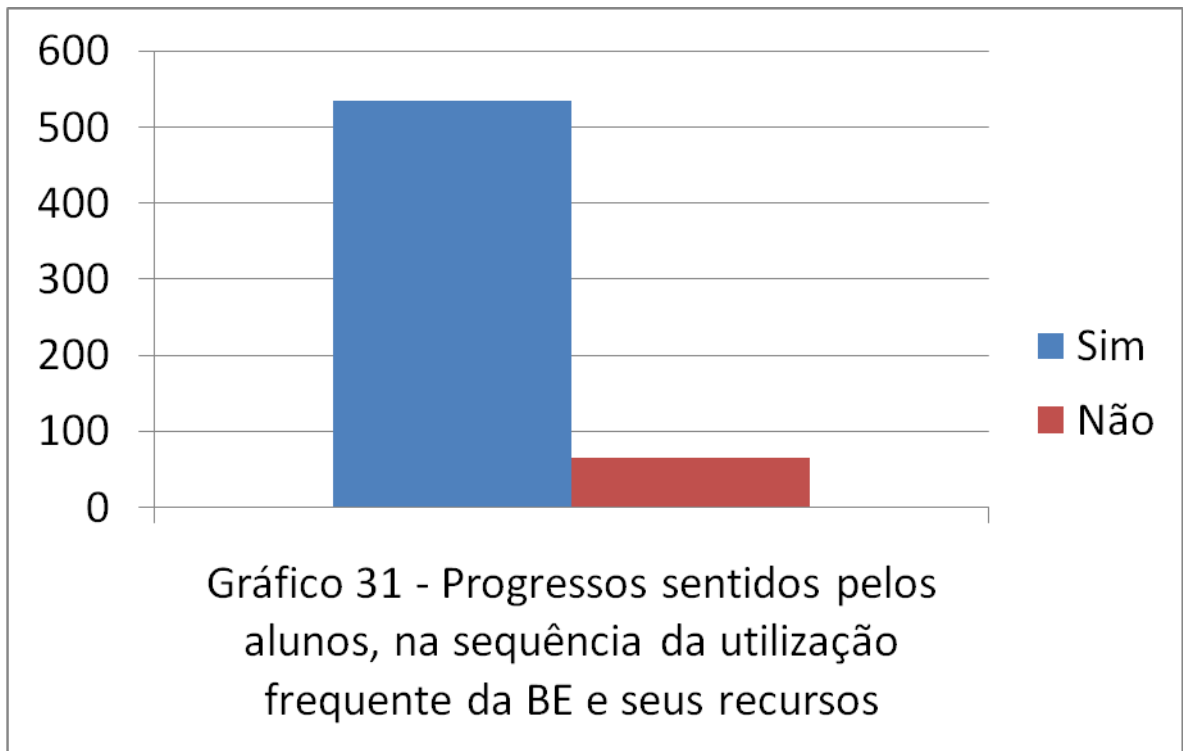


Gráfico 28 - Hábitos de pesquisa dos alunos ao iniciar um trabalho





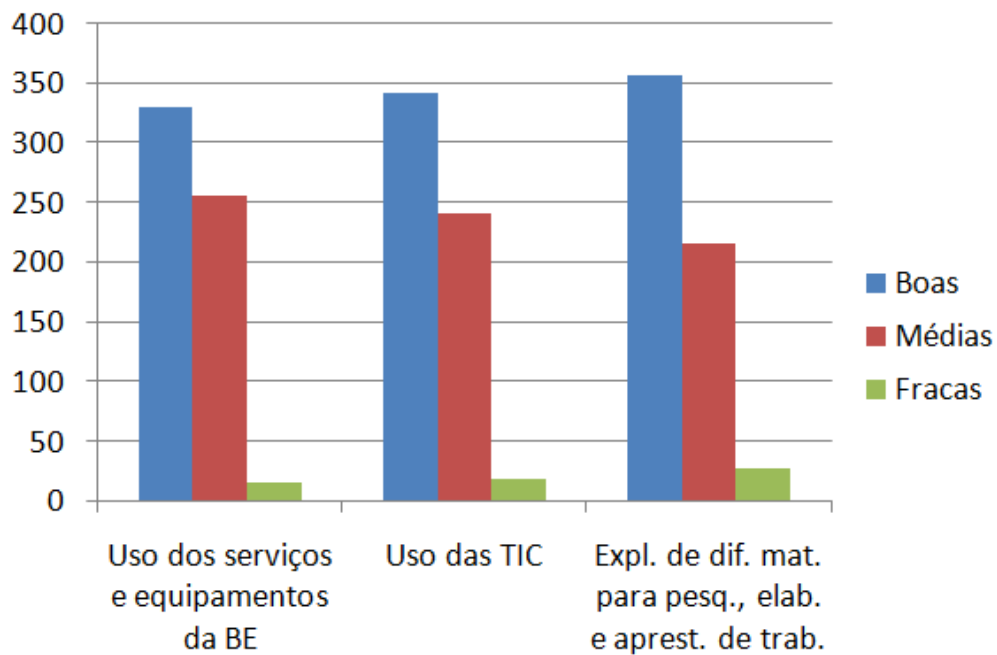
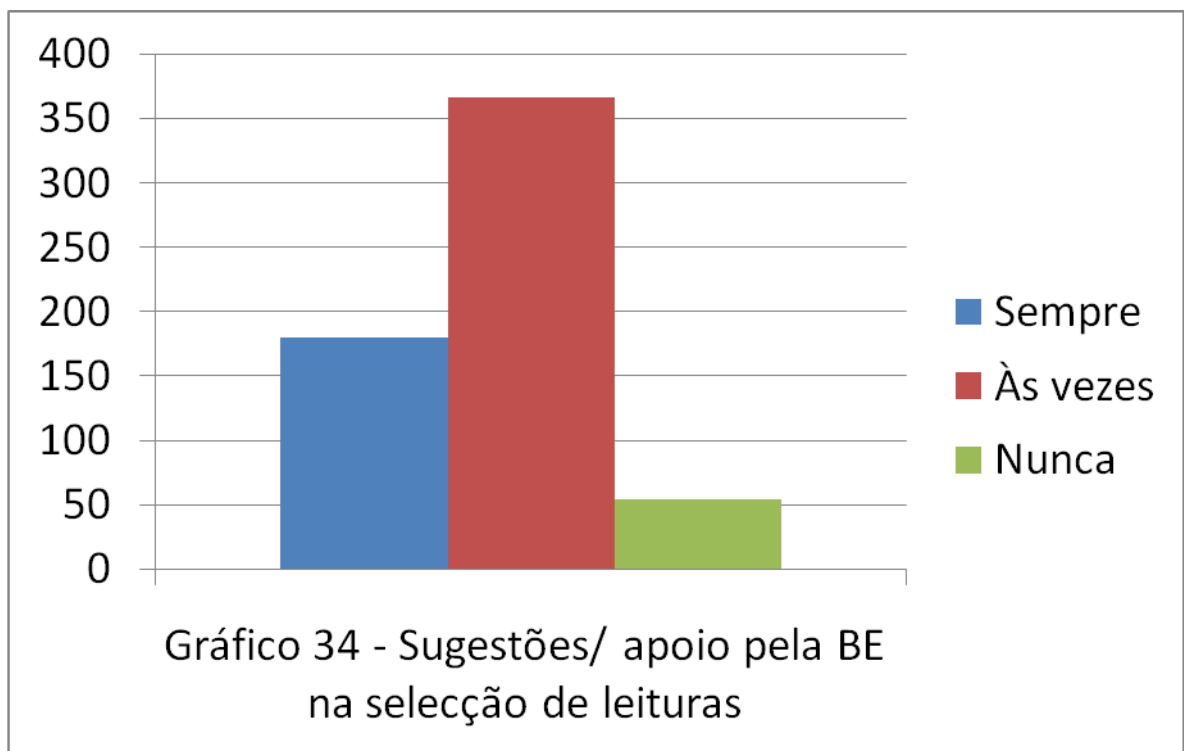
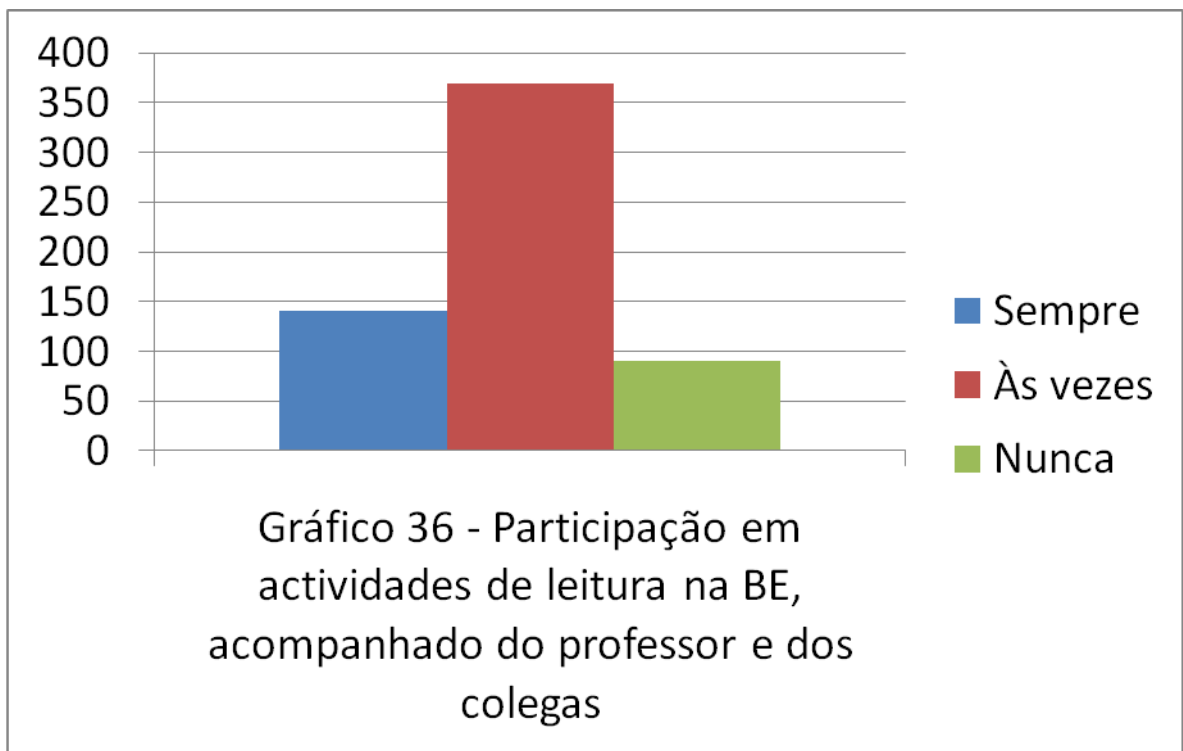
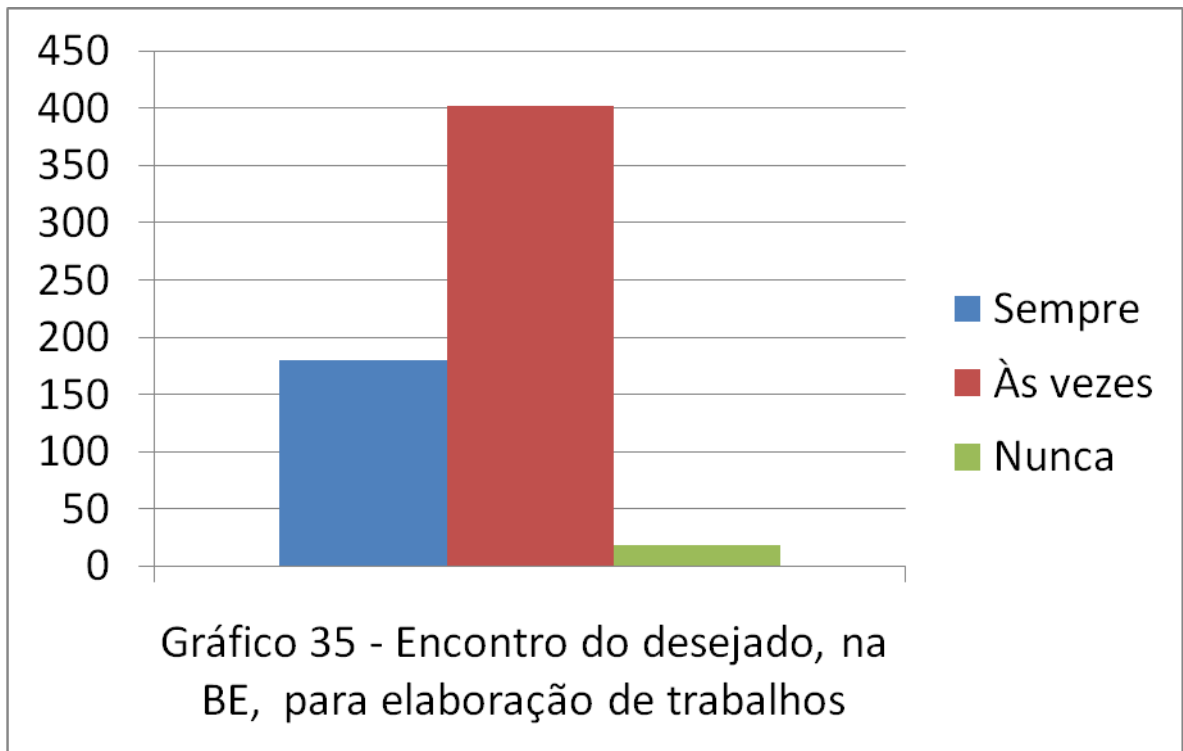


Gráfico 33 - Classificação das aprendizagens efectuadas com o auxílio da BE





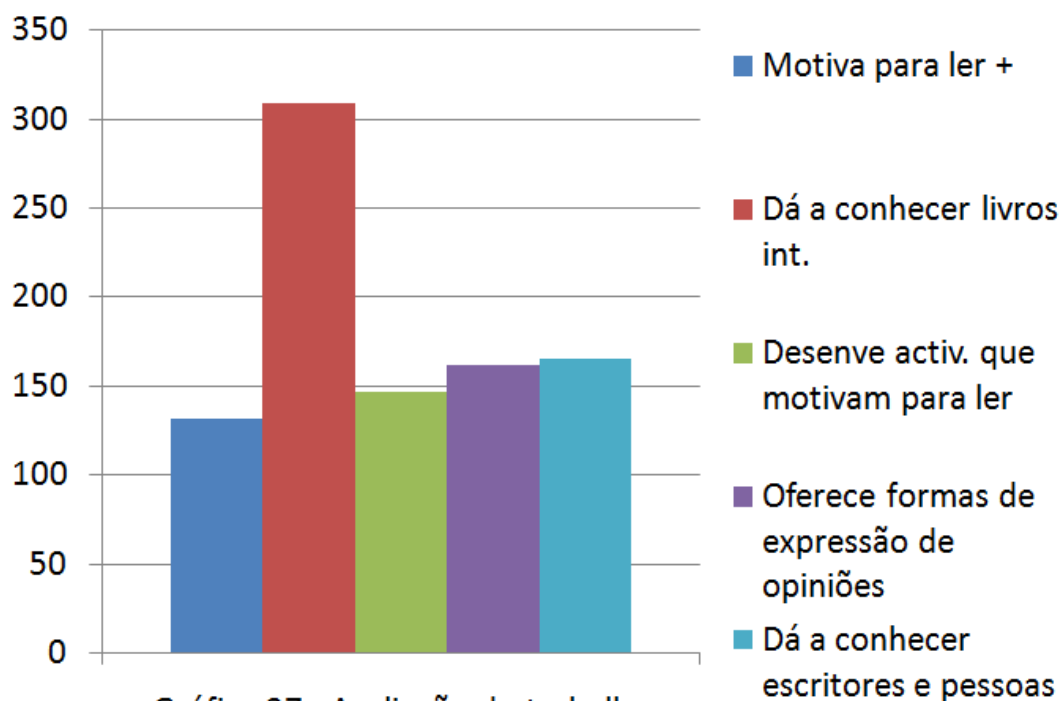


Gráfico 37 - Avaliação do trabalho realizado pela BE/PB

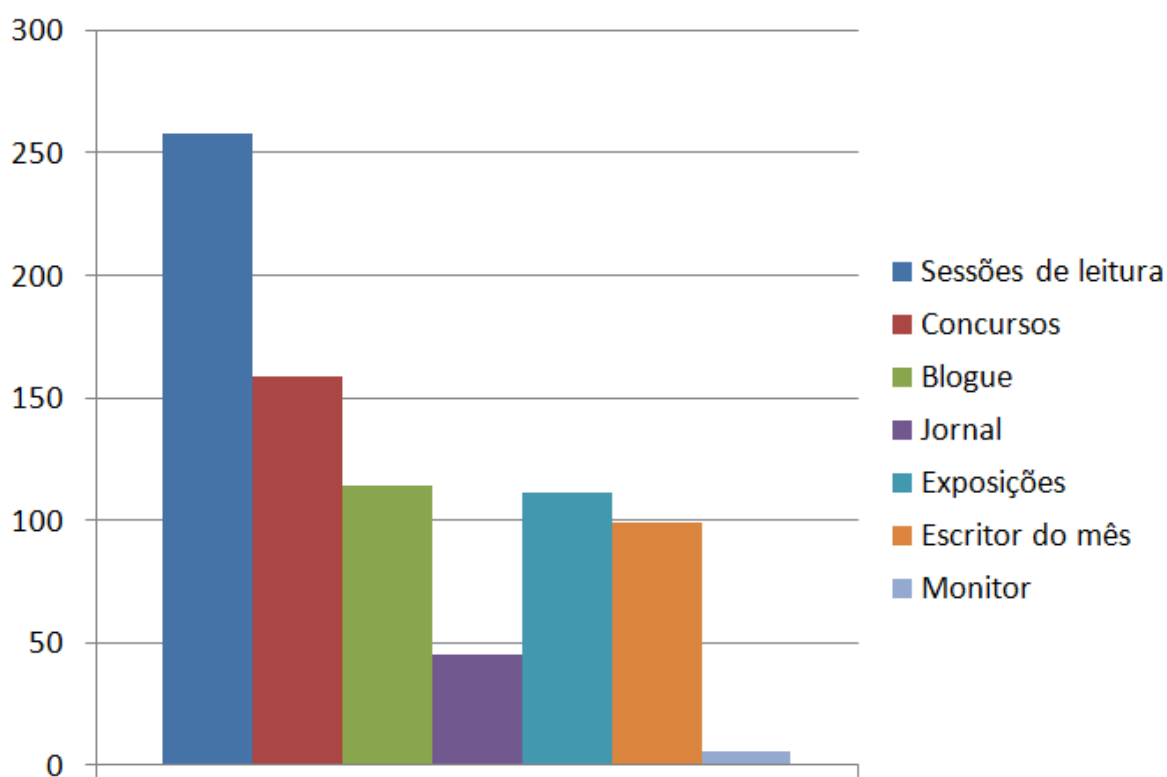


Gráfico 38 - Participação em actividades

